



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Vanessa Gomes Moreira

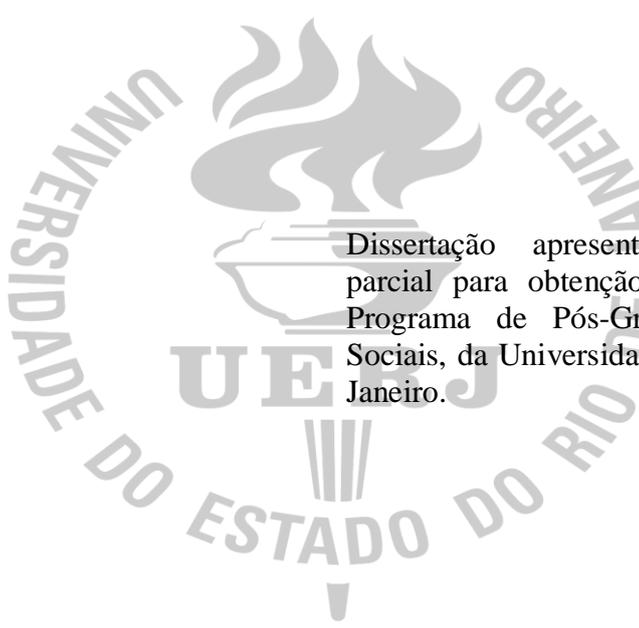
**Uma instituição universal e a reposição regional de seus quadros:  
comentários com base em um estudo de caso**

Rio de Janeiro

2012

Vanessa Gomes Moreira

**Uma instituição universal e a reposição regional de seus quadros:  
comentários com base em um estudo de caso**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Clara C. Jost Mafra.

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CCS/A

M838    Moreira, Vanessa Gomes.  
      Uma instituição universal e a reposição regional de seus quadros:  
      comentários com base em um estudo de caso / Vanessa Gomes  
      Moreira. – 2012.  
      184 f.

      Orientadora: Clara C. Jost Mafra.  
      Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de  
      Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.  
      Bibliografia.

      1. Catolicismo – Brasil – Teses. 2. Subúrbios – Rio de Janeiro (RJ)  
      – Teses. 3. Clero – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 4. Sociodrama – Rio  
      de Janeiro (RJ) – Teses. I. Mafra, Clara, 1965-. II. Universidade do  
      Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.  
      III. Título.

CDU 282(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Vanessa Gomes Moreira

**Uma instituição universal e a reposição regional de seus quadros:  
comentários com base em um estudo de caso.**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 19 de setembro de 2012.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Clara Cristina Jost Mafra (Orientadora)  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cecília Loreto Mariz  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvia Regina Alves Fernandes  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Rio de Janeiro

2012

## DEDICATÓRIA

À minha avó materna, D<sup>ª</sup>. Maria, pelo amor incondicional, e a memória de meus pais, Efigênia Luiza Gomes Moreira e Jorge Batista Moreira.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Clara Mafra, pelo trabalho de anos, por acreditar em mim, e em meu trabalho, sempre contribuindo para o meu crescimento profissional. Pela solidariedade nos momentos difíceis, que não foram poucos, pelo incentivo e pelas cobranças, que tornaram possível esta dissertação. Por ser exemplo de profissional e me mostrar o caminho da ciência, da intelectualidade e da solidez de posicionamento e decisão. Muito Obrigada!

À minha família, a qual amo, pelo carinho, paciência e incentivo.

Aos amigos que fizeram parte desse momento sempre me ajudando e incentivando de alguma forma, contribuindo para a produção desta dissertação, especialmente a Alexandra Santos, Alexandre Almeida, e Paulo Victor Leite Lopes, pelos conselhos e sugestões nos momentos de definição da pesquisa.

Aos amigos pessoais, pela amizade e incentivo, Anderson Gaspar, Lívia Campello, e Rodrigo Conceição, dentre outros.

Não posso deixar de agradecer aos paroquianos da igreja em que foi realizado este trabalho. Obrigada pela ajuda, pela paciência em responder as muitas perguntas que fiz durante anos, e por aceitarem minha presença na vida de cada um. Agradeço ao padre pela receptividade na paróquia, e especialmente aos integrantes do Grupo Jovem, que me acolheram desde início e tornaram o trabalho de campo muito mais leve.

Aos funcionários do PPCIS, pela atenção e paciência, Sônia e Wagner.

À CAPES, pelo fornecimento de bolsa de estudo que deu suporte fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos que demonstraram paciência e vontade de conhecer meu trabalho.

## RESUMO

MOREIRA, Vanessa Gomes. *Uma instituição universal e a reposição regional de seus quadros: comentários com base em um estudo de caso*. 2012. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Neste trabalho proponho analisar a presença do catolicismo no Brasil contemporâneo, tendo como pano de fundo a trajetória da Igreja no país e, como foco central, um estudo de caso. Esta análise tem especial relevância se levarmos em conta que o catolicismo no Brasil está em declínio há pelo menos três décadas. Para enfrentar este declínio, além do maior espaço de atuação da Renovação Carismática Católica, há 20 anos a Igreja Católica no Brasil tem investido na criação de novas paróquias e na formação de novos padres. Porém, esta maior oferta de ministros por si não necessariamente responde às dificuldades, pois nem sempre o perfil de formação dos novos padres e as dinâmicas de construção identitária das novas e antigas paróquias se encaixam facilmente. O presente estudo explora um drama social que emerge na tensão entre um jovem padre e diferentes grupos de paroquianos em uma paróquia tradicional no subúrbio do Rio de Janeiro, explicitando impasses institucionais e de convivência social pouco trabalhados pela literatura das ciências sociais.

Palavras-chave: Catolicismo brasileiro. Subúrbio. Formação do clero. Drama social.

## ABSTRACT

MOREIRA, Vanessa Gomes. *A universal institution and replacement of its regional tables: comments based on a case study*. 2012. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

In this paper, I propose to analyze the presence of Catholicism in contemporary Brazil, having as background the history of the Church in the country and, as the central focus, a case study. This analysis is especially relevant if we consider that Catholicism in Brazil is declining for at least three decades. To address this decline in addition to increased performance space of the Catholic Charismatic Renewal, 20 years ago the Catholic Church in Brazil has invested in the creation of new parishes and the training of new priests. However, this increased supply of ministers themselves do not necessarily respond to the difficulties, it is not always the profile of training of new priests and the dynamics of identity construction of new and existing parishes easily fit. The current study explores a social drama that emerges in the tension among a young priest and different groups of parishioners in a parish on the outskirts of the traditional Rio de Janeiro, explaining challenges institutional and social life just worked for the social science literature.

Keywords: Brazilian Catholicism. Suburb. Training of clergy. Social drama.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hierarquia do Clero.....	48
Figura 2 – Relação entre efetivo de paróquias e clero (2000-2010).....	63
Quadro 1 – Bairros abrangidos pela paróquia em 1915.....	74
Figura 3 – Fachada da Paróquia.....	76
Quadro 2 – Padres que passaram pela paróquia.....	77
Figura 4 – Organograma das pastorais e grupos da paróquia em 2009.....	88
Figura 5 – Organograma das pastorais e grupos da paróquia em 2012.....	89
Figura 6 – Estrutura do Conselho Paroquial.....	92
Quadro 3 – A lógica dos conflitos segundo os grupos de interesses.....	173
Figura 7 – Hierarquia instaurada na paróquia.....	174

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População brasileira por religião.....	12
Tabela 2 – Currículo básico de Filosofia.....	51
Tabela 3 – Currículo básico de Teologia.....	52
Tabela 4 – Número de Seminaristas.....	62
Tabela 5 – Participantes do retiro.....	111

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>UMA BREVE REVISÃO DA HISTÓRIA DO CATOLICISMO NO BRASIL: UMA INSTITUIÇÃO UNIVERSAL E A REPOSIÇÃO DE SEUS QUADROS NO CONTEXTO NACIONAL.....</b>	<b>16</b>
1.1	Movimentos católicos contestatórios.....	20
1.2	A pluralidade do catolicismo e a reconfiguração do campo religioso.....	26
<b>2</b>	<b>SEMINÁRIOS CATÓLICOS: A IGREJA E SEU PAPEL FORMADOR NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....</b>	<b>41</b>
2.1	O processo histórico de criação dos seminários.....	41
2.2	A estrutura dos Seminários.....	45
2.3	A vida no seminário e o tipo ideal de sacerdote.....	54
2.4	O quadro do clero, a crise de vocações e a reformulação dos seminários.....	59
<b>3</b>	<b>A PARÓQUIA.....</b>	<b>71</b>
3.1	A história da paróquia.....	72
3.2	Estrutura e funcionamento paroquial.....	77
3.3	O método e o desenvolvimento do campo.....	93
3.4	Interlocutores em campo.....	98
3.5	O campo.....	100
3.6	A internet e seus usos.....	117
3.7	O padre: uma breve biografia.....	133
3.8	Dramas sociais: os casos, e os discursos.....	139
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>171</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>179</b>

## INTRODUÇÃO

Nesta dissertação proponho analisar a presença do catolicismo no Brasil contemporâneo, tendo como pano de fundo a trajetória da Igreja no país e, como foco central, um estudo de caso. Este trabalho tem especial relevância se levarmos em conta que o catolicismo no Brasil está em declínio (relativo e agora, no Censo 2010, absoluto) há pelo menos três décadas. Para enfrentar este declínio, além do maior espaço de atuação da Renovação Carismática Católica, há 20 anos a Igreja Católica no Brasil tem investido na criação de novas paróquias, com um aumento de 2,45%, segundo o Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social – Ceris (2005-2010), e na formação de novos padres, com um crescimento de 55% (CERIS, 2010). Porém, a maior oferta de ministros por si não necessariamente responde às dificuldades, pois nem sempre o perfil de formação dos novos padres e as dinâmicas de construção identitária das antigas paróquias se encaixam facilmente. O presente estudo explora um drama social que emerge na tensão entre um jovem padre e diferentes grupos de católicos em uma paróquia do subúrbio do Rio de Janeiro, trazendo novos elementos para reconhecer estes impasses institucionais.

Os resultados aqui apresentados são frutos de pesquisa de campo e entrevistas qualitativas. O trabalho de campo foi iniciado em 2007 e finalizado em 2010, quando tive minha presença mais frequente na paróquia – durante três anos. Contudo, não era raro eu retornar à paróquia após este período. Totalizando o tempo em que tive presença mais esparsa na paróquia até 2011, a pesquisa se estendeu por quatro anos.

A paróquia em estudo possui fiéis de classe média, com exceção de alguns paroquianos de classe baixa, parte destes provenientes das favelas localizadas no entorno da paróquia. A área da cidade conta com equipamentos urbanos razoavelmente diversos e consolidados, que contribuíram para o fluxo de fiéis na Paróquia, que possui número significativo de frequentadores esporádicos. Para melhor entendimento dos capítulos subsequentes, apresento um breve panorama da paróquia estudada.

A paróquia está sob as diretrizes de um padre que demonstra aparente distanciamento em relação ao grande corpo de fiéis da comunidade, ainda que esteja sempre presente fisicamente e tenha sua moradia na casa paroquial, localizada no terreno da paróquia. A postura do padre de aparente distanciamento foi explicada nos primeiros dias de campo com o argumento de que ele seria menos “ativo”, porém mais “espiritual”. Com esta singular

característica, os paroquianos confirmavam que a relação mantida com o pároco era “boa”. Inicialmente os paroquianos apresentavam uma representação dramática, com impressões encenadas, baseada em uma moral reconhecida previamente pela comunidade de fiéis.

Segundo Erving Goffman (2005), as relações sociais são marcadas por uma permanente preocupação das pessoas em controlar as impressões que os outros têm sobre si próprio, ainda que usualmente sejam malsucedidas neste controle. Frequentemente, os paroquianos mais atuantes na paróquia, com quem tive maior contato, arriscavam transmitir uma impressão ‘favorável’ da vida paroquial, falando de suas festas “intensas”, “movimentadas”, “alegres”, de seu padre “espiritual”, de seus eventos musicais “concorridos”. Porém, durante a pesquisa estas indicações dificilmente se confirmavam. Não demoraria muito a principiar queixas sobre o padre. As reclamações se davam devido à postura não acolhedora do padre, à forma como conduzia suas missas e à pressa com que por vezes a celebrava. Estava em questão a formação do padre, e sua performance na paróquia.

Durante a pesquisa de campo, acompanhei diversos momentos-chave para o entendimento das críticas sobre o padre. Por exemplo, na missa do padroeiro o padre dizia “*se ficarmos cantando ninguém vai pra festa*”. Ouvi duas mulheres queixando-se dos “cortes” que o padre dava na missa - “*cantar não pode, mas falar de rifa pode*”. Neste momento o padre apagava as luzes da Igreja, enquanto o grupo do Ministério de música, da missa dos jovens, ainda cantava. Ficou evidente um descompasso entre o que padre considerava importante e o que os paroquianos valorizavam – a espiritualidade versus as questões administrativas. A postura do padre marcou não apenas sua posição hierárquica, mas também sua postura na condução da paróquia, assim como sua relação com os paroquianos e com os fiéis frequentadores de um modo geral.

O processo de interação social na paróquia se dá por diversas formas: entre o padre e a comunidade, entre a comunidade e as pastorais e entre os coordenadores das pastorais e o padre. A inserção em campo proporcionou observar como é tensa e ao mesmo tempo apática a relação de interação. Tensa, pois muitos discordam de certas atitudes e posturas do padre, assim como a relação entre os coordenadores. Ao mesmo tempo é apática, pois a maioria dos fiéis, mesmo insatisfeitos, não toma uma atitude que repreenda seu líder, ou um rompimento com a Igreja, buscando um novo templo religioso, como ocorreria com os evangélicos, ou ainda dialogar e expor os pontos de vista a fim de chegar a um consenso favorável à paróquia.

A conjuntura na paróquia se tornou mais complexa pelo próprio sistema organizacional da Igreja Católica. Os padres cumprem ordens, independentemente de sua

vontade. Por sua vez, os fiéis não só não possuem poder de decisão, como raramente são ouvidas as suas demandas. Muitas das vezes, o desejo de que o padre permaneça na paróquia ou capela pode ser incompatível com as demandas do Bispado. Ou, no contrário, se o padre e a comunidade não se adaptam um ao outro, terão de conseguir conviver da melhor forma possível com esta situação “provisória”<sup>1</sup>, que é a passagem dos padres pelas igrejas em todo o mundo.

Segundo dados do Censo do IBGE (2010), o catolicismo continua perdendo adeptos no Brasil, uma hipótese para esta conjuntura é não apenas porque as outras religiões evangélicas são mais proselitistas e agressivas, mas porque o catolicismo não tem se reinventado adequadamente para a configuração moderna da cidade. Muitos problemas emergem na Igreja, como, por exemplo, a veiculação na mídia de escândalos de pedofilia envolvendo padres, assim como padres que não seguem o celibato. Esses fatores tendem a contribuir para a perda de credibilidade e influência que o discurso da Igreja tinha na sociedade. Por outro lado, a religião já não tem mais tanta influência nas decisões dos cristãos, agora relegadas ao foro íntimo. Além disso, há também as discordâncias cotidianas entre leigos e clero, que também contribuem negativamente para a manutenção da Igreja (ver Tabela 1. sobre filiação religiosa).

Tabela 1 - População brasileira por religião

<b>Religião</b>	<b>População</b>	<b>%</b>
Católica apostólica romana	123.280.172	64,7
Evangélicas	42.275.440	22,2
Espírita	3.848.876	2,0
Umbanda, candomblé e religiões afrobrasileiras	588.797	0,3
Outras religiões	5.185.065	2,7
Sem religião	15.335.510	8,1

Fonte: IBGE - Censo demográfico, 2010.

Há muito tempo, o problema da Igreja foi ter adotado a postura de conter os escândalos, quando deveria conter os desvios praticados pelo Clero, da lei de Deus e da lei dos homens – celibato e a pedofilia. Contudo, existem ainda os problemas de menor repercussão que acontecem cotidianamente nas diversas paróquias, capelas e/ou comunidades existentes no Brasil e em todo o mundo. A Igreja com sua complexa estrutura burocratizada

<sup>1</sup> A palavra provisória é descrita entre aspas, pois há casos de padres que permanecerem em igrejas até o seu falecimento.

provavelmente não chega a obter conhecimento destes pequenos casos. Uma dinâmica interna parece fugir do controle das Dioceses e, desta forma, os paroquianos estabelecem suas próprias regras de conduta.

Na paróquia, identifiquei um código moral responsável pelo ocultamento do drama social que acompanhei na paróquia, por grande parte dos paroquianos. Segundo Goffman (2005), é a própria socialização, processo no qual o indivíduo é preparado para participar do sistema social, que força a representação. O ator não age sozinho, mas conta com o respaldo da plateia. Todos os envolvidos (atores e plateia) objetivam preservar a encenação a fim de não gerar conflitos. As relações são organizadas em vias estruturais de divisões sociais e funcionais, que promovem a coesão social em prol da manutenção dos valores morais.

A consequência de uma possível ruptura é a desorganização da interação na vida social, que produz a perda de credibilidade pública. A reputação é continuamente testada. Observados se transformam em atores e observadores em plateia. Tem-se uma complexa cena dramatizada. Numa dialética, são abrangidos os paroquianos, que são os atores, representantes de papéis, que prezam a moral. Estes atores concomitantemente são vistos como ‘amorais’ em sua prática de traçar impressões convincentes, buscando uma ‘moral própria’. Nesta conjuntura, conflitos relacionais emergiram na paróquia. Identifiquei ao longo da pesquisa muitos conflitos no processo interativo entre os paroquianos e o padre - conflitos relacionais, conflitos de interesses e divergências sobre o que deve ser um padre e uma igreja ideal - que serão detalhados posteriormente em item específico.

Logo, o objetivo desta dissertação consiste em mostrar que há nesta paróquia características presentes na macroestrutura do catolicismo. Ou seja, uma correlação entre a formação do clero e os conflitos cotidianos presentes nas igrejas católicas do Brasil. Para tal, foi feita uma revisão da bibliografia e do campo estudado. Dar-se-á ênfase aos conflitos, às relações de prestígio e especialmente aos discursos emergidos no cotidiano paroquial. Para tal, a dissertação foi dividida em três capítulos apresentados brevemente a seguir.

O primeiro capítulo, intitulado *História do Catolicismo*, foi elaborado a fim de apresentar um panorama geral da Igreja Católica, com algumas especificidades emergidas no catolicismo brasileiro. Este capítulo se justifica pela importância de se conceber a trajetória do catolicismo, uma vez que sua história, sua trajetória, certamente são responsáveis por sua composição atualmente. Sendo assim, pretende-se adentrar as características do catolicismo na atualidade. No entanto, antes se faz necessário retomar, ainda que brevemente, a história da Igreja Católica, abordada no primeiro capítulo.

Para este capítulo, me apoiei especialmente em alguns estudos voltados à história do catolicismo e à história do catolicismo no Brasil. Entre estes estudos, tem-se como ponto teórico Kenneth Serbin (2008) em seu livro *Padres, Celibato e Conflito Social: uma história da Igreja Católica no Brasil*, como contribuição para entender o empreendimento da Igreja Católica no Brasil. O autor pontua que há persistência no século XX de características encontradas no catolicismo da época colonial e imperial, embora com alguns percalços. Além destes estudos, me apoio ainda nas obras de Mariz (2005, 2006), Berger (1985), Sanchis (1994, 1994.a., 1997, 2001), Teixeira (2005), Hervieu-Léger (2005), entre outros, para o estudo da historiografia da Igreja Católica. Estes autores, ao contrário de Serbin, estudam o catolicismo de forma mais atemporal, não sendo precisamente um estudo histórico da Igreja Católica, mesmo que por vezes perpassa pela historiografia da Igreja.

Desta forma, pretende-se apresentar brevemente a historiografia da Igreja Católica, destacando a inserção do catolicismo no Brasil. Serão abordadas as principais dificuldades enfrentadas pela Igreja - a escassez vocacional, a formação dos seminários, os debates sobre o regime tridentino, a crise do clero, as demandas e o movimento reivindicatório nacional dos seminaristas, as disputas internas. Neste capítulo, serão também abordadas as inovações da Igreja - o Vaticano II, as transformações teológica e doutrinária, a emergência de novos movimentos católicos como a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática Católica, e a presença do catolicismo na sociedade contemporânea.

Uma vez que a hipótese desta dissertação apresenta a formação do clero como um proporcionador dos conflitos observados na paróquia, o segundo capítulo apresenta uma análise sobre os seminários católicos no Brasil. Serão considerados o processo histórico de criação e renovação nos seminários católicos brasileiros e o currículo estudado no seminário a fim de compreender a formação dada ao clero, o estilo de vida no seminário e o tipo ideal de sacerdote almejado pela Igreja. Paralelamente à análise da formação do clero, serão considerados dados estatísticos sobre o quadro do clero, além da crise de vocações e da reformulação dos seminários.

No terceiro capítulo são apresentados o campo e o método, sendo considerados a história da paróquia, sua dinâmica, seus grupos e suas atividades. O capítulo discorrerá especialmente sobre os conflitos emergidos na dinâmica paroquial, as disputas por poder e prestígio, a posição regional e religiosa desta paróquia, que é a paróquia mãe do subúrbio. Em suma, será feita a análise dos casos, dos conflitos paroquiais, considerando as falas dos diversos atores envolvidos, os paroquianos e o padre.

A análise do campo se apóia especialmente nas entrevistas feitas com os paroquianos que possuíam alguma postura e/ou reconhecimento de liderança dentro da paróquia, na certeza de que elas trarão os elementos necessários para que o leitor compreenda a lógica da dinâmica paroquial e, conseqüentemente, leve-o ao entendimento das relações emergidas no interior da Igreja. Considerando que o padre é alvo de críticas sobre sua postura e seu trabalho pastoral e administrativo, será ainda apresentada, mesmo que brevemente, a biografia do padre, a fim de apreender sua singularidade e os conflitos emergidos na paróquia entre o pároco e a comunidade de fiéis.

Explorarei também neste capítulo algumas recorrências discursivas entre os paroquianos, como o uso de pronomes possessivos - minha paróquia, meu padre – que remetem a um vínculo de continuidade substantivo. Os discursos analisados indicam a relação que os paroquianos mantêm com a paróquia na condição de lugar físico dotado de poder simbólico, “*a minha Paróquia*”, assim como a figura do padre, que apesar das controvérsias é o padre deste lugar sagrado a quem se deve referenciar com o devido respeito - “*o meu padre*”.

Nas considerações finais, retomo brevemente a etnografia à luz da revisão histórica, e apresento o fechamento da análise da dinâmica paroquial, os elementos de disputas emergidos na paróquia e as limitações da Igreja Católica. As relações de poder existentes na paróquia, a distinção estabelecida entre os paroquianos, o pertencimento de classe inculcido nos mesmos e as disputas no interior do catolicismo também serão privilegiados.

## 1. **UMA BREVE REVISÃO DA HISTÓRIA DO CATOLICISMO NO BRASIL: UMA INSTITUIÇÃO UNIVERSAL E A REPOSIÇÃO DE SEUS QUADROS NO CONTEXTO NACIONAL**

No Brasil, a Igreja Católica representa um dos grandes eixos para se pensar o que constitui a nação, uma vez que esta instituição tem papel fundamental na história da construção da nacionalidade brasileira. A presença da Igreja Católica no Brasil contribuiu ainda para o desenvolvimento das relações sociais, através de festas religiosas, que deram dinâmica e religiosidade inovadora à nação brasileira. Em conformidade com NOVAES (1997), considera-se que através do catolicismo se teve a manutenção da ordem e a abertura a expressão da experiência coletiva vivida, que contribuíram para a hegemonia do catolicismo.

Na construção desta hegemonia, os padres com sua agência colonizadora constituem figuras de importância primeira neste processo. Inicialmente, nos países colônia, os padres vinham da Europa com a missão de catequizar e pôr em “ordem” os nativos. A Igreja legitimava o empreendimento colonial, tendo em contrapartida seus símbolos e ritos religiosos mesclados ao Estado.

No Brasil, especialmente, os padres construíram um projeto colonizador, influenciaram na cultura, na educação, implantaram uma ética e ainda eram detentores do poder de polícia moral em conformidade com seus interesses. A catequização foi o meio de fazer com que todos se adequassem aos interesses da elite, seja religiosa ou política. As diferentes ordens da Igreja católica constituíram assim o meio para a colonização do território.

No entanto, no Brasil, segundo Kenneth Serbin (2008), o empreendimento da Igreja se deparou com o entrave da amplitude territorial pouco conhecida, o grande contingente populacional e o baixo número de padres. O quadro de padres da Igreja Católica em todo o mundo era composto basicamente por homens da classe média. A Igreja não estava aberta à população pobre, negra e indígena, que contribuía para o baixo número no clero.

Nos anos 30, foram organizadas missões estrangeiras com o intuito de formar padres no Brasil. Com a romanização, o catolicismo do país se tornou mais erudito. No entanto, os entraves em se criar um clero no país se agravaram com a crise do clero europeu. Segundo Serbin (2008), os padres europeus tinham pouca formação institucional e espiritual. Os seminários tiveram uma qualidade ruim de ensino até 1800, quando se teve a implantação do seminário tridentino.

O Concílio de Trento<sup>2</sup> redefiniria a ordenação e criaria os seminários episcopais para educar os diocesanos (1840). Mas, um debate sobre o regime tridentino foi instaurado entre os anos 40 e 50, visando mudanças. O setor conservador da Igreja era contra a ideia de “padre dinâmico do século XX”. O Movimento Litúrgico, em meados do século XX, desafiava a tradição e a disciplina a fim de dinamizar o ritual da missa e a participação dos leigos. Os seminaristas buscavam humanizar o clero, engendrar um sentido humanístico ao sacerdócio, um sentido político de intervenção na sociedade em prol dos menos favorecidos. Uma renovação vocacional que acrescentava ao sacerdócio mais do que respaldo espiritual, mas também obrigação político-solidária, vista como ameaça à hierarquia da Igreja. Com tais mudanças, ao longo do tempo, a Igreja tornava-se cada vez mais complexa em sua organização, sempre hierárquica.

Em outubro de 1952, era fundada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que posteriormente contribuiria para organizar a Igreja de forma mais racional e a nível nacional. Esta foi uma grande conquista dos sacerdotes no Brasil que teve seu êxito reconhecido internacionalmente, por representar a organização e “união” dos sacerdotes no Brasil.

Nos anos 60, o Concílio Vaticano II formulava o decreto sobre a formação eclesial, *Optatum Totius* (OT), que dava liberdade para cada país ter seu método de ensino, mas em acordo com o estabelecido pela CNBB. Ou seja, diminuía-se a romanização e visava à prática pastoral. O Vaticano II inovou nos seminários abrindo suas portas à sociedade. Tal decisão representa a solução encontrada para sanar o problema que há tempos prejudicava a Igreja, o baixo número de vocações sacerdotais.

Em suma, a solução para a demanda do número de padres no país foi proporcionada pelas mudanças advindas com o Vaticano II. Os seminários passaram a ter um tempo mais curto e abriu-se aos demais extratos da população, já que a elite não demonstrava mais vocação à vida religiosa. Por sua vez, o seminário tornava-se a oportunidade de ascensão social para a classe baixa da população.

---

<sup>2</sup> O concílio de Trento, realizado na cidade de Trento, região norte da Itália, representou uma reação da Igreja Católica a Reforma Protestante. Iniciado em 1542 com a publicação da bula papal, convocado pelo papa Paulo III. No total o concílio durou 18 anos e seus trabalhos foram concluídos somente em 1562, tendo realizado 25 sessões plenárias em três períodos diferentes (1545 a 1547; 1551 a 1552; 1562 a 1563), quando afinal suas decisões foram solenemente promulgadas em sessão pública.

Foi a partir do século XVIII que ocorreu o afrouxamento no clero, que passa a ser mais nativo, com homens mulatos e negros. Tal mudança fora favorecida pela saída dos jesuítas, o que evidenciou a demanda do clero no país. Entre 1820-30, as assembleias chegavam ao consenso quanto à necessidade de uma reforma intelectual e moral na Igreja, dividindo-se entre conservadores e liberais. Anos mais tarde, **na década de 70**, padres e bispos alemães formariam a liderança progressista, o que evidenciava a crise na Igreja, até então silenciosa.

Com a crise do clero e a Reforma de Lutero, a Igreja se viu obrigada a implantar definitivamente os seminários, que não visavam a uma qualificação, mas sim a uma recusa aos inadequados. As mudanças no seminário foram proporcionadas em função da importância do clero na manutenção da hegemonia da Igreja. Cabe lembrar que a identidade da Igreja esteve sempre ligada à identidade do padre. Desta forma, buscava-se disciplinar e diferenciar o padre dos demais (Cf. SERBIN, 2008).

Até o Concílio Vaticano II, os seminários estavam sob o controle central de Roma. O Vaticano proibia a inovação teológica local, mas o contexto da necessidade de mais padres favorecia a reforma. A escassez e a desistência de seminaristas eram vistas como um problema técnico de relações públicas e persuasão pastoral (retiros, meditações, sermões para ameaçar, proibição de discutir outras carreiras etc.). No entanto, muitos entravam almejando o acesso a um sistema de educação formal qualificado, e não por uma busca vocacional, pois o Estado descuidava do sistema educacional do país. Isso está relacionado à concordata moral entre Estado e Igreja. Por outro lado, o modo como a Igreja buscava disciplinar os seminaristas acabou por enfraquecer a si própria pela utilização de uma disciplina exagerada, aliada às condições sociais, psicológicas e morais, que eram pouco favoráveis à relação entre Igreja e seminaristas (IBID, 2008, p.141).

O seminário tridentino era visto nos séculos XIX e XX como o meio eficaz para disciplinar os padres, retirá-los dos perigos mundanos, internalizando-os às normas eclesiais. Mudava-se o tipo de seminário (isolado) e se valorizavam a importância do clero, da confissão e o anticoncubinato. Ou seja, a reforma clerical constituiu um meio de modernização conservadora, em que a Igreja buscava a renovação institucional, o controle do rebanho e a manutenção da relação de poder com o Estado.

Os seminários eram o nexo entre religião e modernização e a construção do Estado, ainda que uma modernização incompleta. Os vicentinos, ou lazaristas, como eram conhecidos

no Brasil, construíram, dirigiram e padronizaram os seminários do chamado século de ouro, iniciado em 1840 e encerrado às vésperas do Concílio Vaticano II (1962-65).

Após a Segunda Guerra Mundial, uma nova modernização católica desencadeou uma Igreja voltada para as questões sociais que iam do poder do laicato à luta por justiça social. A reação neoconservadora, embora documentada em 1980, foi iniciada em **1960**. Os seminaristas buscavam uma reformulação do sacerdócio, da vocação e de sua função social - uma busca por humanizar o sacerdócio. O objetivo era modernizar, politizar e profissionalizar o clero através de movimentos, uma contracultura eclesial favorecida pela mudança da sociedade brasileira: Pós-Segunda Guerra Mundial, com a industrialização, o aumento populacional, o aumento da desigualdade e a mudança na atividade econômica.

O Concílio foi o instrumento utilizado pela Igreja a fim de se reafirmar na sociedade, através da renovação na estrutura eclesial e prática pastoral. Contudo, na Igreja do Brasil, no período de 1965 a 2004, o processo de renovação teve controvérsias. A reforma conciliar enfrentou alguns entraves. A Igreja procurava atualizar sua influência na sociedade através de um mecanismo de equilíbrio complexo que compatibilizava as novas instâncias de atualização com as antigas atitudes clericais baseadas no controle e na autoridade vertical do exercício das próprias atribuições (cf. Bonato, 2009).

Ainda de acordo com Bonato (2009), entende-se que o Concílio Vaticano II foi interpretado por categorias opostas: uma interpretação da assembleia em chave “doutrinal” e uma leitura do concílio na perspectiva “pastoral”. O autor sugere que a perspectiva “pastoral” buscava superar o conceito pós-tridentino de ação evangelizadora a fim de poder abrir espaços para uma ação pastoral que envolvesse e estimulasse a participação de todos os membros da comunidade da Igreja, não apenas do clero, mas especialmente dos leigos. Por outro lado, a Ação Pastoral detinha ainda uma dimensão mais ampla do que apenas uma dinâmica intra-eclesial, para edificação da comunidade.

Desta forma, pode-se concluir que a recepção do Concílio Vaticano II no Brasil foi compreendida através da avaliação do planejamento pastoral sancionado pela CNNB. O planejamento pastoral continha diversos aspectos, como, por exemplo, a unidade visível da Igreja, o anúncio missionário, a catequese, a liturgia, o ecumenismo e a ação no mundo<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Cf. Bonato, 2009.

Em suma, a religião tornou-se um jogo de disciplina e poder. Faltava amor ao sistema tridentino. Entre 1950 e 1960, jovens seminaristas se revoltaram contra a disciplina desumanizada e o sistema tridentino, gerando a maior crise da Igreja brasileira em toda a história (Serbin, 2008, p.154). Com o rompimento dos moldes tridentino e a ida aos moldes da modernidade, a Igreja entrou numa onda de crise que nascera em 1960-70, na crise de identidade do clero.

### 1.1 Movimentos católicos contestatórios

Paralelamente à crise da Igreja, emergiam diversos movimentos que ameaçavam a doutrina e a hierarquia do catolicismo. Incrementada depois do Concílio Vaticano II, surgida na América Latina, a Teologia da Libertação se transformou numa escola de importância central na teologia da Igreja Católica. A Teologia da libertação foi um movimento em parte inspirado pelo Concílio Vaticano II e pela encíclica *Populorum Progressio* papal, criada por intelectuais católicos em 1967. Entre seus principais representantes católicos, destacam-se Gutierrez, do Peru; Leonardo Boff, do Brasil; e Juan Luis Segundo, do Uruguai. Contudo, há ainda algumas notáveis exceções, como, por exemplo, José Miguez-Bonino (Metodista) e Rubem Alves (Presbiteriano).

Iniciada na segunda metade da década de 60, a teologia valorizava a opção pelos pobres, que logo se espalhou por todo o mundo, tendo por modelo a vida do povo latino-americano. Motivada pelas reflexões provenientes dos distintos movimentos da Ação Católica (1867), favorecida ainda pelo Concílio Vaticano II (1962), os teólogos comprometidos com a luta por questões sociais elaboraram uma teologia que direcionasse os cristãos aos desafios do mundo, com engajamento social e político.

Segundo esta abordagem da cultura bíblica, a contestação, em parte semelhante ao conceito de luta de classes de Karl Marx, assim como as lutas pela libertação, está presente em trechos bíblicos da experiência do povo Hebreu, como, por exemplo, no trecho *“Encheu de bens os famintos, e despediu vazios os ricos”* (Lc. 1,53), além da pregação e da prática de Jesus Cristo, que são elementos presentes na Teologia da Libertação.

Os teólogos acreditavam que a Teologia da Libertação fosse um instrumento de conscientização e de mobilização do povo, que a partir desta Teologia se concebe dotado do

poder fazer, lutar, frente à “ideologia do capital”. Outro mundo se torna possível através da agência, com aportes divinos, baseado na justiça, no direito e na fraternidade. O movimento recebeu incentivo por parte de alguns membros da Igreja, especialmente após as resoluções aprovadas em 1968, na conferência em Medellín, Colômbia. No entanto, integrantes da Igreja se opuseram à Teologia por considerar estas ideias marxistas pelo apoio a movimentos revolucionários e pela crítica a instituições denominacionais tradicionais. A Igreja se dividia quanto ao assunto. Autoridades do Vaticano censuravam Leonardo Boff, em 1985, mas em 1986 era emitido um documento de apoio à teologia da libertação, ainda que um apoio moderado.

Outro movimento, que desestabiliza a hierarquia da Igreja Católica, foi o das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) formadas por leigos, e que se expandiram a partir da década de 1970, na luta da Igreja contra a ditadura militar no Brasil. Com uma interpretação libertadora do concílio através das experiências do movimento, as CEBs abriam caminho para o *aggiornamento* do Concílio Vaticano II. O grupo apresentava outro estilo de relação entre os diversos atores eclesiais e sua relação com a sociedade. Nessa nova possibilidade de “ser Igreja”, a fé responderia à realidade das pessoas, a suas alegrias e esperanças, a suas tristezas e angústias, especialmente dos mais pobres<sup>4</sup>.

Além deste movimento, um que também se organizava de forma autônoma em relação às diretrizes hierárquicas da Igreja foi a Renovação Carismática Católica (RCC). O movimento foi criado em 1967 por estudantes e professores da Universidade de Duquesne (Pittsburgh, Pensilvânia, EUA). O grupo tinha por objetivo realizar um retiro espiritual a fim de se aprofundar na força do Espírito Santo, através de leituras e meditação dos Atos dos Apóstolos. A espiritualidade é fortemente representativa do movimento, que tem sua base no texto de Pentecostes, segundo o qual o Espírito Santo desce sobre os apóstolos dando carismas particulares, dons em favor da comunidade.

No Brasil, a RCC chegou anos mais tarde, em 1968, à cidade de Campinas (SP), através dos Padres Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty. O movimento se expandiu rapidamente pela maioria dos Estados brasileiros. Segundo informações registradas por Dom Ciprianni Chagas, em 1970 e 1971, iniciou-se a RCC em Telêmaco Borba, no Paraná, com o Pe. Daniel Kiakarski.

---

<sup>4</sup> *Gaudium et Spes*, nº 11.

Em 1972, o Pe. Haroldo escreveu o livro *Sereis batizados no Espírito* sobre o “pentecostalismo católico”. Esta foi uma das primeiras obras publicadas no país sobre o movimento, que trazia orientações para a realização dos retiros de “Experiência de Oração no Espírito Santo<sup>5</sup>”, e desta forma, muito colaborou para o surgimento de vários grupos de oração.

Entre 1972 e 1973, o Pe. Eduardo iniciou no Brasil retiros e grupos de oração, com pequenos grupos, como, por exemplo, em Belo Horizonte, onde o grupo contava com nove pessoas. Apesar de pequeno, os retiros contribuíram para ampliar o movimento no país. O Pe. George Kosicki divulgava a RCC em Goiânia, com a participação de D. Matias Schmidt, na época, então bispo de Rui Barbosa, na Bahia, além de vários padres e religiosas, que iniciariam grupos de oração em Anápolis, Brasília, Santarém, Jataí etc. Neste mesmo ano, outro grupo atuava de forma autônoma no Mato Grosso, com práticas compatíveis com a RCC, enfatizando a presença do Espírito Santo. Após algum tempo atuando autonomamente, o Pe. Clemente Krug iria se juntar ao grupo.

O ano de 1973 foi o grande momento da RCC no que se refere à sua ampliação. Desta forma, para a criação e ampliação dos grupos de oração no Brasil, foi central o livro “Experiências de Oração no Espírito Santo”, do Pe. Haroldo Rahm, SJ, assim como os retiros dados pelos padres Eduardo Dougherty, SJ, e George Kosicki, CSB.

Com a ampliação do movimento no país, o Pe. Eduardo Dougherty, a fim de organizar de forma mais racional e inteligível o movimento, preparou, com o Pe. Haroldo Rahm e a Irmã Juliette Schuckenbrock, CSC, o I Congresso Nacional da Renovação Carismática no Brasil em meados de 1973, realizado em Campinas, ao qual compareceram cerca de 50 líderes. O movimento se expandia crescentemente.

Posteriormente, em janeiro de 1974, foi realizado o II Congresso Nacional da Renovação Carismática, ao qual compareceram líderes de Mato Grosso, Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, entre outros.

Em outras regiões, a Renovação Carismática se iniciou apenas a partir de 1974: no Norte, a diocese de Santarém com Frei Paulo, em Anápolis, no Centro Oeste, com Frei João

---

<sup>5</sup> A Renovação Carismática Católica no Brasil (RCC). Disponível em: <<https://www.rccbrasil.org.br/interna.php?paginas=37>>

Batista Vogel, no Sul de Minas, com Mons. Mauro Tommasini na Aquidiocese de Pouso Alegre. Colaboram ainda como divulgadores o Pe. Schuster, o Dr. Jonas e a Senhora Imaculada Petinnatti, Peter e Ingrid Orglmeister, D. Ciprianni Chagas, Pe. Alírio Pedrini, Frei Antônio, Ir. Tarsila, Maria Lamego, Ir. Stelita. Atualmente, a Renovação Carismática se encontra presente em todos os Estados e também no Distrito Federal.

Inicialmente, a Renovação atingiu os líderes já engajados em movimentos católicos, como Cursilho, Encontros de Juventude, TLC etc. e foi se ampliando gradativamente como uma nova forma de doutrina. O movimento iniciado nos Estados Unidos da América, ao longo dos anos cresceu e se fortaleceu, com aumento no número de grupos de oração e de membros. Ainda assim, ele sofreria com a recusa por parte do clero mais conservador. Contudo, com o crescimento e a ameaça dos pentecostais, a Igreja se viu forçada a legitimar o grupo.

Outro movimento de grande importância quando se pensa na historiografia da Igreja é a Ação Católica (AC), presente em diversos países, e iniciada em 1930. Num contexto em que se tinha a crise do capitalismo na Europa e as alternativas a este modelo - socialismo e o comunismo -, a Igreja Católica condenava o comunismo ao mesmo tempo que se dedicava a encontrar uma alternativa segura para os trabalhadores. A Igreja e o Estado se colocavam então como o modelo ideal de sociedade. Realizando um contraponto, a AC estava ligada ao movimento internacional Juventude Estudantil Católica (JEC). Este grupo incitava a participação ativa dos fiéis na sociedade, seja do ponto de vista social, político, quanto religioso, além de um maior comprometimento e responsabilidade sobre a mundialização dos problemas. Ou seja, tinha-se uma Igreja que reforçava o Estado e concomitantemente se colocava atuante frente as demandas sociais da época.

Com as mudanças da sociedade, que se tornava mais secular, a presença do comunismo, as tendências anticlericais e o avanço do protestantismo, a AC era o meio pelo qual a Igreja via a possibilidade de recuperar os fiéis e manter a hierarquia, que muitos leigos já contestavam.

Em suma, tais movimentos incitaram uma transformação na postura do clero. O Padre do novo milênio possui uma diversidade de alternativas disponíveis, que são contraditórias. Tais contradições têm de ser administradas na vida cotidiana paroquial e, ao mesmo tempo, estão presentes em sua formação, devido a tantos movimentos teológicos disponíveis. Entre eles, em especial a Teologia da Libertação, que enfatizava a opção pelos pobres e pela justiça social.

Em contrapartida, a Igreja buscava cada vez mais instruir o padre. A educação é essencial à Igreja. Ser padre era deter não só a superioridade espiritual, mas também intelectual. O padre tem a necessidade de se instruir progressivamente. Essa preocupação da Igreja com a intelectualização dos sacerdotes é visível também no direcionamento oferecido aos seus leigos, que representam aproximadamente 80% da Igreja<sup>6</sup>, que se preocupa em instruí-los, oferecendo cursos de qualificação litúrgica. No entanto, uma formação intelectual não dava mais conta das demandas tanto dos seminaristas, quanto dos leigos, o que contribuiu para a emergência dos diversos movimentos dos seminaristas, citados anteriormente.

A Igreja passou a buscar uma nova diretriz para renovar sua presença na sociedade, especialmente em momentos de crise, quando ela buscava se renovar. A crise do clero na década de 60 se manifestou inicialmente pela abertura das mentalidades e pela difusão de uma postura favorável à busca generalizada pelo novo nos diversos meios católicos (Pierucci, 1999, p. 257). Ao mesmo tempo em que a democratização nos países avançava, o catolicismo entrava em declínio. Neste contexto, a Igreja no Brasil elaborava diversas medidas para combater a crise.

No período de 1975 a 1978, a história da Igreja católica apresenta arranjos conciliares que permitem inovações, como, por exemplo, a incorporação das CEBs, da religiosidade popular, entre outras, antes renegadas. Outra possibilidade para o *aggiornamento* no planejamento pastoral do Brasil foi a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla, em 1979.

Um ano antes, em 1978, era ainda criada a Organização dos Seminários e Institutos do Brasil (Osib). Como instituição, a Osib ajudava a manter a ideia de uma Igreja do Brasil, ainda que não houvesse muita força política e não atuasse como um grupo de pressão nacional. Entre as medidas adotadas pela Organização, ela procurou valorizar a figura do padre como um “santo moderno”. O padre teria por função servir e ser aliado dos pobres. Ele devia ser ativista e comprometido em solucionar os problemas mais graves que afetava a Igreja, entre os quais a necessidade de desenvolver uma estratégia de pastoral urbana (Serbin, 2008, p. 294).

Bonato (2009) ratifica que essa passagem leva a Comissão Episcopal de Pastoral (CEP) à elaboração de novas Diretrizes Gerais da Ação Pastoral (DGAP) em 1979-1982,

---

<sup>6</sup> Dado de campo, segundo entrevistados.

tendo como objetivo a evangelização da sociedade brasileira em transformação, a partir da opção pelos pobres, pela libertação integral do homem.

Um exemplo de sacerdote que procurou observar estas diretrizes é o Padre Alberto Antoniazzi, conforme elucidado por Bonato (2009). Sua atuação, sua posição na hierarquia e suas relações dentro e fora da Igreja foram fundamentais na sua biografia. Em suma, sua contribuição para a história da Igreja consiste na elaboração de um planejamento pastoral que visasse a construir uma unidade da Igreja do Brasil, num momento de crise.

Toda a trajetória de Antoniazzi foi favorecida pela sua posição hierárquica na Igreja, que lhe permitiu o contato direto com o episcopado brasileiro e inserir a reflexão teológico-pastoral em prol do *aggiornamento*. A renovação proposta tinha por objetivo um novo planejamento pastoral que ajudasse a Igreja do Brasil a repensar sua ação através de uma maior aproximação com as demandas do Concílio Vaticano II, sobretudo no campo das relações da Igreja do Brasil com o mundo.

Entre suas propostas, Antoniazzi aponta para a necessidade de atualizar a ação pastoral da Igreja do Brasil, atenta aos problemas da atenção à realidade urbana, com demanda por uma reflexão sobre a prática pastoral. Além disto, enfatizava ainda a busca pela atualização na formação dos agentes da Igreja que participam das disposições e práticas pastorais, mas eram amplas as dificuldades.

As dificuldades se fizeram presentes ainda no começo da década de 1980 com a democratização do país. A Igreja agora se deparava com um novo contexto social. A maior parte dos bispos se posicionou em prol dos direitos humanos. Contudo, tal postura tinha efeito negativo para a Igreja, na medida em que diminuía o incentivo e o apoio em decorrência do seu envolvimento direto na política do país.

A partir do Concílio Vaticano II, o contexto se tornava ainda mais difícil para a Igreja Católica, que se colocava no papel de representar todas as camadas sociais e ainda manter uma estrutura rigidamente hierárquica e autoritária. Esses problemas são decorrentes da mudança política adotada pelo Vaticano, que passava a desempenhar um papel de liderança global, que ia para além dos seus limites de competência institucional. A Igreja continuaria a enfrentar problemas.

## 1.2 A pluralidade do catolicismo e a reconfiguração do campo religioso

Embora a instituição de Roma sempre enfatize ser o catolicismo uma Igreja homogênea, uma Igreja, na prática, nunca foi exatamente desta maneira. Um dos problemas da modernidade foi a criação de estratégias de acolhimento. Divergências internas foram registradas ao longo da história do catolicismo no Brasil. O caso de Viamão em Porto Alegre exemplifica um dos casos de divergências no interior do catolicismo, no qual seminaristas apoiados no Concílio Vaticano II (1962-1965) buscavam se organizar, criticavam o sistema tridentino e a disciplina exacerbada. O movimento sofrera a intervenção neoconservadora da Igreja iniciada em 1960, mas somente registrada em 1980.

O movimento contestatório dos seminaristas ilustrava um novo momento para a Igreja. Cabe esclarecer que as demandas dos seminaristas com relação à funcionalidade social do sacerdócio vinham sendo contidas há tempos pela Igreja, demonstrando que divergências sempre estiveram presentes no catolicismo. As demandas dos seminaristas exemplificam o problema sobre o propósito da vocação e o papel dos padres na sociedade. A Igreja teve então de enfrentar este entrave, que, como já pontuado anteriormente, desencadeou uma grave crise no sacerdócio brasileiro e aumentaria o decréscimo no número de padres.

A elite já havia se tornado mais secularizada e destituída de religião. Uma vez que vinha dela as vocações sacerdotais, novamente o número de padres sofria um decréscimo. A hipótese para esse fenômeno converge para o sentido humanístico perdido na vocação. Faltou uma utopia que desse sentido à função de ser padre, um vínculo afetivo, um sentido político. No entanto, hoje ser padre parece estar associado a um sentimento brando, que difere do sedutor pentecostalismo. Sedutor, pois permite um leque de possibilidades, como, por exemplo, casar, ter filhos e dedicar-se à prosperidade material.

O movimento de contestação dos seminaristas esteve presente ainda na região Nordeste do país. O Instituto Teológico do Recife (ITER) e o Seminário Regional do Nordeste II (SERENE II) tinham uma visão progressista. Este movimento contou com apoio de parte do clero progressista, mas fora suprimido pela ala conservadora da Igreja. Em 1989, o Vaticano ordenou o fechamento do seminário (Cf. Serbin, 2008).

Sanchis (2001) já havia esclarecido que a diversidade é constitutiva do próprio universo católico. Com a modernidade, a própria Igreja tende a se diversificar, como quando depois de resistir aos movimentos autônomos descritos anteriormente como a RCC, por

exemplo, acaba por legitimá-la. Há ainda o catolicismo popular que sobrevive ao longo do tempo e que a hierárquica católica não conseguia controlar.

De acordo com Pedro Rubens Oliveira (Unicap/Observatório, 2007), entende-se que a evangelização no Brasil desde o início continha as ambiguidades de um catolicismo hegemônico. Nos tempos da Colônia, a ambiguidade se apresentava entre trono e altar, manifestando a dicotomia entre o oficial e o popular. Posteriormente, com a separação da Igreja e do Estado, o catolicismo passou por uma universalização, por vezes sinônimo de “romanização”. Finalmente, depois do concílio Vaticano II e das Conferências Episcopais Latino-americanas (CELAM), existiu uma busca por uma identidade brasileira e latino-americana, que fosse sintonizada com os problemas contextuais, ainda que em conflito com as instâncias romanas. O catolicismo popular está mais para uma religiosidade, que se relaciona mais com a estrutura da comunidade local, do que com a sociedade nacional. Com isto, este catolicismo tem como característica relativa independência da Igreja oficial. Além disto, frequentemente o culto ao santo devocional do indivíduo é mais importante que o padroeiro da própria comunidade que se frequenta (AZEVEDO, 1996), sendo que este tipo de catolicismo foi fortemente renegado pela Igreja de Roma. Apenas no período pós-Vaticano II, é que a questão do catolicismo popular foi privilegiada e legitimada.

Redigida no Encontro do Episcopado Latino-Americano em Medellín, em 1968, a Pastoral Popular defendia o reconhecimento dos gestos sagrados deste tipo de catolicismo, ainda que fossem supersticiosos, pois há nele autêntica fé cristã. Desta forma, se propunha aceitar que fosse possível purificar e incorporar essas práticas.

Posteriormente, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio das *Diretrizes gerais de ação pastoral da Igreja no Brasil*, se posicionava da seguinte maneira:

As manifestações de fé própria da piedade popular constituem, de maneira geral, um valor autêntico. Deve-se estudá-las, purificando-as do que tiverem de menos exato, delas partindo para uma evangelização proveitosa e enriquecendo-as com seus elementos próprios da liturgia e descobrindo nelas elementos que possam ser assumidos pela própria Liturgia. De maneira particular não se perca de vista a direção cristocêntrica e comunitário-eclesial que a reforma e a renovação promoveram (Doc. 15 CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Pastoral*).

Mariz ratifica que “o catolicismo é uma Igreja dentro de uma religião mais ampla e diversa, que é o cristianismo” (2006, p. 57). No entanto, tal diversidade emergida no mundo moderno parece contribuir para que o catolicismo ganhe novo ânimo, diversificando-o com a criação e reconhecimento de grupos com relativa autonomia frente ao Vaticano. A

romanização, a campanha da Teologia da Libertação, criando as CEBs e a RCC, apesar de movimentos distintos, foram reconhecidos pela Igreja, que com tal iniciativa acabara por ser pluralizar (Idem).

A Igreja Católica se tornou mais sensível no que se refere às demais religiões, especialmente a partir de 1980, quando a Teologia da Libertação respondia de forma mais madura ao desafio da diversidade e à perda da influência hegemônica da Igreja (Teixeira, 2008, p. 26).

Por sua vez, com a RCC, o leigo passa a ter um contato direto com o sagrado, o que minimiza de certa maneira o papel do padre como mediador entre o homem e o sagrado. Esta autonomia individual encontra aporte na modernidade. Porém, mais que isso, tem-se a autonomia de manifestações populares que fogem ao controle da Igreja. Parece se tornar cada vez mais frequente que instituições não-religiosas concorreram para ter o controle de festas religiosas, como, por exemplo, instituições de turismo.

Conforme relembra Martins (2008), Miranda, com uma compreensão teológica, concebe o sincretismo como processo de inculturação da fé que abrange o universo religioso e esclarece o termo sob uma perspectiva histórica,

O termo 'sincretismo' tem sua origem em Plutarco e caracterizava uma união das cidades cretenses, normalmente inimigas, diante de ameaças externas. Desde o Renascimento, a palavra serve para designar, positiva e negativamente, compilações sintéticas de cunho cultural. Na época do confessionalismo, se tornou um conceito antiecumênico, até emergir no século XIX como um instrumento utilizado nas ciências da religião. Aí então foi empregado com a finalidade descritiva ou polêmica, no estudo histórico do cristianismo, já que este, em seu desenvolvimento, absorveu elementos culturais e religiosos de seu contexto. (Miranda, 2001, p.109)

Segundo Cavalcanti (1986), foi Bastide quem inaugurou o pensamento contemporâneo sobre o sincretismo. Este propôs o sincretismo como um fenômeno da aculturação, numa relação entre valores e estrutura social. Para ele, a religião e a magia seriam diferentes formas de representar a coletividade. A religião é compreendida como um sistema fechado, vinculado à vida cultural. Por sua vez, a magia é regida pela lei da acumulação, que incita o sincretismo.

O processo sincrético comumente é renegado, visto como impuro, sinônimo de ruim. Mariz (2005) indicava que o antissincretismo, por parte das instituições religiosas, é o ato de desvalorizar, esconder, negar os sincretismos ocorridos, não evitá-lo, pois isto seria impossível. Ainda no século XX, na década de 70, o conceito enfrentou objeções a qual o funcionalismo e o culturalismo

passou a interpretar o sincretismo como entrave à percepção de experiências de dominação e da situação de exploração colonial. A partir daí, esse conceito foi abandonado por ser visto como uma arma dos opressores, como parte de uma ideologia dominante. Assumia-se, assim, que o sincretismo era um processo que atingia apenas dominados ou a cultura dos dominados. (MARIZ, 2005, p. 3).

No entanto, o fenômeno sincrético é mais amplo do que se supunha. Atinge tanto dominado quanto dominantes, uma vez que este é um fenômeno do mundo moderno ao qual não se pode escapar, em conformidade com Mariz (2005). Desta forma, conclui-se que a modernidade exerce uma influência paradoxal no campo religioso brasileiro, pois ao mesmo tempo em que suscita práticas sincréticas, os grupos sincréticos tendem a se tornar anti-sincréticos.

Pierre Sanchis, estudioso do sincretismo brasileiro, analisa a antropologia relacionando-a à história. Com isto, o autor elabora uma abordagem histórica do campo religioso e elabora uma tríade da modernidade composta pelas categorias de pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade, concebidas como lógicas culturais copresentes em diversas combinações.

A pré-modernidade seria um momento no qual se tem um sincretismo não elaborado, anterior ao politeísmo; um universo religioso essencialmente ritual. Por sua vez, a modernidade estaria relacionada à vida ocidental, vinculada à racionalidade, na qual o indivíduo tem o poder de decisão. Por sua vez, a pós-modernidade seria um sincretismo composto por uma diversidade ecoteológica na qual o indivíduo constrói ecleticamente um universo simbólico do seu grupo e dos demais grupos em conformidade com seu *self*.

O sincretismo seria,

a tendência a utilizar relações apreendidas no mundo do outro para ressemantizar o seu próprio universo. (...) Um processo (...) que consiste na percepção - ou na construção - coletiva de homologias de relações entre o universo próprio e o universo do outro em contato conosco, percepção que contribui para desencadear transformações no universo próprio, sejam elas em direção ao reforço ou ao enfraquecimento dos paralelismos e ou das semelhanças. (Sanchis: 1994A, p.7)

Na pré-modernidade, o sincretismo daria ao capital simbólico de cada religião uma readaptação, uma ressignificação num *continuum*. Por sua vez, a pós-modernidade, resultado da síntese da modernidade com a pré-modernidade, é o que Sanchis concebe como mundo secularizado. Em suma, trata-se de instâncias da modernidade.

A pré-modernidade seria reconhecida como responsável por dar sentido à vida social, ou seja, possui um valor prático. Na modernidade, tem-se a racionalização que acompanha a diversificação e a autonomia das instâncias cujas interpretação e organização do mundo

seriam entregues à lógica científica, não à religiosa. Por último, a pós-modernidade versa sobre a secularização das religiões. Nesta nova conjectura, a religião precisa se reinventar a fim de se adaptar ao novo mundo.

A religião cede então lugar a um novo fenômeno, a religiosidade, que, concomitantemente, conserva aspectos tradicionais da religião e se reformula aos desejos da pós-modernidade. O campo religioso defronta-se com uma nova sociedade, que tem como produto da tríade da modernidade o trânsito religioso do indivíduo que redimensionou o campo religioso brasileiro. Nisto, o catolicismo tem sido peculiar ao longo dos tempos; se abre e se fecha, ainda que tal postura pareça não ser suficiente para concorrer no mercado religioso junto às diversas denominações de Igrejas evangélicas.

Concebendo o catolicismo como um *habitus*, o autor direciona a análise à compreensão da afirmativa da majoritariedade católica imbricada por uma diversidade de crença, de atitudes e de atividades cotidianas, que comumente contradiz as regras institucionais e eclesiais às quais se diz pertencente em especial nos países latino-americanos.

Sanchis ratifica que o campo religioso é cada vez menos o campo das religiões (1995). Emerge uma necessidade do homem religioso em criar um universo particular repleto de sentido, mas de sentido particular. Este homem do mundo contemporâneo não se sujeita à religião pronta, oferecida pelas instituições religiosas. Frente ao mercado religioso que lhe oferta múltiplas possibilidades, o homem adquire elementos de diversas composições a fim de criar seu universo de significação em constante reconstrução.

Sobre este fenômeno de construção, ou reconstrução religiosa, Sanchis relembra Rouche. O autor dizia que “esse conglomerado de crenças subjetivas que chamei de sagrado pagão (...) esta lenta passagem de uma consciência exterior ao homem a uma consciência interior mais pessoal permanece incompleta” (Idem, 502-527).

Apontando uma explicação histórica para a tendência sincrética, seja religiosa, ou cultural, o autor ratifica que se trata da estrutura do campo religioso brasileiro que, a partir de um longo período, denominado de sociogênese, formou o brasileiro com base numa diacronia. Retirado de sua terra, catequizado, o brasileiro se redefiniu, aprendeu historicamente a se reinventar, num processo sincrético cultural/religioso, aos moldes da pré-modernidade. O autor corrobora que ser brasileiro é ser mais propenso ao sincretismo devido à origem católica colonizadora.

Analisando a identidade religiosa, Sanchis (2001) enfatiza que a

persistência do tradicional habitus flexibilizador, que pode levar a certa forma de sincretismo sem suprimir as diferenças; e as consequências das investidas, também reais, das sucessivas racionalidades “modernas”, aquelas que, como dizia Kant, longe de “meios-termos” e das “ambiguidades”, asseguram “determinação e solidez” a todas as máximas (SANCHIS: 2001, p.29).

Sanchis concebe o sincretismo como um processo universal, afirmando ainda ser esta categoria constituída em níveis e modalidades distintas. Um processo no qual as relações são “apreendidas no mundo do outro para entender, modificar e/ou eventualmente transfigurar seu próprio universo simbólico” (1994, 10), pelo qual se tem uma redefinição identitária a partir da alteridade cultural.

Embora Sanchis conceba o processo sincrético como algo universal, o autor pontua a predisposição especial do catolicismo brasileiro em se tornar sincrético. Isto se explica, pela história sincrônica, o contrário do que ocorre em outras nacionalidades, como, por exemplo, em Portugal. No Brasil, o processo é sincrônico, pois desde a colonização já havia em mesmo espaço distintas religiões desenraizadas<sup>7</sup>.

O catolicismo brasileiro é mais propenso ao sincretismo por razões históricas já pontuadas. Sanchis afirma ter o catolicismo um caráter sincrético que concomitantemente expressa uma experiência subjetiva e uma estrutura institucional. O autor acrescenta ainda que entre as versões ocidentais do cristianismo, a vertente católica tende a ser mais propensa ao processo sincrético<sup>8</sup>. “Nem África pura, nem reprodução simples do catolicismo europeu, nem continuidade intocada das religiões “nativas””. (SANCHIS, 2001, p.25).

Ainda assim, o autor enfatiza que qualquer religião inserida num espaço social tende a adquirir uma propriedade sincrética, mas a modalidade deste sincretismo é diferente<sup>9</sup>. Segundo Mariz, o autor, ao fazer comparações, ele o faz comparando a cristianismos ocidentais, não compara com religiões orientais e africanas, mas com protestantes. Isto torna a dimensão analítica deste autor limitada a esta religião, o cristianismo ocidental, o que impossibilita uma generalização sobre a magnitude do fenômeno religioso sincrético. Semán (2005) também pontua a tendência de a sociologia da religião no Brasil privilegiar em seus estudos o catolicismo, o pentecostalismo, os evangélicos em geral e as religiões orientais.

Para além desta crítica à definição de Sanchis do sincretismo, vale lembrar que esta categoria ainda é relevante para pensar as religiões pentecostais e neopentecostais. No artigo

---

<sup>7</sup> Cf. Sanchis, 2001: 24.

<sup>8</sup> Cf. Sanchis, 2001: 23.

<sup>9</sup> Cf. Sanchis 1994b:43.

do *Repto à “cultura católico-brasileira”*, de Sanchis, o autor argumenta que as Igrejas pentecostais se apropriam ainda dos conceitos de pecado, diabo e milagre, fortemente vinculados ao catolicismo popular. As Igrejas evangélicas tradicionais reconhecem o mal através do Diabo, e desta forma há um reconhecimento do múltiplo. Trata-se de dois mundos, o bem versus o mal, e dois “deuses”, Deus versus o Diabo, sendo este último vinculado às religiões afro-brasileiras.

Sanchis (1994.a) mostrou ainda que a emoção é de grande importância nas instituições religiosas. O indivíduo busca alegria. Além disto, o culto possui uma função terapêutica, pois combate ao estresse presente nas grandes cidades devido à pobreza, à marginalização e à opressão. Contudo, tais elementos são passíveis de serem encontrados em diversas instituições, como, por exemplo, nas religiões afro-brasileiras, até mesmo na Igreja Católica que se modernizou com os movimentos autônomos, como a Renovação Carismática, em 1967, e as CEBs, em 1980, - com ênfase na história social e coletiva, com mediação racional e socioanalítica - e ainda há as festas populares (religiosas ou não religiosas).

Desta maneira, a questão torna-se mais complexa. Se a emocionalidade é oferecida por distintas instituições religiosas e por instituições não religiosas, Sanchis questiona o porquê do sucesso no empreendimento das Igrejas Evangélicas. Em suma, a hipótese é que há uma adaptação pentecostal do essencial presente na tradição cultural religiosa, responsável pela mudança na modernidade da religião, que a partir de então fez com que a Igreja católica se modernizasse. Sanchis corrobora o sincretismo existente tanto nas Igrejas evangélicas, quanto no interior do catolicismo.

Sobre as religiões afro-brasileiras, tem-se que a Igreja Católica, por ser a “Igreja mãe”, a primeira reconhecida em território brasileiro, devido a razões históricas - relações de poder - teve seus elementos, ritos, símbolos e santos incorporados por religiões afro-brasileiras. Como já dito, o catolicismo era a única religião reconhecida e desta forma a única possível de ser praticada. Os negros dissimulavam seus rituais religiosos com características de cerimônias católicas, incorporando diversos santos católicos, como, por exemplo, São Jorge e São Pedro, que são denominados na religião afro-brasileira por Ogum e Xangô, respectivamente. Mariz relembra Ferreti (2004), que concebe o sincretismo como uma forma de resistência cultural, responsável por elaborar nova cultura e religiosidade.

Mariz (2005) em diálogo com Sanchis concebe a categoria sincretismo de forma mais abrangente, sendo não apenas um conceito que remete a um sincretismo institucional, legitimado, mas também a uma dimensão subjetiva de escolha pessoal do católico. Segundo

Sanchis (2001, 1994a., 1994b.), no processo sincrético as opções ofertadas pela pluralidade religiosa são imbricadas de uma subjetividade responsável por aumentar as adesões parciais. Em suma, para muitos dos fiéis é uma forma de estender as possibilidades de proteção espiritual. O indivíduo aceita parte dos dogmas e regras da religião institucionalizada, mas rejeita e descarta a parte renegada.

Numa reconfiguração do campo religioso, como já pontuado anteriormente, um novo arranjo do espaço religioso provoca o declínio do modelo pastoral reconhecido pela Igreja, como, por exemplo, os principais movimentos progressistas. Por volta da década de 80, a Teologia da Libertação, que já havia conseguido o reconhecimento por parte do clero, se encontrava desgastada, o que representava mais um problema para a Igreja. Por outro lado, as CEBs entram em crise em decorrência do novo contexto socioreligioso que leva os grupos progressistas a reelaborar a sua própria linguagem, visando a uma atualização que seja mais compatível e atenda as mudanças política e social. Além disto, há ainda a preocupação com as novas demandas dos indivíduos, que passaram a buscar uma religiosidade mística.

No mundo moderno, há a ênfase na busca pessoal do indivíduo, compatível, em certos aspectos, com o grupo ou a comunidade, mas dotada de um viés ritualista e religioso. Tal dinâmica é fortemente subjetiva e se traduz na valorização e busca por elementos emocionais e afetivos pelos fiéis. Em suma, o conjunto de todos esses fatores contribui para o declínio do catolicismo. A religião entra então numa nova disposição como um “campo em erosão”, que sinaliza as dificuldades da Igreja frente à nova e complexa configuração social.

A sociedade moderna rompe o estreito laço com a religião. Danièle Hervieu-Léger, na obra *O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento* (2005), propõe que “a modernidade religiosa é o individualismo”. Segundo a autora, a “modernidade religiosa” se configura como produto do absorvimento de convergências como o individualismo religioso e o individualismo moderno, sob o signo da valorização do mundo de um lado e de uma afirmação do sujeito crente, do outro (Idem, 2005, p.130-131).

A autora acrescenta ainda que a sociedade se torna arreligiosa num processo de bricolagem que se instaura no campo da religião. Para se entender esta dinâmica de ruptura social, ela propõe ainda a hipótese do fim das entidades religiosas herdadas com ênfase à memória na tradição religiosa. No processo de transmissão religiosa, há uma mutabilidade nela, ou seja, este processo acaba por desencadear o que Danièle denomina de “crise da transmissão”, no momento em que este processo é iniciado, em especial no seio familiar - berço da iniciação a socialização.

A religião seria responsável pelo desencadeamento de um sentimento de mobilização da memória coletiva. No entanto, com a modernidade, a sociedade passa a ser despreendida da memória e das regras de comportamento tradicionais. Um processo de quebra da tradição, que mais parece uma impossibilidade da sociedade de se pensar como continuidade de acontecimentos lógicos e coerentes com a história da sociedade. O presente é intenso. O futuro torna-se incerto e o passado, esquecido.

Os crentes modernos reivindicam o seu ‘direito ao bricolage’ ao mesmo tempo que o de “escolher as suas crenças” (...) Os indivíduos constroem a sua própria identidade socioreligiosa a partir dos diversos recursos simbólicos a sua disposição (Hervieu-Léger, 2005, p.72-73).

Em suma, a teoria de Danièle parte do princípio que a questão central na análise se engendra sobre o indivíduo e não sobre a instituição. Os indivíduos possuem liberdade de escolha em detrimento da identidade herdada. O que antes era uma escolha social [o pertencimento a uma religião] se torna uma escolha individual. Isto se explica, pois a regulação institucional não consegue mais dar conta de articular os processos da dinâmica do crer, do papel desempenhado pelas intervenções externas, e o meio envolvente em que todo o processo se desenrola. Em suma, com a modernidade emergem a ampliação do campo de escolha individual e a racionalização, com maior autonomia do indivíduo, que elabora a bricolagem religiosa.

Weber (2004) afirma que a racionalização foi responsável pela diferenciação das esferas sociais. A religião perdeu seu papel de ordenamento social. Na modernidade, sua função se restringe a questões relativas à religiosidade, à emocionalidade, ao sofrimento, à vida e à morte e ao sobrenatural. Se na sociedade pré-moderna ela estava presente em tudo, na modernidade, com a racionalização criam-se Igrejas, institucionaliza-se a religião. A religião passa então a ter necessidade de se reformular, enquadrando-se nessa essa “nova sociedade” que se apresenta com a modernidade.

O mundo se transformou. Agora está em auge a fé no progresso da ciência, da individualidade e do secularismo em detrimento dos valores tradicionais. Hoje temos uma diversidade religiosa, como mostrou o Censo do IBGE (2000); além de católicos, temos os evangélicos, os sem religiões, os kardecistas, as religiões afro-brasileiras, umbanda e candomblé, as religiões orientais e outras religiosidades (espiritualidade esotérica, “new ages” e tradição indígena autóctone). A multiplicidade de ofertas religiosa, a liberdade de escolha, resultado da modernização de hábitos e do crescimento do individualismo subjetivista,

contribuíram para o declínio do catolicismo associado à crise das religiões majoritárias em todo o mundo.

Com a modernidade, há um paradoxo. Tem-se não apenas uma reconfiguração do campo religioso, que através de transformações históricas se modernizou, mas também um declínio das religiões majoritárias, acompanhado de um crescimento no percentual de pessoas que se identificam sem religião.

Segundo Mariz, a queda na proporção de católicos parece ser acompanhada de um relativo reavivamento religioso e, mais ainda, por uma intensificação da diversidade na experiência de ser católico (cf. 2006, p.53). Neste contexto, o pluralismo religioso passa a ser encarado como um fenômeno positivo, pois representa um retorno do indivíduo na busca por uma religião.

Este fenômeno de retorno da religião já era visível mesmo antes da publicação do Censo, através de estudos mais específicos sobre o tema, como, por exemplo, através dos dados coletados pelo Datafolha em 1994. Os dados foram analisados por Pierucci e Prandi (1995). Segundo estes autores, o número de carismáticos<sup>10</sup> de 1994 para 1999 mais que triplicou, passando de 3,8% para 12,6%. O catolicismo tem-se transformado para se manter majoritário e conquistar ou reconquistar fiéis, como, por exemplo, através da Renovação Carismática Católica (RCC), que, em princípio sofreu resistência e objeções por parte do clero, ainda que com algumas divergências, como já dito.

Contudo, ao longo do tempo, o catolicismo tem sofrido uma queda na sua hegemonia com o crescimento das religiões pentecostais, além do sincretismo religioso. Há ainda uma tendência de fuga das Instituições religiosas como pertencimento para um pertencimento interior. Uma religiosidade menos visível, menos evidente, mais subjetiva, mas ainda assim muito presente na dinâmica social.

A multiplicidade de ofertas religiosas, a liberdade de escolha, o resultado da modernização de hábitos e o crescimento do individualismo subjetivista contribuíram para o declínio do catolicismo associados à crise das religiões majoritárias em todo o mundo.

Segundo Gómez de Souza,

---

<sup>10</sup> Deve-se enfatizar, contudo que estes números não são claros quanto à participação em atividades carismáticas ou a RCC, segundo Mariz (2006).

a queda do catolicismo evidencia a mudança da adesão tradicional para adesão pessoal, que seria um fator positivo na definição dos católicos. No entanto, segundo o Padre Alberto Antoniazzi, o catolicismo perdeu fiéis nominais para ganhar fiéis ativos. (Teixeira e Menezes, 2006, p. 39-40).

Por volta de 1990, a Igreja se apresentava menos engajada nas questões políticas e de Estado, mas agora se preocupa com as implicações da modernidade, o pluralismo religioso, o risco de perder fiéis, em suma, com a ameaça à sua hegemonia. Como dito anteriormente, as religiões de caráter universal têm tendência à mobilidade sociocultural, uma mudança de religião do indivíduo que se desprende dos vínculos herdados e amplia suas possibilidades - de religião de origem para religião de escolha. A religião se torna então parte da construção da “identidade pessoal”. Conforme propõe Danièle, a sociedade contemporânea volta-se cada vez mais à sociedade do imediato, distanciando-se da sociedade de memória.

Através da racionalização, tem-se uma relativa minimização do sobrenatural na religião. Atualmente, a teologia católica é mais racional, como, por exemplo, sua Teologia da Libertação, que visa a conscientizar o fiel oprimido a fim de se reverter e tornar-se um cristianismo esclarecedor e não alienante. A racionalização tende a reforçar a autonomia individual e a transportar os homens a uma crítica das instituições e nisto se inclui a esfera religiosa (MARIZ, 2006).

Por sua vez, conforme apontado por Ciprianni (2007), Luhman concebe a religião como um subsistema em interação com outros sistemas da sociedade. Trata-se de um recurso de significados disponíveis aos indivíduos. Em suma, a função da religião seria reduzir a complexidade, lidar com a contingência voltada a Deus como resposta a aspectos determinados do mundo - “foi Deus quem fez”. O autor esclarece que a religião não desaparece, mas sua função não é mais central, pois não consegue mais significar o todo social. “A religião não é mais integradora, mas interpretativa” (Ciprianni, 2007, p.305).

Após um aporte analítico sobre a modernidade, a pluralidade religiosa e o sincretismo, tem-se a complexificação do entendimento da representação da religião, em especial do catolicismo. Se por um lado há um crescimento da “religiosidade interior”, por outro lado podem ser vistos um número cada vez maior de fiéis que lotam as Igrejas pentecostais e os movimentos de reavivamento emergidos na Igreja católica com a Renovação carismática e o catolicismo popular que parecem não perder sua força.

É preciso enfatizar ainda que tais movimentos, ao longo dos tempos, agregaram milhares de pessoas em eventos públicos, como, por exemplo, o Dia D, realizado pela IURD, e ainda a nova efervescência na manifestação de fiéis da Igreja católica, através da RCC e das

CEBs. Desta forma, que direção analítica seguir? Não se trata de um abandono religioso, mas, por outro lado, há uma nova religiosidade e uma religião reconfigurada com a modernidade. Mariz (2006) enfatiza que “... o religioso que volta é bem moderno” (Idem: 21).

Há uma tendência às religiões em se sincretizar a partir do advento da modernidade. Seja o catolicismo, sejam as religiões evangélicas, que segundo Sanchis (1994.a), lançam um repto à cultura católica, assim como às culturas afro-brasileiras, conforme já pontuado nesta dissertação.

No entanto, o crescimento dos sem-religião pontua uma tendência crescente em que se vê cada vez mais pessoas elaborando uma religiosidade própria em detrimento ao pertencimento a uma religião, na condição de instituição. Conforme já pontuado, as instituições parecem não ter o mesmo potencial disciplinador e agregador, conforme Luhmann.

Num contexto social em que o homem possui cada vez mais o “poder de decisão”, a possibilidade de escolha, o movimento sincrético tende a se voltar mais para um sincretismo individual, um sincretismo pessoal no qual se busca mais uma identidade do que uma transcendentalidade (Lasch, 1983). Contraposto a possibilidade de um sincretismo institucional, com a tendência das instituições em agregar ritos, símbolos [entre outros elementos] de religiões terceiras a fim de se adequar à modernidade.

Outros autores também convergem para a mesma direção analítica no que se refere à categoria sincretismo. Semán (2005) entende como uma forma de se ter uma maximização religiosa, uma forma na qual através da afiliação simultânea se pode ter uma acumulação de recursos simbólicos do sagrado e recusa a adesão de outros elementos legitimados por instituições religiosas, em que se tem a compatibilização de elementos supostamente incompatíveis com as diretrizes da instituição a que se pertence.

Deve ainda ficar claro que na elaboração de práticas sincréticas não há uma ruptura, um desligamento de uma religião em favor de outra. A tendência, pelo menos quanto ao sincretismo brasileiro, tende a se voltar mais a uma compatibilização entre duas ou mais crenças/religiões do que ao abandono de uma e posteriormente a adesão a uma única religião, um único credo. No entanto, com isto não quero dizer que não haja este sincretismo, mas se almeja uma análise mais abrangente, universal, ainda que restrita à religiosidade brasileira. Segundo Semán (2005), um sistema de práticas e crenças pode ser sincrético, mas, concomitantemente, os indivíduos reivindicam uma identidade única.

Como pontuado anteriormente, uma vez que em grande parte não há ruptura de uma religião em prol de outra, a análise converge para a ideia de que as identidades são simporosas, em acordo com Sanchis, segundo Mariz (2005). Sugiro ainda, no entanto, que parece haver uma tendência, em especial no interior do catolicismo, de frequentadores que por motivos diversos realizam práticas sincréticas, havendo, concomitantemente, participação em mais de uma religião, ainda que posteriormente possa haver o abandono de uma religião devido ao desencantamento sentido por ela.

Em suma, no que se refere à religiosidade brasileira, tem-se que a modernidade parece ser o grande impulsionador do sincretismo a partir do pluralismo religioso, que, num paradoxo, ao mesmo tempo em que grupos religiosos se sincretizam, eles tendem a se tornar antisincréticos, numa busca por uma identidade definidora, única. Segundo Mariz, a globalização é responsável por intensificar o sincretismo já existente, não por engendrar o processo sincrético. Finalmente, Teixeira (2005) indicou as especificidades da cultura brasileira através do trecho de *Grande Sertões*, de Guimarães Rosa.

Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue [...]. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca (In. ROSA, 1980, p.15).

A multiplicidade de possibilidades de ser católico se chocava contra os interesses de Roma, que via tal multiplicidade como deformações do catolicismo. O catolicismo popular e o ideal de catolicismo oficial e universal propostos eram vistos inicialmente como incompatíveis. Na obra *“Nem Anjos, nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo”*, Alberto Antoniazzi (1994) coloca algumas críticas, entre as quais sua percepção de que a Igreja tem se mostrado mais secularizada e distante da religiosidade popular.

Ainda de acordo com Antoniazzi, Bonato (2009) propunha que as comunidades são espaços em que o indivíduo constrói sua identidade por meio de uma ampla possibilidade de escolhas, ainda que limitadas, valorizando a sua própria experiência e estabelecendo laços com grupos ou comunidades através do compartilhamento de uma visão de mundo, de uma tradição, ou de uma cultura. No entanto, com a modernidade, tem-se a fragmentação das comunidades. Os homens se encontram mais desterritorializados, o que aponta para as dinâmicas pós-modernas em que o homem raramente está ligado ao lugar onde nasceu.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) foi decisivo no processo de valorização do diálogo com outras religiões, sem que isto implicasse promoção do sincretismo pela instituição. A partir da década de 1970 e 1980, eram colocadas as tendências de *aggiornamento* da ação pastoral com o Concílio Vaticano II. Contudo, o processo para se chegar à renovação proposta enfrentou alguns percalços, especialmente entre 1960 e 1970, não sendo duradouras tais renovações.

A crise das vocações, que caracterizou o período da década de 1960 e especialmente o início de 1970, contribuiu para que prevalecesse na Igreja do Brasil uma postura conservadora no enfrentamento dos problemas.

Contudo, os representantes mais progressistas da Igreja contribuíram para a transformação deste cenário, transformando inclusive o plano pastoral da Igreja, que evidencia a heterogeneidade do episcopado. Especialmente após a Conferência Episcopal de Medellín (1968), progressivamente se afirmava uma interpretação libertadora do Concílio Vaticano II no âmbito de uma aplicação da reflexão teológico-pastoral no plano das práticas pastorais. A perspectiva transformadora da “Igreja no mundo”, na dimensão pastoral do catolicismo brasileiro, se realizou por meio de diversas experiências das CEBs.

Apenas na década de 1990, com a conjectura de uma sociedade plural é que o catolicismo brasileiro pensou efetivamente no diálogo inter-religioso no campo da reflexão teológico-pastoral e do planejamento da Igreja do Brasil, que renovasse a experiência da identidade e a missão da Igreja.

Foi no período de 1965 a 2004 que a Igreja Católica, especialmente a Igreja do Brasil, apresentou um processo de mudança complexo. Diversos fatores, já expostos, contribuíram nesta conjectura, incluindo-se ainda a dimensão urbana das grandes cidades do Brasil, o pluralismo religioso e cultural, que se tornaram progressivamente uma das prioridades nas estratégias de atuação da Igreja Católica. Tudo isso evidencia os obstáculos que a Igreja encontra em estabelecer um diálogo com a comunidade de fiéis na época contemporânea. Pierucci já havia sugerido que o catolicismo estava em corrosão numa sociedade em processo irreversível de modernização social e cultural, inescapavelmente enredada num macroprocesso de secularização (Pierucci:257, 1999).

Retomando brevemente o que já foi pontuado, entende-se que na Igreja Católica a figura do clero, especialmente dos padres, que lidam diretamente com os fiéis, é de suma importância. Com a modernização da sociedade, a Igreja passou também por um processo de renovação. No que se refere ao clero, teve-se a valorização das questões humanísticas, da

valorização da busca por justiça social e questionamento do poder do laicato, com uma contracultura eclesial. Em paralelo, emergiam inovações no movimento litúrgico, com valorização da participação do leigo. Em suma, estas inovações representavam uma ameaça à hierarquia da Igreja, como, por exemplo, com a criação dos grupos autônomos como a Teologia da Libertação, a RCC e a Ação Católica.

A posterior crise do clero, a emergência e valorização da democracia nas sociedades foram ainda um acréscimo de elementos que contribuíam para o declínio do catolicismo. Sendo o catolicismo uma religião plural, e não única e homogênea, como quer mostrar a Igreja de Roma, divergências foram acentuadas ao longo do tempo. O que se tem é não apenas a heterogeneidade composta pela comunidade de leigos que compõem a Igreja, mas também pelo próprio clero, que levantou questionamentos às diretrizes da Igreja central, com o movimento dos seminaristas em Viamão, ainda presente no Nordeste do país no Instituto Teológico do Recife (ITER) e no Seminário Regional do Nordeste II (SERENE II), já pontuados. O catolicismo popular é ainda outro expoente da diversidade do catolicismo, em que os fiéis são autônomos em sua prática religiosa, que comumente contraria as diretrizes da Igreja em seus rito e signos.

A reconfiguração do campo religioso e o advento do pluralismo religioso modificaram a religião brasileira, que se tornou mais sincrética. O campo religioso é cada vez menos o campo das religiões. Há no homem religioso a necessidade de criar um universo particular repleto de sentido. Ou seja, a religião é um campo em reconfiguração.

A Igreja Católica, como já foi pontuado, tem repensado suas diretrizes e posturas ao longo do tempo, favorecida pela heterogeneidade de seu episcopado, que, embora seja visto negativamente pela Igreja oficial de Roma, ainda assim acaba por produzir uma atualização da Igreja frente às transformações no mundo contemporâneo. Cabe à Igreja pensar neste campo de incerteza em que se tem constituído a religião, através da compatibilização de elementos inovadores, sem que isto implique o abandono de elementos tradicionais desta Igreja Milenar. Ou seja, é preciso se adequar aos sinais do tempo.

## 2. SEMINÁRIOS CATÓLICOS: A IGREJA E SEU PAPEL FORMADOR NA SOCIEDADE BRASILEIRA

### 2.1 O processo histórico de criação dos seminários

A multiplicidade social e o hibridismo sempre foram presentes na dinâmica cotidiana da igreja católica no Brasil, tanto no quadro do clero quanto no quadro de leigos. Frequentemente, conflitos emergem decorrentes desta diversidade. Por outro lado, a relação entre o clero e a Igreja e entre o clero e os fiéis sempre foi tensa. Nesta conjuntura, entender a formação dada ao clero é primordial, assim como compreender os distintos desdobramentos pelos quais passou o catolicismo no Brasil.

Além disso, é preciso reconhecer a importância do padre na conservação da hegemonia do catolicismo, que, ao longo da história do catolicismo, passou a ser educado em seminários. A dinâmica do seminário e a manutenção do jovem nele objetivam transformá-lo em santo. Toda essa dinâmica visa a incorporar no seminarista o carisma da igreja, que o torna figura excepcional frente à sociedade através do celibato e da consagração espiritual, especialmente.

Para se pensar um estudo de caso no qual foram identificados alguns conflitos, torna-se necessário pensar a formação dada para o clero. Conforme evidenciado, o padre é figura central para a continuidade e propagação do catolicismo. Por outro lado, na paróquia em estudo foram observados conflitos. Os conflitos são decorrentes de divergências na concepção do que seja o catolicismo por parte do clero, dos fiéis e da Igreja, da funcionalidade do sacerdócio pelo clero e pela Igreja, assim como das demandas dos fiéis identificadas ao longo da história do catolicismo no país. Desta forma, é preciso compreender a formação dada ao clero para entender a conjuntura de entaves no catolicismo.

Neste capítulo, são considerados alguns dos principais elementos da história da Igreja Católica no Brasil no que se refere ao processo de formação do sacerdote. Haverá ênfase especial sobre as transformações da igreja no Brasil, especialmente a partir do Concílio Vaticano II - que foi o grande marco na história da igreja - sobre o tipo de formação dada nos seminários e sobre a crise de vocações iniciada nos anos 60.

A partir das especificidades identificadas no catolicismo brasileiro, é necessário entender a dinâmica da instituição do seminário diocesano. Para tal, este capítulo focará a análise no processo histórico de criação dos seminários, no entendimento da estrutura e vida nos seminários e no tipo ideal de sacerdote que a igreja almeja. Da mesma forma, atenta-se para a situação há tempos problemática no quadro do clero, para a crise de vocações e para a reformulação pela qual passaram os seminários.

Todo o início da formação da sociedade brasileira, desde os tempos da Colônia, contou com o pioneirismo da ação da Igreja no campo da educação. (Padin, D. Cândido, 1922, p.7)

Inicialmente criada com o objetivo de combater a expansão do protestantismo, a Companhia de Jesus - ordem religiosa criada em 1534 pelo militar espanhol Inácio de Loyola - reconhecida oficialmente pelo papa Paulo III em 1540, teve grande influência nos rumos da Igreja Católica, por seu papel no campo educacional. “Entre 1551 e 1556, nasceu o tipo de colégio jesuítico que se espalharia pela Europa, América e Ásia, e que alcançaria o número de mais de meio milhar de estabelecimentos em 1750” (NEVES, 2004). Nestes colégios os

professores deviam concentrar sua atenção ‘em moldar a alma plástica da juventude no serviço e no amor de Deus’, de tal modo que os alunos aprendessem, ‘com as letras, também os costumes dignos de um cristão’. Além disso, esse ‘apostolado pelo ensino’, como o denomina o jesuíta François de Dainville, não deixava de constituir uma estratégia católica diante do avanço protestante e, embora fosse direcionado para as elites, não excluía o ingresso de filhos talentosos das camadas mais humildes, em função de sua gratuidade (Idem, 2004, p.82).

O autor indicou em seus estudos que a história da educação brasileira foi praticamente monopolizada pela Igreja até pelo menos o Segundo Reinado. No domínio civil, a função das escolas católicas para a Igreja ia além de uma formação educacional de qualidade reconhecida. Segundo o Pe. José Marins, subsecretário Nacional do Ministério Hierárquico da CNBB em 1969, as escolas católicas têm entre outras funções formar líderes eclesiásticos e civis. Apenas no governo de D. Pedro II e a partir da República é que o Estado assumiu a função de criar escolas para a sociedade em geral.

Por outro lado, os seminários emergiram num contexto delicado para a Igreja Católica, época em que emergia a Contrarreforma, ou Reforma Católica, ocorrida em distintos pontificados. O momento de fragilidade que a Igreja vivia foi favorecido pelo absolutismo dos monarcas e pelas exigências do incipiente estamento administrativo, mais especialmente pelas divergências e dissidências que surgiam em seu próprio seio (VARELA; ALVAREZ-URIA,

1992.). A Igreja Católica sempre sofreu com disputas internas e controvérsias, e uma das formas clássicas para enfrentar estes conflitos foi criar seminários.

No Brasil, até meados do século XIX, não existiam seminários tridentinos para a formação do clero. Foi a partir da ação dos bispos ultramontanos D. Romualdo Seixas, prelado da diocese de Salvador, D. Antônio Ferreira Viçoso, da diocese de Mariana, e D. Antônio Joaquim de Melo, da diocese de São Paulo, especialmente os dois últimos, que perceberam a quase impossibilidade de reformar o clero sem criar seminários tridentinos (BENCOSTTA, 2000).

Para compreender este momento se faz necessário um breve resumo sobre a conjuntura histórica na qual se deu a criação dos seminários na Igreja Católica. Em artigo sobre os seminários católicos, Kretzer (2009) relembra que o Concílio de Trento (1545-1563), convocado pelo papa Paulo III e continuado durante os papados de Júlio III, Marcelo II, Paulo IV e Pio V, foi o instrumento da Igreja responsável pela criação e organização dos Seminários Diocesanos, entre outros, num momento em que se tinha a efervescência do movimento da Reforma Religiosa e da Contrarreforma Católica.

Conforme lembrado por Kretzer, os seminários surgem assim numa realidade adversa para o catolicismo, que passava por sucessivas críticas e contestações. Constitucionalmente, esta crise levou à segunda ruptura do catolicismo – a primeira ruptura havia ocorrido no início do século XI, em 1054, com a formação da Igreja Ortodoxa no episódio histórico conhecido como Cisma do Oriente. O Cisma do Oriente originou a Igreja Católica Ortodoxa no início do século XI, assim como os movimentos reformistas do século XVI fomentaram as Igrejas Protestantes.

Nesta época, as críticas ao sistema católico eram originadas especialmente no interior da própria igreja. Por exemplo, no século XVI, Martinho Lutero - frade da Ordem dos Agostinianos - e João Calvino, jovem católico, formado em Teologia e filho de Girard Cauvin, funcionário do bispado de Lyon, foram os líderes dos principais movimentos de cisão da Igreja Católica. Em resposta, a Igreja atentou para a necessidade de criar mecanismos que garantissem um clero com formação em conformidade com as doutrinas do magistério da igreja. Contudo, para tal, era “necessário investir na “criança” e no “adolescente”, categorias que ainda não eram bem definidas no início da Era Moderna” (KRETZER, 2009, p.223).

A linha de raciocínio da Igreja era lógica,

os jovens de hoje são os futuros católicos e protestantes de amanhã, e, além disso, sua própria fragilidade biológica e seu incipiente processo de socialização fazem-nos especialmente aptos para ser objeto de inculcação e de moralização (VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. Op. Cit. p. 70.).

Desde a Contrarreforma foram criados inúmeros seminários, com um modelo de formação que privilegiava o modo de vida na clausura e na obediência à igreja. O Concílio de Trento se inspirou na pedagogia jesuítica para a criação de seminários de formação de clérigos. Segundo Dallabrida (2001, p.16), “a Companhia de Jesus (...) conseguiu combinar em uma configuração específica uma estranha mescla de tradição e modernidade”, pois esta ordem era centrada na obediência incondicional aos superiores e ao papado, e de outro, a defesa do humanismo cristão, do espírito empreendedor, o cultivo das ciências e da arte, ao valorizar o estudo.

BESSEN (2002, p.13) indicou que no Brasil os seminários foram criados no início do século XVIII, após o 1º Sínodo Brasileiro ocorrido em Salvador/Bahia (1707). Até o início do século XVI, praticamente todos os seminários estavam sob os cuidados da Companhia de Jesus. Mas, em terras locais, o movimento da Contrarreforma se difundiu após a implantação dos seminários diocesanos, na segunda metade do século XIX (Serbin, 2008).

O história do Kenneth Serbin indicou ainda que somente a partir do início do Segundo Reinado é que a Igreja Católica começou a agir de forma mais clara visando a “reformular” o clero brasileiro.

Os bispos conservadores pró-Roma estabeleceram sua autoridade e promoveram a distinta identidade social do clero como um corpo coletivo unificado. (...) A seu ver, o Brasil precisava de ministros que professassem lealdade à instituição, purificassem a religião popular e pregassem a moralidade católica. A chave era a educação. Os bispos substituíram a aleatória formação clerical pelo seminário tridentino, gradualmente padronizado, que enfatizava a ortodoxia doutrinária, a obediência hierárquica e o rigor intelectual e espiritual. (Idem, p.78)

A partir do século XX, ocorreu a proliferação no número de seminários nacionais, denominada pelo papa Pio XII por “século de ouro” dos seminários. Logo, os seminários, que eram apenas algumas dezenas em inícios do Segundo Reinado, passariam para mais de seiscentos às vésperas do Concílio Vaticano II, em 1962, e se tornariam uma das mais importantes instituições de ensino no país.

Cabe lembrar que o Vaticano II se tornou um dos momentos mais importantes da Igreja. Como já pontuado, o Concílio Vaticano II propunha o *aggiornamento* da igreja e acabou por tornar mais evidente a divisão interna da Igreja entre “conservadores” e “progressistas”. Todo diálogo neste novo momento da Igreja terá influência especial sobre a

América Latina, derivando no surgimento da Teologia da Libertação e nos pronunciamentos de Medellín (1968).

A década de 60 foi marcada por disputas sobre as noções de transformação social. No Brasil, o período foi também marcado no interior da Igreja Católica pela criação do regime de exceção, a Ditadura Militar (1964-1985). A ditadura foi em grande parte fruto da disputa entre setores mais conservadores da sociedade brasileira, que eram contrários às mudanças promovidas pelo governo de João Goulart, e setores mais progressistas. Em suma, as forças sociais estavam tomadas pela Ditadura Militar, pelo Concílio Vaticano II e pelos movimentos contestatórios das décadas de 1960 e 1970.

Por outro lado, o início da segunda metade do século XX foi marcado pelo questionamento ao ensino tradicional jesuítico. O tradicional modelo de educação jesuítica difundido no país desde a colonização foi considerado inadequado e alvo constante de críticas. No novo modelo, a personalidade do padre passa a ter peso maior na dinâmica institucional: ele passa a ser não apenas formador de opinião, mas também promovedor dos valores e normas da igreja. Em decorrência, o seminarista necessita de um melhor preparo.

Em suma, o contexto de transformações enfrentado pela Igreja Católica, especialmente no período que compreende as décadas de 1960 a 1980, contribuiu para a emergência dos seminários diocesanos no país. É importante esclarecer o tipo de formação dada nos seminários diocesanos, assunto da próxima seção.

## 2.2 A estrutura dos Seminários

É importante lembrar que a criação dos seminários diocesanos foi majoritariamente uma resposta à “crise” interna da Igreja Católica. Em versão atualizada das diretrizes para a formação dos presbíteros elaborada pela CNBB e divulgada em 2010, foi relatada a importância em se considerar três coordenadas na formação dos presbíteros, que são as seguintes: o contexto como desafio, os fundamentos teológicos da formação presbiteral e o processo formativo. Consta no documento que o processo de formação do presbítero é influenciado pela cultura na qual está inserido, ou seja,

vive-se uma mudança de época que, além de alterar paradigmas estabelecidos, questiona, prescinde ou nega os valores de muitas instituições. Essa mudança de época, de um lado, fragmenta a vida e as instituições educativas; por outro lado, clama por pessoas integradas, instituições educativas renovadas e capacidade de ler e interpretar os “sinais dos tempos” (GS, n. 4), no horizonte da fé. (CNBB, 2010, p.22)

Neste novo modelo de formação do seminarista, opta-se por relações horizontais e abertas sem hierarquia, fazendo da reciprocidade um desafio. Desta forma, valorizam-se a pessoa e características como a autossuficiência, o democratismo e a competição.

Além da questão subjetiva no trato com os diversos fiéis e as mudanças na sociedade, o documento elucida que o trabalho pastoral é dificultado pela dimensão das paróquias. Ou seja, uma prática pastoral adequada se torna mais complexa devido a características estruturais da própria Igreja. Além disso, segundo o Documento de Aparecida (DAp), as “paróquias muito pobres fazem com que os pastores se dediquem a outras tarefas para poder subsistir; paróquias situadas em regiões de extrema violência e insegurança e a falta e má distribuição de presbíteros nas Igrejas do Continente” (DAp, nº197). Aquele que opta pelo sacerdócio sabe que não terá um salário. Ainda hoje os padres vivem do benefício proveniente do dízimo, de arrecadações obtidas através de festas, rifas e bingo, além da caridade dos fiéis católicos. A segurança financeira garantida pela igreja é de um salário mínimo garantido ao padre quando em tempo de aposentadoria pelo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS).

Por outro lado, o documento constata que as mudanças na sociedade brasileira fizeram com que o perfil de vocacionados fosse alterado. Inicialmente, diversos seminaristas viviam num mundo de incerteza e viram no seminário a saída para esta problemática, idealizando a função de “ser padre”. Mas, estes candidatos apresentavam dúvidas sobre a identidade presbiteral. Do mesmo modo, há dúvidas quanto ao modo de ser da Igreja, do exercício do ministério presbiteral, como, por exemplo, o autoritarismo e o celibato mal vivido (cf. CNBB, 2010).

Segundo informado pela CNBB, os seminaristas frequentemente entram no seminário na juventude, que compreende a faixa etária de 15 a 25 anos. Esta fase da vida é delicada por se tratar de um processo de formação do indivíduo. Por outro lado, há ainda o déficit no quadro do clero e, conseqüentemente, no número de formadores e de instituições de formação para formadores, tornando ainda mais complicado este contexto.

No que se refere à hierarquia do clero católico e suas respectivas funções, conforme definição básica da Igreja, o Papa é a figura de maior importância na igreja. O cargo é

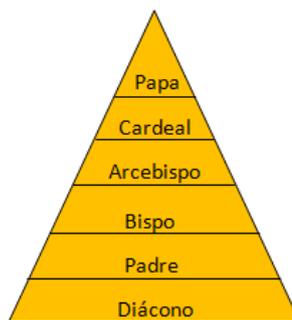
vitalício, sendo sua eleição feita no Santo Colégio dos Cardeais em Roma. Sua importância é histórica na igreja, já que o papa é o sucessor do apóstolo Pedro, o primeiro Bispo de Roma, nomeado por Jesus a pedra fundamental da Igreja (Mateus 16, 17-19).

Por sua vez, o Cardeal é um conselheiro do Papa. São chefes de congregações e tribunais da Cúria Romana. Foi a partir de 1179, através do Concílio de Latrão, que os Cardeais passaram a eleger o papa no Sacro Colégio. Tanto bispos, como padres e diáconos podem se tornar cardeais.

Os bispos são os supervisores da igreja, considerados os sucessores dos Apóstolos, que tiveram a missão dada por Jesus: o magistério, a ordem e a jurisdição. Os bispos são nomeados pelo papa, com jurisdição ordinária sobre os fiéis de sua diocese ou Circunscrição Eclesiástica, composta pelas paróquias. Alguns bispos possuem autoridade sobre outros bispos da região, e são denominados Arcebispos, outros assumem as funções de cardeal. Na base da pirâmide hierárquica, estão os padres - clero secular, também conhecido como Ordem Maior, e o clero regular, ou Ordem Fechada, como, por exemplo, os monges -, atuantes diretos com o povo, legitimados pela Igreja, e os diaconatos.

O diaconato é o primeiro grau do Sacramento da Ordem, ou seja, antes de se tornar efetivamente padre. Os outros dois são o presbiterado (padre) e o episcopado (bispos). Há dois tipos de diáconos: o diácono transitório, que recebe o Sacramento da Ordem no grau do diaconato para depois receber o grau superior e se tornar padre. Já o diácono permanente pode ser casado, mas não terá o grau superior de padre. A formação do diácono dura pelo menos três anos e deve conter obrigatoriamente no mínimo as disciplinas de teologia bíblica, dogmática, litúrgica e pastoral. O candidato ao diaconato permanente deve estar casado há no mínimo cinco anos, ter autorização da esposa por escrito e ter pelo menos 35 anos. No entanto, as dioceses possuem relativa margem de autonomia quanto ao diácono permanente, podendo determinar outra faixa etária, por exemplo. A Figura 1 mostra a hierarquia do clero na Igreja Católica.

Figura 1 - Hierarquia do Clero.



Fonte: O autor, 2011.

Assumir o presbitério constitui grande responsabilidade social e requer um aprimoramento intelectual e espiritual. A CNBB adverte que cabe ao sacerdote participar das atividades de seu bispo, assumir tarefas pastorais internas ou externas à sua diocese. “Os presbíteros são, na Igreja e para a Igreja, uma representação sacramental de Jesus Cristo” (*Pastores DaboVobis*, nº 15). Sua atuação deve ser ordenada, comunitariamente, em conjunto com o bispo e demais presbíteros, assim como com os leigos. O trabalho de evangelização é eclesial; nunca individual e isolado (*Pastores DaboVobis*, nº17 e *Evangelii Nuntiandi* nº 60).

Sendo assim, foram instituídos os seminários como lugar de excelência para a preparação sacerdotal. O seminário foi construído para formar personalidades que testemunhassem a vida de Cristo. A formação do sacerdote é alicerçada por três dimensões na formação: a espiritual, a humano-afetiva e a comunitária. Segundo a CNBB, o objetivo é

formar sábios pela sabedoria humana-divina, profetas de Jesus Cristo; formar mestres mediante a formação intelectual; formar servidores e pastores autênticos de Cristo Pastor, mediante a pastoral-missionária nas comunidades, associações, movimentos; formar pessoas de comunhão e de diálogo, a exemplo das pessoas da Santíssima Trindade” (CNBB, 2010, p.46).

Em suma, a preparação sacerdotal nos seminários busca formar homens santos, discípulos missionários, ou seja, “verdadeiros pastores do Povo de Deus, a exemplo de Jesus Cristo, Mestre, Sacerdote e Pastor” (*OptatamTotius*, nº 4). Para tal, foram criados os seminários a fim de preparar os “homens de Deus” como servidores.

A formação inicial objetiva o desenvolvimento do processo pedagógico, da formação do ser, do saber e do servir. O tempo da formação é dividido nas seguintes etapas: Pastoral vocacional, centros vocacionais; Seminário menor; Período propedêutico; Período filosófico; Período teológico; e Período pastoral-missionário. Além disso, há as dimensões

antropológico-teológicas da formação - formação humano-afetiva, formação comunitária, formação espiritual, formação pastoral-missionária - e a formação intelectual.

No processo de formação e preparação para a vida no seminário, é preciso passar pelo período chamado propedêutico, mesmo aqueles que estiveram no seminário menor. Este período é o “tempo de preparação humana, cristã, intelectual e espiritual para os candidatos ao seminário maior” (*Pastores Dabo Vobis*, n. 62). Conforme consta no documento da CNBB, há dois modelos de seminários instituídos no Brasil,

- a) o seminário, no sentido habitual do termo, que reúne, num mesmo local, e sob a mesma direção, a residência e os estudos; b) a casa de formação, que não mantém seu próprio curso filosófico e teológico, mas se articula com um centro de estudos (CNBB, nº138, pág.70)

Além disso, a pedagogia presbiteral instituída nos seminários é caracterizada pela familiaridade da casa, pela sucessão do cotidiano e pela presença do formador. A lógica reconhecida pela Igreja é que os seminários são ambientes de comunhão, comunhão com os bispos, com os formadores e com os demais seminaristas, ou seja, não concebe os seminários como ambiente de reclusão (Vida e Ministério do Presbítero – Pastoral Vocacional, nº275).

A dimensão humana é fundamental na formação presbiteral para os próprios objetivos da função do ministério, conforme redigido em *Pastores Dabo Vobis*. Segundo o documento, seguir a vida em comunidade é seguir o modelo de vida deixado por Jesus. Desta forma, o seminarista deve ser o servidor, deve se relacionar com as pessoas, aceitar e valorizar os distintos carismas presentes na comunidade presbiteral.

Com intuito de seguir o modelo de vida descrito na bíblia, a formação espiritual prioriza a comunhão íntima com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo, atingindo a perfeição na caridade (Jo 20,22). Objetiva ainda à santidade da vida (Mt 5,1-12.48) e prepara o seminarista para o seu serviço ao Povo de Deus (Jo 7,9). Nesta tarefa, a docilidade e caridade pastoral são fundamentais. Em suma, a formação espiritual é Trinitária (configurado a Cristo pelo Espírito Santo), cristocêntrica (o centro da vida espiritual é o mistério pascal, cruz e ressurreição) e eclesial. O presbítero não exerce seu ministério a título individual, mas na condição de incorporado ao presbitério, unido em comunhão sacramental e fraterna com o bispo e com os colegas (cf. CNBB, 1995).

Conforme os escritos bíblicos, no livro de Marcos (3,18), Jesus escolhe e prepara seus discípulos para pastorear seu rebanho. Uma vez escolhidos, o sacerdote precisa cumprir sua missão sagrada: “fazer discípulos entre todas as nações , e batizá-los em nome do Pai, do

Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28,19-20).

No entanto, para além da formação espiritual, a CNBB ratifica que a formação do presbítero deve oferecer ao seminarista a compreensão adequada do homem, dos fenômenos e da evolução da sociedade para que o exercício do ministério pastoral seja o mais humano possível. Ou seja, a formação deve contar também com o saber das “ciências do homem”, como, por exemplo, a psicologia, a sociologia, a pedagogia, as ciências da economia e política, a ciência da comunicação humana e linguagem, entre outras.

A Igreja, representada pela CNBB, enfatiza que a formação intelectual deve ser integrada com a formação espiritual, “de modo a poder superar uma pura ciência conceitual e chegar àquela inteligência do coração que sabe ‘ver’, primeiro, o mistério de Deus, e depois é capaz de comunicá-lo aos irmãos” (*Pastores Dabo Vobis*, n. 51). A formação intelectual deve ser baseada no estudo teológico, conforme diretrizes do Concílio Vaticano II, com o estudo da doutrina católica direcionada pelo Magistério da Igreja (*Optatam Totius*, n16).

Para a formação do clero, a Igreja conta com dois tipos de seminários: o seminário menor e o seminário maior. O seminário menor é uma instituição de formação educacional e religiosa, assim como o seminário maior. A diferença entre estes seminários está no público alvo, assim como em seus resultados finais. O seminário menor é um lugar de formação, composto por formadores e alunos. Neste seminário, são oferecidos cursos acadêmicos de nível fundamental ou médio, além de orientação pastoral. O seminário menor funciona como uma espécie de preparação para o claro discernimento da vocação presbiteral. Sua dinâmica de funcionamento permite ter contato regular com a família e com o local de origem, diferentemente do seminário maior. Não há uma divisão etária fixa, mas o habitual é que os seminários recebam seminaristas por nível de educação formal. No seminário menor, são recebidos os candidatos que cursam o nível fundamental e médio, e no seminário maior, os candidatos que tenham concluído o ensino médio. O seminário maior é a última instância de preparação para a vida sacerdotal, e ainda que a Igreja sempre ofereça cursos de aperfeiçoamento ao clero, a formação é contínua.

No seminário maior, que se refere à formação intelectual dos seminaristas, há uma divisão em dois cursos: o de teologia e o de filosofia. A formação filosófica dura dois anos. A importância da formação filosófica é sua contribuição para que o presbítero seja capaz de interpretar de forma adequada, conforme os princípios cristãos, o ser humano e o mundo religioso, a história e a sociedade, o pensamento humano e as correntes culturais e religiosas

dos dias atuais. Esta formação possibilita ainda a descoberta da dimensão transcendente da existência.

A teologia demanda um estudo filosófico, pois “o estudo da filosofia leva a uma compreensão e interpretação mais profunda da pessoa, da sua liberdade, das suas relações com o mundo e com Deus” (*Pastores Dabo Vobis*, n. 52). Desta forma, são exigidos no mínimo dois anos de curso filosófico e quatro anos de teologia, ou um sexênio filosófico-teológico integrado.

Conforme disposto no documento da CNBB (1995), o currículo dos estudos filosóficos deve incluir no mínimo as seguintes disciplinas, com respectiva carga horária (ver Tabela 2):

Tabela 2 - Currículo básico de Filosofia

Metodologia Científica	30 horas/aula
Lógica	60 horas/aula
Teoria do Conhecimento e Filosofia das Ciências	90 horas/aula
História da Filosofia	240 horas/aula
Filosofia Geral: Problemas Antropológicos	90 horas/aula
Filosofia Geral: Problemas Metafísicos e Teodiceia	120 horas/aula
Filosofia da Religião	30 horas/aula
Ética	90 horas/aula
Estética ou Filosofia da Arte	120 horas/aula
Filosofia Social e Política	30 horas/aula
Filosofia da Linguagem	90 horas/aula
Psicologia	30 horas/aula
Sociologia	60 horas/aula
Introdução à Economia (ou História dos Sistemas Econômicos)	60 horas/aula
Outras Disciplinas, tais como Sociedade e Cultura Brasileira, Política, Comunicação Social, Pedagogia e Ensino Religioso.	120 horas/aula

Fonte: CNBB (1995).

A carga horária do currículo mínimo dos estudos filosóficos é de 1.200 horas – são 20 horas semanais durante 30 semanas, em dois anos. Além destas disciplinas, devem ser incluídos no currículo disciplinas complementares de formação artística e literária e os programas de formação religiosa. Devem ainda ser obrigatórios o estudo do latim, nos termos do cânon 249 do Código de Direito Canônico, e o estudo de uma língua estrangeira moderna, além da iniciação à informática e à Internet.

Por sua vez, o estudo teológico é central na formação do presbítero contribuindo para que ele desenvolva uma consciência aprofundada dos mistérios da fé cristã, capaz de orientar a vida e o agir do presbítero. No entanto, não se pode desconsiderar na formação o diálogo ecumênico e inter-religioso.

Os estudos teológicos devem seguir o proposto pelo Concílio Vaticano II, “que os estudantes possam apuradamente haurir da Revelação divina a doutrina católica” (*Optatam Totius*, n. 16). O estudo teológico pode ter um currículo mínimo ou pleno. O currículo mínimo deve conter as seguintes disciplinas, expostas na Tabela 3:

Tabela 3 - Currículo básico de Teologia

Sagrada Escritura (Introdução e Exegese)	480 horas/aula
Teologia Sistemática (Fundamental e Dogmática)	480 horas/aula
Teologia Moral	240 horas/aula
Teologia Espiritual	60 horas/aula
História da Igreja	180 horas/aula
Patrologia	60 horas/aula
Liturgia	180 horas/aula
Teologia Pastoral, Catequética e Missiologia	300 horas/aula
Administração Paroquial	60 horas/aula
Direito Canônico	120 horas/aula
Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso	60 horas/aula
Disciplinas auxiliares: Metodologia Científica, Ensino Religioso, Línguas, Arte Sacra, Bens Culturais da Igreja, Homilética e Comunicação Social e outras.	240 horas/aula

Fonte: CNBB (1995).

O currículo mínimo do curso teológico tem carga horária de 2.460 horas, correspondente a 20 horas semanais, durante 30 semanas, em quatro anos. Além das disciplinas do currículo mínimo, a CNBB sugere que o currículo pleno contemple as disciplinas de Doutrina Social da Igreja, Mariologia, línguas bíblicas, metodologias pastorais, pastoral da comunicação, estudo de documentos da Igreja, religiosidade popular e outras, para uma boa formação. Ao fim do curso teológico, é obrigatória a apresentação de uma síntese escrita ou oral.

Em suma, o seminário é um espaço de formação espiritual e intelectual. Separado da comunidade, a prática litúrgica e a vivência plena em comunidade ocorrem no final da formação, denominado “Ano Pastoral”.

No Ano Pastoral, o seminarista, que já concluiu os estudos teológicos, é direcionado para a vida em comunidade em alguma paróquia. O objetivo é fomentar, além da prática e sistematização da ação evangelizadora e missionária do padre, o crescimento espiritual. Além disso, busca-se o incremento das qualidades humanas do presbítero, que deve ser o servidor da comunidade cristã e deve se comportar com “caridade pastoral”.

O ano pastoral é útil para que o seminarista amplie seu autoconhecimento através da vivência pastoral. O Ano Pastoral insere o presbítero no estilo de vida que ele terá de seguir depois como padre: a oração, o celibato, a obediência e o estilo de vida modesto. Espera-se que o presbítero ao longo deste ano tenha maior conhecimento sobre a sociedade, a diversidade cultural e religiosa, os obstáculos na evangelização e, conseqüentemente, ao discernimento vocacional.

No entanto, a formação do presbítero é contínua, conforme enfatizado pelo Concílio Vaticano II (*Optatam Totius*, n.22). Consta no documento que “a importância da atualização é tal que, se preciso for, por ela se deverá sacrificar, temporariamente, o serviço a uma comunidade” (Vida e Ministério do Presbítero – Pastoral Vocacional, nº. 348). Para tal, é preciso uma atuação conjunta dos institutos de filosofia e teologia, juntamente com a Organização dos Seminários e Institutos do Brasil (OSIB), maximizando a utilização da estrutura disponível.

Por outro lado, no mesmo documento, a Igreja chamava atenção para a escassez de vocações. Segundo a CNBB, as Diretrizes sobre a Preparação dos Educadores nos Seminários (n.6-11) evidenciavam a problemática da formação qualificada de presbíteros para o trabalho pastoral no mundo em oposição à escassez de vocacionados e à defasagem em seminários e institutos quanto ao método de ensino e aprendizagem, às referências pedagógico-formativas e à demanda por renovação.

Esta “escassez de vocações” é tema clássico no estudo do catolicismo no país (Fernandes, Ceris, etc.). Este problema esteve presente também na pauta de papas ao longo do século XX. Em 1947, o papa Pio XII escreve em carta:

desejamos que se cultivem intensamente as vocações eclesíásticas para dotar cada dia mais os Seminários do Brasil de muitos e escolhidos jovens. A mesma extraordinária extensão da vossa imensa Pátria e o contínuo aumento da população nos fazem espontaneamente pensar na necessidade de multiplicar o número dos obreiros do Senhor para que em toda a parte e a todo o tempo possam satisfazer as exigências espirituais dos fiéis. A escolha e a formação dos Sacerdotes “é a mais grave entre as gravíssimas responsabilidades que sobre Nós pesam”. (Carta Apostólica do Papa Pio XII aos Cardeais, Arcebispos, Bispos, Sacerdotes e a todos

os que se dedicam à Obra das Vocações Sacerdotais no Brasil, A.A.S. XXXIV 1947, p.285-289).

Em resumo, a igreja oferece um complexo aparato, com cursos no Brasil e no exterior, disponível às dioceses. Além disso, a Igreja conta também com o serviço da CNBB, que, através da Osib, promove cursos de aperfeiçoamento e atualização para os formadores de todas as etapas de formação, inclusive de seminários menores e propedêuticos. Há ainda cursos básicos de tipo doutrinal, pastoral, humano-afetivo, espiritual, pedagógico e intelectual, que consideram as linhas fundamentais da formação sugeridas pelos documentos da Igreja (Diretrizes sobre a Preparação dos Educadores nos Seminários, 53-59).

### 2.3 A vida no seminário e o tipo ideal de sacerdote

No processo de criação dos seminários, como já elucidado, o Concílio de Trento foi de suma importância. O Concílio enfatizava que cada Diocese deveria ter um seminário ou colégio no qual se preparasse para o sacerdócio um determinado número de jovens, em lugar escolhido pelo bispo (*CONSTITUIÇÕES ECLESIASTICAS*, art. 1175, p. 257-258). Foi determinado ainda que em caso de Dioceses maiores houvesse dois seminários, um Menor, para os cursos de humanidades, e um Maior, para cursos de filosofia e de teologia (*ibidem*). Para que estes seminários fossem desenvolvidos era necessário que houvesse disciplina, com a administração correta do patrimônio, segundo os regulamentos (*idem*, art. 1180, p.258). O historiador, Riolando Azzi apresenta um pouco da ideia imaginada do que deveria ser este lugar.

O seminário é apresentado como um local sagrado, um jardim dos eleitos, uma escola de virtude onde são recolhidos os escolhidos por Deus para serem os seus futuros ministros; ali recebem a formação necessária sob a orientação de mestres competentes, aos quais é devida total submissão e obediência (AZZI, 2000:248)

Tradicionalmente, o seminário teológico funciona em regime de internato, oferecendo uma preparação teológica integral (Benelli, 2008), modelo majoritário até 1960. Atualmente, é mais residual. Para compreender como este modelo se estabeleceu no Brasil e quais as suas características, vou me apoiar nos estudos de Bencostta (2000) e Benelli (2006, 2008, 2009), especialmente.

O curso de teologia tem duração de quatro anos, mais dois anos de formação filosófica, ou seja, ao todo são pelo menos seis anos de preparação para a vida sacerdotal, e são regulamentados pelo MEC. Segundo Bencostta (2000), o modelo de seminário em voga hoje ainda é de internato. Inicialmente, os internos entravam no seminário antes da puberdade, submetendo-se ao isolamento do convívio social - um método eficaz para a formação de um clero moralizado e ultramontano. Esse é o tipo de clero que predominará especialmente a partir da República, quando o alto clero da igreja era majoritariamente composto por estrangeiros.

Conforme consta na Constituição Eclesiástica (art.1180, p.258), o bispo é responsável por acompanhar todo o desenvolvimento das atividades no seminário, checando se suas normas eram seguidas. A Constituição Eclesiástica enfatizava o cuidado na escolha e julgamento dos candidatos ao seminário. Era comum que os padres elaborassem uma carta comprovando idoneidade do candidato ao seminário. Os seminários eram o meio através do qual se acreditava na regeneração do homem pela Igreja, por meio da doutrina católica, junto ao povo.

Por exemplo, no Seminário de Campinas, estudado por Bencostta (2000), tudo era padronizado. Conforme descrito em detalhes pelo autor, todos deveriam sentar-se na própria cama e prometer que não cometeriam naquele dia qualquer pecado, mesmo que fosse leve. As orações matinais eram recitadas em voz alta na capela, conduzidas por um seminarista escolhido para esse fim. Os seminaristas deveriam assistir à missa todos os dias, rigorosamente, de joelhos, do começo até a mudança do missal para o lado do evangelho; de pé, durante o Evangelho e o Credo (caso houvesse); sentados, do Oremus ao Orate Frates; de pé daqui até o Prefácio (aqui se entende o Per omniasecula etc., e não o toque dos *Sanctus*); de joelhos, do *Prefácio* à *Comunhão*; sentados, enquanto se arranja o cálice e lê-se o *Postcommunio*; e de pé, do *Dominus Vobiscum* até o fim, com exceção da hora da bênção.

Ainda segundo Bencostta, no seminário de Campinas era tudo disciplinado e padronizado, incluindo a postura corporal. O autor indicou ainda que durante os atos religiosos os seminaristas deviam ficar de olhos baixos e com as mãos postas. Bocejar, recostar, ou algo similar era proibido quando estivessem em alguma atividade, rezando ou cantando. No que concerne à conduta ética, muitas regras devem ser seguidas pelo seminarista. Por outro lado, a pontualidade e o silêncio eram fundamentais na manutenção da ordem dentro do seminário.

A preocupação disciplinar ia além dos muros do seminário. Com o intuito de manter a respeitabilidade do seminário na sociedade, os seminaristas eram proibidos de sair sozinhos do seminário. Quando fosse necessária, a saída deveria ser permitida pela Igreja, com uma justificativa prévia e plausível dada pelo seminarista. Havia um grande esforço em tornar o seminário o lugar onde houvesse tudo de que o seminarista precisasse, excluindo a necessidade de familiares ou do convívio social. Desta forma, através do silêncio característico da disciplina empregada no seminário, do estudo e da oração, pretendia-se afastar o seminarista do mundo. Vigora aqui um modelo de vida eclesiástica ultramontana com ênfase na severidade no ensino e na doutrina (Bencostta, 2000).

Com uma formação intelectual e espiritual consistente, a Igreja almejava que os seminaristas adquirissem a civilidade cristã, o respeito à pátria, o zelo da prosperidade e da prosperidade do país, contidos nos ensinamentos do catolicismo (CE, art. 1190, p. 260).

Segundo Benelli (2006), em geral a vida dos seminaristas é fortemente marcada pela hierarquia, pelo silêncio e por orações, ora individuais, ora em comunidade. Por outro lado, a relação dos seminaristas com os padres formadores normalmente é formal e distante (Benelli, 2006). O autor enfatiza que as relações de poder são fortemente marcadas no seminário. No entanto, o espaço acadêmico proporciona embates entre os seminaristas e o clero formador.

No que concerne a uma metodologia participativa e em conformidade com a proposta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a Igreja programou *Assembleias* (1995:54). Nas Assembleias, os seminaristas podiam expor suas ideias, ainda que sob os olhares do clero formador, constituindo assim uma participação controlada (Benelli, 2006; Cotrim, 1993; Libaneo, 1994)

Benelli destaca também o conflito permanente, nem sempre silencioso, entre a dimensão acadêmica e os outros aspectos da formação sacerdotal. O projeto acadêmico oficial do curso teológico tinha por meta formar padres comprometidos com o processo de libertação. Em muitas disciplinas, era utilizada uma bibliografia composta por autores da Teologia da Libertação.

Ainda sobre a formação intelectual nos seminários, segundo Benelli, não havia a produção do conhecimento através da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, mas sim a preocupação com conteúdos prontos. Faltava um projeto de formação crítica baseado numa perspectiva política e mística definida e colocada na prática (Idem, 2008:206). Isto me remete a Serbin (2008), que afirma que os seminários foram criados a fim de identificar e excluir os inadequados às normas da Igreja, e não um meio de qualificá-los.

Neste modelo, o seminário legitima os seminaristas como detentores dos poderes sacerdotais (de culto e de sacramentos), proféticos (através da pregação da Palavra e de seu ensino) e com o senhorio (pastoreio e governo) de Cristo (BENELLI, 2008:207). Neste processo, Antoniazzi (2003) chama a atenção para o caráter “cristológico” sobre o “eclesiológico” no processo formativo.

Segundo Antoniazzi (2003), na “cristologia”, o presbítero ou sacerdote é visto exclusivamente como *‘alterChristus’*, como figura e sacramento de Cristo diante da comunidade. Já na “eclesiologia”, a Igreja nasce da missão do Filho, Jesus Cristo, e do Espírito Santo, que fundam a Igreja pela Palavra e pelos sacramentos, de um lado, como também pela graça e pelos carismas, por outro.

Por sua vez, Hackmann (2004) propõe que ambas as tendências “cristológicas” e “eclesiológicas” devem ser compatibilizadas na pessoa do sacerdote; “em Cristo (*in persona Christi*) o presbítero representa a cabeça da Igreja e na comunidade (*in persona ecclesiae*), o Corpo de Cristo congregado e plenificado de sua vida por meio do Espírito Santo” (HACKMANN, 2004, p. 94).

O que quero destacar é que através de diversos mecanismos o seminário é visto como lugar da transformação da conduta. Neste processo, a clausura e o celibato são essenciais para moldar o corpo e a alma do seminarista, para moldar sua personalidade, que deve ser diferenciada dos demais homens. Ou seja, trata-se de um mecanismo de consagração sacerdotal. Para pensar o impacto dos seminários na formação da subjetividade dos seminaristas, a obra de Goffman (2001) ajuda a entender os limites das instituições totais, mesmo não sendo o modelo dos seminários. O processo de transformação subjetiva é apresentado por Goffman (2001) como a tecnologia de enclaustramento totalitário, que inclui a observação e a vigilância hierárquica sobre o comportamento dos indivíduos. O autor discute as características de estabelecimentos conceituados por ele como instituições totais - manicômios, prisões e conventos. Estas instituições são pensadas a partir de seus mecanismos de estruturação que produzem as transformações do Eu dos indivíduos. Nestes estabelecimentos, a tendência de “fechamento” simboliza o caráter “total”.

No modelo goffminiano, o internado sofre um processo de “mortificação do eu” com a supressão da “concepção de si mesmo” e de sua cultura individual. Segundo o autor, a formação do Eu e a concepção de si são formadas na vida familiar e civil, mas geralmente não são aceitas pela sociedade na qual é inserido o internado (o seminário). Desta forma, se tem a

padronização comportamental a partir destas mudanças na concepção do eu do internado, denominada por Goffman como “carreira moral”.

Neste processo, há ainda a instituição do controle, da sanção normalizadora e de técnicas de exame (Foucault, 1999). Esses mecanismos são favorecidos pela técnica baseada no enclaustramento; no quadriculamento celular e individualizante, ou seja, cada indivíduo possui um determinado lugar; no estabelecimento de localizações funcionais (com vigilância e criação de espaços úteis); e na classificação e serialização, com o individualismo dos corpos que devem seguir uma rede de relações.

Por sua vez, Benelli observou que a dimensão comunitária no seminário consistia basicamente em estar reunido em determinados momentos, momentos em que a presença de todos é obrigatória. Por exemplo, nas obrigações em conjunto, nas refeições, nas orações etc. Por outro lado, a formação está voltada para o desenvolvimento do intelecto e do espírito. Estas duas dimensões da formação deveriam capacitar o seminarista a atuar como líder paroquial. Contudo, Benelli lembra que a formação acadêmica é limitada, uma vez que é centrada mais na doutrina, nos dogmas e na moral, do que na pesquisa e na elaboração teológica.

A dimensão pastoral é como um treino para a futura prática pastoral clerical. Nesta dimensão da formação, segundo Benelli, o seminarista é incentivado a assumir uma postura autoritária, concentradora e conservadora. Isto, porque ele deve “representar” a igreja diante dos paroquianos. No limite, a autoridade papal é inquestionável. Neste modelo educacional, a formação espiritual é a mais importante na formação eclesial. Porém, como se trata de uma experiência subjetiva era enorme a dificuldade em avaliar se o indivíduo está num caminho de vida espiritual, de conversão, ou não (Benelli, 2008).

No seminário o candidato deve passar por distintos graus do sacramento da ordem até ser admitido oficialmente como seminarista por sua diocese. O candidato recebe os ministérios de leitor e acólito/assistente. Posteriormente, é ordenado diácono, quando promete publicamente viver o celibato, até que o processo formativo chega finalmente à ordenação sacerdotal (Igreja Católica, 2004).

Os autores que realizaram etnografia mais recente, Benelli (2008) e Serbin (2008), sugerem que o rigor excessivo no ambiente do seminário continua a ser marcado por um apego formalista e vazio às práticas litúrgicas encenadas nas cerimônias católicas. Por outro lado, todos os instrumentos presentes na Igreja – as imagens, o incenso, o cálice, a hóstia, o sacrário etc. - parecem não preencher o vazio de celebrações monótonas. Benelli ressalta

ainda que a formação do seminário acaba produzindo uma “aridez em espiritualidade e uma riqueza em ritos, símbolos, normas e escalas de poder” (*Idem*, 2008, p.207).

Quando ordenado pároco, o até então seminarista recebe o poder supremo no âmbito paroquial. Este poder é quase que legitimado por jurisdição universal, pois a palavra do padre equivale à lei - o que ele decide deve ser executado. O poder é conferido ao padre no momento em que é ordenado pelo bispo.

No entanto, as condições estruturais e conjunturais da instituição eclesial impõem limites para a autonomia dos seminaristas e do clero em definir os rumos da sua ação eclesial. Apesar da limitação do clero formador e dos seminaristas, a instituição não condiciona de modo absoluto e unidirecional o comportamento deles. Conforme assinalado no capítulo anterior, os seminários enfrentaram problemas a partir de meados dos anos 60, quando emergiram movimentos contestatórios por parte dos seminaristas. Entre os principais casos, destacam-se na história da Igreja as dissidências no Seminário de Viamão, no Sul do país, e no ITER e no SERENE II, na região Nordeste. Como já indicado, os seminaristas criticavam especialmente a hierarquia exacerbada e a funcionalidade do sacerdócio. Com isso, podemos concluir que, apesar de todos os instrumentos criados pela Igreja, a formação, ou melhor, a transformação subjetiva do seminarista não conseguiu lograr o êxito almejado.

#### **2.4 O quadro do clero, a crise de vocações e a reformulação dos seminários**

Em três décadas, entre os anos 1970 e 1990, ocorreu um deslocamento social em termos de origem das famílias dos seminaristas (Pereira, 2004). A queda da natalidade e o avanço do secularismo nas camadas médias implicaram a diminuição de vocacionados com esta origem. Em contrapartida, acentuou o número de vocacionados de famílias pobres, do meio rural e de cidades médias – deslocamento que está sintonizado com a opção preferencial dos pobres pela igreja. Cabe destacar a relação entre a oferta e a demanda religiosa, uma vez que a população religiosa é em grande parte proveniente de camadas populares. Além disso, segundo Pereira (2004), através da religião são conseguidos status social e segurança. Estas características são caras na sociedade contemporânea, marcada pela individualidade. As pessoas precisam lutar por um “lugar no mundo”. A partir disso, pode-se concluir que o

seminário era sim uma valiosa alternativa para se conseguir este “lugar no mundo” pelas camadas mais populares.

Seguindo esta lógica, cabe pensar sobre o momento histórico que caracterizou a crise das vocações, que alertou a Igreja para a necessidade de aprimorar a regulamentação dos seminários, com maior controle sobre eles. Pereira (2004) indicou que no campo religioso se tornou evidente a tendência por opções sincréticas de religiosidade, acrescida de formas religiosas ecumênicas, da tendência ao hedonismo e da vulnerabilidade psicológica.

A partir deste contexto, em 2 de julho de 1978 foi criada a Organização dos Seminários e Institutos Brasileiros (Osib). Segundo o Pe. Vítor Hugo Mendes (2001), a Osib trabalha atualmente com cerca de 800 casas de formação, seminários e institutos, buscando orientar a condução do processo formativo. Pode-se afirmar que é enorme o impacto da Osib no campo dos seminários e que uma série de renovações ocorreu a partir de então.

A renovação era não apenas desejada, mas foi orquestrada. Primeiro, foi preciso conhecer a situação dos seminários em todo o território nacional. Com isso, foi feito um levantamento nomeado por Catálogo dos Seminários do Brasil. Em sua primeira edição, de 1978, foram incluídas 389 instituições ligadas à formação presbiteral - Seminários Menores e Maiores. Dois anos mais tarde, a edição de 1980 divulgava 415 instituições; em 1984, este número cresceu para 527; e para 613 em 1984.

Segundo Antoniazzi (2003), outra prioridade da Osib era garantir a melhor preparação dos seminaristas. Desta forma, em julho de 1979 a Osib promoveu no Rio de Janeiro o primeiro curso de formadores, com duração de 10 dias. O curso teve ainda uma segunda etapa, que foi realizada no início de 1981. Outra preocupação era com os problemas psicológicos e morais da formação. A fim de enfrentar tais questões, foi promovido um curso no Estado de São Paulo, em outubro de 1981, sobre temas morais e psicológicos.

A Osib estava mais preocupada com a qualidade do clero do que com a quantidade. Desta forma, a organização elaborou um primeiro esboço que alterava os critérios para admissão, as etapas do seminário maior e a ordenação presbiteral. Todas as mudanças na admissão, ou seja, os critérios e as condições recolhidos nos diversos regionais passaram por debates até chegar à aprovação pela VII Assembleia Nacional da Osib, em 1990 (cf. Antoniazzi, 2003). Com o aumento de instituições de ensino em todo o território nacional, houve um aumento de vocações. Além disto, a abertura dos seminários a toda a população, como indicado por Serbin, contribui de forma significativa neste processo.

Antoniuzzi retomou alguns dados divulgados pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais (CERIS, 2000), instituição ligada à CNBB que estudou quantitativamente o quadro do clero no Brasil, sendo estes dados úteis para se pensar a evolução do clero no Brasil. Conforme divulgado pelo Ceris, até 1964 o número de religiosos era superior ao número de padres seculares ou diocesanos. Cabe elucidar que o clero religioso ou regular - Franciscanos, Monges e Beneditinos - é agrupado em ordens e atua em qualquer parte do mundo. São grupos de conversão que enfatizam a pobreza, a obediência e a castidade. Somente quando estes trabalham numa diocese é que ficam subordinados ao bispo. Mas, em grande parte atuam em hospitais, colégios, em projetos para ensinar a vida de Cristo.

Já os padres seculares ou padres diocesanos ficam subordinados ao bispo local durante toda a carreira. O padre diocesano tem por obrigação primeira a obediência ao bispo e a castidade. Sua função está voltada diretamente às questões da Igreja, ou seja, à paróquia, à diocese e à igreja em geral.

Conforme indicado por Antoniuzzi, analisando o período de 1964 a 2000, em 1964 havia no país 12.589 sacerdotes (presbíteros): 5.326 eram do exterior (42,3%) e 7.263 eram brasileiros natos (57,70%). Entre estes sacerdotes, 38,4% eram diocesanos e 61,6% eram religiosos/regulares. Observando o clero regular, os estrangeiros eram 55%, enquanto no clero diocesano os estrangeiros representavam 21,6%. Ou seja, o clero diocesano era majoritariamente composto por vocacionados brasileiros.

Até o final de 2000, o número de padres vindos do exterior era de 18,8%. A maior parte destes padres era de religiosos, 2.237, ou 29,5% do total de religiosos, e apenas 10% eram diocesanos (911). Mas, dando um salto no tempo, podemos ver que o número de diocesanos ordenados no país nos anos 90 era substancialmente superior ao número de religiosos. Por outro lado, de 1964 a 2000, os padres vindos do exterior diminuíram de 5.326 para 3.148 (- 40,9%) e os padres brasileiros aumentaram de 7.263 para 13.61417 (+ 87,5%). Com isto, a igreja ganhou um clero mais nacional, com cores e linguagem reconhecidas pela população.

No entanto, o quadro do clero no país ainda era insuficiente para atender à demanda populacional, uma vez que o crescimento de vocações nacionais acabou por suprir a queda no número de missionários estrangeiros, mas não superou o déficit no quadro de vocações sacerdotais.

Antoniuzzi se apoiou ainda nos dados do Censo do IBGE para indicar o déficit na proporção de padres por fiéis. Segundo o Censo, havia a proporção de um padre para 10.124

habitantes em 2000. O número de habitantes por padre cresceu nos anos 1970 e 1980, mas se estabilizou nos últimos 10 anos. Em suma, o clero no Brasil nos últimos 30 anos se tornou mais diocesano, mais brasileiro (sobretudo entre os religiosos) e mais jovem (especialmente entre os diocesanos). No entanto, ainda se mantém relativamente inferior ao contingente populacional.

Sobre a questão da formação sacerdotal, Antoniazzi avaliou o crescimento no número de seminarista entre 1970 e 2000 e constatou que os seminários diocesanos formavam mais padres que os seminários religiosos (70% e 50 % de formados, nesta ordem). A Tabela 4 apresenta os dados mais detalhadamente.

Tabela 4 - Número de Seminaristas

Ano	Seminaristas Diocesanos	Seminaristas Religiosos
1960	1.066	1.932
1965	642	1.913
1970	757	1.444
1975	1.000	1.525
1980	1.692	1.847
1985	3.067	2.734
1990	3.147	1.654*
1995	3.154	1.901*
2000	3.412	2.635*

\* Número de noviços e professos temporários, excluídos os pré-noviços.  
Fonte: Ceris (1960-2000).

Estes números indicam que após a crise de 1965-1974 do clero, as vocações aumentaram. Esta conjuntura é explicada pela abertura estratégica dos seminários a toda a população. Logo, as vocações presbiterais nos anos 1980 e 1990 seriam originárias da camada popular, sendo grande parte do meio rural. Era rara a presença de vocacionados da classe média e de alunos dos colégios católicos.

Uma vez que não se encontra na literatura nenhuma tipologia sobre a formação presbiteral, Antoniazzi propôs alguns perfis dos tipos de padres que estão atuando na Igreja no Brasil. Sua descrição não é muito rigorosa, mas ainda assim é válida para os objetivos do presente estudo. Os tipos de padres identificados seriam o padre-pastor, o padre light e o padre midiático-carismático.

O padre-pastor seria aquele que tem como característica o ativismo pastoral, que se dedica ao serviço da comunidade. O problema emerge quando ele que se destina à vida da

comunidade e acaba por vezes sendo exigido de forma excessiva pelos fiéis católicos. Esta situação é frequente com o pároco. Considerando esta conjuntura, faz-se necessário observar os dados quantitativos da Igreja para compreender a complexidade do fenômeno que se apresenta.

Em pesquisa realizada pelo Ceris, foi registrado o crescimento na estrutura físico-humana da Igreja Católica no país, entre 2000-2010. Os dados indicam que há relativo equilíbrio no número do clero considerando o número de paróquias, e crescimento mais evidente no número de diocesanos e menor no número de religiosos, no mesmo período (ver figura abaixo). Mas, analisar estes números é mais complexo quando consideramos o efetivo católico de fiéis. Cabe indicar que há um crescimento notável na estrutura da Igreja, mas há também um descompasso com relação aos dados do Censo do IBGE.

Figura 2 - Relação entre efetivo de paróquias e clero (2000-2010).



Fonte: Anuário Católico - Ceris, 2010.

Segundo o Ceris, no final do ano 2010, havia no país 22.119 padres (religiosos e diocesanos) e 10.720 paróquias. O IBGE indica que a Igreja Católica registrou um decréscimo no número de fiéis neste período. Isso indica que o déficit no número de vocações ainda persiste no país, que tem 169 milhões de habitantes. Num cálculo simples há uma relação de 10.123,97 habitantes para cada sacerdote, segundo dados do IBGE-2000. O Censo de 2010 indica que havia aproximadamente 190 milhões de habitantes; para cada padre haveria uma média de 8.624,97 habitantes. O número de vocações aumentou, mas a esses números se somam também o declínio católico no país. É preciso elucidar que frequentemente, na dinâmica paroquial, observamos uma demanda muito pesada, com tarefas múltiplas, que ultrapassam as 8 horas diárias. Esta tarefa comumente ultrapassa sua competência, como, por exemplo, sua presença em atividades sociais, pedidos pessoais, além de suas demandas rotineiras sacramentais e das inúmeras atividades pastorais e/ou sociais.

O padre Antoniazzi havia chamado a atenção para as consequências de toda essa dinâmica paroquial, que gera um desequilíbrio não só físico, mas também emocional no padre. Uma vez cansado, o padre não consegue atender aos católicos. O desenvolvimento de sua atividade acaba prejudicado pelo seu possível esgotamento físico e mental, acarretando a recusa do novo, alegando não haver tempo para programar novas atividades. Desta forma, comumente ocorrem conflitos especialmente com jovens que não se sentem atraídos por pastorais tradicionais, mas buscam mudança.

A alternativa encontrada é a divisão de tarefas pastorais com ministros ou equipes de colaboradores, ainda que a decisão suprema seja centralizada nas mãos do pároco. A qualidade de vida do padre é baixa. São raros os que se dedicam à atividade física. Por outro lado, a vida particular/familiar do padre exige um dia especial, geralmente a segunda-feira, conhecida como “dia santo” do padre. Neste dia, o padre está dispensado das atividades pastorais.

Antoniazzi se apoiou nas afirmações do Pe. Edênio Valle para sugerir que a partir de 1995 havia um novo perfil no sacerdócio, são os sinais da presença do padre *light*. Segundo ele, surge o padre *light*, aquele que tem amor pela Igreja viva e serve aos seus fiéis. Ele tem como valores a honestidade, a espiritualidade e a oração. Na dinâmica cotidiana, ele divide suas riquezas, preocupações e projetos pessoais com o presbitério e a comunidade. Tem bom relacionamento com as pessoas e assume as causas sociais. Em suma, trabalha para ultrapassar seus limites e fraquezas. Estuda, reza e crê. É ativo, nunca se acomoda à vida respeitável de padre na sociedade.

Um terceiro tipo seria o padre midiático-carismático ou *pop-star*, conforme descrito por Clodovis Boff no instrumento preparatório do 8º ENP (1 a 6.02.2000). Segundo ele, surgiu um novo tipo de Padre, que adota novas formas – diga-se carismáticas - de promulgar Cristo e que para tal se utiliza dos meios de comunicação de massa.

Antoniazzi levantou a problemática decorrente da imagem deste novo padre *pop-star*, que acaba produzindo uma transformação na concepção do que seja um bom padre para os seminaristas. Da mesma forma, por vezes gera ainda uma transformação nos fiéis, que, admirados com esse tipo de culto e linguagem, dotado de alta emocionalidade, passam a desejar em suas paróquias um pároco com mesmo perfil pessoal e mesmo trabalho pastoral. Ou seja, essa nova forma de celebrar o Cristo é capaz de transformar toda a Igreja, seminaristas, padres e fiéis.

Ainda sobre a questão da tipologia de padres formados, Benelli (2009) e Brighenti (2001) indicam que, decorrente de tantos catolicismos possíveis - o catolicismo popular, o comprometido, o reacionário, o universalista, o pentecostal, o emancipado e o descomprometido - há diversos tipos de padres atualmente em atividade no Brasil. Esta diversidade no perfil dos padres formados é decorrente da diversidade presente no clero formador, e a Igreja está atenta a isto. Conforme divulgado pela CNBB,

Partimos de uma constatação de fato, embora estejamos conscientes de que é único o sacerdócio de Cristo, há hoje no Brasil uma variedade de modelos de presbíteros. São tantos os modelos quantas as eclesiologias existentes na prática (CNBB, 2004, p. 21-2).

Segundo as tipologias possíveis, Conzzen (2001) indicou que, após o Concílio Vaticano II, emerge na América Latina um novo padre, com autoridade inquestionável, com ênfase na participação. Seus afazeres são baseados na corresponsabilidade e no diálogo, na vida eclesial. É preciso que tenha uma espiritualidade secular, mas o ritmo de sua busca espiritual é delimitado pelas atividades ministeriais que desenvolve. Sua função pastoral tem por objetivo a promoção da justiça, da paz e da libertação.

Baseada na literatura especializada, identifica-se a tendência do presbítero em conceber a vocação como um trabalho. Desta forma, o profissionalismo por vezes parece mais importante que a espiritualidade. Há uma clara separação entre os afazeres e o tempo livre (lazer), pois não se está o tempo todo a serviço. Esta definição é contrastante com a descrição do padre-*ligh*” de Edênio Valle.

Outra sugestão do documento da CNBB se refere à formação do presbítero funcionário. Na Congregação (2003, p.12), o papa João Paulo II indica que o presbítero deverá cumprir sua função de autoridade com humildade, aceitando a colaboração dos leigos, considerada desejável, e necessária, por vezes se utilizando de consultas previstas pelo direito canônico.

Por sua vez, Lorscheider aponta para as transformações no presbitério decorrente do Vaticano II. Segundo ele, neste momento,

entra em jogo o processo de formação permanente do presbítero. Não é possível, numa Igreja peregrina na História dos homens sob a ação do Espírito Santo, ficar parado no tempo e no espaço. É necessário caminhar na história, discernindo os passos libertadores de Deus. [...] *Aggiornamento* significa escutar, vir ao encontro, abrir-se às justas exigências do mundo de hoje, em suas profundas mudanças de modos de ser, inserindo-se no mundo para ajudá-lo num espírito de caridade total, que é a diaconia dos anawin de Javé. É a abertura crítica da Igreja diante do mundo de hoje (LORSCHIEDER, 2002, p. 300-1).

No entanto, inspiradas no Concílio I, ressurgem formas tradicionais do ministério presbiteral, de formas seguras, cópias de modelos sacerdotais que se contrapõem ao novo (Benelli, 2009). Os adeptos desta forma de ministério, mais tradicional, comumente têm sua atividade identificada com a pobreza de conteúdos na homilia e na catequese. Além disso, têm dificuldade em se relacionar, em colaborar com outros.

Em suma, os seminaristas são atraídos por distintos modelos de ministério presbiteral. O formador precisa então estar atento e considerar outros tipos possíveis da formação presbiteral atual. Para Antoniazzi, os seminaristas que ingressam no Seminário Maior, no que se refere à sua personalidade e formação humana, necessitam menos de uma experiência com o mundo e mais de uma vivência de fé e comunidade eclesial. Ele identificou ainda um processo de explosão do conhecimento e de fragmentação do saber. Isto se deve à inobservância dos preceitos do Concílio II, de uma formação intelectual integrada e harmoniosa.

É preciso ainda multiplicar os ministérios e edificar comunidades eclesiais. Desta forma, os presbíteros formados precisariam construir, em diálogo com outros ministros e fiéis, uma comunidade eclesial que expresse a personalidade, a liberdade e as tradições culturais de seus membros. Ou seja, é preciso evangelizar a sociedade que se encontra em processo de mudança. Esta conjuntura fomenta mudanças no comportamento humano, assim como problemas éticos. Desta forma, o presbítero precisa estar atento às mudanças ao mesmo tempo em que deve sustentar uma experiência mística. Sem estes componentes, ele não subsistirá nem como cristão, muito menos como pastor de uma porção do povo de Deus.

Observando todas as demandas nos Seminários na formação eclesial, a Osib promoveu, no Rio de Janeiro, em julho de 1979, o primeiro curso de Formadores, de 10 dias. Uma segunda etapa do curso foi realizada no início de 1981. A dimensão psíquica dos seminaristas também foi privilegiada pela Osib, que criou um curso sobre problemas psicológicos e morais da formação, realizado em São Paulo, em outubro de 1981.

Apesar de todos os esforços da Igreja em aprimorar a formação do clero, com orientações e eventos, parece que há muita crítica sobre a formação eclesial atual. Mendes (2001) havia indicado que caso não sejam observadas as orientações e preocupações do Concílio Vaticano, a formação presbiteral seria prejudicada. Por outro lado, baseado na literatura especializada, ele indicou ainda que

a própria vida espiritual, às vezes, tende a se tornar uma mera formalidade. Um sintoma desta situação, entre os demais, é o fato de serem poucos os seminaristas que se utilizam voluntariamente da direção espiritual. Há, até, uma tendência a levar uma vida dupla: a vida ‘oficial’ e a outra, particular, da qual não se comunica nada a ninguém (Blaumeiser, 1990, p.04).

Cuénot (1993), por sua vez, indica a necessidade em se ter o maior aproveitamento do tempo nos seminários, na formação eclesial. Ele propõe ainda a valorização do diaconato, quando é possível compreender que o padre é um servidor da comunidade. Acrescenta ainda como seria positivo incluir no processo de formação a participação em outras dioceses, outras Igrejas, para que os formandos tenham uma visão mais abrangente da Igreja católica.

D. Mauro Montagnoli, na Carta do Seminário Nacional das CEBs à Osib (1999), havia chamado a atenção para alguns problemas observados nos padres formados recentemente. Os principais problemas apontados por ele eram o “aburguesamento, a acomodação, a resistência ao trabalho colegiado e a superficialidade na formação intelectual” (D. Mauro Montagnoli – Carta do Seminário Nacional das CEBs à Osib – 1999. In: Mendes, 2001).

Por outro lado, o Comunicado da Comissão Nacional do Clero na 37ª Assembleia da CNBB (1999) indicava que alguns presbíteros recém-formados tinham uma excessiva subjetividade, um intimismo, que dificultava a atividade pastoral conjunta. A desqualificação acadêmica, especialmente no campo teológico, a fragilidade emocional são outros problemas na questão pastoral, na liturgia, na orientação espiritual, tudo isso compromete a eficácia da evangelização. Por outro lado, decorrente da escassez de vocações, são aceitos seminaristas egressos sem, no entanto, observar as diretrizes do Documento da CNBB aprovado pela Assembleia de 1997, que prevê uma consulta adequada ao histórico destes seminaristas.

Para adensar a reflexão, lembro que o perfil da elite eclesial também mudou nos últimos anos, segundo Pe. Vítor H. Mendes. Entre 1998-2001, especialmente, a Osib refletiu sistematicamente sobre a metodologia do processo formativo e levou suas conclusões aos bispos e aos formadores. Além disso, quando possível, a Osib organiza diálogos abertos com todo o clero. Um desses momentos de diálogo ocorreu com o Iº Seminário Nacional sobre a Formação Presbiteral da Igreja no Brasil, realizado de 13 a 17/08/2000, em Belo Horizonte. Um ano depois seria realizada a XIIª Assembleia Nacional – Fórum de Estudos e Debates sobre a Formação Presbiteral, realizada de 06 a 10/02/2001, em Itaiçi.

Conforme proposto pelo Padre Vítor Mendes, a Osib, ao abrir o diálogo sobre a formação, chamou a atenção preponderantemente sobre a metodologia utilizada na formação eclesial, a visão filosófica e a intenção pedagógica. Segundo ele,

Se de um lado, o Plano de Formação precisa ter uma visão global e orgânica do processo formativo, umbicado no contexto eclesial (universal, latino-americano, nacional, regional, diocesano/congregacional) e, na realidade social globalizada (economia, política, cultura), por outro, ao indicar os procedimentos pedagógicos e orientar o planejamento da vivência e convivência, deverá saber dosar o nível pessoal e comunitário, sendo capaz de articular as dimensões básicas (humano afetiva, espiritual, intelectual e pastoral), nos diversos ambientes da formação (escola, pastoral, trabalho etc). (Mendes, 2001, p.9)

O Vaticano controlou o sistema dos seminários por 400 anos. Por outro lado, mediante as transformações históricas já indicadas, a Igreja vem repensando sua estratégia para se apresentar à sociedade, se renovar e preservar sua hegemonia e hierarquia. Ao longo do tempo, a Igreja busca ainda mudanças para aprimorar o clero e ter maior atrativo para conquistar maior número de vocacionados. No entanto, como ficou claro na revisão dos estudos, os seminários enfrentam inúmeras dificuldades na formação dos seminaristas para que se tornem bons pastores e pessoas atuantes na sociedade.

Além disso, devido à escassez no quadro do clero, uma vez ordenado, a Igreja raramente recusa um seminarista. Com relação ao sacerdote a sua exclusão do clero é impossibilitada, pois uma vez recebida a ordenação, este sacramento não é desfeito. Pode-se conceder uma licença ao sacerdote, mas não a sua exclusão do clero. Contudo, escândalos divulgados na mídia parecem contribuir para uma reflexão no interior da Igreja sobre a formação oferecida ao clero e aos religiosos, como casos de padres acusados e condenados por pedofilia pela justiça comum. O Jornal O Globo divulgou em dezembro de 2004 a condenação do padre Alfieri Eduardo Bompani (59 anos) a 93 anos de prisão, em regime fechado pelos crimes cometidos numa paróquia de Sorocaba (SP), e do frei Tarcísio Tadeu Sprícigo, condenado em 2005, a 14 anos de reclusão<sup>11</sup>. Em maio de 2010, o padre João Bosco Frade (63 anos) foi condenado a sete anos de prisão pela Justiça do Espírito Santo. Outro caso ocorreu em novembro de 2011, com a condenação do padre José Afonso Dé (76 anos) por estupro e atentado violento ao pudor, com possibilidade de recurso<sup>12</sup>. Em dezembro de 2011, monsenhor Luiz Marques Barbosa (83 anos) foi condenado a 21 anos de prisão por exploração sexual de menores, em Arapiraca (AL)<sup>13</sup>. Já os padres Edilson Duarte e Raimundo

---

<sup>11</sup> Disponível em << <https://oglobo.globo.com/brasil/padres-pedofilos-pagam-seus-pecados-na-cadeia-3158421>>

<sup>12</sup> Disponível em < <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,padre-de-franca-e-condenado-por-estuprar-4-meninos-imp-,796308>>

<sup>13</sup> Disponível em< <https://oglobo.globo.com/brasil/padres-sao-condenados-prisao-por-abuso-sexual-de-menores-3480757>>

Gome foram condenados a 16 anos e quatro meses de prisão, ambos aguardando recurso em liberdade<sup>14</sup>.

Ainda assim, historicamente a postura da Igreja foi de conter escândalos ao invés de corrigi-los (Serbin, 2000). De modo crítico, Nery compara os seminários a casernas:

os seminários e as casas de formação têm que deixar de ser casernas, para serem um espaço em que haja uma ocupação sincera com o crescer de cada um, na direção de uma relação de profunda intimidade com Deus, de um lado. E doutra: um lugar da formação pessoal, do cultivo sincero dos valores que observamos na vida de Jesus Cristo: a bondade desprendida, o caráter íntegro, o cuidado com os outros, a veracidade, a liberdade, o saber bem preparado, o trabalho dedicado. Se isto for o que queremos, então há muito a ser modificado, estruturalmente, nas habitações formativas (Nery, 2000, p.02).

Ao longo deste capítulo, foram apresentadas as políticas de formação do clero, o processo de reformulação dos seminários como resposta à crise de vocações, assim como o recrutamento de homens jovens e adultos das camadas populares e a consequente utilização do seminário como espaço não apenas de padronização e santificação dos sacerdotes, como também espaço de educação formal.

Como proposto ao longo deste capítulo, em termos de formação, a Igreja Católica se defronta com uma tarefa complexa. Nos dias atuais, a igreja conta com vocacionados de origem popular, sem capital cultural significativo da ortodoxia católica. Hoje existe um amplo e multissituado leque de instituições de formação, boa parte delas aos cuidados de bispos com formações diversas (diocesanos). Além disso, a sociedade se transformou de modo nunca visto anteriormente.

Ser padre é uma grande responsabilidade social e exige o aprimoramento intelectual e espiritual. Conforme regra da igreja, a formação intelectual devia se basear no estudo teológico, conforme diretrizes do Concílio Vaticano II, com o estudo da doutrina católica direcionada pelo magistério da igreja. Por outro lado, o seminário legitima os seminaristas como detentores dos poderes sacerdotais (de culto e de sacramentos), proféticos (através da pregação da Palavra e de seu ensino) e como o senhorio (pastoreio e governo) de Cristo.

No entanto, Seild (2009) havia elucidado o sistema político por trás do processo de formação, em que nem todos possuem acesso ao ensino com a mesma qualidade. As possibilidades não são igualitárias, mesmo na igreja de Cristo. Por outro lado, o autor indicou ainda que o pós-concílio alterou profundamente o catolicismo, inclusive minimizando a

---

<sup>14</sup> Disponível em < <https://joaoesocorro.wordpress.com/2011/12/19/>>

distância entre o clero e o leigo, que passa a ter papel incomum na estratégia da própria instituição.

Muita coisa foi transformada, as relações, a hierarquia, assim como a atualização do vocabulário utilizado pelo clero, que deveria tratar de questões atuais. Ainda assim, apesar das diversas transformações e atualizações, a igreja continua enfrentando percalços na sua manutenção. Conflitos são presentes na igreja e na dinâmica das diversas paróquias, ou seja, entre igreja, clero e leigos.

Após o detalhamento da estrutura e da vida no seminário, conclui-se que a formação adquirida, apesar de todo o aprimoramento intelectual, é falha especialmente no aspecto humano-afetivo. Marmilicz (2003) chamou a atenção para a complexidade envolvida no processo de formação do seminarista. Para ele, era fundamental o saber ouvir. “(...) Escutar ativamente o outro é uma grande arte, porque não significa simplesmente ouvir e entender as palavras, mas compreender aquilo que se esconde por detrás das afirmações do outro” (IBID, 2003:132). Para isso, se fazia central ouvir o seminarista, enxergar a sua personalidade. Embora pareça algo discrepante com o objetivo do seminário, de formação do seminarista como exemplo a imagem de Cristo, Marmilicz tinha em seus escritos uma preocupação com o conhecimento do seminarista sobre si mesmo como caminho para a busca do entendimento de sua superficialidade e busca da santidade. Por isso, para ele, “o formador que quisesse imprimir no formando o seu modo de pensar, de agir, de ver as coisas cometeria um grande erro, prejudicando a personalidade do formando, deixando possivelmente marcas negativas para o resto da sua vida” (IBID, 2003:75).

Na etnografia da paróquia em estudo, veremos o impacto de dificuldades na relação do padre com uma congregação de classe média. Nela, foi identificado o descompasso entre o desempenho do padre e as demandas dos fiéis na dinâmica paroquial. Para entender os dramas que emergem, o próximo capítulo apresenta a história, a dinâmica de funcionamento, o campo e os dramas sociais envolvendo a igreja, o padre e os paroquianos.

### 3. A PARÓQUIA

O presente capítulo apresenta a Paróquia em que foi realizada a pesquisa qualitativa, segundo uma pesquisa de campo de três anos (entre 2007 e 2010). Neste período, pude observar os dramas sociais e as diversas possibilidades de conservadorismo que caracterizam a dinâmica social paroquial. Os dramas que emergiram tinham como personagem principal a figura do padre. No entanto, foi através da participação reivindicativa de um grupo de jovens que os problemas no interior da paróquia se tornaram mais evidente.

Para que se entenda este drama paroquial, o capítulo foi dividido em quatro subitens. O primeiro apresenta a história da paróquia, seu processo de construção, os padres que passaram por ela e a sua importância simbólica para o bairro de Madureira. O segundo subitem aborda a estrutura e o funcionamento da paróquia. O terceiro subitem apresenta as primeiras impressões e o desenvolvimento do campo. Por último, são apresentados os dramas sociais ocorridos na paróquia, com destaque para os diversos discursos colhidos em campo, especialmente através de entrevistas sobre estes mesmos discursos.

A paróquia está instalada no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, local de moradia de uma classe média e média baixa, em Madureira, com a presença de algumas favelas. O bairro conta com um aparelhamento urbano diverso e consolidado. Destaca-se a ampla possibilidade de acesso ao bairro, por rodovia e ferrovia. O bairro conta com linhas de ônibus que levam a diversas cidades, de todas as regiões do estado (zona sul, zona norte, zona oeste, centro, baixada fluminense, região litorânea e região serrana). No entanto, Madureira ainda não dispõe de uma ligação com as praias oceânicas cariocas, mas já se encontra em fase de construção o Corredor T5, que ligará a Barra da Tijuca à Penha.

Com população de 50.106 mil habitantes, segundo o Censo 2010, o bairro faz divisa com os bairros de Cascadura, Cavalcante, Vaz Lobo, Engenheiro Leal, Turiaçu, Campinho e Oswaldo Cruz. Contudo, se considerada sua população flutuante, o bairro possui população muito maior. A facilidade de acesso proporciona um fluxo constante de pessoas, atraídas pelo comércio, o segundo polo comercial e econômico da cidade e o maior de todo o subúrbio.

No quesito comercial, destaca-se o Mercado de Madureira, inaugurado em 1914. O mercado teve algumas alterações em suas instalações, finalizadas em 1959, e inaugurado posteriormente por Juscelino Kubistchek. Com a concorrência impulsionada pela criação do Ceasa, o Mercado teve de se diversificar em seus produtos, passando de hortifrúti, à venda

de bijuterias, brinquedos, vestuário. Contudo, tem-se destacado principalmente pela venda de ferramentas e artigos religiosos, que indica o nível de religiosidade da população do bairro.

Cabe elucidar que Madureira possui uma ampla diversidade religiosa, com diversas igrejas evangélicas, terreiros de umbanda e candomblé e tradicionais igrejas católicas. O bairro é conhecido também por ser a cidade berço da escola de samba mais tradicional do estado, a Portela. Há ainda as escolas de samba Tradição e Império Serrano. Além do samba, o bairro é famoso pela manifestação cultural no Viaduto Negrão de Lima, inaugurado em 1960, na época o maior viaduto do município, com apresentações de Hip Hop.

O bairro possui também um clube esportivo criado pela iniciativa de comerciantes locais. Em 1914, foi criado o estádio Madureira Atlético Clube. No entanto, a agremiação nasceu efetivamente em 1933. Com o intuito de ampliar a atividade esportiva do clube, em 1971 foi inaugurado o Madureira Esporte Clube, fruto da fusão entre o Madureira Atlético Clube, Madureira Tênis Clube e Imperial Basquete Clube.

No que se refere a atrativos religiosos, destaca-se a Capela de São José da Pedra, construída entre 1901 e 1904 e reconstruída em 1931, dotada de uma visão panorâmica da região. A capela foi construída quando caçadores encontraram a imagem de São José em cima da pedra, no final do século XIX, e interpretaram como milagre. A partir disso, foi iniciada a devoção ao santo. Cabe destacar que a igreja possui uma escadaria construída anos mais tarde, em 1978, com 366 degraus, um a mais que a escadaria da Igreja da Penha, no bairro Penha. Apesar disto, a Capela não se encontra no roteiro turístico tradicional.

Em suma, a vida comercial, as manifestações religiosas e artísticas, com destaque para o samba e mais recentemente o Hip Hop, são constitutivas do bairro, com um hibridismo de profano e sagrado. Estas características são refletidas no *modus vivendi* da população local, influenciando a dinâmica paroquial. Pretendo ao longo desta dissertação explicar tal afirmativa. Por agora, o próximo item narra a história da paróquia.

### 3.1 A história da paróquia

No processo de levantamento da história da paróquia, os diálogos com os fiéis foram de suma importância. Através de conversas com os paroquianos, pude chegar a um antigo paroquiano que emprestou alguns de seus objetos pessoais, como fotos, cartazes de antigos

eventos da paróquia e um livro feito pela própria paróquia em comemoração ao seu aniversário. O acesso aos arquivos da igreja propiciado pelo paroquiano foi de grande importância para a compreensão da história da paróquia, sua evolução, sua construção, os atores que participaram deste processo para erguer a paróquia e os atores centrais neste processo.

Como indicado anteriormente, no início de 1900, a área à qual Madureira pertencia apresentava razoável crescimento populacional. A construção da estação de trem ampliou a atividade comercial local, ocasionando a imigração populacional. Com a industrialização, o avanço dos meios de comunicação e de transporte, a locomoção tornou-se mais acessível, e a população aumentou. Nesta época, já havia pequenas capelas, mas a demanda populacional fez com que esse movimento de expansão da Igreja Católica na região fosse inexpressivo. Desta forma, autoridades religiosas do Rio de Janeiro decidiram construir novas paróquias para atender à demanda populacional.

A Igreja Católica se expandiu especialmente nas grandes metrópoles. Foi durante o bispado de Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, primeiro a receber o cardinalato no Brasil, que foi instituída a Freguesia da Paróquia. Novas paróquias foram criadas e atualmente a Paróquia de São Luiz Gonzaga atende teoricamente à população de Madureira<sup>15</sup>. O bairro possui ainda uma pequena capela denominada São Sebastião, subordinada à paróquia.

Erguida em 26 de outubro de 1915 por conta do aumento populacional, a paróquia hoje tem 97 anos. A Igreja tinha como seus limites em 1915, aproximadamente, dez bairros, listados no Quadro 1.

---

<sup>15</sup> Teoricamente, pois o público da paróquia vai além da população local.

Quadro 1 - Bairros abrangidos pela paróquia em 1915.

1	Quintino Bocaiúva
2	Tomaz Coelho
3	Vicente de Carvalho
4	Madureira
5	Pavuna
6	Anchieta
7	Marechal Hermes
8	Largo do Tanque - Jacarepaguá
9	Campinho
10	Cascadura

Fonte: Arquivo paroquial. Livro em Comemoração ao 80º aniversário da Paróquia (1995).

Em 1918, as paróquias de Nossa Senhora da Conceição, do Engenho Novo, de São Thiago, de Inhaúma, de Nossa Senhora da Apresentação, de Irajá, e de Nossa Senhora do Loreto, de Jacarepaguá foram desmembradas, divididas e separadas. Em substituição foram erguidas e constituídas as novas paróquias de São Geraldo, de Nossa Senhora da Piedade e de São Luiz Gonzaga, de Madureira. Foram ainda verificados os limites das antigas Paróquias de Inhaúma, Engenho Novo e Irajá (Sacrossanto Concílio Tridentino, sessão XXI, cap.4).

Segundo consta no livro produzido pelos paroquianos, em comemoração aos 80º aniversário da paróquia (1995), em julho de 1918, o Padre Dr. Carlos de Oliveira Manso deu início à construção da Matriz provisória, segundo ordens do Cardeal Leme. A obra tinha como critério para a sua construção, a proximidade da estação de trem. Padre Manso contou com a ajuda do Pe. Miguel Mochon de Realengo, que sugeriu a instalação de um centro de catequização, para posteriormente pedir a ajuda das pessoas.

O processo de construção da Igreja passou por várias dificuldades financeiras e teve de enfrentar a desconfiança da população que ouvia há tempos a promessa da construção da paróquia. Por fim, a matriz foi construída numa grande área doada por Dona Alcina, esposa de um grande fazendeiro da região, que tinha como sede de sua fazenda o local em que existe atualmente um prédio residencial, ao lado da Igreja. Dona Alcina doou o terreno para a construção da Igreja, que foi a primeira paróquia do bairro de Madureira. A matriz provisória foi concluída em 1920, na gestão do Padre Manso.

A construção da igreja foi iniciada em outubro de 1921 e contou com o apoio governamental. Em 1927, as obras tiveram de ser paralisadas por falta de recursos, mas foram retomadas um mês após sua paralisação, graças ao apoio do Prefeito do Distrito Federal, que doou madeiras usadas em exposição, além de outros materiais.

Em julho de 1933, o ritmo da obra foi desacelerando devido à morte do Padre Manso. Devido ao empreendedorismo do padre (o primeiro da paróquia), seus restos mortais foram depositados aos pés do altar lateral direito da Igreja, com uma lápide que traz o seguinte dizer: *“aqui espera a ressurreição dos mortos o Cgo. Dr. Carlos de Oliveira Manso”*. A participação do Pe. Manso na paróquia teve grande importância para o bairro de Madureira, com reconhecimento governamental. Por meio do Decreto 6.185, de 11 de outubro de 1934, a Rua Antônia Alexandria passou a ser chamada Rua Padre Manso, em homenagem ao primeiro vigário de Madureira.

Após a morte do Pe. Manso, a Igreja ficou aos cuidados do Monsenhor Aquiles de Melo de 1933 a 1939, mas não foram encontrados registros de obras nesse intervalo de tempo. Posteriormente, Monsenhor Antônio da Silva Bastos, quem mais tempo permaneceu na Paróquia (39 anos), deu prosseguimento às obras em julho de 1941, com a presença do então prefeito do Distrito Federal.

Em 1944, a Igreja estava com parte da obra concluída. O templo estava todo iluminado, a população compareceu e o templo foi bento em maio do mesmo ano. No dia seguinte (04/05/1944), o cardeal Dom Jaime Câmara celebrou a missa solene, com a presença de várias autoridades e da comunidade. Anos mais tarde, 1962, o objetivo era construir as torres da Igreja. Em 1964, a obra foi concluída na gestão de Monsenhor Bastos e tem até hoje a mesma base arquitetônica (Figura 3). A antiga igreja ainda era utilizada para outras atividades paroquiais, mas o Conselho Paroquial, presidido pelo Padre Silas Pereira Viana, decidiu por sua demolição em 5 de dezembro de 1984, devido às condições precárias de sua estrutura.

Figura 3 - Fachada da Paróquia



Fonte: Arquivo cedido por paroquianos.

Pela paróquia passaram 11 padres até a chegada do padre atual, sem mencionar os padres que passaram de forma eventual (Quadro 2).

Quadro 2 - Padres que passaram pela paróquia.

<b>Período</b>	<b>Padres</b>	<b>Informações complementares</b>
<b>1918-1933</b>	Pr. Carlos de Oliveira Manso	Permaneceu na paróquia até seu falecimento
<b>1933-1939</b>	Monsenhor Aquiles de Melo	-
<b>1939-1971</b>	Monsenhor Antônio da Silva Bastos	Permaneceu na paróquia até se aposentar, mas continuou prestando serviços à comunidade e à capela de São Sebastião até 17/12/1978, quando faleceu
<b>1971-1973</b>	Monsenhor Feliciano Castelo Branco	Assumiu como pároco e vigário episcopal. Neste período, a sede do vicariato era na paróquia de São Luiz Gonzaga
<b>1973-1973</b>	Padre Feliciano Lapenda Neto	
<b>1981-1983</b>	Padre Jorge Solano Garcia de Moraes	
<b>02/1983-05/1983</b>	Frei Gabriel de Melille	O.F.M, Cap (Ordem dos Frades Menores Capuchinos).
<b>1983-1987</b>	Padre Silas Pereira Viana	
<b>1987-1991</b>	Padre Francisco Soares de Souza	
<b>1991-01/1994</b>	Padre Geraldo Magela de Souza Lima	Afastou-se por enfermidade. Foi substituído pelo diácono Antônio Lucena de Noronha até a posse de um novo pároco.
<b>1994-2001</b>	Padre Ludendorff Cohen Couto (conhecido como Padre Licinho)	Saiu da paróquia quando recebeu uma provisão, que o transferiu para uma paróquia localizada no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro.
<b>A partir de 2001</b>	Padre Joaquim (nome fictício)	Padre atual

Fonte: Elaborado a partir do Livro em comemoração ao 80º ano da paróquia.

### 3.2 Estrutura e funcionamento paroquial

A devoção aos santos faz parte da tradição da Igreja Católica. Os santos mais populares são Nossa Senhora Aparecida (padroeira nacional), São Jorge e São Sebastião, que possuem inúmeros fiéis na cidade do Rio de Janeiro. Além destes, é preciso destacar que há outros santos de devoção e outras devoções com grande representatividade em outras regiões do país, como, por exemplo, o Círio de Nazaré, que mobiliza milhões de pessoas em Belém, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio

cultural de natureza imaterial; e o Padre Cícero no Juazeiro do Norte, que mobiliza um grande contingente de fiéis.

Na paróquia em que se realizou o trabalho de campo, e que protagoniza esta análise, se tem como padroeiro São Luiz Gonzaga – padroeiro dos estudantes. No entanto, a partir do trabalho de campo notei que parecia haver uma tendência ao declínio da devoção de santos católicos entre os entrevistados. Cabe ainda indicar que pouco era dito do próprio padroeiro da paróquia. Parece haver um descompasso entre a história católica de culto aos santos e a prática devocional de católicos dentro das diversas paróquias brasileiras.

Na paróquia estudada, são raros os paroquianos que se posicionaram como devotos de algum santo. Em alguns casos esparsos, o que se teve foi um discurso demonstrando simpatia por determinados santos - no caso, Nossa Senhora e São Jorge. Contudo, o motivador e impulsionador da fé dos paroquianos é o santíssimo, o Deus vivo. Desta forma, não há uma relação na escolha da paróquia com o santo padroeiro. A escolha da igreja de frequência se relaciona à proximidade da moradia e/ou das atividades como festas, retiros e louvor realizadas por ela.

A paróquia estudada possui uma estrutura bastante complexa. Até meados de 2009, havia nove pastorais e 26 grupos: Pastoral da Liturgia, Pastoral Social, Pastoral do Dízimo, Pastoral da Saúde, Pastoral da Catequese, Pastoral de Crisma, Pastoral da Juventude, Pastoral de Batismo e Pastoral Familiar. A Pastoral Familiar agregava sete pequenos grupos: o Grupo Amizade, Grupo Esperança, Grupo Família de Nazaré, Nossa Senhora da Luz, São Francisco de Assis, Lírios do campo, Encontro com Jesus e mais dois encontros que desenvolvem atividades anuais - o Encontro de Casais em Cristo e o Curso de Noivos.

Além das pastorais, a paróquia tem outros 20 grupos: Pró-saúde, Pró-Família, Pequeno Rebanho, Catequese de Jovens e Adultos, Perseverança, Coroinha, Grupo de Oração, Interseção, Oficina de Cura, Apostolado da Oração, Grupo de Evangelização, Ministério de Música, Mecos - Ministro Extraordinário da Comunhão Eucarística, Congregação Mariana, Legião de Maria, Oficina de Emoções, Escola de Fé, Obra de Vocação Sacerdotal, Casamento Comunitário e Círculo Bíblico.

Na paróquia, as missas são temáticas: no sábado há apenas uma missa, celebrada à noite, a missa do Grupo Perseverança; no domingo, a missa das 7:00h é a missa dos idosos; a missa das 08h30min. é a missa da Pastoral Familiar e de Crisma. A missa das 10:00h é do Grupo de Catequese, e a das 17:00h a missa do Grupo Jovem. No entanto, anteriormente, a missa dos jovens era celebrada às 18:00h, tendo tido seu horário alterado por uma decisão do padre.

As missas foram divididas de acordo com o dia e horário de atividade de cada pastoral e seus grupos. Na tarde de sábado, o grupo perseverança se reúne para suas atividades, com ensaio de peças teatrais religiosas. No domingo, a manhã fica reservada para as aulas de catequese e de crisma. No fim da tarde, há as reuniões do grupo jovem.

De um modo geral, a maioria das pastorais promove encontros semanais e um encontro uma vez ao ano. A pastoral familiar é a mais numerosa, com nove pequenos grupos. Esses grupos promovem atividades internas numa dinâmica que mescla autonomia e dependência à sua pastoral, como, por exemplo, a Aliança de Casais em Cristo (reavivamento da vida matrimonial) e o Curso de noivos (preparação para o casamento), um dos mais ativos na Pastoral Familiar.

Os demais grupos trabalham atualmente com maior autonomia, como, por exemplo, o grupo de Oração da Renovação Carismática (criado em 1976 na gestão do Padre Lapenda) e de evangelização. Mas, nem sempre foi assim. O Pe. Lapenda só permitiu que o grupo fosse criado se funcionasse na Sacristia da Igreja e em caráter particular. Com a sua transferência para o salão da antiga igreja e eliminadas as restrições, o movimento cresceu e derivou um novo grupo denominado de Escola da Fé. Os integrantes desses grupos se autodeclararam pertencentes também à Pastoral Familiar, que abrange a maioria dos grupos.

Pe. Soares (1987-1991) foi um grande incentivador do movimento de pastoral. Muitos destes movimentos são antigos, como, por exemplo, a Pastoral do Dízimo, criada na gestão do Padre Solano (1981-1983). O Círculo Bíblico criado por Monsenhor Castelo Branco (1971-1973), o Meces criado pelo Padre Lapenda (1973-1981) e Ação Social criada na gestão de Monsenhor Bastos em 1962, sob a demanda de uma paroquiana.

No início do campo, o grupo de coroinhas era o mais recente. O grupo foi criado na gestão do Padre Licinho (1994), que foi convencido por um grupo de paroquianas a formar também um grupo de meninas para o serviço do presbitério, em 1997 (segundo relatado pelo Celso na entrevista). O que estes grupos têm em comum é que todos desenvolvem suas atividades de acordo com as instruções passadas pelo Padre Joaquim.

Os pequenos grupos promovem atividades semanais. A coordenação tem o compromisso de organizar a pauta de encontro, geralmente feito na paróquia a pedido do padre. Mas, eventualmente, as reuniões são feitas na casa do coordenador ou de outro membro da coordenação. Já as pastorais desenvolvem atividades mais complexas e demandam maior número de paroquianos na realização de seus eventos.

A princípio, os grupos e pastorais são iguais hierarquicamente. Os paroquianos afirmam que não importa a que o leigo se dedique, seja ao dízimo, ao encontro de casais, no serviço litúrgico, o importante é que a pessoa está dando um pouco de seu tempo para Deus. O próprio padre afirmou isto para mim, em uma conversa após a missa: “Todos os grupos são iguais e não há uma hierarquia entre eles”. Porém, é visível uma distinção entre os grupos e as pastorais.

Para se entender esta distinção é importante levar em conta a função que o grupo ou pastoral desenvolve em relação à ideia de autoridade consagrada no catolicismo em geral e em função da relação que o coordenador do grupo/pastoral mantém com o padre atual em particular. Além disso, identifiquei que, estruturalmente, as pastorais possuem maior prestígio na Igreja Católica, já que há um bispo para cada pastoral. Para maior entendimento da interação entre os paroquianos e a atividade desenvolvida pela igreja no bairro, será apresentado um breve detalhamento das pastorais e grupos da paróquia ativos em 2012<sup>16</sup>.

A Pastoral da Família é como um tipo de pastoral mãe, que une as demais pastorais, sendo o núcleo das demais pastorais. Sua função é atender a qualquer aspecto da família e da igreja, de forma a integrar a família com a igreja e seus mandamentos. Seu campo de ação é basicamente o pré-matrimonial, preparando o casal para receber o sacramento do matrimônio. Esta pastoral está ligada à catequese de crianças, jovens e adultos e desenvolve alguns encontros, como, por exemplo, o de casais, que inclui casais de namorados, e o curso de noivos, os mais frequentes na paróquia.

A pastoral acompanha a família já constituída, os casamentos já concretizados, contribuindo para que o casal viva conforme os mandamentos de Cristo. Contudo, ela cuida também de casos mais complicados, como o de famílias vistas pela igreja como incompletas, ou em situação irregular, com pais divorciados, mães ou pais solteiros, uniões livres, batizados em segunda união civil, para citar apenas alguns casos.

Entre os serviços desenvolvidos pela pastoral, os principais são: a evangelização de casais, a visita a famílias, o aconselhamento, além de abordar temas relativos à defesa da vida, como, por exemplo, o planejamento familiar, o uso de métodos naturais de controle, o aborto, a eutanásia e a sexualidade. A CNBB indica que a pastoral familiar deve promover e defender a vida nas suas diversas etapas e dimensões, além dos valores da pessoa, do

---

<sup>16</sup> A apresentação foi elaborada com base nos dados obtidos em campo, em relatos dos fiéis e observação.

matrimônio e da família. No entanto, na paróquia a principal atividade desenvolvida é o curso de noivos, como indicado anteriormente, além de acompanhar todo o aspecto que envolva a família, ou seja, a participação dos pais desde o batismo até a catequese e crisma. A pastoral conta com um par de coordenadores, que devem ser obrigatoriamente casados.

Para entender a importância da Pastoral de Batismo, é preciso esclarecer que este marca a conversão a Igreja Católica, sendo o primeiro sacramento, e que os demais sacramentos. É através do batismo que se inicia a vida cristã, “ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nasce da água e do Espírito Santo” (Jo 3, 5). Uma vez batizado, o indivíduo se torna livre dos pecados, se regenera espiritualmente, renasce no Espírito Santo e se torna efetivamente filho de Deus. “O cristão se torna, pelo Batismo, uma nova criatura (...) como que ressuscitado dos mortos” (Bíblia Sagrada. *Cor.5,17; Ef.2,5*). Somente após o batismo é que se é incorporado à comunidade eclesial, com direitos e deveres comuns a todo cristão.

A Pastoral da Catequese tem por função preparar o católico para receber o santíssimo sacramento, o corpo e o sangue de Cristo. Por isso, ela compreende diversas faixas etárias, sendo criada mais recentemente a catequese de jovens e adultos. Ao todo, há três catequistas na paróquia, com idades entre 24 e 60 anos. A pastoral é bem ativa, sempre participando dos eventos e festas que a igreja promove, com a apresentação das crianças da catequese, sempre supervisionada pela catequista.

Por sua vez, a Pastoral de Crisma é responsável pelo sacramento conhecido como sacramento da confirmação do batismo. Considerando que o batismo e a primeira eucaristia são sacramentos adquiridos comumente quando criança e adolescente, a crisma vem a ser o sacramento que possibilita ao católico a adesão com maior consciência de seus compromissos como católico. É grande o número de crismandos na paróquia. Muitos deles vêm de outros bairros, alguns permanecem na igreja após a crisma, mas a maioria não. Ou seja, há uma evasão destes jovens depois de crismados. Com um número tão grande de crismandos, geralmente mais de 30 jovens, a pastoral conta com um grupo de coordenadores com oito pessoas, entre 20 e 28 anos, homens e mulheres.

Já a Pastoral da Juventude busca manter a juventude dentro da igreja. Missão cada vez mais difícil, com as mudanças da sociedade e suas inúmeras ofertas profanas. Desta forma, ela contribui para a vivência das relações interpessoais no grupo, para o crescimento humano e cristão do jovem dentro de um processo de formação específica. O objetivo é que o jovem seja um membro ativo, atuante na igreja - na comunidade educativa, em ações sociais,

religiosas, políticas de cidadania etc. O grupo deve fomentar a maior experiência do jovem com os valores da espiritualidade cristã.

Na paróquia, o grupo jovem desde o início do campo passava por dificuldades em manter o jovem na paróquia e, conseqüentemente, dar continuidade a suas atividades. Por vezes, o grupo agiu em conjunto com a Pastoral de Crisma, na aplicação de retiros para os crismandos. No entanto, ao longo do campo, houve problemas entre as duas pastorais. O grupo jovem da paróquia continua a ser um problema para o padre. Ao longo deste capítulo, isto será esclarecido. Mas, como já indicado anteriormente, o grupo foi extinto.

A igreja, no que se refere ao dízimo, reconhece que é um dever contribuir regularmente com a igreja à qual o fiel pertence, para que ela possa se manter e dar continuidade a suas atividades. Para tal, a Pastoral do Dízimo é fundamental para conscientizar os paroquianos de sua responsabilidade com a comunidade da qual faz parte. Desta forma, os integrantes da pastoral precisam conscientizar os fiéis da dimensão bíblica, teológica e espiritual do dízimo, ato de fé e caridade. É preciso fazer o cadastro dos dizimistas, elaborar relatórios do dízimo, com prestação de contas das arrecadações, regularmente.

Em suma, a Pastoral do Dízimo realiza uma atividade religiosa e burocrática. Na paróquia, a pastoral é composta por dez pessoas e um coordenador. Os paroquianos levam o talão e recebem um cupom de pagamento. Ficam sempre duas pessoas para evitar possíveis desconfiças que possam surgir no levantamento do valor arrecadado. Os dízimos são recebidos e ao fim do dia é contabilizado o montante total e passado para o livro do caixa da igreja, que se mantém com essas doações.

Já a Pastoral da Liturgia auxilia o padre na preparação e na realização da missa. A pastoral organiza sua atividade atenta aos momentos chave do Ano Litúrgico, como, por exemplo, os dias santos, a festa do padroeiro, a celebração dos sacramentos, com atenção especial ao dia do nascimento e da ressurreição de Cristo e da palavra. Em resumo, trata-se de uma pastoral auxiliadora na organização da paróquia, do cronograma de suas atividades e de seu plano de trabalho. Na paróquia, há apenas uma pessoa responsável pela pastoral, que teve sua função passada de mãe para filha.

A Pastoral social tem sua atividade voltada para a população carente da paróquia. Grande parte desta população é proveniente das favelas localizadas no entorno da Paróquia. Sua principal atividade é adquirir donativos, especialmente alimentos não perecíveis, transformados numa cesta básica. Mensalmente, no primeiro domingo do mês, os paroquianos

fazem suas contribuições em alimentos. Além destes paroquianos, a coordenação formada por um pequeno grupo de três pessoas da igreja busca donativos em instituições privadas locais e políticas. Mas o grupo busca não só a caridade em alimentos, mas também em roupas e brinquedos, de acordo com a época do ano - inverno, dia das crianças e natal, especialmente.

Já a Pastoral da Saúde trabalha especialmente com enfermos. As atividades dos integrantes do grupo, entre outras, é visitar os enfermos em hospitais, além de visita domiciliar, caso haja algum paroquiano doente, ou algum acamado da vizinhança que seja indicado para visita por algum membro da paróquia.

No que se refere aos grupos e movimentos, o grupo Meces (Ministro Extraordinário da Comunhão Eucarística) é composto pelos ministros que auxiliam o padre na realização do ritual da missa. Os ministros são compostos por homens e mulheres, crismados, que estão iniciados na igreja há algum tempo e mostraram algum dom especial no trato do altar e da palavra. Estas características têm de ser reconhecidas pelo padre. É ele que convida os escolhidos para fazer parte dos Meces e capacitados por Deus a lidar com o Sacrário - lugar onde é guardado o corpo e o sangue de Cristo.

Os ministros desempenham uma importante função na paróquia, pois na ausência do padre, eles podem fazer encomendação e dar a comunhão com as hóstias que tenham sido consagradas pelo padre. Os leigos, embora tenham um dom concedido por Deus, precisam de uma preparação especial, precisam fazer vários cursos que são ministrados em distintas paróquias do vicariato suburbano.

Os grupos amizade, grupo Esperança, grupo Família de Nazaré, Nossa Senhora da Luz, São Francisco de Assis, Encontro com Jesus, e Lírios do campo, são círculos da Aliança de Casais em Cristo (ACC). A ACC realiza atividades com casais que desejam fortalecer sua relação baseada nos mandamentos de Cristo. A índole do grupo é prestar serviços que contribuam para evangelizar a família, transformá-la numa “igreja doméstica”.

Após a reunião da ACC, os casais (geralmente 20 casais), são divididos em grupo e nomeados, conforme os grupos indicados anteriormente (Amizade, Esperança etc.). Com o término da ACC, estes grupos são acompanhados e a Pastoral Familiar desenvolve uma espécie de círculo com eles, a fim de dar continuidade aa atividades. Além da ACC, que é direcionada a todos os casais (casados, ou não), há ainda o curso de noivos, que tem como atividade preparar o casal para o matrimônio, conforme os mandamentos de Deus.

Outro grupo que também fica sob a responsabilidade da Pastoral Familiar é o grupo de casamento comunitário. A essência deste grupo é mais prática que espiritual. O grupo auxilia

na organização do casamento comunitário. A ideia é que seja realizado um casamento comunitário por ano; no entanto, durante os três anos de campo eu não acompanhei e nem tive informação de nenhum casamento comunitário na paróquia. Houve apenas casamentos individuais, que são mais rotineiros na dinâmica paroquial.

Os grupos são criados de acordo com a demanda dos paroquianos e sua disponibilidade de assumir a coordenação do grupo. Por exemplo: pela necessidade de aprofundar os conhecimentos da bíblia, foi criado o grupo de estudos bíblicos. Neste grupo, os paroquianos se reúnem para a leitura e para a discussão dos textos da bíblia. Já o círculo bíblico tem por finalidade não o estudo em si da bíblia, mas seu entendimento na prática a partir de temas atuais da vida cotidiana colocados sob a forma de agir na visão de Jesus, no que se refere à vida do homem em comunidade, na família e com o próprio Deus.

A partir da legitimação da Renovação Carismática pela Igreja Católica, diversos grupos que já existiam por todo o país se fortaleceram, enquanto novos grupos foram criados. Na paróquia, há dois grupos de oração: um desenvolve atividades semanais na manhã de quarta-feira, o outro grupo tem suas atividades na sexta-feira à tarde. Com isso, entende-se que há uma grande representatividade e mobilização do grupo entre os paroquianos, se comparado a outros grupos, como, por exemplo, o extinto grupo dos jovens. As reuniões dos grupos de oração não costumam mobilizar mais de dez pessoas, mas os participantes são comprometidos, não faltam. Além disso, é preciso indicar que o horário também não contribui para que aumente o número de frequentadores, já que muitos paroquianos trabalham e/ou estudam.

Além dos grupos de oração, há também o grupo Escola de Evangelização Santo André. O grupo tem como principal atividade a realização de retiros, que duram de um a três dias, nos quais são estudadas a vida e a obra do Santo André. Já a Oficina de Cura trabalha os aspectos emocionais e espirituais também através da oração.

Na Pastoral da Catequese, há diversos níveis da formação cristã, que compreendem a iniciação no grupo Pequeno Rebanho, também conhecido como catequese de crianças, a catequese de jovens e adultos e a catequese de pais. A criação desta última é mais recente, se comparada aos demais níveis de formação da catequese. Ela foi criada quando se constatou que as crianças eram catequizadas, mas seus pais não tinham o entendimento da religião, o que dificultava a catequização das crianças. A maior parte das crianças, depois de catequizadas, não dava continuidade à caminhada cristã. Daí a necessidade de se criar uma

catequese de pais, para que eles tenham consciência da importância de incentivar a caminhada cristã dos filhos.

Depois de receber a primeira eucaristia, as crianças e/ou adolescentes vão para o Grupo Perseverança. Na paróquia, este grupo desenvolve atividades artísticas, como dança com músicas católicas e teatro com encenações bíblicas. Este grupo tem visibilidade na paróquia em momentos específicos, como festivais, festas e épocas importantes para o calendário católico, como quaresma e natal, por exemplo.

Os jovens saem do Grupo Perseverança quando estão perto de completar 15 anos e podem ser incorporados a uma nova etapa da formação católica, a Pastoral da Crisma. A crisma é um sacramento posterior à primeira eucaristia. Sua importância é que a essência do sacramento no catolicismo é a confirmação da fé recebida no Batismo. Acrescido a isso, há a possibilidade do crismado poder se candidatar à função de ministro eucarístico, aquele que lida diretamente com o sacrário, com o corpo e o sangue sagrado.

Além da perseverança, outra possibilidade para a criança e o adolescente (menor de 15 anos) é se tornar coroinha. Esta atividade confere prestígio<sup>17</sup>, uma vez que eles estão no altar, em proximidade com o corpo sagrado e com o padre, figura que representa Cristo na terra. Além disso, a vestimenta é um atrativo a mais, com roupa pomposa em branco e vermelho (ver fotos no Anexo).

O Grupo Pró-Família pertence à pastoral da família. Sua função é elaborar atividades e palestras para esclarecer o cristão frente a questões polêmicas e atuais, como o aborto e a eutanásia, sempre valorizando e enfatizando a importância da família nos moldes cristão e da vida. Na paróquia, pode-se destacar um minicurso que ensina um método natural para que casais não engravidem, sem que tenham de usar métodos contraceptivos proibidos pela Igreja Católica.

O Ministério de Música tem por função contribuir para que os fiéis sintam a presença do Espírito Santo através da música. Sua atividade está diretamente ligada à liturgia, uma vez que ela ajuda a celebrar o mistério da salvação. Na paróquia, as missas extraordinárias, como, por exemplo, a missa do padroeiro, celebrações de crisma e de primeira eucaristia/catequese,

---

<sup>17</sup> Sugiro uma classificação de prestígio, como prestígio ocupacional. Conforme Weber, entende-se prestígio como honraria social ou deferência ligada a um status social, distribuída desigualmente como uma dimensão da estratificação social. No entanto, é preciso considerar que na paróquia não havia uma deferência aos paroquianos que desenvolvem atividade ligada diretamente ao sagrado, mas havia um valor simbólico reconhecido nestas atividades.

contam com o suporte de um coral (ver foto em anexo). Já as missas comuns contam com o suporte de uma banda não menos importante, e a missa das 17:00h de domingo por vezes conta com uso de bateria e baixo.

Grupo distinto dos demais, apresentados anteriormente, é a Legião de Maria. Este é um movimento de mulheres católicas, mas que também conta com a participação de homens. O movimento tem sua índole baseada na vida de Maria. Entre suas atividades, as mais rotineiras são visitas domiciliares para apoio espiritual às famílias, visita hospitalar e especialmente reuniões para rezar o terço e para a devoção ao santíssimo.

Já o Grupo Interseção é um grupo de oração que faz correntes em prol da Igreja, do sucesso espiritual de retiros, quando realizados, orações por famílias envolvidas em desastres naturais, vítimas de violência etc. Por sua vez, a Obra de Vocação Sacerdotal foi determinada na Arquidiocese do Rio de Janeiro para auxiliar na reforma do sacerdote. Já o grupo pró-saúde é um grupo que pertencente à Pastoral da Saúde. Ele tem por função a valorização da vida, trabalha com doações de remédios e, quando possível, com o voluntarismo médico.

A Congregação Mariana é um movimento que valoriza a vida cristã segundo exemplo de Cristo e o trabalho apostólico com visita a presídios e hospitais, com o ensino de catecismo, sempre valorizando a devoção à virgem Maria. O congregado mariano tem como símbolo uma fita azul, cor do manto de Maria, com uma medalha que traz a imagem de Jesus Cristo e da virgem Maria.

O Apostolado do Sagrado Coração de Jesus deve promover a fé católica de um modo geral e a prática religiosa especialmente no âmbito familiar. O apostolado tem por função ser testemunho da obra de Cristo através de valores como a misericórdia e a caridade, enfatizando a prática da fé cotidianamente.

Após pouco mais de três anos de pesquisa, retornei a campo para atualizar minhas informações sobre a quantidade e o tipo de pastorais, grupos e movimentos da paróquia. Seguindo a indicação do padre, procurei o secretário da paróquia. Conforme informado pelo secretário e confirmado pela senhora Priscila, pouca coisa mudou em termos de criação e extinção de grupo. O único grupo extinto foi o Oficina das Emoções<sup>18</sup>.

O caso mais complexo de transformação na composição dos grupos da paróquia foi com o Grupo de Jovens. Os integrantes do grupo que se identificavam no início do campo

---

<sup>18</sup> Acredita-se que o grupo tenha sido extinto devido à baixa adesão dos paroquianos.

como pertencentes à Pastoral da Juventude eram apresentados pelo padre e pelos demais paroquianos como um grupo de jovens, não como uma pastoral. Posteriormente, houve a extinção oficial do Grupo de Jovens. Atualmente, os integrantes do antigo Grupo de Jovens fazem parte de um movimento denominado Quartas com Cristo. Trata-se de uma reunião com atividades de louvor e adoração a Cristo. Outro grupo que foi criado em 2012 é o Pós-Crisma, coordenado pela da Pastoral da Crisma. Além deste grupo, está para ser criado o Instituto de Treinamento Teológico (ITE), com previsão de criação para março de 2012.

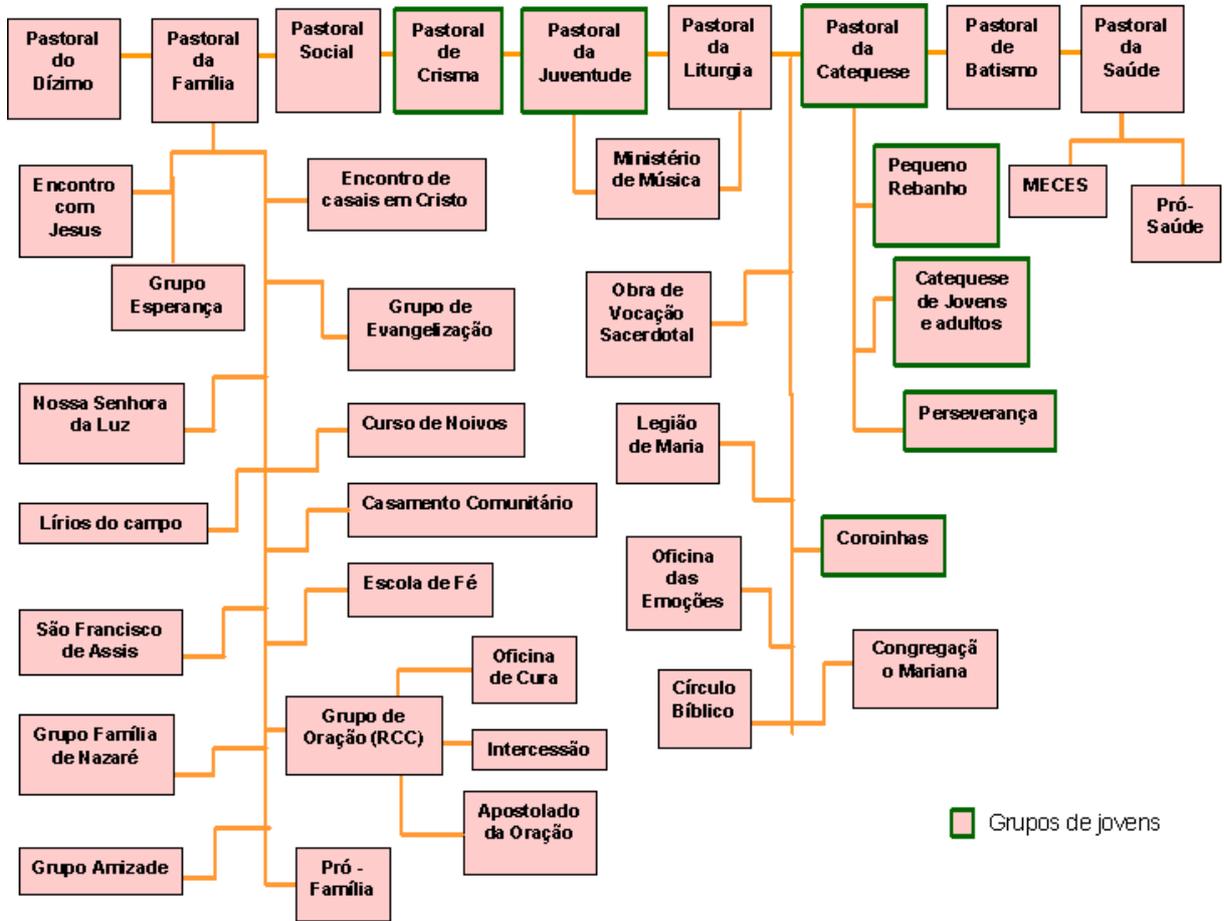
Com a extinção do grupo jovem e a criação do pós-crisma, aqueles que até então eram os coordenadores do grupo jovem, agora não têm mais a responsabilidade oficial de trazer e manter os jovens dentro da paróquia, função que estava há tempos sendo questionada. Os coordenadores do grupo jovem diziam que a lógica reconhecida era que os crismados deviam se integrar ao grupo jovem. No entanto, o habitual observado era eles se reintegrarem ao grupo a que pertenciam anteriormente, no caso, o Grupo Perseverança.

Num período que antecedeu minha presença em campo, o Grupo de Crisma se reunia às tarde de domingo, segundo informado por Maria, coordenadora de Crisma. Conseqüentemente, o grupo participava da missa de domingo à noite – a missa dos jovens. No entanto, atualmente a Pastoral de Crisma realiza suas atividades no domingo de manhã, juntamente com a missa da Pastoral Familiar. Esta mudança no horário da atividade da Pastoral de Crisma proporcionou um distanciamento entre os crismandos e o grupo de jovens. Quando os crismandos se formam, eles retornam ao seu grupo de origem, quando a lógica reconhecida pela Igreja é que eles deveriam frequentar o grupo de jovens, como numa espécie de “evolução” espiritual, que passa por escalas de formação.

Contudo, os crismandos não viam no grupo jovem uma possibilidade de integração à paróquia, em outra posição, num outro momento da vida religiosa. Isto pode ser explicado pelo próprio distanciamento entre os grupos, que impossibilita o reconhecimento e a possível empatia dos crismandos com o grupo. É preciso indicar que o conhecimento que os crismandos têm do grupo jovem é comumente através de apresentações formais em reuniões de grupos, ou seja, é um grupo distante da realidade de suas atividades.

A Figura 4 mostra o organograma com os grupos e pastorais da paróquia em 2009 e em 2012. Já a segunda (Figura 5) apresenta a atualização dos grupos em 2012. Observando as figuras, pode-se ver que pouco mudou na composição dos grupos e pastorais de 2009 para 2012, conforme indicado pelos paroquianos.

Figura 4 - Organograma das pastorais e grupos da paróquia em 2009.



Fonte: Informações obtidas com os paroquianos (2009).



seja porque sua atividade lida diretamente com o sagrado como o corpo de Cristo ou porque tem contato direto com o bispo, representante de Deus, e autoridade de importância na hierarquia católica.

Esta ambiguidade entre fala e prática, evidenciada na valorização do clero e dos leigos que atuam diretamente com o sagrado, parece estar no interior da Igreja Católica no Brasil, que depende enormemente da atuação dos leigos. Para atrair colaboradores, a igreja apresenta uma imagem com traços democráticos sobre a sua organização institucional, especialmente entre grupos e pastorais. Porém, esta mesma instituição não pode abrir mão de uma noção de autoridade transcendente ligada a uma delegação primeira: a chave que Jesus Cristo entregou a Pedro, o primeiro líder da Igreja. Na paróquia, a manutenção desta ambiguidade entre igualdade e hierarquia foi acentuada nos últimos anos, com a dissolução do Conselho Paroquial - indício de reforço hierárquico na paróquia. Ao padre cabem as decisões, e aos leigos, a obediência.

O primeiro Conselho Paroquial foi criado em 1972, na gestão de Monsenhor Castelo Branco, composto por oito a dez membros, representando equipes integradas no trabalho litúrgico, catequético e evangelizador. Com o passar do tempo, os integrantes foram angariando novas funções que até então eram reservadas ao pároco, como a Semana do Padroeiro, celebrações comunitárias, domésticas, entre outras.

Em 1973, o novo pároco, padre Feliciano Lapenda Neto, extinguiu o conselho com a promessa de restauração futura, mas que não aconteceu, segundo consta no livro da paróquia. Em 1981/83, o Conselho foi reinstaurado pelo Padre Solano e mantido por Frei Gabriel e Padre Silas (1981/1987). Em março de 1988, foi baixado um Decreto Normativo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese do Rio de Janeiro, que estabelecia a obrigatoriedade do Conselho Pastoral Paroquial em todas as paróquias da diocese, concedendo o prazo máximo de 12 meses para sua instalação. Desta forma, os demais padres, Francisco Soares (1988) e Padre Licinho (1994-2001), mantiveram o Conselho. Contudo, não foram encontradas informações sobre a manutenção ou não extinção do conselho na gestão do Padre Geraldo Magela.

A Igreja Católica é regida por um código jurídico específico, o Código de Direito Canônico. Nele, estão consignadas todas as suas normas, a nível universal (normas relativas ao Papa e à Santa Sé, órgão administrativo máximo) até o nível paroquial, ou seja, a célula da Igreja. O Código é composto por cânones. Conforme consta no Direito Canônico, os

conselhos paroquiais não são facultativos, mas sim normativos, obrigatórios, conforme vontade do bispo.

“**Cân. 536** – § 1. A juízo do Bispo diocesano, (...) se for oportuno, seja constituído em cada paróquia o conselho pastoral, presidido pelo pároco, no qual os fiéis ajudem a promover a ação pastoral, juntamente com os que participam do cuidado pastoral em virtude do próprio ofício.

§ 2. O conselho pastoral tem somente voto consultivo e rege-se pelas normas estabelecidas pelo Bispo diocesano.

**Cân. 537** – Em cada paróquia, haja o conselho econômico (...); nele os fiéis (...) ajudem o pároco na administração dos bens da paróquia (...). (Código Direito Canônico, 1983)

Para os favoráveis à manutenção do Conselho, acredita-se que ele é um meio de dividir a responsabilidade do padre. Os leigos, que também são responsáveis pela atuação pastoral da Igreja e por vezes são exímios na questão administrativo/econômica, seja pelo trabalho, seja pela administração familiar, são propensos a contribuir nesta questão. Por isso, mais do que uma exigência canônica, consideram os Conselhos um instrumento de auxílio aos padres. No entanto, não deixa de ser uma obrigação, seja do Código de Direito Canônico (norma universal da Igreja), seja do 10º Plano Pastoral da Arquidiocese do Rio de Janeiro (norma específica que também institui os conselhos paroquiais). Não existe uma regra específica para a constituição dos conselhos paroquiais, mas via de regra o Conselho Pastoral é formado pelos coordenadores dos diversos grupos com atuação pastoral na área da paróquia.

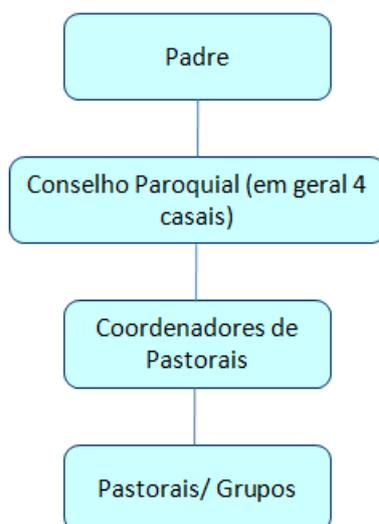
Para a Igreja, apesar da autonomia do padre, não significa que haja autoritarismo, ainda que teoricamente. Isto se explica, pois havendo abuso no exercício da autoridade, os leigos devem dirigir-se ao Bispo Diocesano e expor a situação, de forma clara e documentada, considerando que toda reunião do Conselho (aconselhada ser trimestral) é documentada em atas. Mas, a história indica que a Igreja sempre manteve a postura de conter as divergências, ao invés de corrigi-las.

Na paróquia, o discurso dos paroquianos leva a acreditar que o conselho democratiza as decisões sobre a paróquia, mas ele é um instrumento para maximizar o diálogo entre clero e leigos. Contudo, o padre sempre goza de autonomia, seja pastoral, seja administrativa, por se tratar a Igreja de uma estrutura hierárquica. A escolha dos membros do conselho fica a critério do padre. Ainda assim, o padre Joaquim decidiu extinguir o conselho paroquial, que fomentou ainda mais críticas sobre o seu trabalho na igreja.

Segundo relato do senhor Pedro, coordenador da Pastoral Familiar e Ministro Eucarístico, os integrantes do Conselho deveriam ser casados. O grupo decidia o rumo das atividades da paróquia, o que tinha um pequeno efeito de descentralização e democratização

das decisões em relação à autoridade do pároco. Durante a festa do padroeiro, em 2008, Pedro explicou como funcionava o Conselho na paróquia (Figura 6).

Figura 6 - Estrutura do Conselho Paroquial.



Fonte: O autor, 2011.

Aos integrantes do Conselho cabia repassar as decisões da reunião aos demais coordenadores de pastoral. Mas com a entrada do padre Joaquim em 2001, o antigo Conselho foi dissolvido. E as decisões foram centralizadas nas mãos do padre Joaquim, que eventualmente conversava com os coordenadores para saber o que eles achavam mais apropriado, mas nem sempre a eventual conversa ocorre.

Pedro relatou sobre a extinção do Conselho Paroquial: “antes era assim, mas o padre acabou com isso, porque ele não quer dar obediência ao conselho, por isso ele não quis. Mas todas as paróquias têm... antes tinha. O padre é que não quis”. Conforme esclarecido anteriormente, o Conselho é obrigatório em todas as paróquias, considerando que o atual bispo decidiu manter os Conselhos Paroquiais. Em um telefonema, Pedro dizia “É regra. Está no Plano Pastoral, mas ele não obedece, e a gente não fala nada pra não criar problema, tem uma hierarquia, respeito. Acaba que prejudicamos uma coisa importante para o cristão, a verdade”.

A fala de Pedro indica o tradicionalismo dos paroquianos, que na maioria “sofrem calados” por um respeito a uma hierarquia sagrada. Mas não se trata apenas de hierarquia, há uma tendência em preservar a imagem da paróquia. Os paroquianos nada dizem a fim de

apresentar uma paróquia bem estruturada e sem problemas, sejam quais forem e a que custo for.

Por sua vez, se o padre afirmava que não havia distinção de um grupo para o outro, que não havia hierarquia entre eles, em campo identifiquei uma distinção de valor estabelecida na paróquia. De um lado, temos os que estão mais próximos ao sagrado e que possuem uma relação mais reconhecida perante o padre na realização de suas atividades, os coordenadores que estão na liderança dos Meces e da Pastoral da Liturgia em especial. Estes lidam diretamente com o sacrário, lugar onde fica armazenado o corpo sagrado de Cristo, pão e vinho. Do outro, temos os grupos que desenvolvem sua atividade mais distanciada do sagrado e com menos prestígio perante o padre, como a Pastoral do Dízimo, o Grupo Jovem, o Grupo Perseverança, entre outros.

A lógica das relações sociais, no que se refere ao serviço prestado para o sagrado, para Deus, reconhecido e legitimado pela paróquia, causou na paróquia uma dinâmica de conflitos que serão tratados posteriormente. Muitas queixas e demandas surgiram na paróquia. Reivindicações sobre a postura do padre com todos os grupos, sobre seu trabalho e demandas de sua presença. Mas para entender os conflitos que emergiram se faz necessário apresentar o desenvolvimento do campo.

### 3.3 O método e o desenvolvimento do campo

Apoiada nas principais referências das Ciências Sociais sobre pesquisa de campo antropológico, como, por exemplo, Malinowski (1986), Geertz (1989), Peirano (1995) e Flick (2004) entre outros, estive atenta ao conjunto de manifestações individuais, culturais, sociais e históricas, objetivando produzir uma análise integrada da dinâmica paroquial em foco. Como já indicado, esta dissertação é baseada em uma pesquisa etnográfica realizada numa paróquia de Madureira, na qual foram considerados alguns dos conflitos que lá emergiram<sup>19</sup>. A etnografia foi desenvolvida com maior intensidade na realização da pesquisa de campo e de

---

<sup>19</sup> O resultado apresentado nesta dissertação é fruto de uma pesquisa de iniciação científica, contemplada com o apoio da Faperj, e apresentada inicialmente na monografia *Conflito e solidariedade em uma paróquia do subúrbio do Rio de Janeiro*, 2010.

entrevistas, durante três anos (2007 a 2010). Ainda assim, durante este tempo, foi intercalada ora minha presença mais frequente na paróquia, em especial nos dois primeiros anos de pesquisa, ora uma presença mais esparsa. Até o ano de 2011, frequentei a paróquia, ainda que de forma eventual, em festas e algumas missas.

A pesquisa contou com a metodologia da observação participante e com a realização de entrevistas com roteiro semiestruturado. Nos primeiros seis meses da pesquisa, iniciou-se uma inserção na literatura especializada, para posteriormente principiar a pesquisa de campo. Num segundo momento, eu entraria em campo. Através da observação participante, pude acompanhar as diversas atividades desenvolvidas na paróquia: os rituais de missa, os encontros de grupos, as reuniões de coordenação dos grupos, a festa do padroeiro, o almoço comunitário, o festival de música sacra, o retiro e as procissões.

Após, aproximadamente um ano e meio, em 2008, começava uma nova etapa da pesquisa, que demandava a escolha dos paroquianos a serem convidados para uma entrevista. Inicialmente entrevistei os paroquianos mais antigos com cargos em distintos grupos, para melhor compreender a história da paróquia, sua estrutura organizacional e a dinâmica paroquial, por considerá-los mais aptos para atenderem à demanda de perguntas no primeiro momento das entrevistas, ou seja, o levantamento histórico da Paróquia.

Posteriormente, concentrei-me numa observação mais atenta dos jovens da paróquia e procurei entrevistar alguns deles, especialmente as lideranças. Por último, foi entrevistado o padre, que representa a autoridade máxima na paróquia, a fim de obter respostas acerca dos conflitos que emergiam no campo e que envolviam em especial o padre (em item específico, será elucidada a questão pertinente sobre tais conflitos). Em suma, a fim de dar voz aos atores envolvidos, voltei a entrevistá-los para assim poder compreender sua lógica, suas demandas e seus desejos.

Transcorrido algum tempo de campo, minha presença era frequente na paróquia. Tornei-me especialmente mais próxima dos paroquianos com os quais obtive reconhecimento, credibilidade e estima, o que tornou mais fáceis as entrevistas. Destaco especialmente minha relação construída ao longo do tempo com Pedro, coordenador da pastoral familiar, e Leonardo, coordenador do grupo jovem, que se tornaram meus principais informantes.

Para a entrevista, não havia um roteiro fixo de perguntas, mas sim um roteiro flexível para cada caso entrevistado, o que possibilitava maior dinamismo e objetividade na construção da entrevista. Trata-se da construção de uma “história oral”, a construção da história de vida dos paroquianos e do pároco e, conseqüentemente, de sua memória.

Através do testemunho oral, pretendi elucidar as questões que envolviam a dinâmica e a lógica no campo, ainda que os entrevistados revelassem aquilo que desejavam. É preciso esclarecer que isto não diminui o valor da pesquisa, ao contrário, apenas evidencia a impossibilidade de se ter um controle totalizante da verdade nas respostas dos entrevistados, da sua sinceridade quando defrontados com perguntas, que muitas das vezes podem lhes parecer constrangedora e/ou desconfortante. “Lidamos com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar, a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros” (GOLDENBERG, 2000, p.85).

O processo da entrevista passa por muitos percalços, um deles é o constrangimento por parte do entrevistado, que se sente inibido ao saber que está sendo gravado, ou que sua fala é anotada. A presença do entrevistador anotando cada palavra pode representar para o entrevistado, uma ameaça, um perigo à sua reputação e à manutenção da postura que ele decidiu sustentar frente aos demais atores sociais. Cabe ao pesquisador a tarefa de conquistar a confiança do entrevistado e saber os limites no campo.

É preciso ser flexível em campo e atento para ver através de alguns sinais a relação que se tem no campo entre os atores e seus problemas, a fim de que suas perguntas sejam questionadoras e não um inquérito interrogativo. Cabe ao entrevistador saber ouvir, ter paciência, saber perguntar sem que sua opinião transpareça no modo como as perguntas são feitas e o momento certo de se parar uma entrevista.

Realizar uma pesquisa etnográfica é ainda mais difícil, pois não há uma fórmula que diga aos pesquisadores exatamente como as coisas vão sair, que respostas ele dará a um questionamento do entrevistado etc. Cada situação será única e imprevisível. Mas, dependerá consideravelmente da postura do pesquisador em campo e de certo se ele atentar para os quesitos apontados anteriormente. Se tiver sensibilidade, intuição e empatia, a probabilidade de se fazer uma boa pesquisa será ampla, e este foi objetivo a ser alcançado na paróquia.

Estudos de antropólogos em sociedades primitivas, já no início do século XX, foram cruciais para o incremento de técnicas de pesquisa, que possibilitaram buscar dados sobre a cultura nativa. Certamente, se destaca ainda hoje Malinowski, que inovou com o trabalho de campo participativo em detrimento da teoria utilizada anteriormente pelos antropólogos, que acreditavam ser necessário e possível ter neutralidade com o objeto estudado, para que a pesquisa tivesse credibilidade. O autor refutava a antropologia de gabinete. A metodologia desenvolvida por ele foi de grande importância, pois rompeu com todos os laços tradicionais a que os antropólogos se encontravam atrelados.

Segundo Mariza Peirano (1995), um dos problemas na produção etnográfica é a falta de disciplina científica, que possibilita engendrar “asas” sem restrição à criatividade do pesquisador. Esta situação contribui para que o resultado da pesquisa seja conforme o perfil do pesquisador, da sua biografia e das múltiplas e imprevistas situações que podem ocorrer no desenrolar de um campo etnográfico.

Seguramente, o que sou influencia minha pesquisa, minha postura em campo são minhas ideias de rejeição ou aprovação a certas dinâmicas observadas. Becker (1977) já havia proposto que não há neutralidade num processo de pesquisa. Os gostos individuais interferem inclusive na postura que se mantém em campo, por mais que se busque seguir normas metodológicas. É impossível viver duas personalidades ao mesmo tempo, o pesquisador e a pessoa, embora muitas vezes tentemos encenar na vida social. Ao longo do tempo, assim como muitas das cenas que nativos apresentavam a mim eram desfeitas, minha particularidade também se tornava evidente.

Quando inserido numa dinâmica que privilegia o trabalho de campo, o pesquisador entra na vida dos paroquianos, assim como eles também entram na vida do pesquisador. Por vezes, eu tentei ser ‘invisível’ em campo, a fim de não afetar totalmente a dinâmica paroquial, mas eu estava lá e era evidente. Em determinados momentos, me era cobrado inclusive uma postura religiosa. “De que lado você está?”. Esta era basicamente a pergunta. Católicos não possuem o costume do proselitismo, mas por vezes os paroquianos tentavam me reinserir um sentimento católico, através de convites e/ou palavras bíblicas. Certamente, em alguns casos deve ter transparecido minha postura sobre os casos, por mais que eu tentasse ocultá-la. No trabalho de escrita, isso tende a se tornar ainda mais evidente.

Em suma, acreditando não ser possível abdicar de todos os meus valores e cultura construídos ao longo de minha vida, mesmo que inconscientemente me identifiquei mais com a questão dos jovens, suas demandas e suas ideias. Tínhamos a mesma faixa etária, valores e ideais comuns. Sobre as queixas feitas pelos jovens do ideal de padre e de igreja, com algumas eu estava de acordo, embora nunca tenha me posicionado efetivamente perante eles. Além disso, o contato com os jovens deixava o campo muito mais leve, em meio a missas, reuniões, grupos de orações etc., que por vezes se tornava maçante, já que o sentimento de pertencimento católico não me era comum há muito tempo. Ainda assim, acompanhei as atividades de todos os grupos em atividade na época do campo, entrevistei pessoas de diferente faixa etária, sexo e grupo.

Os resultados apresentados certamente tiveram influência da cultura familiar católica herdada e ensinada, ainda que quando inserida em campo não fosse mais uma católica praticante há muito tempo. Mas isto facilitou minha inserção, pois as coisas que observava não me eram de todo estranhas. Acredito que tal familiaridade com o catolicismo possa ter alterado meu olhar, que não era um olhar de todo estrangeiro. Conhecia a dinâmica católica, os ritos, as rezas, algumas datas, mas não me eram familiares o sentimento, a fé, a razão de ser católico e isso me arguia.

O objetivo da etnografia, conforme Malinowski (1986), é apresentar um esquema com clareza da constituição social separando leis e regularidades dos fenômenos culturais, atribuindo importância tanto aos fatos rotineiros, aparentemente banais, quanto aos que chamam atenção por serem vistos como excepcionais. E este era o objetivo almejado no presente trabalho. Buscou-se um detalhamento da dinâmica paroquial, mais do que mera descrição, para os fenômenos de *imponderabilidade da vida real*<sup>20</sup>, assim como a regularidade nas respostas dos entrevistados, quando forem as mesmas perguntas.

Na certeza de que se buscou seguir os parâmetros metodológicos descritos neste capítulo e com a certeza da impossibilidade de se compreender a trajetória dos indivíduos sem se ter uma clara visão e entendimento do campo em que se desenrolaram as práticas dos agentes em interação, buscou-se através da história oral fazer, segundo expressão de Pierre Vidal-Naquet (1991), “uma história-memória, obra de pesquisa, obra de arte” (JOUTARD 2006:60) amparada, favorecida pelo trabalho de campo participativo.

A amplitude da paróquia impossibilitou a entrevista de muitos dos paroquianos, que certamente seria frutífera para a pesquisa. Ainda assim, por acreditar que “a memória é também constitutiva da identidade pessoal e coletiva” (JOUTARD, 2006:54), foram realizadas dez entrevistas em profundidade, com dez lideranças, além do padre, que permitiram descortinar uma trama social suficientemente complexa.

Em síntese, compatibilizar o trabalho de campo com a realização de entrevistas foi de grande valia para se chegar aos resultados obtidos, pois ambas foram complementares. Durante o trabalho de campo, as entrevistas eram previamente agendadas e realizadas com auxílio de um gravador digital, sendo, *a posteriori*, transcritas.

---

<sup>20</sup> Fenômenos que não podem ser descritos em questionários ou documentos estatísticos, mas sim observados em plena realização, segundo Malinowski (1986).

### 3.4 Interlocutores em campo

Para melhor entendimento sobre os discursos, sobre a lógica por trás do entendimento e da agência dos paroquianos referente ao drama social apresentado, faz-se necessário apresentar, mesmo que brevemente, um perfil biográfico dos principais envolvidos. Neste item, apresento um panorama geral da biografia dos interlocutores em campo. Eles foram privilegiados, com a realização de entrevistas, por serem líderes, ou por serem personagens ativos no drama paroquial estudado, ou ainda por serem citados no interior da paróquia pelos demais paroquianos, ou por assumirem uma posição de contestação ou de manutenção do código de ética que será elucidado em momento oportuno.

Segue abaixo um breve detalhamento dos paroquianos entrevistados (usarei nomes fictícios para proteger a identidade dos informantes):

1. Dona Glória: É aposentada. Casada com o senhor Reginaldo, que também frequenta a paróquia, mãe de Leonardo, coordenador do Grupo Jovem. Foi a responsável pela iniciação e criação católica do filho. Na época da entrevista, tinha 59 anos. Era integrante da Pastoral Familiar, uma das coordenadoras do Grupo de Adoração e da Escola de Evangelização Santo André. (entrevista realizada em 06/03/2008)

2. Pedro: É comerciante, casado, tem um casal de filhos que frequentavam a paróquia, mas, por discordâncias com paroquianos e com o padre, passaram a frequentar mais a capela. Na época da entrevista, Pedro tinha 52 anos e era coordenador da Pastoral Familiar. Agora é coordenador do curso de noivos e continua ministro da eucaristia. Ele sempre muito prestativo para ajudar na pesquisa. Foi o primeiro com quem tive contato e quem me apresentou à paróquia, aos grupos e a seus coordenadores, mantendo sempre contato comigo e ligando para mim para falar dos eventos. (entrevista realizada em 16/01/2008).

3. Edneia: Criada na paróquia desde seu nascimento. Sua mãe era coordenadora da Pastoral da Liturgia, cargo que ocupa atualmente. Toda sua família é católica, o que contribuiu para que crescesse na paróquia com avós, pais e irmãos, que sempre frequentaram a paróquia, estando à frente de coordenação de grupos. É professora primária. Na época da entrevista, tinha 57 anos, e além de coordenar a pastoral da liturgia, participava da pastoral do dízimo e da pastoral familiar. (entrevista realizada em 23/03/2008)

4. Elisa: Criada numa família de músicos, não tem um histórico familiar católico. Há em seu núcleo familiar pessoas evangélicas e sem religião. Na época da entrevista, tinha

72 anos, e era aposentada como costureira. Participa da Pastoral da Família, canta na missa das 08h30min. e coordena o Grupo de Oração da Renovação Carismática. (entrevista realizada em 08/04/2008)

5. Celso: O catolicismo sempre fez parte de sua vida, desde a infância. Frequentava a paróquia levado pelos avós e pelo tio, que era congregado mariano, cargo que ele ocupa atualmente. Trabalha como professor de biologia, e na época da entrevista tinha 49 anos, coordenava o grupo de coroinhas, era ministro eucarístico, congregado mariano e conhecido como o “braço direito” do padre Joaquim. (entrevista realizada em 13/06/2008)

6. Leonardo: Foi criado na Paróquia, incentivado por sua mãe Dona Glória a seguir a vida cristã católica. Seu pai, Reginaldo, não é líder de nenhum grupo, como ele e sua mãe, mas participa frequentemente da Pastoral da Família e das atividades da paróquia. Trabalhava como publicitário e radialista do Shopping Madureira, tinha 25 anos, e era coordenador do Grupo Jovem. (entrevista realizada em 10/07/2008)

7. Célia: Namorada de Leonardo, coordenador do Grupo Jovem, estudou letras, mas não concluiu o curso, passando a cursar arquitetura. Na época, trabalhava como secretária e tinha 23 anos. Coordenava o Grupo Jovem, respondia especialmente pelas questões mais burocráticas do Grupo Jovem, sendo reconhecida com “os braços” do Grupo Jovem, aparentando fragilidade, mas sendo muito forte, segundo o próprio Pedro. Quando o Grupo Jovem (GOEL) chegou ao fim, ela, juntamente com Carina, tomou a iniciativa de dar continuidade ao grupo, mesmo não havendo nenhum jovem no grupo, até que o paroquiano Wando pediu para entrar no grupo e com o tempo ele foi crescendo, mas continuou a passar por crises na paróquia. (entrevista realizada em 03/08/2008)

8. Paola: Cresceu na paróquia e no testemunho que deu num retiro mostrou que a igreja foi fundamental para sua vida. Faz questão de dizer que é católica e tenta se converter ao catolicismo. Nenhuma pessoa na paróquia faz isto com tanta paixão quanto ela. Na época, cursava serviço social na UFRJ, trabalhava em uma loja de informática e tinha 24 anos. É coordenadora do Grupo de Crisma, estando sempre na liderança deste grupo. (entrevista realizada em 15/02/2009)

9. Talita: Formada em letras, trabalha como publicitária. É catequista, pastoral coordenada por sua mãe, e coordena o outro Grupo Perseverança. Seu pai é pastor. Na época da entrevista, tinha 24 anos. (entrevista realizada em 25/02/2009)

10. Márcio: Técnico em informática, na época da entrevista tinha 26 anos, e era ex-integrante do Grupo Jovem e da paróquia. Quando integrante, foi coordenador do grupo,

ministrou palestras em retiros e demonstrou ter conhecimento sobre o catolicismo. Há algum tempo estava aparentemente desanimado na igreja. Após alguns conflitos pessoais, saiu da paróquia dizendo que a igreja estava ruim e pôs a culpa no padre. Atualmente frequenta uma igreja evangélica. (entrevista realizada em 08/04/2009)

11. Padre Joaquim: De família pobre, e não muito católica - seu pai mais devoto que sua mãe. Na época da entrevista, ele tinha 52 anos, exercia o ministério há 23 anos e seis meses, estando há oito anos na paróquia. Teve seu nome envolvido em alguns conflitos, principalmente na comunidade do *Orkut* criada pelos jovens da paróquia. (entrevista realizada em 27/06/2009)

### 3.5 O campo

A pesquisa de campo é um método especialmente bem desenhado para explorar fissuras, falhas, e deslizamentos entre a aparência e a representação. Segundo Goffman (2004, 2011), é a própria socialização que força a representação. O ator não age sozinho, ele conta com o respaldo da plateia, na qual todos tentam preservar a encenação a fim de não gerar conflitos. Entende-se que as relações são organizadas em vias estruturais de divisões sociais e funcionais e em vias culturais segundo a manutenção de certos valores morais. Desta forma, a consequência de uma possível ruptura é a desorganização da interação social com a perda de credibilidade pública, na qual a reputação a todo o momento é posta à prova. Observados se transformam em atores e observadores em plateia, numa grande cena dramatizada. Há uma dialética na qual se há os indivíduos, que são os atores e prezam a moral, e os atores representantes de papéis, que instauram um jogo no qual se traçam impressões convincentes, buscando a sua moral.

O tipo de dinâmica relacional estabelecido na paróquia se torna visível com o trabalho de campo. Mesmo que os paroquianos tentem se esquivar, mesmo que resistam à minha presença estrangeira, acaba por ser tornar inevitável em presença. Por outro lado, uma instituição como a Igreja Católica, que comporta um grande número de pessoas, tem seus conflitos, especialmente relacionais. Ainda que os paroquianos tentem passar uma imagem “positiva” e/ou disfarçar a realidade, como Pedro havia feito, é impossível mascarar-la por

todo o tempo. Para o descobrimento do modelo de interação mantido entre os atores sociais, o trabalho de campo foi fundamental.

Os diálogos com os fiéis da paróquia foram extremamente importantes neste momento da pesquisa. Através do diálogo semanal com os paroquianos, tive conhecimento de um conjunto de arquivos antigos sobre a paróquia, que estavam sob os cuidados do senhor Ronaldo. Este senhor, já idoso, não tinha boa memória, mas tinha o valioso arquivo, com fotos, cartazes de antigos eventos da paróquia, um livro feito pela própria paróquia em comemoração ao seu 80º aniversário, e uma série de documentos sobre a história da paróquia, desde a sua construção arquitetural à sua construção social.

Em campo, sentia-me como um estrangeiro que acaba de chegar à nova terra. O processo de inserção na paróquia foi lento e gradual. Trata-se de uma relação entre humanos, uma via de mão dupla na qual tanto os paroquianos como eu precisávamos nos acostumar um a presença do outro. Por outro lado, a ida semanal a campo foi um facilitador para que os paroquianos aceitassem a minha presença, com a identificação de alguns dos líderes, entrevistados e citados anteriormente. Alguns destes líderes se mostravam entusiasmados com o fato de sua paróquia ter sido escolhida para uma pesquisa acadêmica feita para uma universidade pública. Alguns se mostravam abertos e prestativos a todas as perguntas que um pesquisador necessita fazer, outros, por sua vez, mais fechados e desconfiados, resistiam à minha estranha presença.

Houve momentos em que minha presença foi contestada. Em 2008, soube que alguns paroquianos (nunca soube bem quem) estavam me chamando de espiã. Soube do fato através da Stela (ex-coroinha). Esta conjuntura me preocupava. Neste momento, eu estava me preparando para começar a realizar as entrevistas. Segundo informado por Stela, diziam que eu seria a espiã do grupo jovem que estava levando informações da Pastoral Familiar para o Grupo Jovem. Isto foi uma grande surpresa negativa. Como seria possível realizar entrevistas, elaborar uma história de vida, com alguém que esteja desconfiado. Contudo, logo percebi que esta era uma situação mais complexa. Mas, para entendê-la, é preciso voltar um pouco no campo.

No primeiro dia do campo, fui apresentada a Pedro, que se tornou uma das figuras centrais no desenvolvimento do campo, por ser presente, atencioso e prestativo. Iniciei o campo na época em que ocorriam os preparativos para a festa da paróquia, e Pedro era um dos principais organizadores. Bem, foi a partir de então, que Pedro se tornaria meu principal informante e logo o primeiro paroquiano a ser entrevistado. Como havia se tornado a pessoa

responsável por me apresentar a paróquia, era comum que Pedro me ligasse para informar sobre algum evento que seria realizado. Logo depois da festa do padroeiro, seria realizado um retiro pelo grupo de jovens. Então, Pedro cuidou logo de me apresentar ao grupo. A partir deste momento, acompanhei com maior frequência o grupo.

O grupo jovem, na época denominado GOEL<sup>21</sup>, criado em 1997, hoje teria 15 anos, mas foi extinto em 2009. É preciso indicar que esta data de extinção é a reconhecida pelos jovens integrantes, pois para muitos dos paroquianos já não havia grupo jovem na paróquia há mais tempo. Bem, na época em que iniciei o campo o grupo, ele já enfrentava problemas, pois não conseguia realizar suas atividades por falta de público. Este problema de execução provoca um efeito de menor prestígio perante a paróquia devido à decadência de suas atividades. No entanto, só após longo tempo de campo é que pude constatar esta problemática.

No início do campo, me deparei com um momento atípico. O Grupo Jovem seria o responsável por realizar um retiro. O retiro envolveu grande número de paroquianos e dois grupos distintos, o Grupo Jovem e a Pastoral de Crisma. Desta forma, logo no início do campo fui acompanhar de perto estes dois grupos e suas reuniões. Da mesma maneira acompanhei os demais grupos, listados anteriormente. No entanto, por se tratar de um momento específico, acompanhei especialmente o Grupo Jovem desde o início do campo. Acredito que isto tenha suscitado um sentimento de falta de prestígio entre alguns paroquianos por ver que seu grupo era menos frequentado pela pesquisadora da UERJ, que suas atividades não eram acompanhadas tão de perto.

O momento da entrevista foi especialmente crítico neste sentido. Não havia tempo para uma entrevista em profundidade com todos os coordenadores – são inúmeros os grupos e pastorais (29). A problemática de escolha de uns paroquianos em detrimento de outros foi evidenciada no discurso de Cássia, coordenadora do Grupo Jovem. A jovem me repreendia por entrevistar Glória, que, embora fosse bem atuante na Paróquia e nos grupos que frequentava, na época não assumiu estar à frente da coordenação do grupo. A questão era: “não acho legal entrevistar Dona Glória e não entrevistar os coordenadores da Pastoral Familiar”. Na época, Pedro não era o coordenador da Pastoral Familiar. Por outro lado, havia coordenadores de grupo que pareciam aliviados com minha ausência, sem perguntas e olhar observador a “tudo”. Bem, ao apresentar brevemente este contexto, meu objetivo era indicar

---

<sup>21</sup> Goel significa resgate.

ainda que brevemente os desdobramentos da minha presença na paróquia, interferindo na sua dinâmica como “a espiã”.

Após algum tempo, constatei que quando eu era acusada de ser espiã do grupo jovem nas reuniões da Pastoral Familiar a problemática não era centrada na minha pessoa, na minha presença e interferência na paróquia, mas na própria dinâmica da paróquia. Os boatos diziam ser eu uma espiã do Grupo Jovem. Logo, eu seria uma “leva e traz” do grupo. O que haveria de tão secreto e importante, a ponto de ser necessária uma espiã? Esta situação apresenta um jogo de fofocas e disputas no interior da paróquia, que mexe também com o Grupo Jovem.

Leonardo, que sempre aparentou ficar nervoso com fofocas envolvendo o nome do Grupo Jovem afirmou “Eu vou pedir uma reunião com o padre e a Pastoral Familiar. Você devia ir também. Tão falando de você...”. No entanto, até o término do campo a conversa não ocorreu, ou pelo menos não tive conhecimento sobre ela. Cabe indicar que, nesta época, Pedro, que era um dos meus principais informantes, não era mais coordenador da Pastoral Familiar. Posteriormente, encontrei-me com Pedro após a missa e ele falou em tom jocoso “lá vem a espiã”, se referindo a mim. Eu falei com ele sobre o incidente, mas ele dizia para eu não me preocupar com o caso. O tempo passou, e não se falava mais sobre o assunto. Outros tanto problemas e fofocas ainda viriam a acontecer na paróquia.

Pedro foi fundamental para o andamento da pesquisa. No entanto, meu relacionamento com ele nem sempre foi tranquilo. Houve momentos (2007) em que Pedro começou a me paquerar. Na paróquia, Pedro, que é casado, sempre foi discreto e nunca percebi nenhuma intenção. Foi durante um telefonema que tudo começou. Pedro fazia os seguintes comentários durante a ligação: “fiz 51 anos, mas ainda estou vivo!”. Eu o respondia: “certamente, meu pai tem sua idade, ainda tem muito que viver”. Em outra ligação, ele dizia que eu estava sumida, eu cortava dizendo que queria marcar uma entrevista. Ele respondia “tudo bem... pra você sempre tem um tempo, uma pesquisadora dessa!”. Após estes incidentes, acabei me afastando de Pedro. Posteriormente, o próprio campo faria com que eu tivesse maior contato com os jovens.

A princípio, os jovens seriam meu objeto de pesquisa, já que era através deles que os conflitos se mostravam mais evidentes. Os conflitos emergiram quando este grupo de jovens, que se identifica intensamente com expressões modernas e sensacionais do carisma, procuraram se integrar à dinâmica de uma paróquia singularmente hierárquica e autoritária. No entanto, o longo tempo de pesquisa, mais precisamente na segunda metade do campo, deixou claro que não se tratava do grupo jovem, não se tratava de uma geração reivindicatória

e polêmica. Os problemas com a figura do padre envolvem toda a paróquia e não apenas os jovens. Mas, durante o campo isto não ficava claro.

Os jogos de conduta e moral estabelecidos entre os paroquianos me impossibilitavam compreender de fato a dinâmica paroquial e faziam com que os jovens fossem vistos como o problema da paróquia. Com o passar do tempo, pude observar que as demandas dos jovens eram comuns a outros paroquianos mais velhos, inclusive. Somente através da realização das entrevistas é que se tornou evidente a questão. A demanda não era uma questão dos jovens, mas de todos os paroquianos. A questão era o tipo ideal construído, no entendimento dos paroquianos, de padre e de igreja.

O tempo e minha constante presença semanal viriam “quebrar o gelo” na relação que se mostrava inevitável aos paroquianos. Criou-se uma ambiguidade que é geral, ou seja, não é peculiar aos paroquianos. Como já dito neste trabalho, para alguns a minha presença era incômoda, mas fazia com que outros se sentissem importantes por serem ouvidos. Logo os paroquianos com os quais eu tinha uma relação mais distante passavam a se aproximar de forma mais amável e acolhedora. Já aqueles com quem já tinha uma relação mais afetiva reclamavam quando eu estava afastada de seu grupo e acompanhando a dinâmica de outro. O tempo tornou-se a resposta para grande parte das perguntas e dúvidas quanto a cenas confusas com relação à paróquia, à sua dinâmica e à interação existente entre os diversos atores envolvidos. O trabalho de campo propiciou ainda o acompanhamento das atividades cotidianas na paróquia, a apreensão das ações sociais e as redes de prestígio entre os atores.

Mantive em campo uma postura plástica, entre o *yogui* e o detetive, como sugerem os autores Lima e Sarró (2006). Por vezes, tal como um *yogui*, mantinha uma postura passiva, observando de forma atenta e curiosa a rotina da paróquia. Outras vezes, me colocava como um detetive, numa postura ativa, sempre perguntando, conversando com os paroquianos a fim de que tudo se tornasse menos estranho, embora não fosse comum ao meu olhar estrangeiro. Acompanhei diversas atividades na paróquia, entre missas ‘comuns’, missas de natal, quaresma (época importante no calendário católico, tempo de penitência pela morte de Cristo), encontros de oração, reza de terço em praça pública, procissão de ramos, retiro do grupo jovem, festas do padroeiro, festival de música sacra, reuniões de grupo jovem, reuniões de casais, reuniões de pastorais, distribuição de cestas básicas à população carente, aulas de catequese, de crisma, entre outras, a fim de conseguir maior aceitação e maior confiança entre os paroquianos.

A compatibilização da observação participante com a realização das entrevistas foi fundamental. Através das visitas semanais, foi possível o levantamento das diversas pastorais e grupos, descritos anteriormente. O trabalho de campo proporcionou não só identificar os grupos mais atuantes na paróquia, como também observar sua dinâmica ritual, seus símbolos e o tipo de participação em seus encontros semanais. O campo foi também central para que eu pudesse entender muito dos conflitos que se passam nesta paróquia e para dar os instrumentos necessários para a elaboração das entrevistas - identificação dos atores e dos conflitos. Mas, isto só me foi possível graças ao longo tempo em que estive em campo. Em três anos, acompanhei as divergências de interesses, de ideias e os problemas relacionais que envolvem especialmente a figura do padre.

Além disso, sem a minha presença em campo, seria impossível conseguir a confiança dos paroquianos para que sentissem seguros para falar sobre suas demandas, muitas vezes não correspondidas pela paróquia, e pela Igreja Católica. Sem o campo, certamente teria apenas a versão inicial que muitos dos paroquianos relatavam numa primeira abordagem. A impressão transmitida era que não havia problemas, que tudo se passava da forma mais tranquila e amistosa. Sobre a relação mantida com o padre, os paroquianos afirmavam ser boa, mas que ele tinha uma característica distinta dos demais padres que passaram pela igreja. A categoria nativa utilizada para se referir ao atual padre é que ele seria “mais espiritual”, segundo relatado no primeiro dia de campo e mantido durante alguns meses, em especial por Pedro (Pastoral Familiar).

Erwing Goffman (2004) indicou que em interação social os atores possuem, ainda que inconscientemente, uma preocupação em controlar as impressões que os outros têm sobre si, mesmo que usualmente sejam mal-sucedidos neste controle. Este ponto teórico é elucidativo para se pensar o campo. Na paróquia, numa primeira aproximação social, os paroquianos transmitiam uma impressão positiva da vida paroquial, falavam de suas festas, que eram intensas, movimentadas e alegres, do seu padre, que era espiritual, e de seus concorridos eventos musicais. Porém, na observação participante, estas indicações dificilmente se confirmavam. A fim de dar instrumentos ao leitor para que entenda os desdobramentos por trás desta trama, vou descrever ainda que brevemente o campo em questão.

Iniciei o campo numa época importante para o calendário católico brasileiro: as festas de São João e Santo Antônio. Nestas datas, as paróquias habitualmente organizam festas juninas, com fogueira, arraial, pescaria, prendas, comidas, bebidas e dança. No primeiro dia de campo, Pedro, que passou a ser um dos meus principais informantes, Chico, Carla, entre

outros, comentaram sobre a festa que seria realizada na paróquia, que teria todos esses tradicionais componentes, portanto, eu não deveria perder.

A festa junina foi relatada pelos paroquianos como uma grande festa, com grandes e tradicionais grupos de dança caipira, barraquinhas e comidas típicas, no entanto, durante a primeira festa do padroeiro, que acompanhei, as pessoas não pareciam animadas. Alguns idosos, que estavam sentados na primeira fila, cochilavam; outra senhora reclamava que a dança apresentada pelos grupos não era dança quadrilha, mas sim forró. A impressão idealizada sofreu então uma ruptura na sua estrutura pelo vazio no pátio da Igreja em que estava ocorrendo a festa, vazio de pessoas e de animação. No entanto, para os paroquianos, a festa era vista como um sucesso.

Num encontro posterior, Pedro, coordenador da Pastoral da Família, me perguntou se gostei da festa, colocando-me no papel de plateia (cf. Goffman, 2004). A representação dramática se instaura: a festa não havia animado. Os grupos que se apresentavam eram pequenos e de longe se assemelhavam ao que Pedro me relatara, mas para não gerar um desarranjo social, disse que a festa foi boa. Neste momento, eu me enquadrava na cena social.

A festa era na verdade dupla, pois se comemorava a tradicional festa de São João e ainda era período da festa do padroeiro da igreja. Logo, além da festa com quadrilha, havia diversas formas de celebrar o padroeiro dos estudantes. Na manhã do dia do santo, há uma missa que conta com a participação de estudantes de escolas públicas do bairro. Trata-se de uma atividade oficial das escolas públicas. Os alunos vão à missa da manhã trajando o uniforme escolar, com a bandeira da escola e do estado em mãos. À tarde, geralmente são promovidos um almoço comunitário e uma passeata com o cortejo do santo.

A passeata com o santo é feita em todo o quarteirão da igreja. Mas, na época em que acompanhei o evento (no ano de 2007), ele parecia não ser muito representativo no bairro. Pedro, coordenador da Pastoral Familiar, que se tornou um dos contatos fundamentais no desenvolvimento da pesquisa, dizia-me que no bairro havia um expressivo número de igrejas evangélicas, e o bairro já não se identificava com as festas, com os eventos católicos.

Posteriormente, no mesmo ano (2007), seria realizado o IX Festival de Música Sacra Mariana, organizado pela Congregação Mariana Nossa Senhora das Dores junto à Paróquia. O evento impulsiona a dinâmica paroquial. É uma forma de engajar, especialmente, os jovens entre si e com a paróquia, quebrando o ritmo de missas e reuniões de grupos que muitas vezes se torna maçante para os jovens que, segundo Célia, coordenadora do Grupo Jovem, já está

em processo de evasão. Apesar de ser uma grande oportunidade de interação entre os jovens, o festival teve público pequeno.

O evento foi marcado, desmarcado e remarcado sem aviso, sem propaganda para que as pessoas pudessem ser informadas, fazendo com que muitos fossem à paróquia e dessem com a “cara na porta”. O evento foi remarcado para três semanas depois. No dia remarcado do festival, o pátio onde seria realizado estava vazio e só contou com a presença das bandas que iriam participar e suas pequenas torcidas, entre parentes e amigos. Por outro lado, a torcida pelos músicos da casa não era grande, nem os coordenadores Pedro, da Pastoral Familiar, Chico, da Pastoral do Dízimo, e Celso, ministro eucarístico, que são os paroquianos mais ativos na Paróquia, estiveram no festival. O padre não estava ausente durante o evento, mas celebrou a missa da noite de sábado, que antecedeu o festival de música sacra.

Além de festivais de música, na paróquia há com frequência almoços comunitários, com objetivo de arrecadar fundos para a obra do templo paroquial. Na realização do almoço, as mulheres são fundamentais, são elas que cozinham, se organizam, cuidam da distribuição dos pratos, organizam a fila e lavam a louça. Já os homens cuidam das atribuições mais burocráticas do almoço, como controle de caixa, venda e recebimento de bilhete para o almoço, manutenção do estoque de bebidas etc.

No almoço realizado em 2007, muitos homens e mulheres não ajudavam, mas olhavam e maldiziam a demora no atendimento, sempre fazendo comparação com os almoços anteriores, que, segundo eles, tinham tantas pessoas quanto este almoço, mas que não houve nos anteriores tanta demora. Em suma, este almoço gerou um grande burburinho na paróquia, pois muitos reclamavam na demora do atendimento, mas cumpriu seu papel de almoço realmente comunitário, não sendo como o anterior no qual os paroquianos compravam os alimentos e iam almoçar em suas casas.

Entre os problemas mais expoentes que acompanhei, destaco o processo de interação entre a paróquia e seu entorno. Como já dito neste trabalho, a paróquia é rodeada por favelas. Madureira é um bairro intenso pelo seu comércio, e a mendicância se faz presente. Não era raro encontrar um mendigo que sempre estava dormindo na calçada da igreja, ou estava rodeando a Paróquia, ou em seu interior, pedindo comida, roupa e dinheiro. Segundo relatado pelos paroquianos, o número de mendigos no bairro tem crescido, sendo associado ao crescimento no número de assaltos no bairro. Apesar disso, a paróquia, como comunidade religiosa, tem adotado a postura de boa convivência com o mendigo. Segundo relatado, por

vezes, ele fazia refeições na igreja. No entanto, em outubro de 2007, essa dinâmica foi alterada.

Cheguei à paróquia e vi que havia um grupo de pessoas inquietadas na cantina. O morador de rua entrou na igreja e pediu um café a Pedro, que o repreendeu: “você ta errado, você sabe disso!!”. Com deboche, o morador de rua ria e continuava a pedir o café, fazendo gestos com as mãos e balançando a cabeça. Pedro insiste que não dará, e o morador responde “Quanto é? Eu pago!!”, em tom atrevido. Pedro, irritado com o atrevimento do sujeito, diz “então você vai pagar lá fora, no botequim ali da frente!! Aqui você não vai conseguir nada!!”. O mendigo se recusou a sair da igreja e foi retirado à força com a ajuda de Celso, ministro eucarístico. Apesar disso, o mendigo saiu rindo. As mulheres diziam ser o mendigo abusado e violento.

Pedro continuou no portão com os outros homens, três num total, até que outro vai até lá para brigar com o mendigo. O clima é tenso na paróquia, até que o mendigo resolve se afastar da igreja. Uma senhora me explicava que o mendigo havia invadido o altar no meio da missa e que foi tirado à força. Sinto que minha presença gera constrangimento entre algumas das senhoras que estão na cantina e sabem que estou a fazer uma pesquisa na paróquia. Decido sair e ir até o estacionamento onde costumam acontecer as reuniões do grupo jovem, que na época estavam nos preparativos para o retiro. A reunião era basicamente para tratar da dificuldade financeira na realização do retiro.

Logo me dirijo ao salão onde ocorrem as atividades da pastoral de crisma. Lá também havia uma reunião. No entanto, o motivo era a queixa pela descomprometimento da coordenação com as atividades do grupo. Além disso, Paola, coordenadora da Pastoral da Crisma, comentou sobre o incidente ocorrido na missa: “Gente, um menino veio me perguntar sobre terem tirado o homem da igreja à força, se era certo. Ele falou ‘deixa cachorro no altar e aí tira ele daquele jeito?!’. Eu respondi que não”. Paola, enquanto falava, mantinha uma fisionomia de preocupação por ter sido contra uma decisão tomada pela igreja, na igreja. No entanto, a coordenadora reprovava a atitude e se dizia sem argumentos. Como poderia ser possível um animal no altar sagrado e um homem não?

No mesmo ano acompanhei o retiro realizado pelo Grupo Jovem, em conjunto com a Pastoral da Crisma. O retiro inspirado na vida de Lázaro<sup>22</sup>, foi realizado numa fazenda

---

<sup>22</sup> Cf. Bíblia Sagrada, João 11 - sobre a ressurreição de Lázaro.

localizada no distrito de Santa Cruz. Após alguns problemas com o transporte dos crismandos, o padre Joaquim propôs um “transporte comunitário” - um mutirão com vários paroquianos fazendo o transporte dos crismandos em seus carros particular. O retiro começou com a apresentação de Fábio. Ele explicava a razão do retiro:

nós somos rei, filho dele, sacerdote, somos a morada dele, de seu templo, profetas, evangelistas. Depois da crisma temos de ser o exército de Deus, somos trabalhadores depois da crisma. a missa está vazia, os jovens querem zoar, acham que tem muito tempo... Será?! Devemos fazer o que é certo!! Depois continuam a cantar (musica nº 03, “Quanto tempo você tem”). Já é meia noite. (Fábio, paroquiano, ex-integrante do Grupo Goel).

Durante o retiro, pude acompanhar que ainda hoje a igreja é dividida pelo movimento carismático. Durante este evento, a coordenadora de crisma, Paola, evidenciava a questão ao acompanhar o preparativo para a dinâmica de retiro que seria realizada no dia seguinte: “Gente, vão com calma, pois nem todo mundo é carismático”. Flávio respondeu: “Mas a gente também não é!”. Paola indicava a dificuldade de trabalho com os jovens católicos: “Eles não estão acostumados a ver um rezando pelo outro”. É ainda mais instigante o exemplo de Leonardo, que relatou sua experiência em um retiro realizado anteriormente. Segundo ele uma senhora dizia: “*Meu Deus, me ajuda, eu não quero cair...*”. A fala indica um temor pelo desconhecido, o receio da exposição, e questionamento do motivo para ter caído – foi a forte presença do espírito santo, ou seria uma fraqueza espiritual, num misto de receio e desejo pela experiência em questão. Como indicado anteriormente na fala de Paola, nem todos são simpatizantes da Renovação Carismática Católica.

O retiro seguiu uma dinâmica de orações, louvores, jogos, filmes, teatro (encenações bíblicas) e danças. Não entrarei num detalhamento maior sobre o retiro atendendo aos pedidos dos jovens coordenadores. O pedido se justifica, pois se trata de um retiro padrão, aplicado com frequência anual, e que tem como um dos componentes mais importantes para sua dinâmica o elemento da surpresa, do inesperado. Desta forma, vou me atentar ao processo de interação observado nele.

No decorrer do retiro, observei brigas internas da coordenação por divergências de ideias, além de um espírito competitivo pelo melhor desempenho no retiro. Na última noite do retiro, Paola, da coordenação de crisma, dizia que a adoração havia sido um sucesso. Leonardo respondeu em tom jocoso: “Claro, minha filha, Leonardo não é bagunça...” Por sua vez, Paola contra-argumenta: “Não. Se a adoração foi o sucesso que foi é graças ao tio Pedro...”. O clima de competição deixou um clima tenso. Todos ficaram quietos e logo se

encerrou a reunião. A relação entre o grupo jovem e a pastoral de crisma é complicada há algum tempo, segundo relatos.

No último dia de retiro, um domingo, a coordenação entrega uma carta escrita pelos pais dos crismandos, que provoca um momento de grande emoção. São jovens que estão há dias sem nenhum contato com a família. Além disso, os jovens crismandos fizeram vídeos-homenagens entre si. Ao acompanhar todos os momentos do retiro, fui surpreendida com um vídeo-mensagem gravado por Paola e Tatiana, no qual diziam o seguinte:

Eu só tô aqui porque eu tinha que falar. Essa menina é muito, muito chata. Tá sempre fazendo pergunta, pedindo coisas... bem Vanessa eu espero que você tenha gostado do retiro, que você tenha um bom trabalho, e queria que você soubesse que você é católica sim! É isso. Sempre que precisar pode contar com a gente. (vídeo-mensagem gravado por Paola e Tatiana, coordenadoras de crisma, 2007).

O vídeo indica certo proselitismo das coordenadoras, que não é uma característica do catolicismo. No contrário, cabe indicar que a Igreja Católica frequentemente se posiciona veementemente contrária a tal prática. Sendo assim, a atitude das coordenadoras poderia ser explicada devido ao carismatismo da paróquia. Ao saberem de minha criação no catolicismo, que frequentei a Igreja até minha adolescência, grande parte dos paroquianos insistia em me inculcar novamente um sentimento de pertencimento católico. Era comum inclusive que muitos confundissem minha presença na paróquia como uma busca religiosa, e não como um trabalho efetivamente - embora soubessem desde o início do campo o motivo de minha frequência na paróquia. Em parte isso pode ser explicado pelo grande tempo em que estive presente na paróquia, estabelecendo relativa amizade com alguns paroquianos, especialmente os mais jovens, com os quais tive maior contato.

A interrupção do campo, em alguns momentos, também contribuiu para esta situação que, no entanto, não considero ter tido efeito negativo sobre o trabalho. Ao contrário, acabou produzindo uma empatia maior entre mim e os paroquianos, ainda que tenha sido um entendimento equivocado sobre o real objetivo da minha presença na paróquia. A Tabela 5 mostra o número de participantes do retiro, para que seja entendido a dimensão do evento e o número de paroquianos envolvidos.

Tabela 5 - Participantes do retiro

<b>Função</b>	<b>Sexo</b>	<b>Total</b>
Crismandos	Feminino	14
Crismandos	Masculino	11
Coordenação	Feminino	6
Coordenação	Masculino	5
Apoio (Past. Fam.)	Feminino	2
Apoio (Past. Fam.)	Masculino	3
<b>Total</b>	-----	<b>41</b>

Fonte: Elaboração própria.

Além do retiro, estive presente ainda numa vigília organizada pelo Grupo Jovem (2007). A realização de vigílias não é algo rotineiro da dinâmica paroquial do campo em estudo. No entanto, considerando o crescimento pentecostal, a prática tem crescido entre os católicos. Na paróquia, por exemplo, soube da existência de três vigílias realizadas pelo Grupo Jovem ao longo do campo. O grupo jovem passou a organizar vigílias após o retiro de Lázaro. Antes deste retiro, nenhuma vigília havia sido divulgada na paróquia que fosse de meu conhecimento. O grupo de oração, embora realize encontros com dinâmica parecida com a de uma vigília, não é uma propriamente, por ser um evento com duração de tempo inferior. A vigília é um encontro que dura uma noite inteira, até a manhã do dia seguinte.

Bem, vou descrever então o evento mais tradicional no catolicismo, a Procissão de Ramos, realizada em março de 2008. Na procissão, os paroquianos junto com o Padre se deslocaram da paróquia às 07h30min. para um campo de futebol em frente à Favela do Cajueiro. Durante o trajeto, os paroquianos cantavam músicas católicas intercalando com orações - Ave Maria e o Pai Nosso. A maior parte dos paroquianos estava vestida com blusas de mesma cor - amarelo, azul e vermelho - as cores de Madureira. O evento conta com a presença de Padres e fiéis de outras paróquias, além do bispo Wilson Tadeu, do vicariato suburbano, que é quem apresenta o sermão do evangelho.

Ao fim do evento, os padres e todos os fiéis saem do campo. Padre Joaquim segue em cima do carro elétrico, cantando e animando os fiéis, com palavras de exaltação “vamos lá.. viva Jesus”, de forma bem alegórica, como de costume. Já o padre que está ao seu lado permanece em silêncio. A coordenadora de crisma, Tatiana, comenta que “o nosso Padre é o mais animado, só dá ele” (rindo). Começa então uma nova etapa da procissão. Todos se dirigem ao estádio do Madureira, onde será realizada a celebração da Paixão de Cristo. O

trajeto da procissão gera um grande engarrafamento nas ruas de Madureira, pois todos seguem na procissão andando no meio das ruas. A presença de alguns guardas municipais garante a ordem. Os motoristas têm de esperar o fim da procissão para seguir o trajeto.

Algumas mulheres, que trajavam uma blusa com a palavra apoio, ajudavam na organização da procissão junto com alguns escoteiros, que organizavam as pessoas a fim de desafogar o trânsito. Outros colaboradores sinalizavam buracos e colunas de concretos para que ninguém se machucasse, especialmente os mais idosos, que andavam distraídos, balançando seus ramos com a animação do padre Joaquim, que continuava no carro cantando e puxando as rezas.

Finalmente, todos chegaram ao estádio de futebol do Madureira. A acomodação dos fiéis na arquibancada levou algum tempo; eram milhares de fiéis. No campo está instalado um altar improvisado, com faixas-bandeira na qual vem escrito o nome de cada paróquia presente, uma ao lado da outra. Ao lado do altar há um pequeno palco no qual fica a banda, que cantará no evento, com instrumentos completos - bateria, guitarra, violão, teclado e algumas grandes caixas de som. A estrutura do evento é grande, de boa qualidade e bem organizada. Ao lado do altar, se encontra ainda uma cruz, com duas faixas vermelhas contornando-a.

Do outro lado do campo, separado da extensão das arquibancadas na qual se encontram todos os fiéis, estão sentados os coroinhas e os ministros. Uma espécie de separação hierárquica: um bloco com os coroinhas e outro, ao lado, com os ministros. No campo, ficam apenas os padres, diáconos, seminaristas, o bispo e uns poucos coroinhas, que seguram a bandeira de suas paróquias, que se encontra próxima à cruz. No banco de reserva, estão algumas pessoas do apoio e a coordenação do estádio.

Começa a leitura do longo texto da paixão de Cristo, feito por um grupo de ministros - um é o narrador, outro é Judas, outro os sacerdotes, outro é Pilatos. Todos em coro simulam a multidão em Jerusalém, que julga Jesus. Ao fim, o bispo faz a homilia, seguida das preces e do ofertório. Neste momento, cada paróquia tem a sua equipe de apoio que passa com seus sacos, ou cestos, para recolher a oferta. Em seguida, todos se cumprimentam desejando a paz de Cristo. Neste momento, um dos coordenadores de crisma, Rodrigo, diz: “Essa é a melhor parte!” Tatiana completa rindo: “A parte que tá acabando”. Os coordenadores se referem à celebração, que já estava cansativa. A procissão foi longa, durou horas, e o horário do almoço se aproximava.

A procissão seguiu uma estrutura parecida com a de uma missa comum, acrescida da encenação da paixão de Cristo e da presença excepcional do bispo. Após o ofertório, iniciou-

se a celebração eucarística. Os ministros se dirigem à arquibancada para dar a comunhão aos fiéis, que estavam espalhados pelo estádio. Com o auxílio de placas sinalizadoras, o fiéis se localizaram em ordem para receber a comunhão.

Devido ao grande número de pessoas no estádio, a comunhão é demorada. O estádio está lotado. É um espetáculo visualmente bonito e interessante de ser visto, com os fiéis, a procissão, todo o estádio balançando seus ramos. Um imenso mar vermelho e amarelo de pessoas com um mesmo propósito, participar do domingo de ramos, que, segundo os paroquianos, simboliza o sim a Jesus, a aceitação a Jesus como filho de Deus, “*o caminho, a verdade e a vida*”. Os coroinhas são os últimos a comungar. A banda canta o canto de comunhão no final. Os cantos da quaresma são especiais para a época cristã. Uma das coordenadoras de crisma, Alana, diz gostar muito dos cantos, que contribuem para a emoção, para a espiritualização de cada um no seu encontro com Deus.

O evento chega ao fim. Em seguida, são anunciados os avisos finais. As meninas da coordenação de crisma riem e dizem: “Padre Joaquim!”. Algumas mulheres sentadas na frente olham para trás como que recriminando e elas explicam: “É o nosso padre, ele adora aviso. Não tem uma missa que não tenha aviso” (risos). E de fato, padre Joaquim era o único a dar avisos finais. O padre lembrava a missa dos santos óleos, que seria realizada na Paróquia, no sábado próximo. Verônica explicava-me que os coordenadores têm de cuidar e levar para casa o óleo que será usado na próxima crisma, o mesmo para os coordenadores de batismo e da catequese. A celebração termina com o aviso do padre e todos saem do estádio.

Outro evento importante que acompanhei durante o campo foi a visita prestigiosa do bispo Dom Antônio, em 2010. Em sua visita, o bispo ungiu os óleos utilizados no batismo e crisma, faria a celebração do sacramento da crisma, além de uma reunião de apresentação com os grupos e pastorais, a fim de conhecer as atividades paroquiais. Bem, a visita do bispo gerou muita expectativa entre os paroquianos. Há uma hipótese entre os paroquianos de que com a visita do bispo há uma mudança do padre. Ou seja, o padre Joaquim poderia ser transferido para outra paróquia. Ao longo do campo, eu pude acompanhar alguns problemas no desenvolvimento da relação entre os paroquianos e o padre.

Convidada pelos coordenadores do Grupo Jovem, eu fui à reunião com o bispo. Minha presença foi uma surpresa para alguns paroquianos. A reunião era fechada para coordenadores e teria por função tratar dos problemas da paróquia. Ao todo, 27 paroquianos, a maior parte composta por coordenadores, falaram sobre as atividades de seus grupos, mas havia 35 pessoas na reunião. O padre parecia surpreso com minha presença, mas não preocupado. Já os

paroquianos de sua confiança, Celso, ministro eucarístico, e Fernando, ministro eucarístico, pareciam apreensivos com minha presença.

Assim como os paroquianos, eu também tinha muitas expectativas com a reunião. Considerando os percalços que acompanhei na paróquia, inocentemente acreditei que a reunião seria como um ajuste de contas. Ao me aproximar do salão em que seria realizada a reunião, ouvi o padre conversando com Celso, ministro eucarístico, e com Chico, Pastoral do Dízimo. O padre dizia o seguinte: “Enfrento até o Diabo”. Suponho que a fala do padre se referia às possíveis críticas que ele poderia sofrer durante a reunião. No entanto, o esperado foi frustrado.

Antes de iniciar a reunião, o padre disse: “Vou sair para que todos possam falar de forma franca, aberta, sem causar nenhum constrangimento”. No entanto, a saída do Padre era “para inglês ver”, ou melhor, “para bispo ver”. Na paróquia, havia sido instaurada uma dinâmica de fofocas, e tudo acabava chegando ao conhecimento do padre. Certamente, o posicionamento dos paroquianos sobre o andamento da paróquia não seria a exceção. As apresentações foram breves. Algumas pessoas faziam questão de frisar que o padre fazia um bom trabalho e incentivava as atividades do grupo na paróquia. Parecia uma tentativa de proteger o padre das possíveis críticas, já que os paroquianos mais polêmicos em sua relação com o padre ainda não haviam se apresentado - Leonardo e Pedro, especialmente. Mas a maior parte dos paroquianos fez apenas uma breve apresentação da atividade do grupo, e do número de integrantes, como, por exemplo, o representante da Pastoral da Crisma.

Por sua vez, Pedro que, na época já não era coordenador da pastoral familiar, mas apenas ministro eucarístico, se absteve de fazer qualquer comentário. Pedro se apresentou e foi categórico: “O que eu tinha pra falar, eu falei em particular com o bispo”. A narrativa de Pedro deixou um clima tenso na reunião. Carla, a regente do coral, também disse ter falado em particular com o bispo. No que se refere à música, o som é um problema de anos na paróquia. Sua qualidade é ruim, e comumente muito do que é dito pelo padre durante a missa não é possível entender, prejudicando o sentido da missa, a busca da palavra pelos fiéis.

Já Leonardo, coordenador do grupo jovem, era a grande preocupação dos mais conservadores da igreja. O jovem, ao longo do campo, sempre foi peremptório em suas críticas. No item seguinte, tratarei especialmente de um caso de crítica ao padre, que apareceu na internet, em que Leonardo é um dos protagonistas. Contudo, contrariando todas as expectativas, Leonardo foi extremamente diplomático em sua apresentação. O jovem disse apenas que o Grupo Jovem passava por problemas na paróquia, mostrando a dificuldade em

manter o jovem dentro dela. Em seu discurso, o jovem fazia comparações com cenários anteriores, quando o jovem era presente e atuante. Segundo Leonardo, houve época em que o Grupo Jovem era composto por mais de 30 jovens, e atualmente mal se consegue realizar um evento por falta de jovens presentes e atuantes na paróquia.

Após ouvir todos os coordenadores, o bispo apresentava sua conclusão sobre a situação da paróquia:

Estamos no paraíso. Dízimo de 5.500 reais por mês?! No Paraguai há dioceses que recebem um dízimo de apenas 20 reais por mês. (...). O Brasil é um país jovem; a Europa não tem jovens na rua. Em São Paulo, a igreja só abre pra missa; durante o dia fica fechada, no Rio fica aberta. Todas as dificuldades não se comparam à de outros países e Estados. O Rio é mais religioso. Os jovens se confessam. Não se pode olhar tanto as dificuldades. Hoje se faz retiro pra uma pessoa. Uma traz outra. Somos poucos de força econômica e família, mas temos a favor que as pessoas procuram Deus. Temos o Exército da Salvação. O povo brasileiro é aberto para a religião. Talvez tenhamos que remodelar a linguagem, mas manter o essencial, adaptar-nos à realidade, falar da eucaristia em linguagem que as pessoas entendam. Hoje é outra cultura, múltiplas. O mundo mudou, a Igreja tá mudando. É preciso informação de baixo pra cima. Precisa de informação adequada, pouco a pouco, até entender o santíssimo no altar. Levar as pessoas a conhecer a doutrina católica, a ignorância é muito grande. O universitário da PUC não saber rezar a Ave Maria. O estudo renova. Nós conseguimos atingir as pessoas através da linguagem. As seitas só avançam no vazio da Igreja. Se for atraente, as pessoas sabem distinguir o joio do trigo. Preencher os espaços, viver em estado permanente de missão. Hoje temos aqui 35 pessoas; cada um traz um pra missa. (Bispo Dom Antônio, 2010)

Nesse momento, o padre Joaquim já havia voltado para o salão. O Padre acompanhava a reunião de fora, mas observava pelo vidro da porta. Ao ver o bispo se direcionando à frente para falar, ele entrou. Após o bispo finalizar seu discurso, o padre Joaquim continuou: “Quando você fala mal, você afasta outras pessoas. A gente conhece o coordenador e fala mal. Ali vai o sacerdote, pecador, mas é Cristo. (...) Praga são os meios cibernéticos; destroem a vida das pessoas ao invés de construir”.

Suponho que a fala do padre faça referência aos acontecimentos na paróquia nos últimos anos - fofocas, intrigas, acusações entre paroquianos, críticas ao padre, inclusive os casos da internet etc. Por outro lado, o bispo retomou a fala e indicou a dificuldade do homem em interação social: “O que tá na consciência das pessoas é o problema de relacionamento humano com esposa, com pais, com avós. As pessoas não sabem se relacionar. Curso de noivos fast-food não funciona. Não pode ser um dia, tem de ser mais longo”. Além disso, o bispo retomou o posicionamento do papa sobre a importância da formação: “É preciso formar bem as pessoas. As pessoas amam quando conhecem”. Acrescentando a problemática da relação, o bispo falou ainda da importância do clero: “Bispo é sucessor dos discípulos. Cristo disse: ‘quem os ouve, ouve a mim’”.

Em resumo, o que houve foi uma visita de bispo “para inglês ver”, ou melhor, “para paroquiano ver”. Os paroquianos, que viam na visita do bispo a possibilidade de trocar de padre, ficaram frustrados. Até início de 2012, o padre Joaquim continuava à frente das atividades paroquiais. O jovem Vítor, integrante do grupo jovem, disse-me em uma conversa particular que “o Padre vai morrer aqui, e vai ser enterrado aqui”, em tom jocoso e desesperançoso. Já o pequeno grupo de paroquianos que desejavam a manutenção do padre se sentia fortalecido, assim como o próprio padre.

Foram três anos de campo. Não é necessário retomar cada evento que acompanhei – missas, reuniões de grupo, grupos de oração, festas, festivais de música, etc. - pois são inúmeros. Apresentei apenas alguns dos eventos que acompanhei ao longo do campo. Ao retomá-los, pretendi mostrar como é intensa a dinâmica de atividades na paróquia e como envolve a maior parte dos paroquianos. Por outro lado, a execução destas atividades nem sempre ocorre como esperado. Apesar disso, o sentimento dos paroquianos é que mesmo assim a paróquia é o melhor lugar que eles poderiam escolher para buscar viver a coletividade e o religioso. O sentimento comum a todos é que, apesar dos problemas, trata-se de uma grande família. Parafraseando o bispo, “estamos no paraíso”, apesar de todos os problemas.

O processo de interação social nesta comunidade católica se dá sob as mais diversas formas: entre o padre e os fiéis da paróquia como um todo, entre os paroquianos e os coordenadores de grupos e pastorais e entre os coordenadores das pastorais e grupos e o padre. Inicialmente, a relação de interação entre estes atores era tensa e ao mesmo tempo apática. Tensa, pois muitos discordavam de certas atitudes e posturas do padre, assim como é tensa a relação entre os coordenadores. Ao mesmo tempo é apática, pois a maioria dos fiéis mesmo insatisfeitos não tomavam nenhuma atitude para repreender seu líder, ou então romper com a igreja, buscando um novo templo religioso, como ocorreria com os evangélicos. Neste último caso, o templo é vinculado diretamente ao seu líder carismático, o pastor, e na incompatibilidade de ideias entre os fiéis e seu pastor, eles têm autonomia para destituir o pastor, ou mesmo fundar seu próprio templo para a evangelização e disseminação da palavra divina.

No catolicismo, o padre cumpre o que é determinado pela provisão - trâmite que confere o ofício eclesiástico, regulamentado pelo Código de Direito Canônico, que segue abaixo.

**Cân. 146** — Sem provisão canônica não se pode obter validamente nenhum ofício eclesiástico.

**Cân. 523** — (...) compete ao bispo diocesano a provisão do ofício de pároco, e por livre colação, a não ser que alguém possua o direito de apresentação ou de eleição.

O padre permanece na igreja para a qual foi enviado até que termine o tempo de seu trabalho e seja enviado para outra comunidade, segundo ordenamento do bispo, através da provisão. Ao longo da história da Igreja Católica, os fiéis não têm autonomia: ,se quiserem que o padre fique, este desejo pode ser incompatível com as demandas do bispado, ou se o padre e a comunidade não se adaptam um ao outro, ambos terão de se tolerar como uma espécie de “inimigo íntimo”.

Os casos apresentados anteriormente indicam apenas alguns dos problemas presentes na paróquia - as disputas por prestígio e os problemas relacionais entre os próprios paroquianos. No entanto, os conflitos presentes nesta paróquia vão além de fofocas anônimas. A fim de corroborar tal afirmação, descrevo a seguir os desdobramentos dos conflitos paroquiais na internet, com uso do site *You Tube* e *Orkut* por alguns jovens paroquianos.

### 3.6 A internet e seus usos

A partir das críticas direcionadas ao padre, das demandas não correspondidas na paróquia referentes ao ideal de padre e de igreja, os conflitos paroquiais “vieram à tona” quando um grupo de jovens resolveu utilizar os meios de comunicação para fazer valer suas demandas. No mundo virtual, os jovens apresentavam a rotina da paróquia, assim como o modo utilizado pelos atores – paroquianos e padre – no encaminhamento dos conflitos do cotidiano paroquial, ou seja, como eles se revelavam na interpretação dos próprios atores.

Os conflitos paroquiais indicaram um processo de tensão entre noções de autoridade, de hierarquia e democracia carismática, que revelava uma discussão mais geral sobre a reposição da postura tradicionalista no interior da igreja católica. Desta forma, neste item, são apresentados os desdobramentos conflitantes na dinâmica paroquial a partir de dois casos: um que apareceu na comunidade virtual da paróquia no site do *Orku* e outro, no site *You Tube*.

Em 2007, acompanhei a dinâmica ritual dos jovens em um retiro inspirado na vida de Lázaro, organizado pelo Grupo Jovem em conjunto com a Pastoral da Crisma. O retiro seguiu uma dinâmica de renovação espiritual. O jovem morre e ao fim ressuscita, com o

compromisso de construir uma nova vida, uma vida cristã. Toda a coordenação, crismandos e eu, ficamos três dias em uma casa de retiro com o intuito de fazer uma renovação espiritual nos crismandos. Foi através deste retiro que tive o conhecimento da comunidade virtual da paróquia criada no *Orkut*. O uso dos meios de comunicação de massa pelos paroquianos fez emergir conflitos e um clima de tensão na paróquia, decorrente da exposição das críticas ao padre na comunidade virtual do *Orkut*.

A comunidade virtual da paróquia foi criada pelos jovens em outubro de 2004. Aos poucos, a comunidade conseguiu mobilizar um grande número de paroquianos – até o final do campo, haviam 447 membros. O público principal da comunidade são os próprios frequentadores da paróquia. Por ter sido criada pelos jovens paroquianos, a comunidade é mais utilizada por eles, especialmente os líderes de grupos e pastorais. Muitos dos paroquianos adultos, quando criada a comunidade, ainda resistiam a sites de relacionamentos. Já o padre nunca se manifestou na comunidade, o que não significa que ele não tenha conhecimento do que se passa na comunidade virtual da paróquia.

Segundo consta no descritivo da comunidade, a ideia era que a comunidade virtual fosse um meio para trocar experiências entre os paroquianos, saber o que as pessoas mais gostam na paróquia, que grupo frequenta etc. É uma comunidade aparentemente ‘comum’ onde se troca tudo o que se passa na rotina paroquial, desde as missas às reuniões de grupo. A comunidade é ainda um meio para fazer a propaganda dos eventos realizados pela igreja, mas este objetivo não fica explícito na página da comunidade.

A atividade da comunidade aos poucos se intensificou. O momento em que se tinha a maior participação dos componentes da comunidade era quando os tópicos postados tratavam dos problemas da paróquia, temas polêmicos, conflitantes, que envolviam especialmente o padre Joaquim. Os tópicos de divulgação de eventos católicos pouco mobilizavam os integrantes da comunidade. Vou retomar alguns dos tópicos postados na comunidade virtual - os mais provocativos - que indicam os conflitos paroquiais.

Em dezembro de 2004, ano de fundação da comunidade, já era possível ver tópicos referentes a brigas na paróquia. Vítor, integrante do grupo jovem, perguntava se alguém já havia “perdido a cabeça” com alguém na igreja, devido ao episódio de uma briga ocorrida com Marcos, um ex-paroquiano. Mas, ao longo de 2004 foram poucos os tópicos na comunidade. Foi a partir do ano de 2005 que a dinâmica na paróquia foi de fato alterada em decorrência da comunidade virtual criada pelos jovens. De um modo geral, os discursos

indicam que majoritariamente os paroquianos se encontram insatisfeitos com o direcionamento das atividades na paróquia.

De um modo geral, embora os paroquianos não discordem das críticas, discordam da forma como é feita, e nisso há pessoas de todas as faixas etárias - jovens, adultos e idosos. Esta divergência de ideias fez com que a ação dos jovens tivesse uma repercussão excepcional na dinâmica cotidiana paroquial. Trata-se de uma crítica referente à civilidade, quem sabe fazer a crítica e quem não sabe. O jovem Ronaldo, embora concordasse com a postura reivindicativa do grupo, não concordava como tudo era feito.

Peço a vocês, meus amigos, que falem pessoalmente e diretamente à pessoa que atrapalha a convivência da comunidade, tudo aquilo que é colocado em debate aqui! Tenham caridade com essa alma, pode ser que os seus erros não estejam visíveis aos próprios olhos! (Ronaldo, ex-paroquiano. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2005)

O jogo feito com a ideia de civilidade pelos paroquianos evidencia a noção compartilhada de hierarquia. Os paroquianos, de um modo geral, censuravam a forma como os jovens externam suas críticas. Contudo, embora eles também sejam contrários à forma como o padre se porta - citando de forma jocosa os paroquianos em exemplos na homilia, ou mesmo fazendo queixas aos jovens durante a missa - ele não pode ser repreendido, ao menos não desta forma. Por sua vez, os jovens se diziam cansados de tentar o diálogo, e por isso as críticas continuavam a ser feitas de forma massiva e contínua. Marcos, ex-paroquiano, esclarecia que a falta de comunicação com o padre fomentou todo o drama paroquial. “A gente falava que queria conversar com ele, mas o cara não se abria; qual foi o método que o pessoal achou, vamos colocar fumo no Orkut, que pelo menos alguém ia ver, um sinal de fumaça, comunicação” (ex-paroquiano).

A integrante do ministério de música, Maria, é contundente em suas críticas ao padre. As críticas da paroquiana são baseadas em diversas situações, que acompanhei durante o trabalho de campo. Por exemplo, a homilia realizada pelo padre na missa dos jovens é considerada muito rápida pelos jovens líderes na paróquia. Além disso, considerando que na Igreja Católica há uma repetição na execução de suas missas, pois a missa é igual em todo lugar, os mesmos textos, músicas antigas etc., isto torna a missa menos atrativa para o jovem. Além disso, Maria enfatiza a valorização de um padre que seja conselheiro e que seja exemplo de vida.

É preciso uma reforma de quem está no comando lá dentro!! Não é só de um padre que organize, precisamos de um pastor!! Alguém que nos acolha, participe sem ficar rindo no meio da missa, que fale o que o jovem precisa

ouvir, nos conduza, seja realmente canal. Apresentar textos decorados é mole, sempre o mesmo discurso, sempre as mesmas piadas, o pior, só ele rir !! O padre devia ser proibido de usar relógio na missa (...) fazer uma missa de 20 minutos, mais precisamente 17 min., coitadas das pessoas que vieram de longe para participar exclusivamente da missa das 18:00h. (Maria, Ministério de Música. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2005)

No entanto, após um longo tempo de críticas na comunidade virtual, os tópicos foram mudando de tom. João reconhecia que a homilia do padre estava melhorando.

*Tenho que admitir que o padre Joaquim melhorou muito a sua homilia. (...) Foi sério, não brincou, não falou mal de ninguém, passou a mensagem de uma forma correta e íntegra. Quando ele acerta, também temos que elogiar e não só criticar. Justiça para todos* (João, ex-integrante do grupo jovem. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2005).

Ainda assim, prevaleciam as críticas ao padre. Considerando o perfil dos paroquianos - uma comunidade majoritariamente de classe média - não é raro o afastamento, mesmo que temporário, de paroquianos para viajar, ou para trabalhar em outro estado ou país. Nos tópicos, pude constatar que ao retornarem eles observavam que nada havia mudado na igreja, apesar dos anos. Os problemas eram os mesmos - problemas relacionais. José, ex-paroquiano, hoje um homem adulto que acompanha o desenvolvimento da paróquia através da comunidade virtual, externava sua insatisfação.

Estou tão insatisfeito como todo mundo (ou quase) com o que acontece na nossa paróquia, mas (...) acho que os efeitos por aqui não estão sendo muito benéficos para nós que fazemos parte dessa luta por mudanças. Acho que a saída do Pe. Joaquim não seria tão legal como todo mundo (ou quase) anda pensando. Acho que seria muito mais bonito se ele se desse conta do que ele encontrou lá, seja de bom ou de ruim, e de fato tirasse conclusões de que seu trabalho só está encontrando um ponto positivo: a manutenção do programa de reformas do espaço físico da paróquia. Só que tudo o que aconteceu levou tempo demais para acontecer. Seis anos praticamente. (...) E ainda assim, acho que foi muito que se fez mas com muito tempo gasto. E haja rifa de um milhão de números para as coisas saírem. Já vi paróquias muito mais pobres que a nossa fazerem muito mais em menos tempo (...) Porém, tudo novinho em folha (ou quase) para quem? Se conseguirmos ter 70 pessoas na missa das 18:00h é muito. E a culpa não é só do Ministério daquele gordinho que canta mal pra caramba e desafina horrores... Tem muito mais gente envolvida nisso (...) A gente sabe que isso não é legal e já tem até um videozinho que eu achei muito interessante (risos). (José, ex-paroquiano. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2005)

No jogo de reivindicação instaurado pelos jovens no *Orkut*, era comum o uso da bíblia para legitimar a agência de alguns manifestantes. Os paroquianos mais velhos, que já não frequentavam mais o grupo jovem, são aqueles que se utilizam do livro sagrado, a bíblia, para legitimar seu discurso de renovação da paróquia.

Não é "este o templo" que Jesus queria reconstruir em três dias... Com todos falando e reclamando, será que o padre não vê que isso não vem ajudando a comunidade? Ele serve a quem? Que Deus tentaria seu povo a criar uma "revolta intelectual" contra um pastor por ele constituído? Ou será o povo está possuído por um gênio ruim e quer derrubar o padre a qualquer custo, como Saul? (...) As críticas nada mais são do que fruto do que ele plantou, e aqueles com quem tem parte, cultivou e colheu. Engolir a seco, reconhecer erros, dar a mão à palmatória, e curar as feridas, e voltar o caminho para o evangelho é um dever cristão, católico e apostólico, e não há humilhação para um cristão, e sim redenção! Nem precisa seguir meus conselhos, pois quem fala isso é o verdadeiro apóstolo gentio de Cristo, São Joaquim, em Romanos, Coríntios etc... "Sede meus imitadores, assim como sou de Cristo". (Edvaldo, ex-paroquiano. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2005)

Contudo, o que caracterizava o post era essencialmente uma disputa política que tinha os jovens como protagonistas. Com o tópico intitulado "*O que falta para a juventude da paróquia?*" a jovem Luíza respondia a pergunta, afirmando ser o principal problema na paróquia a dificuldade de relação entre os próprios paroquianos, além do padre.

Primeiro por nós!!

Antes de pensarmos o que deveríamos fazer na paróquia para trazer os jovens ou simplesmente para mantê-los por lá, deveríamos mudar primeiro a nós mesmos. Parar com essas brigas de ego e de gente que quer ser o pioneiro de tudo de bom que existe na paróquia, porque quando algo acontece de bom por lá, tem sempre alguém reivindicando méritos e dizendo pra Deus e pro mundo que são os responsáveis por tamanha conquista. Sigo afirmando que a hipocrisia continua sendo o principal problema que todos nós enfrentamos, além, é claro, de um padre de M.da. Que tal se começássemos a pensar nisso hein??!! (Luíza, ex-paroquiana. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2005)

No mesmo ano foi criado o tópico "Você já falou da sua insatisfação com o padre?" Luíza, ex-paroquiana, mais uma vez respondeu categoricamente. Em sua fala, a paroquiana dizia serem em vão as tentativas de diálogo com um padre que não tem requisitos básicos como simpatia, compreensão, educação e respeito. Sua fala indica especialmente o reconhecimento de uma característica autoritária do padre.

Com certeza eu já tentei falar com esse padre, e não agora, antes mesmo de eu viajar. Foi quando estava saindo do grupo de coroinhas. Mas ele é e era tão simpático, compreensivo, educado, humano e respeitador que saiu andando, dando chique, gritando e defendendo o Márcio por exercer a função dos coroinhas no altar. Eu não tentei falar com ele só uma vez não, tentei falar mais umas quantas vezes, mas acho que ele é bom demais pra poder ouvir o que a comunidade tem a dizer, afinal, ele é o dono da razão, capaz até que ele se acha mais que Deus na nossa paróquia!!!

(...) A gente dialoga com quem tem respeito e sabe dialogar, com quem tem boca pra falar e ouvidos para ouvir, acredito que se for pra levar patada e não ser ouvido, não estaríamos falando com seres humanos e sim com cavalos e burros... e o padre não é um nem outro, apesar de parecer. (Luíza, ex-paroquiana. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2005)

Por sua vez, José, ex-paroquiano, postou como resposta uma incitação à ação efetiva dos paroquianos para mudar a situação emblemática na paróquia. O discurso do jovem

responsabiliza a própria Igreja Católica por sua estrutura funcional tradicionalista, pouco renovada. No entanto, a fala do paroquiano responsabiliza especialmente os próprios paroquianos. Conforme suas palavras: “Deus dá o padre que a paróquia merece ter”. A incitação é instaurar um espírito de luta entre os paroquianos a fim de construir uma paróquia melhor. É preciso ação, não apenas oração, numa paróquia que se encontra “doente”.

Não adianta. Eu acho que tá na hora de a gente parar de esperar milagre acontecer e fazer o milagre, homens de pouca fé como eu. Já tô de ‘saco cheio’ dessa ladainha de rezar pelo padre. (...). Parar de defender o padre, que ele é humano, que tem que rezar por ele. Falta um pouco mais de abertura da Igreja pra várias coisas, entre as quais, nossas necessidades espirituais. O padre tá se lixando pra isso, sabe por que? Porque tem gente posando de santo e metendo o malho no padre e na missa e tá se lixando pra sua própria espiritualidade. (...) Que fica falando do padre pelas costas e na frente ‘peida’! Não tô defendendo o cara não, mas tá todo mundo errado nessa estória, inclusive eu que vivo em favor de atrair para uma Igreja doente pessoas que estão mais inteiras do que a própria Igreja! (...) Não é só oração que dá jeito. A Igreja é de Deus e se um cara como ele, o padre, está ali, é sinal de que Deus está dando à paróquia o padre que ela merece, embora tenha gente que pague por isso sem merecer. Vamos deixar de ser mais alienados e ter senso crítico das coisas. (...) O problema é organizacional. A casa vai cair! (José, ex-paroquiano. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2005)

Já em 2006, os tópicos tinham tom mais moderado. Leonardo, do Grupo Jovem, começou o ano levantando propostas para melhorar a paróquia. No entanto, o jovem não obteve respostas, e por isso escreveu logo em seguida: “É impressionante como as pessoas têm dificuldade de responder uma simples pergunta... esse tópico não é para agredir ou começar uma polêmica não. É só pra saber o que se pode melhorar, só isso”. A comunidade virtual se movimenta em torno de críticas, e o padre é o principal foco delas. Na falta de críticas, os participantes raramente se posicionam sobre alguma questão.

No ano passado aqui nessa comunidade, metemos o malho em todo mundo, discutimos uns com os outros por causa da paróquia, falamos o que estava errado, entre outras cositas más... porém, vamos começar o ano diferente com essa simples pergunta: o que podemos fazer para melhorar a nossa paróquia? O que podemos realizar para melhorar a nossa igreja? (Leonardo, Grupo Jovem. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2006)

Quase seis meses após Leonardo tentar uma mobilização na comunidade virtual, José, ex-paroquiano, também questionou sobre possíveis projetos a serem implementados na paróquia. No entanto, Leonardo foi o único a responder ao tópico, no qual propôs agir mais e debater menos.

Primeiramente, Grupo de Arrebanhamento, depois Grupo de Acolhida, organizados e com cadastros. Grupo de Formação, fazendo retiros todo o mês (mas todo mês mesmo!). Grupo Jovem mais criativo e inovador. Todo mês uma festa diferente para unir a juventude. Parar de falar mal do padre. Uma noite de adoração por semana ou

por mês. Projetos sociais ajudam também. Reuniões não somente nos domingos, temos que inventar algo nos dias de semanas ou sábado. Com isso, iríamos mudar alguma coisa. Quem quer tentar? Chega de ficar falando, reclamando, escrevendo mil linhas... quem quiser trabalhar, estamos aí. (Leonardo. Grupo jovem. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2006)

De um modo geral, os tópicos tratam da dita crise que persiste na paróquia há tempos. O trabalho de campo durou cerca de três anos, mas, conforme já indicado na comunidade do *Orkut* da paróquia, a crise se iniciou pelo menos em 2005, quando há registros de críticas pelos paroquianos membros da comunidade virtual. Em 2005, Leonardo, coordenador do Grupo Jovem, assumia sua parcela de culpa no que ele denominou de a “famosa crise da paróquia”. No mesmo ano, o jovem postou na comunidade virtual da paróquia que já se cogitava a possibilidade de passar a missa das 18 para as 17:00h. Era visível a crise sobre o grupo jovem.

Há muito tempo a manutenção da missa dos jovens, realizada no domingo às 18:00h, tem sido questionada. A dificuldade relatada pelos paroquianos é atrair os jovens, mantê-los na paróquia, além dos problemas relacionais dos paroquianos entre si e com o padre, mostrados ao longo deste trabalho. A comunidade virtual, que mobilizava especialmente os jovens da paróquia, parecia perder o fôlego. O número de post diminui gradativamente em 2006. Alguns paroquianos postavam reclamações na comunidade de que ela estava “parada”. Por sua vez, Leonardo, do Grupo Jovem, explicava: “Por mim vai continuar assim, afinal tem muito X9 por aqui! A gente escreve uma coisa (e sempre as mesmas pessoas) e uma semana depois vira homilia ou todo mundo que nem tem *Orkut* já sabe. Então se querem polemizar que seja ao vivo”.

A agência dos jovens estava claramente sendo tolhida na paróquia, através de censuras dos paroquianos e da exposição pública pelo padre durante a missa, na tentativa de discipliná-los. Vitor, integrante do Grupo Jovem, acrescentava falando sobre o problema da fofoca na paróquia refletido na postura do padre: “Polêmica! Bom na Homilia de hoje meu nome será citado 70x7 nas homilias durante o ano inteiro”. O esvaziamento na missa dos jovens é de conhecimento e preocupação da paróquia há tempos, sendo tema recorrente na comunidade do *Orkut*, e por isso Leonardo colocava em questão a manutenção da missa dos jovens. Anos mais tarde, alguns paroquianos me disseram em *off* que esta era a intenção do próprio padre, acabar com a missa dos jovens.

Atrair e manter os jovens tem sido um problema não só da paróquia, mas da Igreja Católica como um todo, e na paróquia não seria diferente. No entanto, o caso se torna

complexo quando os jovens, acreditando ser o padre uma das causas para este fenômeno, externam sua opinião na internet. Ao fazerem isso, os jovens contrariam a noção de público e privado partilhada na paróquia, assim como o código de ética reconhecido e legitimado pelos paroquianos – o padre deve ser preservado, apesar dos pesares.

É frequente os jovens compararem o atual padre com padres que trabalharam anteriormente na paróquia. Seja no *Orkut*, ou em conversas na paróquia, os paroquianos sempre indicaram um carinho e saudosismo singular pelo padre Ludendorf, o Licinho, e pelo padre João Sales, o padre Joãozinho. Na comunidade virtual, essa crítica comparativa se intensificou em 2007. De forma jocosa, Leonardo indicou no *Orkut* ser mais eficiente um ex-padre - o Zeca, conhecido por realizar o evento católico musical ‘Deus é 10’ - que o padre atual.

Estamos percebendo que há muito tempo a missa das 18 horas está vazia, que tal colocarmos uma enquete sobre a permanência desse horário. Será que não seria melhor acabar com a missa das 18 horas? Ou então colocar mais cedo? Sei lá... alguma providência tem que ser tomada. Acho que vou chamar o Marcelo Rossi pra cantar na missa junto com o ex-padre Zeca. (Leonardo, grupo jovem. Fonte: *Orkut*, 2007)

José, ex-paroquiano, seguia a mesma linha de raciocínio de Leonardo sobre a crise na missa dos jovens. Salvo raras exceções, o padre frequentemente é visto como o responsável pelo declínio na presença de jovens na paróquia.

A missa não tem jovem porque a missa não é atraente para os jovens, quase todo mundo prefere ir pela manhã para ter o resto do dia livre pra se divertir e, principalmente, acompanhar o futebol da Globo. É a realidade!!! E não devemos nos alarmar com isso. Deus está em todo lugar e todo o tempo. Quem o procura, encontra. Eu não estou pecando por ir à missa das 7:00h da manhã só porque alguém um dia disse que a missa das 18:00h, que deveria ser "adequada" à nossa idade é igual às outras. (José, ex-integrante. Fonte: *Orkut*, 2007)

Por sua vez, Joana, ex-integrante do Grupo Jovem, também indicou no *Orkut* o problema da manutenção da missa dos jovens. A jovem advertiu de forma clara e direta a falta de prestígio do grupo jovem, de suas atividades perante a comunidade física da paróquia, que torna ainda mais delicado o drama paroquial.

Ontem fui à missa das 18:00h e me espantei! Além de não ter ninguém responsável pela liturgia (o que já é comum) não havia ninguém na música! Participamos da missa apenas cantando com a ajuda do padre Paulo. (...) Penso que precisamos acordar para essa realidade, caso contrário NOSSA missa das 18:00h vai acabar! (...) A missa das 18:00h já é meio que desprezada perante a comunidade. Se deixarmos que essa situação aconteça com mais frequência, ela vai acabar não existindo mais. (Joana, ex-integrante do Grupo Jovem. Fonte: *Orkut*, 2007)

No entanto, Raquel, ex-paroquiana, indicava que o problema vai além do comprometimento dos jovens com a igreja, indicando indiretamente o problema com o padre. “Não Acho que o problema seja da música, pois uma boa celebração independe dos cânticos, ou seja, o problema está além disso! Acho que todos no fundo sabem o problema que temos!!!” (Raquel, ex-paroquiana. Fonte: *Orkut*, 2007). Por sua vez, Patrícia, Escola de Santo André, tentou apaziguar a situação na comunidade virtual com aportes bíblicos.

Quando alguma situação levar você a atitudes extremas, antes de agir, pense que devem existir outras alternativas, embora no momento você não as enxergue, mas com calma, firmeza e amor, chegará a um discernimento. "Deus não é Deus de confusão, mas de paz." (I Cor 14, 33 ). (Patrícia, Escola de Santo André. Fonte: *Orkut*, 2007)

No entanto, em 2008, os conflitos, as acusações voltaram a se intensificar na paróquia, sendo externalizados pelos jovens no meio virtual. Leonardo começou o ano postando suas críticas de forma precisa, direcionando-as aos paroquianos (jogo de fofocas), à estrutura da igreja (som ruim que afirmam prejudicar a qualidade da missa) e ao desempenho do padre (com missas curtas e homilias inadequadas).

Que as nossas pastorais possam estar repletas de Deus.  
Que arrumem pelo amor de Deus o som da Igreja.  
Que o Joaquim, amigo do Vítor, possa parar de celebrar a missa das 18:00h em meia hora. Que o amigo do Vítor não se esqueça mais da homília. (...) Ahh...já ia esquecendo.....que parem de fofocar sobre o *Orkut*...ou melhor!... Fofuquem, fofuquem mesmo, afinal só assim o padre Joaquim irá voltar a fazer uma homilia, ele não irá falar do evangelho ou da segunda leitura, mas sim, irá pregar sobre o *Orkut*, sobre os jovens, blablabla!  
Pelo menos a missa das 18:00h vai durar mais um tempinho. Talvez 35 min. e 20 seg. Tá bom, né? (Leonardo, Grupo Jovem. Fonte: *Orkut*, 2008)

Vítor, integrante do Grupo Jovem, completava: “O Pe. Joaquim falou na última missa do ano que tinha que ensaiar! Sem comentários.... depois vai ficar comentando na homilia, isso se fizer homilia!”. As críticas ao trabalho e à postura do padre são contundentes. Os posts na comunidade virtual foram ainda mais singulares no ano de 2008, em decorrência da missa de ano novo realizada pelo padre Joaquim na paróquia. O padre, ciente das críticas que estavam sendo feitas no meio virtual, fez um discurso na missa de ano novo, que fomentou ainda mais conflitos. Dia 31 de dezembro de 2007, o padre chamou a atenção dos integrantes do grupo jovem durante a missa de Ano Novo. Ele pedia maior comprometimento dos jovens com a missa e com os ensaios das músicas cantadas na missa. Considerava o descomprometimento do grupo como uma possível causa para o esvaziamento que ocorria na missa dos jovens. Por sua vez, o grupo ficou indignado com o padre. A partir deste momento,

criaram um vídeo que foi posto no *You Tube* - site da Internet – e fizeram sua divulgação na comunidade virtual da paróquia. O post de Leonardo. Grupo Jovem, dizia o seguinte:

Ato de contrição.

Estive pensando melhor, e eu venho por meio deste texto e do vídeo abaixo pedir desculpas pelas minhas declarações. Estava de cabeça quente. A missa do dia 31 de dezembro foi ruim e a culpa é nossa, por isso fizemos esse vídeo como retratação de nossos atos e palavras. Acho, Vítor, que o errado somos nós, afinal quando tem homília a gente reclama e quando não tem a gente reclama também...enfim...esse vídeo é um desabafo e um ato de contrição ao mesmo tempo. Senhor, tende piedade... (Leonardo, Grupo Jovem. Fonte: *Orkut*, 2008)

O vídeo postado no site tinha a seguinte legenda:

Depois da missa mal tocada e mal cantada no dia 31 de dezembro de 2007, os músicos Leonardo e Vítor resolvem ter um pouco mais de humildade e reconhecer que seu padre estava certo de ter chamado a atenção deles na frente da paróquia inteira. Mais um gesto de humildade e crescimento por parte desses dois músicos. (Legenda do vídeo do *You Tube*, 2008).

No vídeo, Leonardo e Vítor, integrantes do Grupo Jovem, encenam um diálogo no qual dizem o seguinte:

- Leonardo: Pô Vítor, eu acho que a gente tem de ensaiar pra missa. Cara, da maneira que tá não pode ficar. Ano Novo, dia 31 de dezembro, o padre Joaquim chamou a nossa atenção na frente de todo mundo, a gente tem de ensaiar, tem de dar um jeito nisso. O que você acha?.
- ◆ Vítor responde: Eu acho que o padre tá certo em chamar a atenção da gente, a gente tem que ensaiar, cara. A gente tem que pensar que nós vamos superar isso, nós somos melhores, vamos fazer o melhor que podemos.
- Leonardo retoma: que aquela missa de ontem.. pô, o padre Joaquim tá coberto de razão. O que ele falou mesmo?.
- ◆ Vítor relembra: ele falou que ficou claro que nós não estávamos em sintonia, temos que ensaiar. Começar o ano com aquele canto de entrada horroroso, mal cantado, não tem condição. Vamos pra reta!! Pô, padre Joaquim, obrigado. Nós queremos agradecer ao senhor. Resolvemos seguir seu conselho, em 2008 nós vamos pra frente. De mão dada!!.

A última cena do vídeo apresenta os dois jovens, Leonardo e Vítor, de mãos dadas. O vídeo é uma forma jocosa em que os jovens embora peçam desculpas estão na verdade chamando atenção pela falta de trato do padre na tentativa de disciplinar os jovens, em tempo e lugar inapropriados. Para o padre, o descomprometimento do grupo é prejudicial ao catolicismo, causa do esvaziamento que tem ocorrido na missa dos jovens. Por sua vez, em um post no *Orkut*, Leonardo explicou sua intenção com a divulgação do vídeo.

Gente, na boa... meu vídeo não foi somente brincadeira não. Acho que todos nós que estamos na liderança de algo, estamos sujeito a críticas, aliás, basta estar vivo para ser criticado, né verdade? A diferença é perceber que muitas vezes erramos e não sabemos ou não assumimos nossos próprios erros. Eu erro; você erra; *everybody* erra. Só que na boa, tem muita gente que não fala (ou escreve) o que pensa na verdade. Foi mal, não consigo ser assim. Se houver pessoas que não gostaram do vídeo, eu garanto que tem o triplo que riu (mais de 80 visualizações em uma semana), gostou e até mesmo parou pra pensar "será que esses malucos estão falando sério mesmo?"

E a verdade é: tirem suas próprias conclusões. Quem tá errado afinal? Será que todo mundo tá errado? A gente não está aqui (pelo menos falo por mim) para zoar o padre Joaquim ou zoar alguém em especial. Estamos aqui pra falar o que a gente pensa, ironizar pra conscientizar, brigar para melhorar, discutir para acertar, esse é o propósito desses tópicos. Já pensou se todo mundo escrevesse sério por aqui? Seria chato, seria hipocrisia. Galera, o vídeo é apenas um grito no escuro, um grito pra dizer "Alôôôôôôôôô!!!! Estamos aqui e estamos de olho bem aberto". Abraços a todos e até mesmo para assessoria de imprensa (X9)! (Leonardo, grupo jovem. Fonte: *Orkut*, 2008)

O vídeo criou um mal-estar na paróquia. Os mais conservadores diziam que os jovens deveriam ter feito sua queixa diretamente ao padre e não publicamente na *web*. Contudo, em entrevista, alguns jovens disseram estar cansados de tentar o diálogo. A justificativa dada pelo padre, segundo eles, é que ele estava sempre muito ocupado, por isso não podia ouvi-los. Desta forma, os jovens há tempos insatisfeitos decidiram usar os meios de comunicação de massa para fazer valer suas demandas.

Edvaldo, ex-paroquiano, comentou sobre as dificuldades no convívio entre os paroquianos, caracterizados por ele como tradicionalistas. Com um discurso pessimista, o paroquiano indicou que a tentativa de mudança dos jovens será frustrada. “As coisas não mudaram desde a última vez que estive na paróquia. Vejo que essa situação é confortante para alguns paroquianos mais tradicionalistas. (...) Não adianta gritar em terra de gente que se faz de surda para, literalmente, sobreviver na comunidade” (Fonte: *Orkut*, 2008). Apesar do pessimismo em sua fala, Edvaldo sugeriu que fosse criada uma mesa redonda para debater os problemas da paróquia, que estão sendo expostos no *Orkut* - o tema seria “*do Orkut, para a paróquia*”. No entanto, sua ideia foi rejeitada. Vítor justificou a negação por acreditar que esta dinâmica fomentaria mais brigas, nunca um consenso.

Precisamos do apoio em primeiro lugar do padre, isso é um fato!! A missa mesmo tradicional precisa ser envolvente. Se você vem à missa e só escuta piadas, alguns berros, risos de situações que não têm graça, cachorros se lambendo e coçando no altar e as pessoas agindo como se nada tivesse acontecendo, certamente você ficará sem estímulos por mais líder que você seja. Estamos até agora aguardando uma reunião solicitada com o padre dos movimentos jovens da paróquia. (Goel, Crisma, faz como pode, Perseverança e outros). Precisamos também de um apoio maciço das pastorais e grupos. Mas você sinalizou no início, tudo está como antes, pois se queremos inovar, não deixam, queremos melhorar, não pode, queremos trabalhar mais a missa, mais participativa, a comunidade interagindo... Um padre mais

pastor... ah isso não dá, o padre não é assim, não trabalha desta forma..... Amigo Edvaldo, nem aos aniversariantes, que é uma coisa simples, básica, ele não dá a bênção. A missa é um desespero, uma correria. Eu já disse antes que deviam proibir padre usar relógio. E quando demora por demais na homilia, com coisas fúteis... pelo menos temos novos debates para o orkut !! (Maria, Ministério da Música. Fonte: *orkut*, 2008)

Entre as queixas dos jovens, Maria, Ministério da Música, postou na comunidade, de forma jocosa, em 2008, algumas das principais queixas dos paroquianos ao funcionamento da paróquia. Em seu discurso, a jovem se referiu à postura autoritária do padre, que, segundo ela, não é aberto a inovações. A forma como o padre conduz a missa, com exemplos na homilia em que cita os paroquianos, o aparelhamento musical antigo etc.

Exemplos explícitos na homilia: uma visão maneira bem pertinho do altar de cachorros se lambendo, se esfregando, uma panderola desafinada, cabos que não funcionam, o prazer de cantar sem retorno (chama o Tim Maia) e com o som que não dá pra regular, podendo ainda ser contemplado com um louvemos cifrados de 1997, faltando alguns cânticos. (...) Tudo está como antes, pois se queremos inovar, não deixam, queremos melhorar, não pode, queremos trabalhar mais a missa, mais participativa, a comunidade interagindo, um padre mais pastor... ah isso não dá, o padre não é assim, não trabalha desta forma. Nem aos aniversariantes, que é uma coisa simples, básica, ele não dá a bênção. A missa é um desespero, uma correria. Eu já disse antes que deviam proibir ao padre usar relógio. E quando demora por demais na homilia, com coisas fúteis, pelo menos temos novos debates para o *Orkut* !! (Maria, Ministério de Música. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2008).

Nas reivindicações externadas pelos jovens na comunidade do *Orkut* é frequente o uso da bíblia para legitimar as críticas. Maria postou sobre a postura do padre, que deve “ser santo” conforme Cristo. “Em nenhum lugar da bíblia, vi Jesus debochar, fazer piadas e, nem citar de forma equivocada pessoas como exemplos tortos e feios”. Por outro lado, Jesus disse: “E o irmão entregará à morte o irmão, e o pai o filho; e os filhos se levantarão contra os pais, e os matarão. E odiados de todos sereis por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até ao fim será salvo” (Bíblia Sagrada; Mt. 10:21,22).

Conforme indicado ao longo deste texto, desde a criação da comunidade virtual se encontram posts críticos na comunidade virtual da paróquia, criados pelos jovens. No entanto, foi a partir de 2008 que os posts se intensificaram e ganharam maior visibilidade na comunidade paroquial. O campo em estudo parece que sempre foi propício a maximizar os conflitos relacionais. Em conversas com alguns paroquianos, foi indicado que problemas com padres sempre existiram na paróquia, ainda que em menor intensidade com uns, que com outros.

Embora fosse comum à maior parte dos paroquianos o descontentamento com o andamento da paróquia, havia um grande impasse quanto à forma como as críticas eram feitas

pelos jovens, especialmente pelos integrantes do grupo jovem. Renan, integrante do Grupo Perseverança, postou uma crítica ao posicionamento dos jovens, pela forma que eles reivindicavam, publicamente, sobre o funcionamento da paróquia. A crítica era sobre a publicidade negativa da paróquia na *web*. O tópico era intitulado “A comunidade pode e DEVE melhorar nossa igreja: temos que lutar pra melhorar nossa igreja e não derruba-la”. É comum o recurso à gráfica em caixa alta para dar entonação à narrativa.

Essa comunidade está sendo mal usada por seus membros. Creio eu que ela seja para a divulgação de grupos e evangelizar, fazer coisas que nos aproximem de Deus e não fazer críticas destrutivas. Se você vê problemas antes de expô-los, pense numa solução e principalmente antes de fazer qualquer coisa ORE. Estamos na Igreja pra buscar santidade, não pra fazer discórdia. (...) que possamos medir e fazer melhor uso de nossas palavras e do *Orkut* também. Temos que lutar pra melhorar nossa igreja e não derrubá-la. (Renan, Grupo Perseverança. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2008)

A questão evidenciada na fala de Renan é a superexposição da Paróquia na Internet. Trata-se de um entendimento das dimensões de público e privado<sup>23</sup>. O jovem enfatizava a preservação da imagem da paróquia, a busca por uma convivência pacífica entre os atores envolvidos na dinâmica paroquial. Esta situação não indica que o entendimento diferenciado do espaço público e privado não seja compartilhado pelos jovens. No entanto, ou eles não consideram as implicações de sua ação, ou consideram que o resultado final, o ideal de Igreja que buscam, vale todos os problemas e injúrias que possam sofrer.

Por outro lado, na comunidade virtual, essa postura de apaziguamento era exceção. João, integrante do grupo jovem, incitava os paroquianos virtuais a deportar o padre da igreja, que considera desprovido de decoro na realização das missas e na forma como lida com os fiéis. Os termos usados para caracterizar o padre são severos. Para o jovem, o padre não se adapta a uma característica básica que um padre precisa ter - ser exemplo humano, ser sábio para guiar seu rebanho. A partir deste entendimento, o jovem sugere que toda a paróquia busque um redirecionamento da atuação do padre através da oração.

Vamos todos nós unir forças para banir da igreja a pessoa que tá acabando com ela. E não preciso dizer o nome... Mas enfim, enquanto houver pessoas apoiando esse digníssimo, a luta será em vão, só estaremos nos cansando e ficando cada vez mais fracos. Sempre fui para a Igreja à procura de Deus, para me sentir próximo a Ele, viver e experimentar na essência o seu amor e nos domingos, só sinto essa presença se manifestando através dos amigos, pois do nosso pastor, absolutamente nada, apenas ouço críticas e mais críticas, piadas sem a menor graça e homilias que só me

---

<sup>23</sup> Cf. Da Matta, R. *A casa e a Rua*, 2003.

fazem pensar duas vezes antes de ouvi-las. (...) Vamos ORAR para o nosso pastor, para que ele saiba usar discernimento, sabedoria e inteligência para conduzir de forma digna o seu rebanho e que seja exemplo para todos os fiéis, através de palavras e atitudes. (João, integrante do Grupo Jovem. Fonte: comunidade do *Orkut*, 2008).

O jovem Renan assim como João propõem que através da oração se pode atingir um redirecionamento da atuação do padre. A busca por melhorias na paróquia não será através do embate direto, ainda que virtual, mas através da oração. Trata-se da construção de um tipo ideal de padre, não correspondido no cotidiano da paróquia. Já Paola, Pastoral da Crisma, também adota uma postura mais conservadora quanto ao caso do *Orkut* e indica mais uma vez a questão da dimensão público-privada, que permeia a dinâmica de conflitos paroquiais.

a gente acha que uma comunidade ou um site, ou qualquer coisa que seja feito, tem que ser pra promover a paróquia, e não pra pichar a paróquia, entendeu. Pra promover as pessoas que estão aqui dentro. Ah, sei lá, acho que você conseguiu me entender né. (risos) É bem complicado. Pra crisma, independentemente de a gente concordar, ou discordar, ou não, a gente tem que respeitar. Quem tá na crisma, por exemplo, sabe que o padre é uma hierarquia e a gente tem que respeitar. Ele tá ali na missa, ele tá representando Cristo. Então, pra gente, não convém, você chegar na sua casa e criar uma comunidade no *Orkut* e descer o cacete no padre, na comunidade do *Orkut*. A gente acha que isso não é trabalho de igreja. (Paola, coordenadora da Pastoral de Crisma)

A ambiguidade se apresenta, pois o que não pode ser dito na paróquia é posto no mundo através da Internet. Na comunidade virtual da paróquia, os jovens reclamam do desempenho do padre durante a missa, de seus comentários muitas vezes ofensivos, como quando ele chama Maria, integrante do Ministério de Música, de gordinha e gulosa durante o sermão da missa, além da queixa de que o padre não prende o cachorro, entre outras coisas.

A maior parte dos paroquianos não considera o andamento da paróquia adequado, mas são os jovens que publicitam esta questão. Conforme indicado ao longo deste capítulo, a maior parte dos paroquianos considera o atual padre um fomentador dos problemas paroquiais. As críticas são sobre o ideal de padre e o ideal de Igreja almejado por eles e, ao mesmo tempo, o reconhecimento de fronteiras, das dimensões público-privadas. No entanto, também se entende que os paroquianos também precisam “mudar para melhor”.

As críticas têm como pano de fundo a relação de prestígio instaurada entre os próprios paroquianos. No sistema hierárquico paroquial, não dito, mas entendido e compartilhado entre os paroquianos, os jovens estão numa situação marginal. Seu grupo está em decadência, pois eles não conseguem há tempos realizar suas atividades, logo não têm prestígio perante a comunidade, menos ainda perante o padre.

Por outro lado, a fim de legitimar sua ação, os jovens se apoiam na própria vida de Cristo, que afirmou que derrubaria um templo e o reconstruiria em três dias. Com o objetivo de renovar, de transformar a paróquia, os jovens não mediram esforços para alcançar seu ideal de Igreja, e nem mesmo ponderaram, contextualizaram suas ações que ocorriam no interior de uma paróquia tradicional e conservadora do subúrbio do Rio de Janeiro. A forma como as críticas foram feitas, a publicidade negativa na internet levou principalmente os paroquianos mais velhos a se queixar do teor comprometedor dos tópicos da Igreja Católica e da exposição negativa da paróquia. Os tópicos postados pelos jovens são inúmeros, o que indica que não se trata de episódios esporádicos, mas de uma situação persistente na dinâmica paroquial, que se arrasta há anos.

Ao final de 2008, os jovens prometeram um novo vídeo, que foi divulgado no dia 02 de janeiro de 2009. No entanto, de 2009 em diante a comunidade virtual da paróquia já não tinha mais força. Os jovens reivindicadores que davam vida à comunidade virtual pareciam estar cansados de tentar transformar sua paróquia. Esta nova conjuntura pode ser explicada por dois fatores. Primeiro, o site do *Orkut* já estava em processo de desuso, com o aumento da popularidade do site *facebook* no Brasil. Segundo, porque os integrantes do grupo jovem reconheceram o fim do grupo em meados de 2009, embora para o padre o grupo já não existisse há algum tempo.

Em 2010, não foi diferente. A comunidade não mobilizava mais os paroquianos. Houve alguns tópicos de divulgação da festa do padroeiro, outro que provocava uma resposta sobre a visita do bispo “o que você gostaria de dizer ao bispo?”, “o que você deixou de dizer ao bispo?” Essas eram as questões colocadas por Vítor, Grupo Jovem, mas ninguém respondeu ao tópico. Recentemente, visitei a página virtual da paróquia. Observei que muitos tópicos haviam sido apagados, que os vídeos haviam sido removidos do *you tube* que de 2009 em diante a comunidade estava praticamente em desuso. Em 2011, Walter, Ministério de Música, questionava sobre a falta de mobilização na comunidade.

Onde andam aqueles que viviam brigando? Ahh lembrei eles se esconderam por aí. Agora falam mal a distância, esses caras batiam no peito dizendo ser os reis da moralidade juvenil e atualmente são uns NADA. (...) Parece que a bandeira que antes balançava com voracidade está dobrada e empoeirada. A desculpa é sempre a mesma, trabalho muito, tenho filho. (...) Não aguento mais ouvir as mesmas histórias: eu não sou compreendido, não tenho espaço... blá, blá... (Walter, Ministério de Música. Fonte: *orkut*, 2011)

Mas, apesar de todos os problemas relacionais entre os paroquianos e o padre, por vezes, os jovens reconheciam que o padre foi quem mais incentivou o retiro Lázaro (em 2005,

e em 2007), segundo Marcos, um ex-paroquiano. Ou seja, pode-se considerar que as críticas são alicerçadas em grande parte pelo reconhecimento dos jovens de um diferencial no tratamento do padre para com o grupo, não no reconhecimento do prestígio deles, na desvalorização da maior parte de suas atividades, além da não aceitação da postura do padre na execução de sua atividade ministerial. Padre e paroquianos tentam ao longo do tempo se adaptar. Ainda assim os conflitos são presentes, e o clima na paróquia ainda é de instabilidade, só que de forma mais velada, com críticas feitas em *off*. Os paroquianos parecem ter sido vencidos pela força hierárquica da igreja.

Em suma, as críticas apareciam de forma evidente na Internet. No entanto, na dinâmica paroquial, o que se apresentava era um convívio tranquilo, uma paróquia estruturada e segura. Os conflitos paroquiais se revelaram e foram encaminhados de forma singular. Através de um site de relacionamentos, o *Orkut*, se revelou publicamente um drama que caracterizou a dinâmica paroquial durante anos, hoje silenciado. Através de toda essa dinâmica de críticas expostas na *web*, há uma tensão entre a noção de autoridade – hierárquica e democrática - e uma discussão mais geral sobre a reposição da postura tradicionalista no interior da igreja católica.

Os discursos no *Orkut* indicaram ainda uma disputa por prestígio na paróquia. Neste jogo, os jovens estavam mais vulneráveis, suas atividades estavam instáveis, não tinham público para realizá-la. Por outro lado, os demais paroquianos procuravam resguardar suas posições evitando o conflito direto. Neste drama social, tornou-se evidente um código de ética partilhado entre os paroquianos, que diferenciava o público do privado, e delimitava as fronteiras permissíveis para a agência dos atores. Os atores não são livres em sua agência, mas são condicionados a um código partilhado, legitimado e imposto entre os paroquianos. O padre deve ser preservado, apesar de sua característica autoritária e sem habilidade para lidar com o público tradicional desta paróquia suburbana do Rio de Janeiro.

A fim de tornar mais inteligível este trabalho, apresento no próximo item uma breve biografia do padre, sua trajetória pessoal, sua formação, sua experiência como padre e suas percepções sobre a Igreja Católica e sobre a paróquia em estudo.

### 3.7 O padre: uma breve biografia

Ao longo deste trabalho, propus que há uma incompatibilidade na concepção do que seja a Igreja Católica. Os discursos dos diversos atores envolvidos no drama paroquial, padre e paroquianos, sugerem controvérsias sobre a funcionalidade do padre, a postura entendida como adequada para um representante de Deus, um homem sagrado. Além disso, há também o ideal de Igreja fundada por Cristo. O conjunto desses fatores mostra uma diversidade presente no interior do catolicismo.

No primeiro capítulo, sobre a história da Igreja Católica no Brasil, pode-se constatar que a diversidade é sua característica, de modo abrangente no quadro do clero e no quadro de fiéis. A partir desta diversidade, de diferenças e divergências sobre o que se entende por catolicismo, emergiram conflitos cotidianos, que foram inicialmente apresentados no item anterior. Por outro lado, o segundo capítulo mostrou que a Igreja Católica estava atenta a divergências em seu interior. Para solucionar os percalços, ela instituiu algumas mudanças na formação do clero e aprimorou a formação de leigos. No entanto, o estudo de caso mostra que os percalços ainda persistem na dinâmica paroquial, ainda decorrentes da divergência no entendimento do ideal de Igreja Católica entre clero e leigos e de sua funcionalidade.

Na paróquia, como já indicado, os conflitos são decorrentes especialmente da relação entre os paroquianos e o padre. Para compreender esta trama de conflitos, apresentei anteriormente alguns casos que ocorreram na paróquia e que alteraram, pelo menos em início, a dinâmica relacional na paróquia. Os discursos apresentavam as dificuldades no convívio entre os paroquianos e o padre.

A fim de tornar mais clara esta trama, fruto de uma diversidade de concepções, entrevistei o padre para que assim pudesse ter uma visão mais abrangente da conjuntura que se apresentava e não apenas os discursos dos paroquianos. Estive atenta para a interpretação dada pelo padre sobre a situação emergida na paróquia, sobre os conflitos que envolviam seu personagem e seus desejos. Logo, para este capítulo retomarei o que de mais significativo foi apresentado na entrevista sobre o perfil biográfico do padre Joaquim, que objetivou desvendar sua singularidade, seu entendimento sobre a dinâmica paroquial e sobre a Igreja Católica como o estrutura macro; assim como o seu entendimento sobre a relação mantida por ele com a paróquia e sobre a relação dos paroquianos entre si.

O atual padre nasceu numa família pobre, com seis irmãos, em dois casamentos. Sua família é composta por uma pluralidade religiosa, mas basicamente católica. Sua mãe e sua irmã são do candomblé. Seu pai é católico praticante. Segundo o padre, a religião paterna é influência do tempo em que seu pai estudou em colégio católico, que lhe deu uma boa catequese. A fala do padre relaciona formação e espiritualidade, que, segundo ele, contribuíram para um maior contato com a religião e, conseqüentemente, para a sua escolha religiosa. No que se refere ao capital cultural familiar, segundo relatado pelo padre, sua família possui baixo nível escolar. Seus pais estudaram somente até o primário. O padre Joaquim foi o primeiro membro da família a ter nível superior.

Joaquim cresceu numa favela de São Cristóvão, subúrbio do Rio de Janeiro. Lá, havia uma capela denominada Nossa Senhora dos Pobres, onde se tornou coroinha. O padre relatou o apoio que teve ao manifestar sua opção pelo presbiterato. O incentivo vinha especialmente do padre da capela que frequentava. Por outro lado, seus pais tiveram resistência em aceitar sua vocação, mas aos poucos aceitaram a ideia de ter um filho padre.

O desejo de ser padre e servir a Deus foi identificado por ele próprio durante sua adolescência, aos 14 anos. Contudo, somente aos 21 anos é que o padre pôde entrar para o seminário devido a dificuldades financeiras. Joaquim explicou que o seminário garantia financeiramente o primeiro ano, mas o segundo e o terceiro ano do ensino médio eram incertos. Sendo assim, Joaquim só pode entrar para o seminário quando atingiu a maioridade. Aos 21 anos, ele entrou para o Seminário Arquidiocesano do Rio de Janeiro, onde morou e estudou Teologia e Filosofia. Ao longo da entrevista, o padre relembrou seu processo formativo e sua transformação no seminário:

Foram três anos mesclados com filosofia diocesana mesmo, do Instituto da Diocese, com os Jesuítas, que no nosso tempo tinha uma Faculdade de Jesuítas aqui no Rio que formava filósofos, principalmente os padres né. Depois foi pra Belo Horizonte, se desmembrou e ficamos só com o Instituto mesmo da Diocese. Dali a gente foi pra PUC, que era a faculdade oficial da Diocese. Depois a faculdade fundou o Instituto de Teologia e eu comecei. A minha turma praticamente começou essa fase de um Instituto também próprio da Diocese e continua até hoje. A princípio era PUC; vinculado à PUC. Depois se desvinculou e ficou integralmente para a Diocese. (Padre Joaquim, 52 anos).

Grande parte da formação do padre foi feita na Universidade Pontifícia Católica (PUC). Somente no seu último ano de formação é que houve o desmembramento da Igreja com a PUC quanto à formação integral do clero. Desta forma, os novos seminaristas teriam, a partir deste momento, sua formação realizada no Instituto de Teologia da Diocese. Embora seu último ano de formação tenha sido junto a Diocese, o diploma do padre foi expedido junto

a PUC. Nela, entregou sua monografia, que teve por tema a Santíssima Trindade - Pai, Filho e Espírito Santo - um tema complicado por sua abrangência, segundo ele.

A demanda da Igreja é que os seminaristas fizessem um tratado que agregasse ou atrelasse a ele os outros tratados correlativos. Desta forma, o padre explicou que trabalhou tudo que era antes de Cristo (Antigo Testamento, e coisas que preparavam a vinda de Cristo), em Cristo (a vinda de Cristo, a Igreja e os Sacramentos) e depois a Igreja (seu trabalho desenvolvido). Ao fim do seminário, todo seminarista tem a obrigação de fazer os votos, mas o voto de pobreza não é enfático na Igreja. O clero é dividido em dois tipos: o diocesano e o regular.

O clero religioso, ou regular, que são os Franciscanos, Monges, Beneditinos, etc., é agrupado em ordens e atua em qualquer parte do mundo. São grupos de conversão que enfatizam a pobreza, a obediência e a castidade. Somente quando trabalham numa diocese é que ficam então subordinados ao bispo. Em grande parte, atuam em hospitais, colégios, em projetos de ensinar a vida de Cristo, com obediência ao superior de uma congregação religiosa.

Já os padres seculares, ou padres diocesanos, ficam praticamente durante toda a carreira subordinados ao bispo local. O diocesano tem por obrigação primeira a obediência ao bispo e a castidade. Eles têm seu trabalho voltado diretamente às questões da Igreja, ou seja, à paróquia, à diocese e à Igreja em geral; ao contrário do clero religioso, que é mais setorizado em sua atuação na sociedade e tem a pobreza como valor central.

A natureza entre estes dois cleros é muito distinta. O clero religioso é muito rigoroso no que se refere ao isolamento. Um dos motivos que parecem ter motivado o padre Joaquim a optar pelo clero regular é o distanciamento da família. Ao optar pelo clero religioso, Joaquim teria de ir morar e estudar em São Paulo até o noviciado. Já no clero secular, a índole é oposta. Prioriza-se, ainda que teoricamente, estar na vida da comunidade, em convívio com as pessoas, além de estar ligado a uma paróquia e ter um intervalo - geralmente de um a dois dias na atividade pastoral - destinado à visita familiar.

A vida religiosa não é tarefa fácil. Padre Joaquim relatou alguns problemas no presbiterato, com ênfase na instabilidade no clero quanto a questões de subsistência. A família também constitui um problema, ainda que um problema inicial refletido pelo desejo dos pais em ter netos, de verem uma extensão familiar, da sociedade que cobra a constituição de uma família na fase adulta. O padre relatou:

Moradia e o necessário pra comer, vestir-se e viver dignamente. A organização da igreja ainda tá muito... sei lá, medieval. (...) a vocação religiosa não te dá um esteio financeiro. Você não vai ter um salário, uma renda (...). Você tem que se organizar de modo a suprir suas necessidades pessoais, gerir a paróquia e você no meio dessa coisa tentar meio loucamente viver. Então, isso é um desafio (...). Você vai ter um trabalho em que você vai ter que se envolver com o que tá acontecendo aqui. A minha vida 24:00h é integrada à vida da paróquia. (Padre Joaquim, 52 anos).

No que se refere a questões financeiras do clero, na paróquia, segundo relato do padre, há uma tradição de doação, de preocupação com as necessidades materiais do padre. Tudo o que ele possui - roupa, sapato, boné, relógio etc. - foi doado, ainda que este seja um hábito do núcleo da Igreja, os paroquianos mais presentes, e ativos na paróquia, não de todos. Mas sua opção pelo ministério é compatível com sua realidade, conforme indicado por ele, ainda assim o padre foi categórico em sua crítica ao sistema da Igreja Católica. A fim de esclarecer a magnitude do problema, ele comparou a vida de padre à vida de um pastor evangélico. Comparou-se a um pastor, que recebe um salário pago pela Igreja. Esta discrepância entre a vida e a segurança financeira de um pastor e de um padre é uma questão de administração. Segundo ele, “a Igreja católica ainda está muito medieval”, no que se refere a custo. Há a MITRA, órgão administrativo da Igreja, que é responsável por pagar o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) dos padres, de um salário mínimo, mas isto não dá conta das demandas cotidianas dos padres, no presente.

O padre esclarecia que a Igreja ainda vive no benefício. Segundo ele, recentemente, após muita conversa é que se conseguiu que a Igreja gerisse um plano de saúde para os padres, ainda que sob a condição que cada um pague sua quota do plano. O padre Joaquim foi um dos responsáveis pelo diálogo com outros padres. Segundo ele, muitos resistiram, diziam que não precisava disso, que “na hora H dava-se um jeito”. A Igreja sempre foi muito centrada na dinâmica de caridade, “vivia-se muito na caridade, na dependência de um hospital religioso, de uma freira, de uma unidade de franciscanos”.

Fica evidente a dificuldade de entendimento no interior da Igreja. Alguns bispos aprovam, mas outros não. E varia mais ainda de diocese para diocese. “Às vezes você vai trabalhar num lugar.. ihhh muda tudo. Vai trabalhar com outro bispo, por exemplo, a mentalidade no Sul é uma, no Sudeste é outra, no Nordeste é outra, no Norte pior ainda”. Divergências no interior da Igreja foram indicadas pelo padre durante grande parte da entrevista. Divergência do clero entre si, divergência do clero com parte das normas da Igreja Católica. Ainda assim, o discurso é de obediência à Igreja, que é soberana em suas decisões.

Antes de receber a provisão que o mandasse para a paróquia, o padre Joaquim passou por três igrejas até chegar à paróquia em que está há 11 anos. A primeira igreja em que ficou assim que saiu do seminário foi para ajudar um padre na Ilha do Governador, na qual ficou por um ano e meio. Ao sair, fez um curso de atualização e posteriormente foi enviado para outra Igreja em que trabalhou durante dois anos. Posteriormente, Joaquim foi enviado a uma terceira Igreja, na qual ficou por 12 anos até chegar à paróquia em que está atualmente, há quase 11 anos. Em suma, somando-se todo esse tempo, o padre Joaquim tem 26 anos e seis meses de atividade pastoral, somando-se as três igrejas do Rio de Janeiro em que ele esteve em atividade, mais o tempo em que está atualmente na paróquia.

Durante seu tempo de atuação na sociedade, a Igreja Católica vem repensando e discutindo sobre o tempo ideal de permanência dos padres nas paróquias. O padre Joaquim havia indicado em entrevista que Dom Eusébio queria que os padres se fixassem de quatro há no máximo cinco anos em cada comunidade. No entanto, isso não foi praticado, incluindo-se a paróquia estudada e as demais pelas quais passou o padre Joaquim.

Esta discrepância entre o que o bispado entende como ideal e o que ocorre na prática foi explicado pelo padre com o seguinte relato, com base em sua própria experiência ministerial em paróquias nas quais trabalhou anteriormente. O argumento era a questão da adaptação entre paroquianos e padre e interrupção do trabalho missionário:

Foi um processo tão complicado de instauração, de acomodação, de problemas, que eu e que em 12 anos não consegui resolver 1/3. Mas consegui resolver muita coisa. Depois de ficar lá mais quatro, pra eu poder preparar a chegada do outro. Então, às vezes você fica num lugar muito tempo e isso cria dificuldade tanto pro povo, pro padre, pro bispo. E tirar a pessoa dali é outra dificuldade. Então, é a estrutura que você tem. Não temos a mentalidade.. “você vai ficar quatro anos ali”. Daqui a pouco você sai e entra outro. Não tem isso. (Padre Joaquim, 52 anos).

O padre explicou que a necessidade da permanência na comunidade, a necessidade de continuidade do trabalho é que determinam o tempo de permanência do padre secular em cada paróquia (comunidade ou capela) diocesana. Ainda assim, por vezes, a decisão tomada pelo bispo não atende aos desejos dos fiéis, que têm por efeito criar um mal-estar nas igrejas, com fiéis insatisfeitos.

A transferência de padres é um dos problemas que a Igreja ainda não conseguiu solucionar, compatibilizar suas demandas com os desejos dos fiéis e dos padres. A postura que a Igreja mantém historicamente é de decisão suprema. Na condição de representante de Deus, da Casa de Deus, cabe a ela a decisão. Dos padres diocesanos espera-se a obediência, e aos fiéis cabem o conformismo e expectativa de que o padre malquisto saia, ou a esperança de

que o padre querido retorne um dia, ou ainda o consolo humanístico de que outras Igrejas, outras pessoas também precisam do serviço de bons padres. A fala de Joaquim é elucidativa sobre a decisão imperativa da Igreja sobre o destino do padre:

Nas paróquias diocesanas, você fica ali de acordo com as necessidades. E às vezes o padre pede pra sair e o bispo diz “não, você tá bem aí, tá dando certo...” e não tira. Outros você acha que você tá bem e ele diz “não, sai da aí, que eu preciso de você ali...” (...) tudo o que acontece numa comunidade é inesperado, é inusitado. São coisas inerentes que você tem que conviver. (Padre Joaquim, 52 anos).

A interrupção do trabalho dos padres nas igrejas a cada provisão é vista como um problema, pois o padre precisa estar sempre recomeçando. O trabalho feito anteriormente dificilmente será eficaz na nova paróquia de destino. Cada paróquia possui uma dinâmica própria, uma singularidade, conforme relatou o padre Joaquim. Cabe ao padre se habituar ao novo lócus. As pessoas pertencentes à paróquia devem se acostumar a este novo padre, que, por mais que seja legitimado pela Igreja, ainda assim é um estranho, que só com o tempo poderá ter a mesma relação de amizade e confiança, se é que realmente terá. O padre Joaquim havia corroborado a característica desafiadora de ser padre.

Eu acho que é desafiador, porque, o que acontece?! Chegando a uma comunidade, você tem que conquistar as pessoas que estão ali. Eu acho esse o grande ponto de desafio. Porque a gente não consegue amizade só por imposição. Não basta o bispo dizer “vou pôr fulano ali” e todos prontamente vão te receber, vão se tornar seus amigos instantaneamente. Não acontece isso. Você é uma expectativa pra eles, você pode ser um risco, um perigo pra eles, como pode ser uma coisa boa. Então, eles vão interagir com você e você com eles. (Padre Joaquim, 52 anos)

Por outro lado, Joaquim identificou os prazeres em ser padre, valorizando a responsabilidade na formação do leigo. Ser padre é ainda que teoricamente ser formador de cristãos, pastor do rebanho.

Como padre você pode tranquilizar as pessoas, porque as pessoas precisam de uma palavra, precisam ser ouvidas e a pastoral ajuda muito nisso. Desenvolver o potencial das pessoas, o trabalho pastoral ajuda você a desenvolver as pessoas, mais no que ela tem de capacidade. É um operário, é um pedreiro, é uma dona de casa, mas que você dando um treinamento, dando subsídio pra pessoa, passa a palavra, passa a comunicar, passa a evoluir, isso é muito.. um benefício imenso. Eu trabalho com pessoas, eu formei equipes de trabalho, que elas hoje são responsáveis, elas dão conta do trabalho delas e se formaram e isso fica da pessoa no padre. (Padre Joaquim, 52 anos)

O discurso do padre indica a valorização da responsabilidade do padre na formação dos fiéis católicos. O padre se coloca nunca posição de importância, que realmente possui, por ser o pastor dos fiéis, que deve guiá-los seguindo o exemplo de Cristo. No entanto, os paroquianos indicaram tensões com relação à postura e ao trabalho desenvolvido pelo padre,

que frequentemente era contrastante com a característica tradicional da paróquia. O próximo item aborda os discursos do padre e dos paroquianos sobre os dramas que acompanhei na dinâmica paroquial, entre os paroquianos e o padre.

### 3.8 Dramas sociais: os casos, e os discursos

A principal qualidade da sociedade humana (...) é a capacidade que os indivíduos possuem de, por vezes, ficar de fora dos modelos, padrões e paradigmas de comportamento e pensamento, os quais são condicionados a aceitar quando crianças e, em raros casos, inovar eles mesmos certos padrões ou aquiescer às inovações. (Turner, 2008, p.13)

Durante o campo, identifiquei alguns conflitos na dinâmica paroquial provenientes de problemas relacionais no processo de interação entre os paroquianos e o padre. O desdobramento desta conjuntura é a emergência de uma crise relacional entre os atores envolvidos. Como indicado anteriormente, a crise, embora existisse há anos, foi intensificada pela interferência de um grupo de jovens na dinâmica paroquial (cf. Turner, 2008). É o desfecho deste caso, com todos esses desenvolvimentos que se apresenta neste item.

Com o campo, pude perceber o distanciamento e os entraves na relação com o padre. Observei que os problemas eram enfatizados não apenas pelos paroquianos, que exercem alguma atividade na paróquia - os coordenadores - mas também com pessoas que frequentam a paróquia esporadicamente, que não possuem uma função efetiva em nenhum grupo. Por exemplo, quando acompanhava uma “missa comum”, ao final da celebração, o padre caminhava no templo, ia apagando as luzes da igreja e se direcionava até fechar as portas com os jovens ainda dentro da igreja. É preciso destacar que há uma relação tensa marcada pelo tempo escasso do padre. Os jovens indicam que a Igreja é espaço também de sociabilidade, de amizade construída dentro da religião, na casa de Deus. O discurso de Márcio elucida esta questão, ao comparar o atual padre com o último padre que trabalhou na paróquia.

O único dia em que a gente se vinha à igreja católica era no domingo, exatamente o dia que a gente tem para se vie, a gente chega voado para a hora da missa, a gente só vai ter contato no final da missa, chega no final da missa a gente tem que ir embora. (...) a igreja está sendo fechada, antigamente a gente ficava conversando altas horas, o padre deixava o cadeado com a gente. (Márcio, ex-paroquiano)

As queixas são devidas à postura não acolhedora do atual padre, à forma como conduz suas missas e à pressa com que por vezes a celebrava. Além do caso relatado anteriormente,

pude observar também outro momento. Ouvi duas mulheres durante a missa se queixando dos “cortes” que o padre dava. As mulheres falavam o seguinte: “cantar não pode, mas falar de rifa pode”. Na missa do padroeiro, o padre dizia o seguinte: “Se ficarmos cantando ninguém vai pra festa”. O padre apagou as luzes da igreja, enquanto o grupo do Ministério de Música, da missa dos jovens, ainda cantava. Neste caso, propõe-se que há uma ambiguidade na identificação dos problemas paroquiais. Ao longo deste capítulo, o leitor poderá identificar que as críticas são decorrentes da postura do padre, uma reivindicação por um ideal de Igreja e de padre criado e demandado pelos paroquianos, mas que não tem sido correspondido. Há crítica ao tempo escasso do padre, à sua postura extremamente burocrática, como no caso descrito anteriormente, em que Joaquim privilegiou mais a questão financeira que a espiritual.

Para entender este drama paroquial, a obra de Turner (2008) é fundamental como suporte por analisar o momento em que os papéis sociais são suspensos na dinâmica social. Logo, é útil para entender toda a rede de conflitos e disputas que emergiram na paróquia quando a representação de papéis sofreu um colapso devido à agência de alguns atores. Por outro lado, a obra de Goffman (2004, 2011) também será privilegiada para a análise da encenação da vida cotidiana e a representação de papéis - característica da dinâmica paroquial.

Segundo Turner, na interação social, eu observei que a interação entre os atores era fundamentalmente dramática. O processo interativo observado, semana após semana, produzia resultados na dinâmica paroquial por vezes contraditório à própria ideia de igreja soberana instituída pela Igreja Católica. Alguns paroquianos indicavam a construção de um ideal de igreja, que em alguns casos era incompatível com a própria lógica fundada há milênios. Vou retomar alguns dos discursos proferidos pelos atores objetivando entender toda a rede de conflitos e disputas que emergiam na Paróquia, como instrumento para corroborar a interpretação apresentada sobre os dramas sociais.

Os discursos apresentam a percepção dos atores, padre e paroquianos, sobre a Igreja Católica, sobre a paróquia e sobre a relação entre os paroquianos e o padre. A maioria dos paroquianos entrevistados criticava o atual padre. Era comum o questionamento sobre a permanência do padre na paróquia, que contraria a lógica de decisão soberana da Igreja Católica – esse questionamento não era apenas dos jovens, mas de paroquianos de diversas faixas etárias. Os discursos dos paroquianos indicavam a existência de conflitos relacionais, a dificuldade de relação entre os paroquianos e o padre. Há também o reconhecimento de um padre centralizador, e a relação de prestígio reconhecida para os paroquianos que

desenvolvem um trabalho ligado diretamente ao sagrado - no altar - em contato direto com o padre. Além disso, havia ainda um questionamento sobre as normas da Igreja Católica, sua estrutura e burocracia. Contudo, as críticas eram especialmente sobre o trabalho pastoral do padre.

Como já indicado neste trabalho, iniciei a etapa de realização das entrevistas um ano após o campo ser iniciado, em 2008. Neste tempo, intercalei a realização das entrevistas com a compatibilização do entendimento dos acontecimentos e das divergências na paróquia que não cessavam. Para entender a lógica do drama paroquial, era preciso ouvir todos os atores envolvidos, ou seja, não apenas os paroquianos, mas também o padre. A entrevista com o padre Joaquim foi a última a ser realizada, pouco mais de um ano depois, junho de 2009, quando muitos dos conflitos já estavam estabelecidos e discutidos, casos do *Orkut* e do *You Tube*, apresentados anteriormente. Na entrevista com o padre, estive atenta para a interpretação dada por ele sobre a situação emergida na paróquia, sobre os conflitos que envolviam seu personagem e seus desejos como pessoa e padre.

Os dramas observados na paróquia evidenciam um leque de elementos que compõem a dinâmica paroquial: hierarquia, disputa por prestígio, pertencimento à paróquia, tipo ideal de Igreja e de padre. No entanto, a tensão na dinâmica paroquial é mais evidente na relação entre os jovens, com sua ansiedade de transformação e quebra de rotinas e o padre. Na entrevista, o padre Joaquim indicou que os problemas eram com os jovens, indicando ser este um problema do catolicismo universal, não um caso particular paroquial.

Porque o jovem demanda muito tempo. O problema do jovem é você estar do lado dele. (...) A juventude hoje está em crise, os valores.. Os bispos não sabem o que fazer pra tentar sistematizar esse lado aí e tão lá batendo a cabeça. Uns acham que é problema psicológico. (...) Eu não consegui ainda me entrosar com os jovens. Havia um trabalho de evangelização bom, antes de eu entrar. Depois esse trabalho se desfez; se diluiu. Não conseguimos ainda recompor isso. E tão casando né. Vão ficando adultos. (Padre Joaquim, 52 anos)

Segundo ele, a Igreja tem problemas com os jovens em todo o mundo, uma juventude em crise. No entanto, argumento que não é particular aos jovens, como o padre quer fazer crer. Outros paroquianos entrevistados explicitaram, em um momento ou outro, tensões no desenvolvimento de sua relação com o padre Joaquim. A obra de Turner (2008) ajuda a explicitar o que uma das partes quer - os jovens, um *communitas*. O autor indicou que a própria religião impulsiona a *communitas*, mas é num momento de crise, ela se torna mais evidente. A *communitas* é relacionada pelo autor com espontaneidade e liberdade, e a estrutura, com obrigação, direito, lei, coação etc. (*Idem*:43). Considerando ainda que é através

da liminaridade, quando os atores estão face a face (categoria de Goffman, 2004, 2011) sem qualquer mediador, é que os agentes se veem de forma mais igualitária, provenientes de um mesmo lócus social e simbólico, e essa é a essência da *communitas*. Contudo, há outros atores envolvidos, que desejam outra coisa, a manutenção da estrutura, a preservação de elementos tradicionais - o respeito ao padre, a preservação da imagem da paróquia.

A paróquia é um exemplo claro de como a religião assim como outras formas de associação (escola de samba, grupo de funk, torcida de futebol etc.) fomentam a *communitas*, especialmente quando se observam os conflitos relacionais que acompanhei por três anos. No entanto, como indicado no item sobre a *Internet e seus usos*, os conflitos já eram presentes pelo menos a partir de 2005, ano em que foram iniciados os tópicos de críticas no *Orkut*.

A sobrevivência dos conflitos se deve especialmente ao vínculo simbólico-afetivo mantido pelos paroquianos, que veem com descontentamento a postura e parte do trabalho do padre. Os paroquianos têm uma forte ligação com a paróquia. A maior parte dos paroquianos está há gerações na igreja, aprendeu as atividades que exercem na paróquia com familiares e por isso se consideram legitimados para questionar. A história de vida deles em grande parte está ligada à história da igreja. Em entrevista, Edneia relembra sua infância - sua mãe era coordenadora da Pastoral da Liturgia, que ela coordena atualmente.

Fomos criadas dentro da religião, dos preceitos religiosos. (...) eu não fui criada pela religião, eu fui criada com Deus (...) na Igreja Católica, pelos meus pais, e pra mim, eu acho que essa é a religião ideal. (Edneia, Pastoral da Liturgia)

Além dela, Celso também teve sua infância ligada diretamente à vida religiosa na paróquia. Ministro eucarístico e coordenador dos coroinhas, ele lembrava: “De manhã eu ia com a minha vó à igreja. (...)Na Congregação Mariana, quando ia fazer alguma adoração noturna, meu tio ia e me levava junto com ele”.

A catequista Talita é mais uma que tem sua vida pessoal entrelaçada à história da paróquia:

Minha mãe é católica, praticante, ela é catequista, e hoje é coordenadora da catequese da paróquia. (...) a minha mãe já era catequista e tinha uma turma grande, com 20 e poucos alunos e precisava de um ajudante. Aí ela foi e me chamou, disse que precisava de gente pra ajudar. (Talita, catequista)

Além destes, que cresceram dentro da paróquia, há ainda os que vieram para a paróquia migrando de outras regiões do país, como os pais de Leonardo, que são do Nordeste. Leonardo relatava sobre seu desejo de continuar na paróquia, de construir sua família na igreja.

Eu penso em ficar velho na paróquia. Velho, gagá, até velhinho.. continuar brigando com o padre na paróquia. É isso que eu penso. Quero ficar velho até morrer na paróquia. Quero no futuro ser enterrado na paróquia. Sacanagem... assim, o meu ministério é a musica né. (Leonardo, coordenador do Grupo Jovem)

A paróquia tem um valor simbólico para os paroquianos. Além de ser o lugar sagrado, em que eles manifestam sua fé, além de ser o lugar que elas escolheram para continuar e doar o seu tempo para o serviço destinado a Deus, a igreja é um lugar com valor simbólico. A paróquia é o lugar de materialização de recordações dos paroquianos, tem história coletiva e individual. No entanto, para além de uma história religiosa e social, a paróquia é o lócus de uma história particular de cada paroquiano, que cresceu na paróquia, e/ou que aprendeu as suas funções e a sua crença com familiares.

Contudo, para além deste pertencimento histórico e social dos paroquianos, há ainda a manutenção de um jogo de disputa por prestígio. Estas disputas instauradas na paróquia contribuem singularmente para a manutenção dos conflitos, no momento em que se estabelece a distinção entre os que desenvolvem atividades ligadas diretamente ao sagrado e/ou ao clero (bispo e padre) e os que desenvolvem atividades mais distanciada destes.

A convivência na paróquia não é fácil, envolve redes de amizade, de prestígio e poder, mais especialmente, de diversidade. A diversidade de ideias, de concepções do que seja a religião fomentou crises na paróquia. Além disso, a própria estrutura da Igreja Católica acaba provocando controvérsias. Embora a Igreja se modernize, ainda que minimamente, ela acaba preservando muitos elementos tradicionais, que em algum momento podem gerar movimentos contestatórios, como a Teologia da Libertação, as CEBs e o movimento dos seminaristas no Brasil, apresentados no primeiro capítulo. Nos dias de hoje, não é diferente, o paroquiano Leonardo, Grupo Jovem, elucidava sobre a postura da Igreja, mas enfatizava seu desejo por mudanças:

A igreja não é democrática, a igreja é hierárquica e Bento XVI já falava isso. A igreja não é democrática; é hierárquica. Então, temos que respeitar isso. Mas eu digo mudanças na liderança da paróquia, pessoas novas entrando na liderança, entendeu. (Leonardo, coordenador do grupo jovem)

Apesar de reconhecer a normas da igreja, com regras precisas e rígidas, Leonardo discursou sobre seu desejo de mudança. A demanda por mudanças na igreja é representativa dos jovens, mas não só deles. Edneia também registrou seu desejo por mudanças, mas de forma mais reservada. Esta mostrou dificuldades em falar sobre seus desejos de mudança. A paroquiana sabe que seus desejos contrariam as diretrizes da Igreja soberana.

A gente só pode mudar de acordo com a igreja, com as normas da igreja. Tem coisas que eu até queria mudar, mas não pode mudar e você tem de seguir, por causa da igreja, das normas da igreja, das leis canônicas, porque a gente acha que tem de mudar, mas não pode, não é assim. Mas atualmente eu acho que pra mim as coisas estão boas, estão renovadas. (Edneia, Pastoral da Liturgia)

A catequista Talita também reclama da característica ‘antiquada’ da Igreja Católica, que, segundo ela, “parou no tempo”. Ela se refere à proibição do uso de métodos contraceptivos, dos rituais, que considera antiquado,, e do celibato – “se deus não quisesse que o homem se casasse, ele não tinha feito Eva”.

Talita e Edneia demonstram sua insatisfação e o desejo por uma paróquia mais ‘moderna’. Desejam uma ruptura às regras do passado, por exemplo, o celibato, e abertura a novas demandas que o mundo moderno estimula. As falas demonstram haver uma divergência entre o que a Igreja prega como sendo o padrão aceitável e o que os fiéis praticam. Como indicado, isto ocorre não só com os jovens.

Para entender as demandas dos paroquianos, é preciso entender que modelo de Igreja é esse imaginado pelos paroquianos, assim como esse tipo ideal de padre construído e partilhado socialmente. Para tentar responder a esta questão, é preciso recorrer aos discursos dos paroquianos. Para tal, destaco o discurso de Célia, Grupo Jovem, que relatou problemas com o padre da igreja frequentada por sua mãe. A fala da jovem é útil por ilustrar o inverso do que se espera de um padre. O discurso da jovem paroquiana é uma memória de quando frequentava a mesma igreja que sua mãe. Segundo a jovem, problemas com o padre motivaram a sua saída, embora não tenha sido a única causa. Como dito, Célia frequentava anteriormente a mesma igreja que sua mãe frequenta até hoje. Esta igreja é próxima à sua casa, contrária à paróquia em estudo, que é distante de sua residência.

Se ele fosse um padre, que pensasse no bem das pessoas, no bem das pessoas que frequentam a paróquia, ele chegava pra pessoa e falava, porque ele conhece as pessoas, né? As pessoas tão lá o tempo todo. Chegava e falava, conversava, dava conselho, né? Não é chegar e fazer escândalo no meio da homilia. Às vezes, eu queria ir lá na igreja pra me sentir melhor do que eu tava e me sentia pior vendo aquele monte de conflito. É briga, discussão, às vezes, ele interrompia uma oração, um Pai Nosso, pra dar esporro em alguém que tava desviando o olhar pra algum lugar, que de repente chegou e falou com alguém do lado, então isso me incomodava bastante. (Célia, Grupo Jovem)

A lembrança de conflitos com outro padre em outra paróquia indica que a relação de conflito entre paroquianos e padre não é uma exclusividade da paróquia estudada. O discurso da jovem indica que a discordância da postura do padre, que contraria um tipo ideal de padre, não ocorre apenas com o padre Joaquim. Estes problemas parecem ser comuns no cotidiano

das igrejas católicas no Brasil. Recentemente, vêm sendo divulgados na mídia casos de padres envolvidos em escândalos de pedofilia, condenados pela justiça comum. Ao todo há disponível nos meios de comunicação a divulgação de sete condenações de integrantes do clero católico<sup>24</sup>.

Além destes casos de condenação na justiça comum, há ainda problemas na postura de padres que parecem comuns no cotidiano paroquial brasileiro. Em 2006, foi divulgado no canal de televisão aberta o caso de um padre que agrediu e xingou uma paroquiana durante um batizado, porque ela falava alto durante a cerimônia. A senhora chamou o padre de palhaço, que prontamente começou a agredi-la com chutes e jogou a água benta nela.

Na paróquia, alguns entrevistados relataram problemas com padres, além do exposto por Célia, Grupo Jovem. Pedro, da Pastoral Familiar, e Elisa, do Grupo de Adoração, também saíram da igreja que frequentavam em outro momento de suas vidas por divergências com o padre. Estes são alguns casos que indicam os problemas na formação do clero - padres descontrolados emocionalmente e despreparados para lidar com o público diverso. Esta conjuntura, como já proposta neste trabalho, não é exclusiva da paróquia estudada. Problemas com o clero na Igreja são frequentemente contidos, ao invés de serem combatidos. Isto pode ser explicado pela escassez do clero no país. Com um quadro deficitário no clero, expulsar padres da Igreja torna o déficit no quadro do clero ainda mais complicado (cf. Serbin, 2008; Medeiros & Fernandes, 2005).

Entre as queixas dos paroquianos, destaca-se também a personalidade fechada para o diálogo do padre Joaquim, que comumente centraliza o poder em suas mãos. No entanto, conforme a literatura especializada, os padres em geral são autoritários. Na paróquia, as queixas sobre o caso da dissolução do Conselho paroquial pelo padre Joaquim, já apresentado neste trabalho, é mais um entre os casos de crítica por este motivo. Como já indicado, o conselho trazia o diálogo entre os paroquianos e o padre na decisões sobre a paróquia. Na entrevista, Pedro, Pastoral Familiar, elucidou a dinâmica de funcionamento comum às igrejas

---

<sup>24</sup> Na folha de São Paulo foi divulgada a condenação do Padre Alfieri Eduardo Bompani a 93 anos de prisão, em regime fechado; em 2006, o Padre João Bosco Frade foi condenado a sete anos no Espírito Santo; o Monsenhor Luiz Marques Barbosa, em Alagoas, condenado a 21 anos de prisão, e dos Padres Edilson Duarte e Raimundo Gomes, condenados a 16 anos e quatro meses, em 2010. No jornal O Globo, foi divulgada ainda a condenação do Padre Alfieri Eduardo Bompani e do frei Tarcísio Tadeu Sprícigo em São Paulo. O primeiro foi condenado em 2004 a 93 anos de prisão, e o segundo foi condenado em 2005 a 14 anos de reclusão.

católicas, na qual “são criados vários grupos dentro da igreja pra tirar o trabalho do padre, pra que ele possa trabalhar espiritualmente”.

Pedro chamou a atenção para o papel preponderante do leigo no funcionamento da igreja. No entendimento de Pedro, qualquer mudança, qualquer renovação deve ser buscada pelo católico, que deve ser ativo. Os leigos precisam “tomar consciência que isso depende de nós, de todos nós, não depende do padre, não depende do bispo, depende exclusivamente de nós, porque a comunidade é feita do leigo”. O discurso de Pedro valoriza a participação do fiel na igreja, ao mesmo tempo em que minimiza a influência do padre no desenvolvimento da vida espiritual. Por outro lado, ele indica também a dificuldade em lidar com um padre que centraliza o poder, quando extingue o Conselho Paroquial.

O raciocínio de Pedro vai contra a lógica instaurada pela Igreja Católica que sempre colocou o padre como mediador dos fiéis para conseguir o incremento espiritual. Seu discurso parece ser influenciado pela Teologia da Libertação. O leigo deve ser ativo, buscar seu crescimento espiritual e maximizar sua relação com o divino. Há uma supervalorização do leigo para o funcionamento diário de uma paróquia.

Por outro lado, numa linha de raciocínio mais tradicional, sem que seja contraditório, Pedro explica o valor, o papel do padre. Segundo ele, “o padre é o encontro de Deus com o homem, (...) leva a Deus as preces (...) a função dele é agir espiritualmente”. Na execução desta função, o desenvolvimento do padre na elaboração da homilia é fundamental. Pedro propôs que,

essa parte espiritual, essa parte litúrgica, o cuidado vem dele, o que ele vai falar na homilia pra atingir as pessoas, ele tem de ter cuidado nessa homilia (...) a missa ela já tá no momento da liturgia e o padre que é o encontro de Deus com o homem, e o padre que é a ligação de Deus com o homem e leva a Deus. Essa parte espiritual, essa parte litúrgica, o cuidado vem dele, o que ele vai falar na homilia pra atingir as pessoas, ele tem de ter cuidado nessa homilia (...) E aí se ele não estiver preparado, esse é o cuidado que ele deve ter em cuidar do seu rebanho e colocar as palavras certas na hora que a gente precisa. (Pedro, coordenador da Pastoral Familiar)

Se Pedro fosse cuidadoso em suas palavras ao indicar os atributos que um padre, ele deveria contemplar seu trabalho pastoral. Leonardo, Grupo Jovem, que é uma das principais fontes de críticas na paróquia, justificava suas queixas exatamente por considerar que o padre Joaquim não tinha tais características. O jovem questionava o tempo de permanência do padre na paróquia. Em grande parte, as queixas dos paroquianos contrariam a autoridade da Igreja papal, que determina, através do documento chamado *provisão*, quando um padre entra ou sai

de determinada igreja. O leigo é mero expectador das decisões, que são tomadas de cima para baixo.

A queixa quanto à permanência do padre na paróquia é feita por paroquianos de perfis diversos (homens, e mulheres, jovens, e adultos), e não apenas pelos jovens. Talita, catequista, Pedro, Pastoral Familiar, Paola. Pastoral de Crisma, entre outros, são alguns dos que consideram a permanência do padre na paróquia improdutiva espiritual e administrativamente. Leonardo esclarecia: “Ele já tá há muito tempo aqui na paróquia. É aquilo que eu te falei. Eu acho que o líder tem que ter um tempo certo pra ficar, um líder dentro da paróquia”.

Em entrevista, Leonardo, Grupo Jovem, reclamou que a missa dos jovens não tinha a mesma qualidade das outras missas, que em uma das missas a cerimônia teve duração de aproximadamente 23 minutos. Está em jogo a insatisfação com o trabalho realizado pelo padre devido ao reconhecimento de um tratamento diferenciado entre os grupos - os mais bem-sucedidos, que reúnem maior número de paroquianos, e o que está em decadência, com dificuldades em realizar as atividades, com poucos membros.

No *orkut*, os jovens expuseram sua insatisfação com a homilia realizada pelo padre. Em entrevista, o jovem Leonardo, Grupo Jovem, esclarecia de forma mais clara o motivo de suas críticas: “A missa de 8:30h era boa, das 10hs era boa. Da minha missa vai ser ruim?! Nananninaã... Então, eu vou meter malha e foi isso o que aconteceu”. No entanto, ao reivindicar uma missa elaborada de forma mais cuidadosa pelo padre, o jovem “comprou uma briga” com toda a paróquia. A maior parte dos paroquianos, os mais tradicionais se queixavam da forma como os jovens expunham suas demandas na Internet, através do *orkut* e do *you tube*.

Aos olhos dos mais tradicionais, o que se tinha era um movimento de contestação, que, embora legítimo, colocava em risco a ordem e a imagem da paróquia. Contudo, durante o campo a maioria dos paroquianos mantinha uma postura de descrédito às tentativas dos jovens, apesar de não discordarem dos motivos. Leonardo pontuou o desejo de que a paróquia tivesse outro padre, a fim de fazer um novo trabalho pastoral, de renovar.

O padre Joaquim tá na paróquia há 6,7 anos já. Então, eu acho que podia vir outro padre pra fazer outra coisa, uma coisa nova, renovar. (...) Eu acho que tem que ter mudanças, às vezes na missa, na forma como é feita a homilia, com mais pregação, há umas igrejas que já são assim já, e outras não. (...) que tem que haver mudança, mudança de liderança, porque uma nova cabeça faz novas coisas na paróquia, mais criatividade, mais gás, mais energia. Entendeu? Eu acho que basicamente, eu penso isso. Esse lance. Mudança. Tem de haver mudança (...). Mudança de

comportamento, mudanças de autoridades, mudanças de pregação. (Leonardo, Grupo Jovem)

Pedro, Pastoral Familiar, também relatou sua insatisfação com o padre. Segundo o paroquiano, *“ele já devia ter saído há muito tempo”*. No entanto, como indicado anteriormente, as queixas vão além do tempo de permanência do padre na paróquia. A maioria dos paroquianos entrevistados se queixa especialmente pelo trabalho pastoral do padre. A catequista Talita pontuou suas críticas ao trabalho do padre, com um enfoque mais administrativo.

O padre Joaquim já tá aqui há muito tempo. Ele já perdeu um pouco a mão pra algumas coisas. Ele... não sei. Acho que precisava de um padre com uma visão um pouco melhor. Uma visão mais moderna, uma visão até administrativa melhor. Fora outras coisas que tem em toda paróquia né. Aquelas picuinhas, as fofquinhas, as implicâncias, que toda paróquia tem e toda paróquia com certeza deve melhorar. (...) ele quer reformar a paróquia, mas ele busca recursos pra isso de maneira meio errada. Ele passa muita rifa, ele pede muita doação. Acho que ele tem que ver que as pessoas já estão saturadas. Eu acho que ele podia.. um padre novo teria uma visão diferente pra conseguir arrecadar esses recursos de maneira diferente, mais criativa. (Talita, catequista)

Os problemas que ocorreram na dinâmica paroquial estão relacionados ao tempo de permanência do padre na paróquia. Considerando que o padre está há 11 anos na igreja em estudo, em algum momento houve um desgaste na relação, na tolerância entre o padre e os paroquianos. Proponho que o tempo de permanência do padre na paróquia tenha sido fundamental para que os problemas paroquiais se tornassem mais visíveis, pois depois de tanto tempo fica mais difícil aceitar deslizes cotidiano, mas não pode ser considerado a causa do drama.

Embora o tempo de permanência do padre na paróquia seja uma questão legítima para a expectativa de mudanças na paróquia – há tempos a CNBB discute uma regulação, uma normatização para o tempo de permanência dos padre nas igrejas – esta não é a razão central para a insatisfação dos paroquianos. A insatisfação dos paroquianos é especialmente com o trabalho pastoral e com o trabalho administrativo realizado pelo padre Joaquim. Além disso, as queixas são também decorrentes da postura mantida pelo padre como representante de Deus, ou seja, figura que deveria ser vista como sagrada.

Contudo, para os jovens, o que estava em jogo no drama paroquial, que se estende há anos, é o prestígio entre os paroquianos e o padre – a missa da pastoral familiar e da crisma era considerada melhor, mais bem preparada que a missa dos jovens. Além disso, há os inúmeros problemas relatados anteriormente sobre a postura do padre, entendida como

inadequada, seus comentários ofensivos durante a missa, a exposição dos paroquianos etc. Mais uma vez, questionava-se o trabalho realizado pelo padre. A formação do padre ou sua aplicação na dinâmica paroquial não agrada aos paroquianos, está inadequada.

Por sua vez, em entrevista, o padre relatou que tem dificuldades na elaboração de seu trabalho pastoral decorrente do perfil da própria paróquia. Ele indicou o desafio em lidar com as pessoas na paróquia, a dificuldade em realizar certas atividades, em concretizar certas ideias devido à história e ao perfil da paróquia. Em seu argumento, o padre Joaquim chamou a atenção para a visibilidade da paróquia e dos paroquianos no bairro. *“Os vizinhos consideram os paroquianos meio elitizados” (...)* eles têm mesmo essa postura, por pertencerem à *“igreja mãe”*. Ao longo da entrevista, padre Joaquim apresentou algumas características da paróquia que são úteis para entender o direcionamento de seu trabalho na paróquia – censurado pelos paroquianos.

Essa paróquia aqui, ela tem uma característica, primeiro porque é a paróquia primeira do bairro. (...) A paróquia parece que é uma senhora. Jovem, teve muitos filhos, agora tá velhinha, encraqueladinha, pequenininha, velhinha. É um processo incrível de desenvolvimento dela. Hoje, ela está limitada, ela está circunscrita àquele viaduto ali que vai para Cascadura, até Oswaldo Cruz, umas duas ruas antes da estação, e aqui, pronto Campinho. Só esse pedaço, mas ela já foi até Engenho Novo. (...) O suburbano todo tem... é forte esse perfil carismático, mas teologia da libertação nem tanto. (Padre Joaquim, 52 anos)

Ao longo da entrevista, o padre Joaquim ia apresentando elementos que esclareciam a lógica pensada para a realização de seu trabalho na paróquia e sobre as demandas dos paroquianos. O padre indicou uma incompatibilidade entre sua formação e a característica da paróquia. Há uma ambiguidade na construção das críticas na paróquia. Os paroquianos repreendiam o trabalho do padre, que perdeu a mão, que não moderniza seu trabalho, está ultrapassado, está há muito tempo na paróquia, além de questionar seu modo por vezes ofensivo ao tentar discipliná-los. Por sua vez, o padre entende que seu campo de atuação, a paróquia, é incompatível com inovações que ele gostaria de implementar, pela característica tradicional da paróquia. Segundo ele,

Já houve padre de linha avançada que passou por aqui, mas como o núcleo da paróquia é tradicional, a gente também tem de se adaptar né. Não adianta querer... Já houve, já passaram padres aqui de linha avançada, de teologia de ponta. (Padre Joaquim, 56 anos. Entrevista realizada em 06/2009)

Para além da característica da paróquia, o padre propôs ainda que seu trabalho por vezes é tolhido pela estrutura da Igreja Católica, que mantém um sistema hierárquico em que predomina a falta de diálogo do clero entre si e entre clero e leigos. No que se refere ao

trabalho efetuado pelo clero, o padre destacou a dificuldade na compatibilização das duas estruturas constitutivas da Igreja Católica, a micro e a macro, que constituem um dos principais desafios para o presbiterato no Brasil. O processo de negociação entre essas duas estruturas da Igreja Católica parece ser um desafio em contínua negociação para compatibilizar as demandas dos fiéis e as normas da Igreja.

Você tem que ser da hierarquia, dar uma continuidade ao trabalho, respeitar a índole daquela comunidade, mas sempre coordenando (...) o que adianta eu querer fazer chover aqui e o bispo dizer “não, não quero que chova.. Eu quero que chova em Copacabana”. Ele me tira daqui e bota em Copacabana. Essa que não é uma coisa autônoma, democrática que a gente possa fazer. (Padre Joaquim, 52 anos)

Padre Joaquim se empenha em dar conta deste processo de compatibilização, o que não significa que esteja obtendo êxito, sendo necessário considerar todos os elementos envolvidos no processo. Na tarefa de compatibilização dos padres em atividade, é preciso considerar a normatização da Igreja, as demandas dos fiéis, ponderando ainda com a formação do padre que está trabalhando em determinada igreja. Padre Joaquim apresentou este jogo complexo de compatibilização no cotidiano paroquial.

Sem dúvida, eu tive uma formação libertadora. Tive. A gente recebeu esse elemento. Mas não se aplica aqui. O que adianta a gente agora tentar. Então, tem que trabalhar o que tem aí e nessa medida do possível vamos colocando alguma coisa que dá pra trabalhar. Porque também você só tem essa estrutura intraparoquial ou até regional, vicarial, era palatável. O problema é que ela está em articulação com a Diocesana, que é um outro elemento e com a Igreja universal, enquanto Roma, bispos, cardeal. Então, aí tá o elemento de compatibilização. Uma mega estrutura e a sua microestrutura que tem que tá trabalhando aí. Certas coisas que os leigos querem fazer ou aspiram fazer, quando não está compatível com o governo central, eu tenho que dizer. Não é porque eu não queira. É porque a gente não pode fazer. Acabou. É instituição. Não dá pra fazer. Agora, outras coisas a gente tem que aventurar. (Padre Joaquim, 52 anos)

Como indicado ao longo do texto, há um descompasso entre as demandas dos paroquianos, seu tipo ideal de padre e o entendimento do padre sobre essa realidade complexa. Para o padre Joaquim, seu trabalho está sendo feito de modo a respeitar não apenas as normas da Igreja, mas também respeitando a singularidade da própria paróquia. Por outro lado, conforme as indicações obtidas em campo e nas falas dos paroquianos, pode-se concluir que eles anseiam por um padre mais atuante, mais presente fisicamente com os paroquianos, mais cuidadoso com suas palavras, com melhor preparo espiritual e afetivo.

Seguindo a definição de Antoniazzi (2003), os paroquianos almejam uma compatibilização do “padre-pastor” - que se dedica à vida da comunidade, que tem como característica o ativismo pastoral - com o “padre-light”, que tem amor pela igreja viva e serve

aos seus fiéis, que tem bom relacionamento com as pessoas. De um modo geral, as críticas são principalmente pela postura do padre. O discurso dos paroquianos chama atenção para a existência de um descompasso na pessoa sagrada do padre, o que se espera de um padre, o que é observado e que se entende que o padre fez. Ao longo do campo, pude compreender que está sendo questionado o uso inadequado do lugar sagrado.

Sobre a postura do padre, a catequista Talita considera que *“às vezes ele ultrapassa um pouco a linha do respeito, da postura. Se coloca muitas vezes de forma errada. Isso cria conflitos, isso cria inimizades. Isso cria críticas...”*. O jovem Leonardo, Grupo Jovem, também discursou sobre a postura do padre. No entanto, sua crítica divergia num ponto importante, pois o jovem posicionava uma questão pessoal, enquanto Talita colocou uma questão que era reconhecida pelos paroquianos de um modo geral.

A verdade é que o padre Joaquim muitas vezes prejudicou a gente com comentários e a gente não gostou e a gente meteu a boca no trombone. Coisas que ele fazia e a gente não gostava, e a gente começou a falar a deus e ao mundo. (Leonardo, Grupo Jovem)

Como indicado ao longo deste trabalho, Leonardo sempre se posicionava de forma negativa sobre o padre por considerar que ele não tratava o seu grupo de forma igualitária. Para o jovem, o padre não se dedicava da mesma forma quando a atividade envolvia o grupo jovem. Apesar de reconhecerem que o padre era um dos principais incentivadores do retiro realizado pelo grupo jovem, ainda assim os jovens questionavam a missa, “que não tinha a mesma qualidade, que era mais rápida”.

Considerava-se que o padre tinha menor cuidado com a missa do grupo jovem. Além disso, as críticas eram decorrentes dos problemas que o grupo jovem enfrentava - a falta de público para as reuniões do grupo, e o esvaziamento da missa dos jovens. Em alguns momentos, o padre indicou que os problemas enfrentados pelo grupo eram produto de uma falta de comprometimento dos jovens para com as atividades da igreja em que estavam envolvidos. Por vezes, esta crítica foi feita em público, como o caso da missa de ano novo, realizada em 31 de dezembro de 2007, já descrita neste trabalho, que gerou diversos debates na comunidade virtual da paróquia.

Na dinâmica paroquial, é evidenciado um jogo duplo de acusações. Os jovens consideram o padre um dos motivos para o declínio do grupo jovem na paróquia e de suas atividades. Esta acusação é justificada com o argumento de que o padre não tem cuidado na execução da missa dos jovens e pela exposição negativa deles. Por sua vez, o padre considera

os jovens descomprometidos com as atividades na paróquia, considera-se o jovem um problema geral que a Igreja ainda não sabe como resolver.

Por sua vez, o jovem Leonardo reprovava o trabalho missionário realizado pelo padre. As críticas ao grupo jovem são de conhecimento público, ainda que os paroquianos por vezes façam a crítica de forma velada. Quando questionado sobre o baixo número de paroquianos na missa dos jovens, Leonardo considerou o padre uma das causas para este fenômeno negativo.

Se não tem jovem a culpa não é só nossa. É da paróquia. Então, eu acho que ele devia parar de falar, como ele parou, pelo menos não tá como antes, falar mal da gente, dar esporro na gente dessa maneira. Entendeu? E eu acho que a verdade é essa. Hoje o padre Joaquim tá legal, tá melhor, mas chegou um momento que não dava homilia, houve um momento que ele chegou a dar a missa em 23 minutos. (...) o padre Joaquim. (..) é um padre com quem eu tenho um atrito, entre aspas, por causa da juventude, entendeu? (Leonardo, Grupo Jovem)

No entanto, ocorrem mudanças ao longo do tempo. Neste trabalho, apresento um drama social, que trata de um análise sincrônica. Apesar das críticas, os jovens algumas vezes reconheciam as melhorias do padre - por exemplo, seu incentivo aos retiros - não há só críticas ao padre, embora elas sejam mais constantes. Durante o campo e em algumas entrevistas, os paroquianos falavam sobre a inteligência do padre. No entanto, os paroquianos consideram o padre desprovido de trato adequado para lidar com as pessoas, reivindicam inclusive a linguagem com que este conduz as missas.

É essencial a quem deseja ser padre o bom trato com as pessoas, saber se relacionar, uma vez que o padre tem por função lidar com as diversas pessoas, diversas personalidades, pessoas com histórias distintas. No entanto, há relativa margem de autonomia. Cada padre lida de forma diferente com a comunidade de fiéis com que trabalha. Joaquim havia indicado que ser padre não é uma tarefa fácil. Ele precisa ser da hierarquia, atender aos anseios dos fiéis, deve representar Cristo, mas ao mesmo tempo é humano e, conseqüentemente, é falho. O padre Joaquim relatou sobre a função do pároco:

Ele é um líder. Eu acho que um padre é essencialmente um líder, mas ele tem que lidar com as diversas comunidades, que não são comunidades homogêneas. Cada comunidade, ela tem a sua realidade, tem os seus anseios e a gente tem que estar atento a isso e trabalhando (...) mas, o caldeirão é um troço. (Padre Joaquim, 52 anos)

Padre Joaquim discursava sobre a complexa função do padre baseado no Código do Direito Canônico. Segundo consta no código, o padre deve desempenhar o ministério de Cristo, e com isso ser figura sagrada, ser pastor dos homens, mas em cooperação com os leigos, segundo ordenamento do bispo.

**Cân. 519** — O pároco é o pastor próprio da paróquia que lhe foi confiada, e presta a cura pastoral à comunidade que lhe foi entregue, sob a autoridade do bispo diocesano, do qual foi chamado a partilhar o ministério de Cristo, para que, em favor da mesma comunidade, desempenhe o múnus de ensinar, santificar e governar, com a cooperação ainda de outros presbíteros ou diáconos e com a ajuda de fiéis leigos, nos termos do direito. (Código do Direito Canônico, 1983)

É preciso esclarecer que com este trabalho, ao indicar críticas à formação do padre, não propõe uma falha na sua formação intelectual. A literatura mostra que a Igreja Católica é referência em educação formal, desde sua entrada em terras brasileiras. No segundo capítulo, mostrei, ainda que brevemente, o currículo oferecido aos sacerdotes no seminário. No entanto, o drama paroquial indica que há problemas na formação humano-afetiva do clero. Esta hipótese se fundamenta no centro das críticas dos paroquianos, que remetem à dificuldade na relação do padre com os fiéis, com a diversidade, que acaba prejudicando seu trabalho pastoral.

Por outro lado, Joaquim indicou alguns entraves na tarefa ministerial, como a falta de segurança financeira, parte das normas da Igreja, por vezes arcaica, a demanda exacerbada da presença do padre pelos paroquianos, sendo tempo escasso, a diversidade de público numa mesma igreja, a dificuldade de relacionamento etc. O padre descreveu especialmente a dificuldade em lidar com a juventude da paróquia.

O jovem demanda muito tempo. O problema do jovem é você estar do lado dele. (...) a minha disponibilidade de tempo era outra e também eu só tava concentrado naquilo. Eu procurava o máximo que fosse possível, para eu estar do lado deles. (...) Eu não consegui ainda me entrosar com os jovens. Havia um trabalho de evangelização bom antes de eu entrar. Depois, esse trabalho se desfez, se diluiu. Não conseguimos ainda recompor isso. E tão casando, né! Vão ficando adultos. (...) O problema do jovem é você estar do lado dele. (Padre Joaquim, 52 anos)

É com os jovens que os problemas ganham visibilidade na paróquia. A relação entre eles e o padre sempre foi tensa. Por sua vez, o padre não esconde o problema. Ao indicar os problemas existentes na paróquia, ele enfatizou a dificuldade em se relacionar com a juventude, refletida diretamente no trabalho e na dinâmica paroquial.

Eu não consegui ainda me entrosar com os jovens. Havia um trabalho de evangelização bom, antes de eu entrar. Depois, esse trabalho se desfez, se diluiu. Não conseguimos ainda recompor isso. E tão casando, né! Vão ficando adultos. (Padre Joaquim, 52 anos)

Novaes (2001:185) já havia corroborado que *“ser jovem é, sobretudo uma maneira particular de estar no mundo (...) suas crenças e opções religiosas parecem estar mais para o ‘aqui e agora’, para manter e projetar a vida”*. Lidar com a juventude nunca foi uma tarefa

fácil. No entanto, a fala do padre indicou também que os percalços não se dão apenas com a juventude. Há um jogo de disputa entre os paroquianos, que se reflete negativamente na elaboração das atividades da paróquia. Neste entremeio, o padre apesar, de seus quase 11 anos de ministério na paróquia, indicou que ainda está descobrindo o que é esta paróquia. No entanto, o padre argumentou ainda sobre a desunião na igreja e as disputas entre os próprios paroquianos, que prejudicam a execução das atividades na paróquia.

Eu praticamente ainda não conheço essa comunidade, sabia? Eu tenho uma convivência com ela, mas muita coisa eu ainda desconheço dela. Eu creio que se ela fosse mais unida a gente ainda viria a fazer mais coisas do que a gente vem fazendo até agora. O elemento fundamental a trabalhar aqui ainda é a unidade. Quer dizer: existem grupos maravilhosos, fazendo trabalhos excelentes, mas ainda muito distante. Isso é uma dificuldade. (padre Joaquim)

Os paroquianos de um modo geral fazem críticas severas ao trabalho do padre. Após direcionar as críticas massivas ao padre, Leonardo, Grupo Jovem, justificou seu posicionamento e indicou como deveria ser um padre ideal e que o atual padre não estava sendo desta forma. A fala do jovem sintetiza a opinião de grande parte dos paroquianos entrevistados. A postura do padre é questionada, a reivindicação de um lugar sagrado, que deve ser preservado.

O padre tem que incentivar. Às vezes, ele não incentiva da maneira certa. Às vezes, ele dá esporro na homilia, ele dá esporro na gente, na missa. E eu acho que não era o local. (...) eu não tenho nada contra ele como pessoa, mas sim como padre. (...) E muitas vezes ele não fez o melhor pra comunidade e muitas vezes ele não fez o melhor pra pastoral da juventude, pro grupo jovem. Muitas vezes eu não sei se foi sem querendo, eu não sei, mas muitas vezes ele não foi o padre certo para o grupo certo. Entendeu, muitas vezes ele soltou piadas que não eram para ser ditas, falou comentários de que eu não gostei, entendeu. E isso como padre. (Leonardo, Grupo Jovem)

Ao longo deste capítulo mostrei em diversos trechos, me apoiando especialmente na fala de Leonardo, principal fonte de críticas, o descompasso entre o ideal de padre reconhecido por ele e partilhado pelos paroquianos e o perfil do padre que está trabalhando na paróquia. Por outro lado, Paola, coordenadora de crisma, indica os motivos da dificuldade em lidar com o padre, sua personalidade ‘fechada’, mas atento à dinâmica paroquial. Ela corrobora que o padre

Nunca deu liberdade pras pessoas serem evasivas a ponto de dizerem o que ele tem que fazer, mas também sempre foi muito aberto. As pessoas falam que ele não é muito aberto, mas ele conhece todo mundo pelo nome, sabe tudo o que se passa. Como, eu não sei, mas sabe tudo o que se passa (...) algumas pessoas não gostam dele, porque ele é sempre objetivo e não fica de nhenhém, ele fala mesmo e pronto. (...). (Paola, Pastoral de Crisma).

O discurso de Paola descreve a onisciência do padre Joaquim. O padre sabe tudo o que acontece na paróquia, e isto é característica do micropoder conferido ao padre. Por outro lado, isso acaba fomentando os conflitos, quando a postura do padre contraria o perfil da paróquia. Os paroquianos criticam que o padre é fechado para o diálogo, e pouco presente. Mas suas decisões têm respaldo institucional, que o legitima como autoridade máxima no cotidiano paroquial. Para pensar esta questão, a narrativa construída por Celso, ministro eucarístico e coordenador dos coroinhas, é proveitosa para esclarecer o perfil do padre Joaquim. Durante a entrevista, ele relembrou alguns casos, como, por exemplo, o da possibilidade de troca da presidência da Congregação Mariana:

Eu falei “ô Padre Joaquim, eu quero o Valdemir, veja se o senhor aceita ele ser o presidente”. Aí ele virou pro Valdemir e disse assim: “Quais são as normas dentro da Congregação Mariana pra ir pro Concílio?”. Aí ele disse assim: “Bem, as normas é que a gente indica o candidato, o elege e o padre aceita se quiser”. Aí o Padre Joaquim virou: “Eu não aceito, continua o Celso!!”. (Celso, Ministro Eucarístico e coordenador dos coroinhas)

A narrativa de Celso evidencia a postura e a forma autoritária do padre na execução de suas atribuições ministeriais. Esta singularidade do padre contribuiu para que os conflitos na paróquia proliferassem. Celso, que tem sua atividade ligada diretamente ao sagrado, tem prestígio perante o padre, e indicou os conflitos relacionais entre o padre e os demais paroquianos. Na fala do paroquiano, ficam evidentes os conflitos entre os paroquianos e o padre, decorrentes do autoritarismo exacerbado do padre, da sua falta de diplomacia para lidar com a comunidade de paroquianos.

Há pessoas, devido à maneira de ele ser, que não gostam muito da maneira de ele dirigir. (...) são pessoas que pensam diferente, que têm atitudes diferentes e às vezes têm ciúme (..) por causa do relacionamento com o padre, por exemplo. (...) já disseram que eu sou o dono da igreja (...) trabalhar com o ser humano é complicado (...). Quando ele diz não, não adianta insistir. Não insista, porque ele já disse não. (Celso, Ministro Eucarístico e coordenador dos coroinhas)

Paola, Pastoral de Crisma, também indica em sua fala o autoritarismo do padre. Ela relembra o discurso do padre ao se referir à sua impopularidade entre os paroquianos e aos comentários sobre sua pessoa. O padre foi categórico: “*A autoridade sou eu, e se ninguém quiser dar um jeitinho e me tirar daqui, mas enquanto eu tiver aqui não vou aceitar*” (relato do padre Joaquim, segundo Paola).

A igreja católica é uma instituição estruturada hierarquicamente e se mantém assim há milênios. Por sua vez, o padre tem suas decisões respaldadas pela igreja, desde que em

obediência a suas normas. Contudo, diversos escândalos divulgados ao longo da história do catolicismo no Brasil mostram que nem sempre a obediência do clero é uma regra. Por vezes, foram divulgados na mídia, Tv e *web*, casos de padres que se envolveram afetivamente com mulheres, quebrando o celibato. Além disso, são divulgados casos de padres acusados, alguns condenados, de pedofilia. Há ainda alguns representantes do clero que não aceitam parte das normas da Igreja e acabam criando movimentos de contestação no interior da própria Igreja.

A vastidão do território brasileiro e a escassez do clero contribuem para que o padre tenha relativa autonomia em suas decisões, que algumas vezes são contrárias às normas da Igreja. Por outro lado, no cotidiano paroquial, quando estão em jogo as disputas de interesse entre o padre e os fiéis, o padre sempre goza de autonomia, seja pastoral, ou seja administrativa. Os desejos dos fiéis não são prioridades para o clero. O que prevalece é a normatização da Igreja Católica e isso inclui o destino dos padres, elucidado anteriormente. Contudo, apesar da postura mantida pela Igreja, frequentemente ignorando as demandas de seus fiéis, na paróquia estudada não é comum os paroquianos saírem da igreja devido a discordâncias. O discurso de Dona Glória, Escola de Evangelização Santo André elucidada esta situação, concebendo o padre como uma figura que está de passagem na paróquia:

Tem gente que tem mania de dizer: ah, o padre é isso, o padre é aquilo. Eu não saio da minha paróquia, principalmente por causa de padre, porque o padre tá aqui hoje, amanhã ele vai embora, e eu vou continuar aqui, porque aqui é meu bairro. (Dona Glória, Escola de Evangelização Santo André)

O uso do pronome possessivo *meu*, *minha* é muito comum entre os entrevistados. A paróquia é seu lugar, ao qual conferem um valor simbólico, e ela faz parte da história de vida dos paroquianos. Alguns paroquianos estão há muitas gerações na paróquia, logo, a igreja é um misto de refúgio espiritual, espaço de sociabilidade e memória. Por outro lado, as transformações na sociedade e o crescimento da violência foram relatados como motivo para o desejo de permanecer na igreja. A igreja é também lugar de proteção reconhecida, ainda é um lugar seguro no qual as pessoas se conhecem. Muitas cresceram juntas, se conhecem há muito tempo, proporcionando um vínculo afetivo entre elas. Contudo, a possibilidade de estreitarem a amizade é furtada pela impossibilidade de permanência na paróquia após a missa. As portas da igreja são fechadas pelo padre logo após o término da missa, somente seus portões ficam abertos.

Em tempos de crescente violência urbana - por vezes os paroquianos relataram casos de assaltos no entorno da paróquia - a igreja se torna a alternativa, lócus de encontro entre

jovens amigos, espaço de sociabilidade. Este adicional atribuído à igreja parece ter sido nos últimos anos um dos atrativos responsáveis por manter os jovens na paróquia. Os jovens criam formas de sociabilidade através da religião, com uma estreita ligação com o sagrado, seja dentro ou fora da instituição, que contribui para construir sua identidade coletiva. GEERTZ (1989) propôs que a religião é a responsável por uma visão de mundo, ofertando um conjunto de valores sociais de que os jovens necessitam a fim de serem coercivos.

Contudo, o padre é uma pessoa fechada, de poucas palavras, e isso não é visto com bons olhos pelos paroquianos, que desejam um padre mais acolhedor. Como dito anteriormente, todos esses conflitos são decorrentes da concepção do que seja uma igreja e um padre ideais, indicando a ambiguidade entre o lugar sagrado e o lugar mundano. Mas, apesar disto, é rara a saída de paroquianos. Durante o tempo em que estive na paróquia, acompanhei de perto diversos grupos, paroquianos de distintas faixas etárias, alguns ativos em coordenação de grupos e outros que são ex-coordenadores de grupos da paróquia. Entre estes grupos observados mais atentamente, tive conhecimento do caso de um jovem paroquiano que saiu da paróquia e passou a frequentar uma igreja evangélica. Ao longo do campo, eu acompanhei de perto a insatisfação do jovem com o padre, com a própria paróquia e com a Igreja Católica.

O jovem Márcio, ex-paroquiano, era extremamente ríspido em suas críticas ao padre, quando ainda estava na paróquia. Em uma missa de quaresma - tempo de penitência no catolicismo - a igreja estava toda coberta com panos roxos que cobriam a cruz sobre o altar e as imagens dos santos. Todos batiam palmas enquanto cantavam, e eu acompanhava a dinâmica na realização da missa. Contudo, fui repreendida por Márcio que me dizia para não bater palma, pois era tempo de penitência. Eu argumentei dizendo que todos estavam batendo palma, inclusive o padre. Então, Márcio finalizou com a seguinte narrativa: “*O padre é burro!!*”. Márcio me explicou que no tempo da quaresma não se deve bater palmas, pois o tempo é de penitência na Igreja, e o ato simbólico de bater palmas é festivo, logo, seria um insulto a toda a história da quaresma.

A fala do jovem valoriza seu conhecimento como católico de longa tradição versus a ‘ignorância’ do padre. Em campo, pude constatar que todos os paroquianos entrevistados valorizam a formação católica, os cursos que a Diocese oferece para atualizar e especializar o leigo, que são aproximadamente 80% da Igreja. Todos aqueles que têm funções em algum grupo ou pastoral, além de terem a indicação do padre, passam ainda por cursos de ‘reciclagem’. Segundo Pedro, Pastoral Familiar, a paróquia do vicariato suburbano é uma das

que têm mais cursos disponíveis. Além dos cursos oferecidos pelo vicariato, há ainda o conhecimento transmitido pela família, pela mãe, pelos avós etc., que, por vezes, tem peso ainda maior que os cursos em si. Trata-se da continuidade da tradição, mais que cultura religiosa, é tradição familiar.

No campo, os casos observados, acrescidos das entrevistas realizadas, contribuem para identificar a postura tradicional mantida pelos paroquianos, não só pelos mais velhos, mas também pelos jovens paroquianos. A fala de Marcos é mais um exemplo dos diversos conservadorismos possíveis, no caso, sobre a presença do cachorro adotado pelo padre, que, geralmente fica solto durante a missa, circulando dentro da igreja:

O cachorro fica fazendo saliência lá em cima do altar cara; o altar é um lugar sagrado, tudo bem que é um animal, animal é de Deus, mas o lugar dele não é ali no momento, ali é um lugar de adoração, é um lugar de respeito. O cachorro não tem maturidade para falar pô não vou fazer isso aqui por que é de Deus. O cachorro tem que ficar preso, o cachorro tem que tomar conta do homem e da casa, não no meio da igreja, passeando, ainda mais fedendo. Torna-se uma igreja suja, vai comer a hóstia e vai arrotar o pelo do cachorro, imagina! (Marcos, jovem ex-paroquiano)

Retomando o caso da saída do jovem ex-paroquiano, Márcio relatou na entrevista que sua saída não era nova e contou os motivos que o fizeram sair da paróquia - uma insatisfação com a Igreja Católica, com os paroquianos e com o padre.

Já me afastei milhões de vezes, já voltei, mas não foi por causa de Deus, nada disso não, foi por causa de coisas administrativas dentro da igreja (...) já vivi muito na igreja, como tenho anos e anos na igreja e anos de católico, você vê muita coisa. Você quer consertar, infelizmente, a gente não tinha esse espaço aqui, de um tempo para cá. Antigamente, a gente sempre tinha; hoje em dia a gente não tem mais esse espaço. Esse foi um dos motivos da minha saída. (Marcos, jovem ex-paroquiano)

O ex-paroquiano elucidou ainda que antes de sua saída da paróquia, ele tentou um diálogo com o padre, embora fosse uma tentativa de moldar a dinâmica paroquial conforme seu ideal construído. Para isso, como indicado ao longo deste capítulo, os jovens utilizaram diversos mecanismos, especialmente a Internet. No entanto, a forma encontrada pelos jovens fomentou diversos conflitos paroquiais, que foram apresentados ao longo deste capítulo. Sobre os conflitos envolvendo o grupo jovem, Marcos, ex-paroquiano, justificava a postura deles: *“Quando você vai consertar essa coisa errada, você tem que bater de frente com alguém , infelizmente, era com nosso padre, nosso pastor”*.

A forma que os jovens encontraram para fazer suas reivindicações causou alguns problemas para o desenvolvimento da dinâmica paroquial. Sobre estes desdobramentos, o

jovem elucidou que os conflitos tomaram esta proporção, dividindo a paróquia, devido à proliferação de fofocas.

O padre ficou sabendo, chegava no ouvido dele um negócio totalmente mudado e isso criava uma inimizade muito grande com a juventude. Já era ruim a nossa situação e ficou pior ainda, então, com isso o padre quis acabar com a missa das seis, quer até hoje acabar com a missa das seis da juventude, quer acabar com o grupo jovem, então o que tem para fazer nessa comunidade? A igreja da juventude, infelizmente acabando com jovens. (Marcos, jovem ex-paroquiano)

A missa dos jovens durante muito tempo foi alvo de críticas decorrentes do seu esvaziamento. Mas, esta situação é ainda mais complexa. Segundo relatos obtidos em campo, a missa dos jovens era em conjunto com a missa da pastoral de crisma. Havia a dinâmica de reunião/aula com os crismandos, após a qual eles iam para a missa, que começava após o término da reunião. Desta forma, a missa dos jovens sempre estava cheia, já que em média há pelo menos 30 crismandos por ano. No entanto, a pastoral da crisma mudou o horário de sua atividade, e, com isso, a missa dos jovens teve um esvaziamento. Paola, Pastoral de Crisma, relatou sobre os resultados na dinâmica paroquial a partir da decisão do padre de transferir o horário da missa de crisma:

O grupo jovem fala que a culpa foi da crisma, porque a crisma saiu da missa das 18:00h. Mas no dia em que a gente ficou sabendo que ia mudar, nós fomos lá na frente, agradecemos a todos, que o pessoal da missa das 18:00h sempre fez parte da crisma, mas eu tinha dito que a pedido do padre nós íamos participar da missa das 8:30h. (Paola, coordenadora da Pastoral de Crisma)

A decisão do padre de mudar o horário da missa da crisma foi decisiva para os dramas envolvendo o extinto Grupo Jovem. Talvez, sem essa divisão entre o grupo jovem e a pastoral de crisma, decorrente da separação de suas missas, não tivesse ocorrido o declínio do grupo jovem, que não teria motivos para crítica nem seria alvo de julgamentos, mas nunca saberemos ao certo. A questão é que foi a partir desta decisão do padre, acatada pela Pastoral de Crisma, que houve o esvaziamento da missa dos jovens. Por outro lado, foi esse esvaziamento da missa que criou uma crise no grupo, que fomentou críticas ao grupo por parte não só do padre, mas de toda a paróquia.

Como indicado ao longo deste capítulo, o grupo jovem parece ser subestimado pelos paroquianos. O grupo parece ser visto pelos demais paroquianos como um grupo pequeno sem grande poder de mobilização entre os jovens da paróquia. Lembro que no início do trabalho de campo, o grupo se identificava como pastoral, mas nunca foi referido pelos paroquianos como tal. Talita, catequista, relatou sobre a situação, na época, do grupo jovem:

“Hoje em dia, eu vejo que eles estão com um problema muito sério de manter os jovens, de atrair os jovens, de trazer jovens na paróquia, e eu queria muito poder ajudar, muito, muito mesmo”. No reconhecimento dos paroquianos, o grupo nunca passou de um grupo e hoje o grupo nem existe mais.

Se os jovens criaram uma comunidade virtual da paróquia após os conflitos com os tópicos dos jovens, outros paroquianos criaram outra comunidade virtual, no mesmo site, no *orkut*. Esta comunidade foi criada anos mais tarde, em março de 2008, por uma senhora da paróquia. A nova comunidade virtual tem 118 pessoas, número bem inferior ao da comunidade criada pelos jovens (448). No site, pode-se ler o seguinte objetivo da comunidade: “Esta comunidade tem como objetivo: o intercâmbio entre paroquianos e entre paróquias; a evangelização; avisos da comunidade; convites; enfim, tudo o que possa contribuir para o serviço ao Reino de Deus”.

Em 2010, na data do aniversário do pároco, Celso, havia postado nesta comunidade:

PARABÉNS, QUERIDO PE. JOAQUIM POR SEU DIA.

Ser padre é ser abençoado e verdadeiramente escolhido por Deus. Sem dúvida nenhuma, somente alguém que tem Deus ao seu lado é capaz de realizar tantos feitos como celebrar a Eucaristia, pregar o Evangelho, acolher os pecadores, orientar e acompanhar como somente um pai pode fazer. Um pai espiritual dado pelo Senhor para nos guiar no caminho da salvação. Ser padre não é uma tarefa fácil! Deixar tudo é entregar-se completamente nas mãos do Senhor. Isso pede vocação, força e fé.

O padre é um ser humano sujeito a tentações, fraquezas e também emoções e sentimentos. É claro que, em alguns casos, nem sempre os limites humanos são superados, mas a graça divina e a oração constante são a melhor ajuda para os momentos de dificuldade. Por isso, padre, saiba que eu estou orando sempre por você.

Parabéns pelo seu dia! (Celso, comunidade virtual da Paróquia, 2010).

É ainda intrigante quando se observa que um ano antes, no dia nacional do padre, foi postada uma homenagem a um antigo padre - o Solano - enquanto para o padre atual não foi encontrado nenhum tópico neste dia que o mencionasse e/ou o homenageasse. O tópico continha os seguintes dizeres:

Hoje, dia do padre, eu rezo em especial pelo aniversário do nosso ex-pároco Jorge Solano!

Que Deus sempre o abençoe!

Os membros que são paroquianos mais antigos lembram de como ele foi importante nesta paróquia, com seus ensinamentos sobre o Reino, sua simplicidade, sua teologia.

A ele, agradecemos a implantação dos Círculos Bíblicos, do Dízimo, pastorais tão importantes que nós ainda não tínhamos.

Obrigada, amigo!

Obrigada, Senhor, por ter-nos dado esse presente!

Este post corrobora a relação mantida entre o padre e os paroquianos, ainda que alguns deles se mostrem favoráveis ao padre atual. Por outro lado, como indicado neste trabalho, problemas com padres são presentes em inúmeras paróquias por todo o país. Nesta paróquia tradicional, em que predomina uma hierarquia sagrada, composta por fiéis de classe média e um padre centralizador, o grupo de jovens insatisfeitos com o desempenho de seu pároco utilizou os meios de comunicação de massa - *Orkut* e *You Tube* - a fim de valer suas demandas. De certo as queixas se dão com o intuito de buscar o melhor para a paróquia que lhes pertence. Parafraseando ELIAS (1994), “(...) a *sociedade é um sistema de pressões exercidas por pessoas vivas sobre pessoas vivas*”. No entanto, os conflitos presentes na paróquia ilustram um conflito relacional devido a um conflito de reposição de classe quando o espaço religioso se torna um espaço de disputas, de lutas por poder e prestígio.

Considera-se essencial a quem deseja ser padre o bom-trato a às pessoas, uma vez que o padre tem por função lidar com diversas pessoas, diversas personalidades, com histórias distintas. Chamar o padre de burro é o ápice do jogo de prestígio que se tem na paróquia. No entanto, através das entrevistas realizadas, pode-se constatar que nem tudo parece ser o que é. O grupo jovem evidenciou de forma clara os problemas relacionais existentes com o padre. Contudo, no desenrolar do trabalho de campo, corroborou-se que as críticas não são feitas apenas pelos jovens, mas por outros membros, o que indica diversas possibilidades de conservadorismo na paróquia. Identifico três tipos de conservadorismo na dinâmica paroquial: o tradicional, o neotradicional e o tradicional brando.

Entende-se por tradicional aquele que incute nos paroquianos uma postura de aceitação, até mesmo de passividade, com respeito ao padre e o seguimento às normas da Igreja, que devem ser valorizadas. Neste tipo de conservadorismo, enquadram-se paroquianos, como o Celso, com maior prestígio perante o padre, com atividades ligadas diretamente ao sagrado, no caso, Ministro Eucarístico, Presidente da Congregação Mariana e coordenador dos coroinhas; e Paola, coordenadora da Pastoral de Crisma, que se mostrou contrária à manifestação do grupo jovem e enfatizou primeiramente o respeito ao padre como primordial.

Além destes paroquianos, podem ser consideradas também conservadoras tradicionais as paroquianas Glória, coordenadora do grupo de evangelização, e Elisa, coordenadora do grupo de oração. Ambas mantiveram uma postura de contenção dos conflitos. Dona Glória se absteve de dar qualquer informação sobre os casos perguntados. Já a senhora Elisa manteve uma postura mais amistosa, de que tudo corre bem, relatando problemas apenas de convivência entre os demais paroquianos.

Quanto ao neotradicional, logicamente foi criado a partir do conservadorismo tradicional, com algumas alterações. Por exemplo, no neotradicionalismo, há a valorização de determinadas características do catolicismo, especialmente sua história, os ritos e signos. No entanto, é contrário a algumas de suas normas, com críticas à estrutura funcional da Igreja Católica. Esta tipologia é característica dos paroquianos com atividades menos evidentes e com conflitos na paróquia, como Leonardo, Grupo Jovem), que teve seu nome envolvido diretamente nos conflitos paroquiais, com o caso da Internet. Além de Leonardo, Célia, ambos coordenadores do extinto Grupo Jovem, também se mostrou contrária à postura do padre, mas assim como Leonardo, ela valoriza a tradição do catolicismo.

Já o paroquiano Pedro, coordenador da Pastoral Familiar, que tem prestígio na paróquia, já que coordenava na época a pastoral “mais importante” da paróquia, indicou ainda que inicialmente com certo cuidado suas críticas ao padre. Ainda assim, ele não deixa de valorizar a estrutura de funcionamento da Igreja Católica, a formação oferecida aos leigos e a sua história. Por esta postura, ele também se caracteriza como um neoconservador.

Por outro lado, o tradicionalismo brando é formado por elementos adjuntos do conservadorismo tradicional com elementos do neoconservadorismo. Neste tipo de conservadorismo, enquadra-se a paroquiana Edneia, coordenadora da Pastoral da Liturgia, que embora tenha sua atividade ligada diretamente ao sagrado e desta forma maior prestígio, apresentou em seu discurso anseio por renovação no catolicismo. Da mesma forma, Talita, catequista, também deseja mudanças no catolicismo. Por outro lado, ela fez críticas diretas ao padre, sendo contrária à estrutura da Igreja, que é soberana em sua decisão, mas ainda assim tradicional ao indicar o respeito que se deve ter para com o padre, apesar de tudo.

O caso do ex-paroquiano Márcio é mais complexo e demanda maior cuidado analítico. Como indicado anteriormente, o jovem criticava a Igreja Católica como instituição, a paróquia como comunidade e o padre como pastor. O seu discurso apresenta uma postura neotradicional radical.

A igreja católica não é mais a igreja que eu conheci dos meus treze anos de idade (...). Mudou na filosofia da igreja, as coisas eram chamativas, a igreja não está tendo mais; a juventude está se perdendo, aqui na igreja São Luís Gonzaga, igreja de juventude, onde a gente colocava trinta jovens, num grupo jovem, entendeu, hoje a gente vê catando um ou dois para poder tá no grupo jovem, tem que ficar catando jovem, porque realmente, está tudo perdido .

É o padre que não compreende sua juventude, se o pastor está ruim, a igreja está ruim, entendeu, está mal das pernas. Hoje em dia, pelo que conheço de catolicismo, a única igreja que realmente está sendo a igreja católica de treze anos atrás está sendo a igreja católica fundada é a igreja do Méier, não lembro o nome da igreja. Há

muitos jovens que estão indo para lá, entendeu? Daqui da igreja mesmo, muitas pessoas estão indo para o Méier.

A igreja evangélica tornou-se a igreja católica de um tempo atrás (...). Era mais presente, na época do papa João Paulo II, a igreja era muito mais unida, o papa, além de apoiar muito a juventude, apoiava muitas causas, então, depois da transição de papa, a igreja tem perdido muito, não sei por que está acontecendo umas coisas que não é a igreja católica que eu conheci há treze anos atrás. (...). A igreja católica está morta, digamos assim, para mim não existe mais, é raridade as igrejas católicas que são realmente católicas. (Márcio, ex-paroquiano)

Os conflitos emergidos na *web* refletem o ponto no qual eclode uma questão mais complexa e que exige atenção. O prestígio da paróquia está em evidência, sua importância em ser a igreja mãe no bairro. O tempo tem importância central para entender os conflitos que se engendram nesta paróquia, assim como a estrutura e a dinâmica de funcionamento da Igreja Católica, sua burocracia e hierarquia. Por outro lado, os paroquianos sempre comparam o atual padre com os outros que já passaram pela paróquia. Nas entrevistas, os paroquianos diziam ser o padre atual bem menos ativo que os anteriores e menos engajado nas atividades coletivas – “*o padre é mais espiritual*”.

Outra queixa comum ao padre, presente nas narrativas dos paroquianos, refere-se ao tom da fala deste durante a homilia, que é a parte da missa em que o padre explica as leituras e o evangelho. Na entrevista, Célia, Grupo Jovem, dizia: “*Muita gente se sentia exposto*”. A catequista Talita concordava:

Às vezes ele ultrapassa um pouco a linha do respeito, da postura. Se coloca muitas vezes de forma errada. Isso cria conflitos, isso cria inimizades. Isso cria críticas (...) mas, ele é meu pároco. E como meu pároco, ele merece o meu respeito e a minha obediência. (Talita, catequista)

O caso do *Orkut* gerou uma divisão na paróquia e possibilitou observar a multiplicidade presente nela através das múltiplas possibilidades de tradicionalismo fomentadas pelos conflitos. Trabalhando com os conceitos de Turner (2008), de *communitas* e drama social, trabalha-se com uma classificação de drama em quatro etapas: a ruptura, a crise e intensificação da crise, a ação reparadora e o desfecho, que pode levar à harmonia ou à cisão social. Os conflitos que produziram os dramas sociais na paróquia se adaptam exatamente a este modelo criado pelo autor, compreendendo as quatro etapas apresentadas anteriormente.

As reivindicações dos jovens produziram uma ruptura na dinâmica cotidiana paroquial. Conforme definição do autor, os agentes – no caso os jovens – acreditavam agir em nome dos demais paroquianos. Sua ação era motivada por uma busca pelo melhor para a paróquia e para o próprio catolicismo. Logo, se viam como representantes de uma causa e se apoiavam mutuamente, não eram agentes solitários. Por outro lado, a ruptura da lógica de

funcionamento paroquial produziu uma crise na igreja quando, pela explanação dos problemas pelos jovens, ficou evidente o “*verdadeiro estado de coisas. No momento de crise é mais difícil “vestir máscaras”, fingir que as coisas estão correndo bem*” (Idem:34).

O desarranjo propiciado pela ação dos jovens fez com que o padre e os paroquianos elaborassem ações corretivas, incluindo reunião para esclarecimento dos casos e críticas que eram feitas pelos jovens. No entanto, isto não quer dizer que a máquina corretiva incrementada seja capaz de lidar com a crise e restabelecer o *status quo ante*. A dinâmica paroquial ainda hoje é de insatisfação, com alguns comentários jocosos relacionados ao padre e críticas dos paroquianos entre si. Contudo, ainda assim, comparado ao nível conflitante observado no início do trabalho de campo, parece que hoje os paroquianos estão mais conformados. Por outro lado, o padre apresentou melhoras na execução da homilia, segundo os próprios paroquianos.

Em 2010, a paróquia recebeu a visita do bispo. Em igrejas católicas, a visita de um bispo sempre gera expectativas quanto à troca do padre. Durante o período de visita do bispo, a igreja houve uma reunião dele com todos os coordenadores de grupos e pastorais. A reunião tinha por objetivo apresentar ao bispo os pontos positivos e negativos da paróquia. O mais intrigante é que embora nas entrevistas a maioria dos entrevistados relatasse uma insatisfação com relação ao padre, na reunião as coisas não foram expostas para o bispo desta forma. Pedro, Pastoral Familiar, se absteve de falar durante a reunião, alegando que já tinha exposto seus pontos em particular para o bispo. Acredito que ele tenha sido o único a expor os problemas com relação ao padre. Os demais apresentaram apenas pontos positivos. Nem mesmo Leonardo, Grupo Jovem, se atreveu a fazer críticas contundentes. Seu discurso enfatizou apenas que a juventude se “perdeu” na paróquia, que a igreja não atrai os jovens. Fora essa crítica, foi colocada a crítica com relação à participação dos paroquianos na qualidade de dizimistas.

Após ouvir cada coordenador, o bispo falou: “*Estamos num paraíso*”. A lógica do bispo é que os problemas da paróquia são ínfimos se comparados ao de outras igrejas, que há igrejas em outros países que sobrevivem com dois dólares por dia. Com isto, o bispo não apresentou nenhuma solução, apenas enfatizou que estava tudo “perfeito”. O padre até hoje não saiu da paróquia, como era esperado por muitos paroquianos.

Os jovens parecem ter desistido de tirá-lo da paróquia e ter um novo padre. Antes da visita do bispo, eles disseram ter escrito uma carta para a arquidiocese relatando os problemas na igreja, mas não tive conhecimento exato do que foi escrito. Por outro lado, os jovens não

tiveram nenhuma resposta da Igreja sobre os casos relatados. Hoje Vítor, Grupo Jovem, diz em tom jocoso e sem perspectivas quanto à saída do padre: “*O padre vai morrer na paróquia, vai ser enterrado aqui*”. Mais uma vez a estrutura e a hierarquia da Igreja Católica foram soberanas em sua decisão acima da vontade dos fiéis.

Por sua vez, chegaria o momento em que a etapa corretiva se tornaria uma tentativa de reintegração, o que não significa que teve êxito. Neste momento, tudo era passível de mudança no que se refere à natureza, à intensidade das relações e à estrutura do campo. O que inicialmente era identificado como posições contrárias, fortemente marcadas, pode-se tornar alianças, enquanto relações assimétricas podem se tornar igualitárias (cf. Idem:37). Na paróquia, não houve uma aliança entre os paroquianos e o padre, mas sim um “cessar fogo”.

Diante da impossibilidade de se sobrepôr à Igreja Católica, os jovens não manifestam mais suas críticas em público, na *web*. Parece que assumiram uma postura formalizada, na qual eles se mantêm em suas funções assim como o padre, de forma que um não prejudique o andamento da atividade do outro. A força hierárquica da igreja prevaleceu. Simmel (1999) já havia elucidado que a força do indivíduo é fraca se comparada à força do grupo social.

Em 2010, os jovens censuravam o padre de forma mais cuidadosa, de forma a não expor o catolicismo, de não expor a paróquia. Suas queixas passaram a ser mais veladas e feitas em “off”, com o seu pequeno grupo. Com o passar dos anos, os jovens assumiram uma posição de não enfrentamento, não questionavam e nem repreendiam a agência do padre na paróquia. Em 2012, eu encontrei Leonardo, Grupo Jovem, na paróquia e perguntei sobre o andamento na paróquia, referindo-me aos percalços paroquiais. O jovem respondeu: “*É tudo passado. Tá tudo bem*”.

Pode-se dizer que houve uma adaptação entre os paroquianos e o padre. O primeiro cedeu mais que o segundo visto que a hierarquia é preponderante. Ainda assim, não se pode deixar de considerar o esforço que ambos parecem ter em não cometer os mesmos erros, o que não significa que não ocorram mais. Ainda é comum o padre dar exemplos ‘tortos’ durante a homilia, utilizando os paroquianos nos exemplos e de forma inadequada um lugar sagrado. Mesmo assim, o que há é o esforço pela aceitação da diferença entre os paroquianos e o padre.

Ao longo deste capítulo, procurei indicar que os percalços observados na dinâmica paroquial, os conflitos relacionais entre o par de atores envolvidos - os paroquianos e o padre - eram decorrentes de múltiplos fatores. O campo me proporcionou identificar um sistema de estratificação social específica entre os atores que organizavam a dinâmica paroquial – sistema hierárquico. Os casos narrados pelos atores eram enfatizados no campo como causa e

consequência da crise paroquial. Inicialmente, observava os fatos e via com reprovação, segundo meus valores alicerçados numa criação familiar católica. No entanto, durante o trabalho de campo pude ver com maior clareza o drama que se apresentava. Os conflitos apresentados seguiam um padrão estrutural próprio.

No drama paroquial apresentado, os principais personagens envolvidos eram os jovens e o padre e alguns paroquianos mais velhos, líderes de grupos. Havia uma divisão tênue entre os paroquianos, os jovens e os mais velhos, os estabelecidos e os *outsiders*. Em minha monografia intitulada *Conflito e solidariedade em uma paróquia do subúrbio do Rio de Janeiro*, eu indicava brevemente as relações marcadas entre os paroquianos e o padre, com base na obra de Elias (2000). O autor elucidou a diferença entre os dois grupos em Parva: os estabelecidos e os *outsiders*. Neste estudo, temos os paroquianos e o pároco.

O grupo estabelecido atribuía aos seus membros características humanas superiores (...) o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa no caso dos que o observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas contra os suspeitos de transgressão (ELIAS, 2000:20).

Na paróquia, o padre é um estrangeiro. Onze anos parece muito, mas conforme relatado pelo próprio padre, não foram suficientes para o entendimento com os paroquianos. O tempo é responsável pela estigmatização na paróquia dos *outsiders* pelo grupo estabelecido, a fim de manter a identidade do grupo, da paróquia mãe do bairro.

O grupo de jovens com suas reivindicações utilizou os meios de comunicação de massa para fazer valer suas demandas. Assim como em Parva, nesta paróquia a “fofoca” é utilizada para estigmatizar os *outsiders*. Neste ponto, é preciso esclarecer que, para Elias, em Parva há grupos “fixos”, os estabelecidos, e os *outsiders*. No contrário, na paróquia havia uma circulação entre estes dois grupos. Há distintos momentos em que temos o seguinte contexto: num primeiro momento, têm-se os paroquianos (toda a paróquia) opostos ao pároco; num segundo momento, tem-se o Grupo Jovem oposto ao pároco; e num terceiro momento, têm-se os paroquianos mais conservadores contrapostos ao Grupo Jovem, aos estabelecidos e aos *outsiders*, nesta ordem.

Este quadro se explica pelos acontecimentos desenrolados no campo. Os paroquianos não aceitavam o padre, que não conseguiu se inserir no grupo, com raras exceções de dois ou três paroquianos. Os integrantes do Grupo Jovem, insatisfeitos por diversos motivos descritos anteriormente, usaram da mídia para fazer suas críticas ao pároco. Disto eclode uma situação conflituosa na paróquia e emergem fofocas que envolvem o padre, o Grupo Jovem e os

demais participantes da paróquia, ainda que na posição de plateia. Contudo, por mais que se veja este padre como outsider, estrangeiro, ainda assim há regras, valores e normas que devem ser mantidas e são protegidas pelos estabelecidos.

Desta forma, os estabelecidos se dividiram e conceberam a partir de então o Grupo Jovem, que antes pertencia ao grupo dos estabelecidos, como *outsiders*, um grupo no qual o desvio se faz presente. O Grupo Jovem rescindiu a regra mantida na paróquia que tem por princípio o respeito à figura do padre legitimada pela Igreja. A exclusão e o pertencimento são presentes na sociedade e caracterizam as relações de poder existente nela.

Observado tal dinâmica, corroboro que os estabelecidos estão unidos, mas, ao mesmo tempo, separados. Tem-se uma relação de interdependência grupal.

Assim, a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar. (ELIAS, 2000, p. 22).

Entre as diversas versões sobre os conflitos, podem-se destacar duas posições. Há os paroquianos mais velhos, que insatisfeitos criticavam o padre, mas não concordavam com a postura dos jovens, de reclamação pública. Por outro lado, os jovens procuravam dividir a culpa pelo esvaziamento da missa. De um modo geral, o que se tinha era a personificação dos conflitos, ora nos jovens, ora no padre, de acordo com o lugar do qual se fala: se é o padre, ou um paroquiano que se encontra em posição confortável, de prestígio perante a paróquia; ou se é o grupo jovem que está em descrédito perante a paróquia.

Os jovens, que eram a principal fonte de críticas, narravam os conflitos seguindo uma lógica de causa e consequência. Eles eram motivados por disputas de prestígio ocupacional e pelo sentimento de pertencimento à paróquia. Como indicado ao longo do texto, os jovens há tempos estavam sendo censurados. O grupo estava em decadência, não conseguia reunir jovens, ou seja, realizar sua principal função. Eram considerados culpados pelo esvaziamento da missa, frequentemente em lugar e tempo inapropriados.

Na paróquia, a relação de conflito provocou um processo de segmentação entre os paroquianos. Este processo era alicerçado em elementos que definiam o poder e o prestígio na paróquia – a execução da atividade que tem contato direto com o sagrado, ou com representantes do clero – em função do reconhecimento de um trabalho realizado de forma eficiente e eficaz.

Ao longo do capítulo, indiquei que o drama era regulado por uma estrutura social específica entre paroquianos e o padre. O conflito era funcional, uma vez que demarcava os

limites de ação dos atores – até onde se pode ir, até onde se pode questionar. Esta situação demarcava não apenas os limites externos de ação, como também os limites internos. É preciso saber se colocar para questionar alguém que está no topo da hierarquia, considerando o cotidiano paroquial. A dinâmica de conflitos na paróquia indica um modelo social construído pelos atores, que delimitava fronteiras – o que podia ou não ser dito publicamente. Por outro lado, a falta de prestígio ocupacional dos jovens, que desta forma se encontravam fora de estrutura de poder, fomentou os conflitos na paróquia.

Na luta pelo poder, o padre saiu vitorioso, pois tinha a seu favor mais do que a legitimação de suas ações e o poder atribuído pela Igreja, mas por haver um código moral compartilhado entre os paroquianos, que o preservava na dinâmica social, apesar dos conflitos existentes. O respeito ao padre era uma forma de respeitar e reverenciar a própria instituição católica e, conseqüentemente, a paróquia – a paróquia mãe do bairro.

Não pretendi ao longo deste trabalho indicar que o padre era a personificação dos conflitos na paróquia, na condição de pessoa. O padre foi apenas um entre tantos outros fatores que contribuíram para a emergência dos conflitos. Mas é preciso considerar o pano de fundo da questão apresentada, a formação do clero. Conforme indicado por Turner (XX: 122), a acusação reforça os valores do grupo, delimita fronteiras e é um meio de identificar desviantes, e o que é convencionalmente aceitável no grupo, quem tem autoridade. Contudo, na paróquia só era possível um modelo, a obediência e aceitação da estrutura hierárquica.

Na paróquia, acompanhei um drama complexo devido a um questionamento da formação do padre. Márcio, ex-paroquiano, disse “*o padre é burro*”, ao vê-lo batendo palmas durante a missa na época da quaresma – época de penitência no catolicismo. As falas dos demais paroquianos, apresentadas neste capítulo, mostraram especialmente críticas à postura do padre, à exposição que ele fazia dos paroquianos, utilizando-os como exemplos ‘tortos’ na homilia, disciplinando-os em lugar inapropriado.

O discurso dos paroquianos, apresentado anteriormente, revelou críticas à postura do padre, que não corresponde ao ideal de Igreja de Cristo imaginado pelos paroquianos, assim como ao perfil de padre idealizado por eles. A postura do padre agredia a comunidade de fiéis, composta majoritariamente de paroquianos por classe média desta tradicional paróquia. Desta forma, as críticas à postura e ao trabalho do padre eram majoritárias no discurso dos paroquianos.

Em suma, com base em todos esses elementos, descritos e explicitados ao longo deste trabalho, penso que os conflitos na paróquia tenham sido proporcionados não só pela

personalidade do padre Joaquim, mas pela formação oferecida nos seminários diocesanos ao presbiterato brasileiro. Esta hipótese se sustenta ao observarmos todos os problemas que a Igreja Católica enfrenta internamente entre o clero e seus próprios fiéis. Conforme indicado neste capítulo, não é raro encontrar casos de padres despreparados, como, por exemplo, o caso do padre que chutou uma paroquiana, exposto anteriormente neste capítulo. Problemas decorrentes da falta de controle dos padres em situações adversas e da dificuldade deles em lidar com a pluralidade em seu interior parecem ser comuns no cotidiano paroquial.

Sugeri que na paróquia os conflitos eram produto não apenas de uma disputa por prestígio entre os paroquianos, pelo discurso tradicional da Igreja Católica, com ênfase na hierarquia, mas pelo próprio processo de formação do clero. Para entender este argumento, é preciso retomar, ainda que brevemente, algumas situações emblemáticas da história da Igreja Católica no Brasil apresentadas no primeiro capítulo e o processo de formação do clero nos seminários.

Ao longo da história, observamos que a Igreja Católica se inseriu de forma singular no país. Com a crise do clero e a Reforma luterana, a Igreja instituiu os seminários com o intuito de resolver os problemas que envolviam especialmente os seminaristas. No segundo capítulo, indiquei as características do seminário diocesano, o tipo de formação, a estrutura etc. Neste capítulo, indiquei que, apesar de as instituições católicas de ensino ainda hoje serem referência em educação na sociedade brasileira, há um problema na formação do clero. Minha hipótese é sustentada por todos os conflitos paroquiais que acompanhei durante o trabalho de campo e pelo discurso dos atores envolvidos – paroquianos e padre – expostos ao longo deste capítulo. Na paróquia, o drama social que acompanhei foi proporcionado por um conjunto de fatores: o sistema hierárquico, as relações de prestígio ocupacional, a escassez do clero e a formação nos seminários.

Como dito anteriormente, as críticas ao padre são referentes ao seu trabalho e à sua postura. Por outro lado, no seminário, a formação dos vocacionados conta com o preparo de no mínimo 2.460 horas no currículo teológico, que corresponde a 20 horas semanais, durante 30 semanas, em quatro anos. Já a formação filosófica conta com no mínimo 1.200 horas, sendo 20 horas semanais, durante 30 semanas, em dois anos. O currículo teológico busca o aprimoramento da fé do vocacionado de forma a orientar sua vida. Já o currículo filosófico visa a um maior entendimento do clero sobre os homens e à sua relação com o mundo. No entanto, parece haver uma incongruência entre o objetivo do currículo, da formação no seminário e os resultados reais.

Desta forma, penso que a formação oferecida nos seminários diocesanos parece cuidar mais de uma formação intelectual do clero do que de aspectos humano-afetivos, preparando-os para a prática pastoral na sociedade. Com isso, o clero brasileiro se encontra despreparado para lidar com a diversidade presente nas igrejas, bem como com as transformações da sociedade.

## CONCLUSÃO

Para finalizar este trabalho, vou retomar, mesmo que brevemente, alguns pontos chave sobre o estudo de caso apresentado. Propus que há nesta paróquia características presentes na macroestrutura do catolicismo, consensos e controvérsias, na relação da tríade Igreja-clero-paroquianos. Compatibilizar tantos interesses não é fácil, e neste processo a hierarquia faz valer sua supremacia. Os conflitos relacionais presentes na paróquia parecem não constituir um interesse primeiro para a Igreja, mas produzem efeito considerável na vida dos diversos católicos envolvidos.

Durante os três anos de campo, eu pude acompanhar a dinâmica social desta paróquia, localizada no subúrbio do Rio de Janeiro. Para o entendimento dela, a elaboração de entrevistas foi especialmente importante, pois elas foram elucidativas para eu buscar compreender a lógica dos conflitos observados nesta paróquia, que era a minha unidade de análise geral. Estive atenta à sua organização e a seu funcionamento na qualidade de igreja, especialmente, ao processo de interação instaurado entre os paroquianos e o padre. Logo, minha atenção privilegiou o drama social paroquial e a estratificação social presente na paróquia.

Estudos sobre conflitos no interior do catolicismo não são raros na literatura. No entanto, como a minha hipótese sobre os conflitos era alicerçada na formação do clero, tive relativa dificuldade, uma vez que a literatura especializada tratava especialmente dos aspectos psicológicos na formação do clero, e meu interesse era sociológico. Desta forma, para a análise do caso, recorri a uma literatura diversificada, que compreendia não apenas a sociologia e a antropologia, mas também a história e a psicologia. Contudo, de um modo geral, a análise foi centrada nos temas do interacionismo, das representações, dos dramas e dos conflitos sociais.

Conforme indiquei ao longo deste trabalho, a paróquia tinha seu drama decorrente de conflitos promovidos por uma negação à hierarquia, às relações de prestígio e à construção de tipos ideais sobre o catolicismo. Todos esses elementos se intercalaram na dinâmica paroquial, resultando no drama social apresentado. Nesta dinâmica, os principais envolvidos eram os jovens, que externalizavam as críticas; o padre, que era o alvo das críticas; e os paroquianos mais tradicionais da paróquia, que, repreendiam não o padre, embora estivessem insatisfeitos com ele, mas os jovens, devido à forma como estes faziam suas críticas.

É importante considerar o lugar desses interlocutores a fim de entender seu posicionamento. Como já indicado, os paroquianos são de classe média, e a maioria possui um vínculo histórico-familiar com a igreja. Por sua vez, o padre vem de uma família pobre e conseguiu um incremento educacional formal no seminário diocesano. Contudo, o seu saber na condição de integrante do clero, representante de Cristo, foi questionado por um jovem da paróquia, e a maioria estava insatisfeita com seu trabalho. O caso do jovem que chamou o padre de burro foi apenas um dos casos de questionamento ao padre, privilegiado neste trabalho pelo questionamento à sua formação. Por outro lado, não eram raras as missas em que o padre evidenciava seu conhecimento intelectual sobre psicologia, sociologia ou filosofia com exemplos na homilia. O padre tinha conhecimento sobre a insatisfação com o seu trabalho.

Contudo, *“ser padre não é fácil”*. Na paróquia, há também paroquianos com menor instrução educacional formal, provenientes das favelas localizadas no entorno da paróquia. Frequentemente, padre Joaquim utilizava entonações diferenciadas de voz para narrar exemplos na homilia, como se recorresse a uma dinâmica teatralizada na narração dos textos bíblicos e de seus exemplos. Esta parecia ser a forma encontrada pelo padre para tornar a homilia *“descontraída e acessível a todos”* – *“o caldeirão é um troço”*. Mas os paroquianos questionavam a forma como o padre conduzia suas missas – *“ele perdeu a mão”*. Os exemplos utilizados na homilia eram considerados *“exemplos tortos”*; *“às vezes ele ultrapassa um pouco a linha do respeito, da postura. Se coloca muitas vezes de forma errada”*, diziam alguns dos paroquianos.

Apesar de todos os problemas cotidianos, não identifiquei uma saída substancial para os paroquianos. No trabalho de campo, só tive conhecimento da saída de um jovem paroquiano - impulsionado pelas divergências com o padre - além de dois leigos atuantes que saíram, mas retornaram. A hipótese é que, apesar de todos os conflitos que emergem na Igreja Católica, os paroquianos permanecem em sua igreja, especialmente, devido ao pertencimento e ao orgulho de participar da Igreja milenar, motivo pelo qual lhe atribuem credibilidade.

Além disso, mesmo insatisfeitos com o padre, a maior parte dos paroquianos compartilhava uma ética moral de respeito ao seu padre. Contudo, há reflexos da distinção de lugar na dinâmica paroquial, no jogo entre paroquianos e padre. De um modo geral, havia uma insatisfação com o padre; mesmo assim, se entendia que ele devia ser respeitado, preservado, pois desta forma se preservaria a imagem da própria paróquia. Os paroquianos mais tradicionais se empenhavam singularmente para que todos respeitassem esse código de

ética construído socialmente. Além disso, havia o prestígio ocupacional e, conseqüentemente, o reconhecimento da identidade pública dos paroquianos e do padre – os que tinham êxito em suas atividades paroquiais, aqueles que tinham contato direto com o sagrado, ou com o alto clero (bispo). Havia também a construção de tipos ideais que foi especialmente importante para a promoção dos conflitos paroquiais.

A dinâmica paroquial sugere a interdependência destes elementos que produziram o drama social: a construção dos tipos ideais de igreja e de padre; e o reconhecimento do prestígio ocupacional, que tornou o drama paroquial complexo e singular. Deste jogo social, emergiram diferentes lógicas no entendimento do que é adequado para a igreja. O Quadro 3 mostra as diferentes concepções sobre os conflitos paroquiais, identificadas nos principais grupos de atores envolvidos – os jovens, os paroquianos mais tradicionais e o padre.

Quadro 3 - A lógica dos conflitos segundo os grupos de interesses.

<b>Jovens</b>	<b>Paroquianos tradicionais</b>	<b>Padre</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Grupo está em decadência e tem menos prestígio ocupacional perante os paroquianos e o padre.</li> <li>• Diz-se prejudicado pelos comentários públicos do padre.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atividade ligada diretamente ao sagrado, ao bispo, por isso tem prestígio ocupacional.</li> <li>• Tem suas atividades aprovadas pelo padre e resguardadas por ele.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seu trabalho pastoral e administrativo é censurado pelos paroquianos.</li> <li>• Está no topo da hierarquia paroquial.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criticam a tentativa do padre em discipliná-los publicamente e seu trabalho pastoral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estão insatisfeitos com o trabalho pastoral do padre, mas estabelecem um código moral, de preservação ao padre, para preservar a igreja.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem seu trabalho na paróquia assegurado pela <i>provisão</i>.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reprendem o padre e seu trabalho no <i>Orkut</i> e no <i>You Tube</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consideram que o padre está há muito tempo na paróquia, que não trabalha de forma adequada, mas deve ser respeitado – reconhecimento da hierarquia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vê-se impossibilitado de realizar certas atividades decorrentes do perfil tradicional da paróquia.</li> </ul>

De um modo geral, o que os paroquianos desejavam era mudança - mudança do padre, mudança do trabalho pastoral que estava sendo realizado na igreja. Nas entrevistas, os paroquianos discursaram especialmente sobre os conflitos que acompanhei na paróquia durante todo o trabalho de campo. Os conflitos foram notadamente marcantes na dinâmica paroquial pela repercussão das queixas feita pelos jovens na Internet, que divulgava negativamente a paróquia. Como indicado neste trabalho, a proposta moderna de queixa dos jovens contraria o tradicionalismo instaurado na paróquia. Este contexto contribuiu para que

se produzissem agrupamentos e olhares singulares sobre o fenômeno entre os diferentes atores envolvidos.

Os paroquianos mais tradicionais pareciam ter materializado os problemas na figura dos jovens que expuseram as críticas publicamente. A publicidade na Internet era considerada uma forma não adequada para tal. Questionava-se a forma como eram feitas as críticas e não as críticas em si. Essa conjuntura criou uma divisão interna na paróquia. Os jovens consideravam o padre a fonte dos problemas pelo seu trabalho missionário e administrativo que não satisfazia, pois seus comentários considerados ofensivos e sua postura vista como inadequada. Os paroquianos mais tradicionais estavam insatisfeitos, mas inertes a questionamentos. Por sua vez, o padre legitimava seu trabalho pelo perfil tradicional da paróquia.

A Figura 7 mostra a hierarquia instaurada na dinâmica paroquial. Em ordem de maior poder de decisão e/ou influência, temos o padre no topo da pirâmide, garantido hierarquicamente; os paroquianos mais tradicionais, em maior contingente; e os jovens, que são a minoria se comparados aos demais paroquianos.

Figura 7 - Hierarquia instaurada na paróquia.



Fonte: O autor, 2011.

A hierarquia instituída entre os paroquianos tem como base o trabalho ao sagrado. Para ter prestígio é preciso êxito na realização das atividades e reconhecimento do público envolvido (paroquianos e padre). Trata-se de uma cena à qual os paroquianos respondem conforme o esperado, e, segundo uma moral própria (Goffman, 2004), quem não se enquadra neste modelo tende a sofrer sanções.

As relações de poder estavam em jogo entre os paroquianos e o padre. Durante o trabalho de campo não foi fácil identificar as categorias sociais que estavam em jogo, já que eu me propus analisar uma paróquia em que predomina uma hierarquia sagrada, composta por relações de prestígio. A principal dificuldade foi decorrente do código moral que fazia os

paroquianos se omitir sobre os problemas paroquiais. *“Às vezes, a gente vê uma coisa errada e não fala, porque tem uma hierarquia, e acabamos não cumprindo com nosso papel de verdade, por essa hierarquia”* (Pedro, Pastoral Familiar).

A Igreja Católica é regida por um sistema hierárquico, e os paroquianos reconhecem seu funcionamento - embora seja questionado por alguns - e isto explica a resistência de parte dos paroquianos em repreender e aceitar as críticas feitas ao padre. Por sua vez, o padre é legitimado por esta instituição que se sobrepõe aos fiéis devido a um poder milenar reconhecido. Além disso, há na paróquia uma supervalorização da tradição. Em muitos relatos, os paroquianos justificavam seu pertencimento à paróquia por sua história milenar e por uma história pessoal, familiar. Em alguns casos, a função de certas atividades era passada de pai para filho, que lhe conferia um valor a mais no status social paroquial, ao mesmo tempo em que assegurava suas funções no cargo. Já o padre tinha seu poder legitimado pela provisão. Em princípio, a dinâmica paroquial estava assegurada. O padre com sua posição garantida institucionalmente, os paroquianos com suas funções resguardadas por um histórico familiar de serviço, apesar de alguns efêmeros desentendimentos entre os paroquianos.

O drama paroquial emergiu quando certo grupo de paroquianos, do grupo de jovens, resolveram negar a estrutura vigente por estar fora do grupo de prestígio ocupacional. Contudo, havia ainda outros pressupostos implícitos. A quebra do código moral pelos jovens, que expuseram e foram fortemente reprimidos pelos paroquianos mais tradicionais, foi o grande propulsor dos conflitos que geraram o drama paroquial. É preciso indicar que os jovens pareciam ser mais reprimidos pelos paroquianos do que pelo padre, que mantinha uma postura de “superioridade” e silêncio na maior parte do campo, sobre o conflito que o envolvia.

Conforme Maggie (2001), as comunidades não são homogêneas, e a paróquia é um exemplo clássico. Nela, identifiquei a diversidade na concepção do que seja a igreja católica e o perfil de padre - com tipos ideais imaginados e partilhados socialmente - assim como as diferentes posições que paroquianos numa mesma igreja assumem em situações de conflito. Problemas com padres não são exclusividade da paróquia em estudo, como indicado no terceiro capítulo, são comuns a diversas paróquias. Arrisco-me a propor que em tantas outras paróquias, com dinâmica interacional mais bem estabelecida, haja conflitos. Os paroquianos relataram sobre isso, sobre antipatia por outros padres que estiveram na paróquia. Ou seja, a problemática com o padre Joaquim não era inédita na paróquia, mas era a forma como tudo foi encaminhado no cotidiano paroquial.

Por outro lado, a Igreja sempre teve de lidar com um déficit no quadro do clero. Esta situação proporcionava a aceitação de padres não adequados ao regimento, como o celibato (cf. Serbin, 2008) etc. A alternativa encontrada pela Igreja foi a abertura dos seminários a toda a população – antes somente a elite brasileira podia se candidatar ao sacerdócio. É provável que os conflitos com padres sejam decorrentes de uma distinção de lugar, quando padres provenientes de famílias pobres - desprovidos de capital econômico e cultural - são colocados em igrejas de classes média e alta.

Como indicado neste trabalho, a Igreja Católica sempre foi referência em educação formal, no entanto, observando o cotidiano paroquial em estudo, podemos constatar uma tensão entre o perfil do padre e dos paroquianos. O padre os considera “*elitizado*” e utiliza uma linguagem e exemplos pouco sofisticados em sua homilia, que desagrada, quando não ofende os paroquianos, fomentando o drama social em questão.

Uma série de símbolos acerca da interação social, com correntes convergentes e divergentes, foram evocados na dinâmica paroquial, com compleição no discurso dos paroquianos do questionamento da presença do padre na paróquia. Simmel (1964) corroborava que a discordância individual tem efeito destrutivo, mas em sociedade ela produz o inverso, a cooperação no grupo, conforme ocorreu quando os integrantes mais conservadores se uniram para conter o grupo jovem.

Na vida urbana moderna, as relações sociais são marcadas pela igualdade. Na Igreja, a autoridade máxima é o papa, e na paróquia, o padre. Contudo, a vida paroquial durante alguns meses foi marcada por “*fofocas*”, intrigas, acusações e tomadas de posição que envolviam principalmente a figura do padre e dos jovens. Com uma complexa estrutura burocratizada, a Igreja provavelmente não chega a ter conhecimento destes pequenos casos.

Na paróquia, houve a possibilidade de resolver os problemas de forma institucionalizada através da visita bispal, mas os paroquianos se omitiram. Como já indicado, há um código moral de conduta que preservava a imagem do padre para preservar a imagem da Igreja. O código de conduta instituído na paróquia prevaleceu sobre a crise. Ainda assim, uma dinâmica interna parece fugir do controle das dioceses, e desta forma, cabe aos paroquianos estabelecer suas regras de conduta, desde que compatibilizadas com as normas da Igreja. Os paroquianos indicaram na visita bispal alguns problemas financeiros e problemas para atrair e manter os jovens na paróquia, mas o bispo apenas repetia: “*Estamos num paraíso*”. A Igreja ainda hoje contém os problemas, ao invés de solucioná-los.

Quanto aos paroquianos, há distintas formas de lidar com situações de conflito, de desaprovação do trabalho de padres, visto ser do entendimento dos leigos que a presença do padre na paróquia é provisória. Apesar do relato da existência de problemas com padres anteriores, os paroquianos consideravam os problemas pouco graves, e por isso não relatavam os casos, que não tinham importância para eles. Por que na provisão do padre Joaquim os conflitos tiveram esta proporção?

Penso que o drama social apresentado tenha sido proporcionado por múltiplos fatores que se somaram, mas que recaem especialmente sobre a formação do clero nos seminários. Além disso, a falta de diálogo entre clero e leigos o sistema hierárquico contribuem para a emergência e o crescimento de problemas que poderiam ser solucionados. A Igreja Católica há muito tempo passa por uma crise. O último censo do IBGE (2010), divulgado recentemente, mostrou que o número de pessoas que se declaram católicas no Brasil está caindo há duas décadas, embora a Igreja Católica ainda permaneça majoritária.

Conforme relatado pelo próprio padre Joaquim, a Internet é uma ferramenta relativamente nova e foi fundamental para que os conflitos tivessem a dimensão observada. Atualmente, ainda se discutem os limites da *web*, sua interferência na vida das pessoas e os limites de ação na rede. Na paróquia, esta era uma das questões centrais, o que era permitido ser dito na rede, o que era permitido ser dito na paróquia e sobre a paróquia. Por isso os jovens foram fundamentais neste processo, pois se posicionavam publicamente contra um código moral estabelecido. Regina Novaes (2001) já havia indicado que há três aspectos que tecem a experiência geracional dos jovens: as mudanças no mercado de trabalho, a violência urbana e a comunicação virtual. Por outro lado, na paróquia, observei variações, uma pluralidade num mesmo grupo – a paróquia. Como já dito, os paroquianos não questionavam os argumentos das críticas, mas a forma como era feita – já que a insatisfação com o trabalho do padre era majoritária.

A pesquisa do Ceris (2001/2002) já havia indicado a necessidade de aprimorar a formação nos seminários diocesanos e a dificuldade dos padres no convívio. “*Saber relacionar-se, conviver com os outros é requisito básico para que se possa ser considerado verdadeiramente humano*” (Oliveira, 2001:66). Por outro lado, a pesquisa mostrou que no que se refere à relação do presbítero com o laicato e a diocese, muitos indicaram que há disputas na relação com leigos e que a maioria do clero não estimula e não valoriza o trabalho do leigo. De um modo geral, o entendimento é que o protagonismo do leigo é um discurso - não é real, conforme propôs o Concílio Vaticano II. Além disso, é preciso considerar que 17%

dos padres que responderam ao questionário disseram estar insatisfeitos com a formação humano-afetiva e 10%, com a formação pastoral (Medeiros; Fernandes, 2005).

Por outro lado, o padre Joaquim sempre indicou que teve boa formação no seminário, mas não satisfazia os paroquianos, seja do ponto de vista humano-afetivo, seja do ponto de vista pastoral e administrativo. Os paroquianos reivindicaram ao longo do campo um padre mais presente, “menos espiritual”. Por outro lado, a pesquisa do Ceris (2001/2002) mostrou também que uma das principais queixas dos presbíteros para a espiritualidade são a sobrecarga de compromissos e o ativismo. O clero diocesano foi o mais crítico, o que indica a necessidade de melhorar a formação nos seminários diocesanos.

A Igreja Católica tem sim repensado suas diretrizes e posturas ao longo do tempo devido às transformações do mundo e, conseqüentemente, do campo religioso brasileiro. A heterogeneidade do episcopado da Igreja, embora seja vista negativamente pela Igreja de Roma, ainda assim acaba por produzir uma atualização da Igreja frente às transformações no mundo contemporâneo. Por outro lado, a Igreja, ao abrir suas portas a toda a população, precisa instruir seus vocacionados de forma que tenham o saber teológico, mas também estejam preparados para lidar com a diversidade e com controvérsias. Cabe à Igreja, pensar neste campo de incerteza constitui a religião, através da compatibilização de elementos inovadores, sem que isto implique o abandono de elementos tradicionais desta Igreja milenar. Ou seja, é preciso se adequar aos sinais do tempo, mas é preciso especialmente investir na formação do clero.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Solange Ramos de. *O catolicismo popular no Brasil: notas sobre um campo de estudos*. Revista Espaço Acadêmico, nº 67 – Dezembro/2006 – Mensal – Ano VI. ISSN 1519.6186
- ANTONIAZZ. Pe. Alberto. *A história da OSIB e os desafios atuais da formação*. 13ª Assembleia da OSIB - Organização dos Seminários e Institutos do Brasil. Belo Horizonte, 28 de janeiro de 2003.
- AZZI, Riolando. *Sob o Báculo Episcopal: a Igreja Católica em Juiz de Fora 1850-1950*. Juiz de Fora: Centro de Memória da Igreja de Juiz de Fora, 2000.
- BARROS. M. Presbíteros de hoje no mundo de amanhã. In: *Revista Vida Pastoral*, Jan/Fev [ano XLII – nº 216], 2001.
- BECKER, H. S. *De que lado estamos? Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Cultura escolar e história eclesiástica: Reflexões sobre a ação romanizadora pedagógica na formação de sacerdotes católicos e o Seminário Diocesano de Santa Maria (1915-1919)*. Cad. CEDES, vol.20 no.52. Campinas Nov. 2000.
- BENELLI, Silvio José. *Estudo psicossocial de um seminário teológico: a formação do clero católico em análise*. In: *Estudos de Psicologia* 2008, 13(3), 203-211.
- \_\_\_\_\_. *Modelos de Presbíteros no contexto católico*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 19, n. 5/6, p. 369-389, maio/jun. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Pescadores de homens: estudo psicossocial de um seminário católico*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- BESEN, José Artulino. *Seminário de Azambuja: 1927-2002*. Florianópolis: Colaboradores – AESA, 2002.
- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BONATO, Massimo. *Transformações do catolicismo brasileiro pós-Concílio Vaticano II: uma análise da ação pastoral do padre Alberto Antoniazzi*. Tese de doutorado/ UFRJ, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Origens para que as quero? Questões para uma investigação sobre a umbanda*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 13/2, p. 84-101, jul. 1986.

CIPRIANI, Roberto. *Manual de Sociologia da Religião*. Roberto Cipriani; [tradução Ivo Storniolo]. - São Paulo: Paulus, 2007.

*CÓDIGO DIREITO CANÔNICO*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf)>

*CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL*. Formação dos presbíteros da igreja no Brasil: diretrizes básicas. São Paulo: Paulinas, 1995.

\_\_\_\_\_. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília, Edições CNBB, 2010.

*CONSTITUIÇÕES Eclesiásticas do Brasil*. Nova Edição da Pastoral Coletiva de 1915. Adaptada ao Código de Direito Canônico, ao Concílio Plenário Brasileiro e às recentes decisões das Sagradas Congregações Romanas. Rio Grande do Sul: Tipografia La Salle, 1950.

COUTINHO, Sérgio Ricardo. História recente do catolicismo no Brasil: identidades em confronto. *Revista Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 37, Ano 19, nº 1, p. 94, 2004.

CUÉNOT, M. A Formação Presbiteral e o desafio da Cultura. In: *Revista Encontros Teológicos*, ano 08 – nº 01, 1993.

DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na primeira república*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DAMATTA, Roberto A. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Editora Rocco, 2003.

DANTAS, Beatriz Góes. *Repensando a pureza nagô*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, n. 8, p. 15-20, 1982.

ELIAS, Nobert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Tradução R. Ramallete. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FLICK, Uwe. *Uma introdução a pesquisa qualitativa*. Bookman, 2004.

FRIGERIO, Alejandro. *Identidades porosas, estructuras sincréticas y narrativas dominantes: Miradas cruzadas entre Pierre Sanchis y la Argentina*. Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 7, n. 7, p. 223-237, setembro de 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Manicômios, Prisões e Conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento.*/ Hervieu-léger; tradução Catarina Silva Nunes. Editora Graivva, 2005.

IGREJA CATÓLICA. Pontifical romano. São Paulo: Paulus, 2004.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

KRETZER, Altamiro Antônio. Seminários Católicos: Escolas Cristãs Modelares. In.: *Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, n. 3, Jan. 2009 - ISSN 1983-2859*. Dossiê Tolerância e Intolerância nas manifestações religiosas.

\_\_\_\_\_. Formação sacerdotal, Seminário e práticas disciplinadoras. In. SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia (orgs.). *Faces do catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008. p. 239.

LASCH, Christopher. *A Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1983.

LIMA, Antónia P. e SARRÓ, Ramon (orgs). “Já dizia Malinowski: sobre as condições da possibilidade da produção etnográfica”. In LIMA, Antónia P. e SARRÓ, Ramon (orgs). *Terrenos Metropolitanos - ensaios sobre produção etnográfica*. Lisboa. Imprensa de Ciências Sociais/ICS. 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Antropologia*. Editora Ática, São Paulo, 1986.

MARIZ, Cecilia. “De vuelta al baile del sincretismo”: Un diálogo con Pierre Sanchis. In. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 7, n. 7, p. 189-201, setembro de 2005.

\_\_\_\_\_. *Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade*. In. TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (org.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes Ltda. 2006.

MARMILICZ, André. *O Ambiente Educativo nos Seminários Maiores do Brasil – Teoria e Prática*. Curitiba: Vicentina, 2003.

MARTINS, Antônio Carlos Borges. *Nas trilhas da pluralidade cultural: um estudo sobre o sincretismo e a inculturação da fé*. Disponível em: <http://www.fsd.edu.br/revistaeletronica/artigos/artigo2.pdf>, 2008.

MEDEIROS, Katia M. Cabral; FERNANDES, Silvia R. Alves (org.). *O padre no Brasil: interpelações, dilemas e esperanças*. São Paulo: Loyola, 2005.

MENDES, Pe. Vitor Hugo. *Ser Igreja no Novo Milênio: a Formação Presbiteral*. In: *Revista Encontros Teológicos* [Ano 16 – Nº 1/30]. Florianópolis: Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC), 2001. Disponível em: [www.diocesedelages.org.br/noticias/Serigrejanonovomilenio.doc](http://www.diocesedelages.org.br/noticias/Serigrejanonovomilenio.doc). Acessado em novembro de 2011.

MESSOMO, Frank Antônio. *O campo religioso brasileiro: desafios aos instrumentos de observação e análise nas ciências sociais*. Disponível em:  
<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=62>

NOVAES, Regina. *Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas*. In: SANCHIS, Pierre. *Fiéis e cidadãos – percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 181-2007.

NERY, P. Que eu possa ver de novo. In: *OSIB Informa*, Agosto [ano 14 – nº 29], 2000.

NEVES, Guilherme Pereira das. A modernidade nas aulas dos jesuítas. *Revista Nossa História*, Rio de Janeiro, ano I, nº 10, p. 82, agosto de 2004.

NOVAES, R. R. *Juventudes cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais*. In: Vianna, H. (org.), *Galeras cariocas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997.

OLIVEIRA, José Lisboa. *Viver os votos em tempos de pós-modernidade: desafio para a vida consagrada*. Ed. Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Pedro Rubens de. *O rosto popular de Deus refletido no catolicismo brasileiro*. Revista sobre As muitas faces de Deus. Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife. Unicap, 2007.

PADIN, D. Cândido. A presença educativa da Igreja na sociedade brasileira hoje: perspectivas. In.:Educação: exigências cristãs. *Estudos da CNBB*, nº 63, p. 7, 1992.

PEREIRA, William César Castilho. *A formação religiosa em questão*. Petrópolis, Vozes, 2004.

Pierucci, A.; PRADIN, R. *Religiões e voto no Brasil: a eleição presidencial de 1994*. In. Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP). v.3, n.1, p. 20-44, 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Dominus Editora, 1965.

\_\_\_\_\_. *Identidade Nacional, Religião, Expressões Culturais: a criação religiosa no Brasil*. SACHS, Viola (coord.). *Brasil & EUA. Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, 59-93.

RODRIGUES. Alan. *A guerra das batinas: Adulteração de documento final de conferência episcopal latino-americana provoca troca de acusações entre religiosos*. Disponível em [http://www.istoe.com.br/reportagens/2190\\_A+GUERRA+DAS+BATINAS](http://www.istoe.com.br/reportagens/2190_A+GUERRA+DAS+BATINAS) Acesso em 22 de novembro de 2011.

RODRIGUES, Solange do Santos. *Como a juventude brasileira se relaciona com a religião*. 2007.

SANCHIS, Pierre. *Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro*. In SANCHIS, P. (org.) *Fiéis e cidadãos: Percursos do sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. “Pra não dizer que não falei de sincretismo”. *Comunicações ISER*, 45, ano 13, 1994.

\_\_\_\_\_. *O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?*. In: HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja na América Latina e no Caribe: O debate metodológico*. Petrópolis:Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Repto Pentecostal à “cultura católico-brasileira”*. In. *Nem Anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo/ Alberto Antoniazzi... / et al./*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.a.

\_\_\_\_\_. *O campo religioso contemporâneo no Brasil*. In. ORO, Ari Pedro e STEIL, Alberto (orgs.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SEILD, Ernesto. *Caminhos que levam a Roma: recursos culturais e redefinições da excelência religiosa*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 263-290, jan./jun. 2009.

SEMÁN, Pablo. *Pierre Sanchis en la coyuntura de las Ciencias Sociales de la religión*. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 7, n. 7, p. 203-209, setembro de 2005.

SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma historia da Igreja católica no Brasil*. / Kenneth P. Serbin; tradução Laura Teixeira Motta – São Paulo: Companhia das letras, 2008.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da Sociologia: Individuo e Sociedade*. Jorge Zahar Editor, 1999.

TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (org.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes Ltda. 2006.

TEIXEIRA, Faustino. *Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo*. *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 14-23, setembro/novembro 2005.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. EdUFF, 2008.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. *A maquinaria escolar. Teoria & Educação*, nº 6, p. 70.1992.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Antônio Flávio Pierucci (Ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

### **Sites consultados:**

Prefeitura do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS). Disponível em:  
<http://www.ceris.org.br/>

Estadão. Disponível em: [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)

Jornal O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com>